

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-graduação em Letras

**“PARKEAR OR NOT PARKEAR, THAT’S THE QUESTION”:
um estudo sobre as inovações lexicais realizadas por imigrantes brasileiros
nos EUA**

Valquiria Carolina Pimentel Sales de Carvalho

Belo Horizonte

2010

Valquiria Carolina Pimentel Sales de Carvalho

**“PARKEAR OR NOT PARKEAR, THAT’S THE QUESTION”:
um estudo sobre as inovações lexicais realizadas por imigrantes brasileiros
nos EUA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira
Potifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Co-orientador: Prof. Dr. Ricardo Otheguy
City University of New York

Belo Horizonte

2010

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

C331p Carvalho, Valquiria Carolina Pimentel Sales de
“Parkear or not Parkear, That’s the Question”: um estudo sobre as
inovações lexicais realizadas por imigrantes brasileiros nos EUA / Valquiria
Carolina Pimentel Sales de Carvalho. Belo Horizonte, 2010
194. f.: il.

Orientador: Marco Antônio de Oliveira
Co-orientador: Ricardo Otheguy
Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais,
Programa de Pós-Graduação em Letras.
Bibliografia.

1. Linguagem e Línguas. 2. Mudanças Linguísticas. 3. Linguística. 4.
Línguas em contato. I. Oliveira, Marco Antônio de . II. Otheguy, Ricardo. III.
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-
Graduação em Letras. VI. Título.

CDU: 800:88

Valquiria Carolina Pimentel Sales de Carvalho

“*Parkear or not parkear, that’s the question*”: um estudo sobre as inovações lexicais realizadas por brasileiros imigrantes nos Estados Unidos da América”

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras.
Belo Horizonte, 2010.

Marco Antônio de Oliveira (Orientador) - PUC Minas

Eunice Maria das Dores Nicolau - UFMG

Carlos Alberto Gohn - UFMG

Suely Maria de P. e Silva Lobo - PUC Minas

João Henrique Rettore Totaro - PUC Minas

**À minha família: Amarilio, Carolina, André, Felipe, Marcela e
Gabriela**

Escrever uma tese é deixar um pedaço da gente em folhas de papel...

Para que isso aconteça da melhor forma possível, é necessário que tenhamos o auxílio precioso de pessoas que estão ao nosso lado, sempre torcendo pela gente...

Agradeço de todo coração ao meu marido, Amarilio, pelo amor, companheirismo e pela assistência inestimável em assuntos de natureza técnica ou não, e pela cumplicidade em todos os sentidos.

Agradeço muito à minha irmã Solange, pela disponibilidade ilimitada, pela revisão deste trabalho e pela confiança em minha capacidade.

Agradeço também ao meu cunhado Amir pelas muitas horas dedicadas à formatação desta tese.

Agradeço à minha família pela paciência e resignação com que aceitaram uma mãe e esposa doutoranda.

Meus agradecimentos à CAPES, que possibilitou a viagem e estadia para a coleta de dados no exterior.

Agradeço à PUCMINAS pelos incentivos ao aperfeiçoamento do profissional de Ensino Superior.

Meus agradecimentos à CUNY (City University of New York), por me aceitar em seu quadro de alunos durante o Estágio de Doutorando patrocinado pela CAPES.

Agradeço ao meu orientador, Dr. Marco Antônio de Oliveira, pelo suporte acadêmico e afetivo, comentários pontuais e disponibilidade dedicada a esta tese.

Agradeço ao meu co-orientador em New York, Dr. Ricardo Otheguy, pelos valiosos comentários, vasta bibliografia e abnegado suporte acadêmico.

Agradeço, também, aos meus irmãos Raul e Hércules, que nos deixaram recentemente, mas que, cada qual com seus valores e peculiaridades, marcaram as nossas vidas para sempre...

“A língua é muito mais do que um amontoado de palavras. É um comportamento social poderoso que diz muito sobre quem somos, de onde viemos e como nos relacionamos. A língua é um dos mais poderosos emblemas de comportamento social. Na transferência normal de informações através da linguagem, nós a usamos para enviar mensagens vitais sobre quem somos, de onde viemos e com quem nos associamos”. (WOLFRAM, 1991, tradução nossa)¹

¹ Language is more than just words. It's a powerful social behavior that speaks volumes about who we are, where we come from and how we relate. Language is one of the most powerful emblems of social behavior. In the normal transfer of information through language, we use language to send vital social messages about who we are, where we come from, and who we associate with.” (WOLFRAM, 1991)

RESUMO

Esta tese tem como objetivo principal o estudo do falar de brasileiros imigrantes nos Estados Unidos da América. Os brasileiros imigrantes fazem uso de muitas inovações lexicais que parecem aproximar o inglês do português ao falarem uns com os outros nos EUA. Essas inovações apresentam certa regularidade e parecem ser utilizadas por alguns grupos de brasileiros e estigmatizadas por vários. Com base nos postulados variacionistas de Labov, Weinreich e outros, fizemos um estudo etnográfico constituído de entrevistas, questionários e listas de disponibilidade léxica com o objetivo de catalogar, compreender e explicar o uso dessas inovações lexicais. Entrevistamos 30 informantes com o propósito de descobrir as características sócio-demográficas dos brasileiros usuários desse falar. Utilizando o teste Qui-quadrado, fizemos algumas descobertas bastante interessantes. Descobrimos, por exemplo, que a faixa etária, as atividades que eles desempenham naquele país, a idade de início da aprendizagem da língua-alvo, a sua proficiência na língua inglesa e o gênero têm um papel importante nessas escolhas linguísticas.

Palavras-chave: Inovações Lexicais; Variação Linguística; Fatores Sócio-demográficos; Línguas em Contato

ABSTRACT

This thesis aims at studying the speech of Brazilian immigrants to the United States of America. The Brazilian immigrants use some lexical innovations which seem to be the result of language contact between Portuguese and English. These innovations have a certain regularity and are used only within the Brazilian community in the USA. Based on the variationist studies of Labov, Weinreich and others, we did an ethnographic study comprising Interviews, Questionnaires and a Lexical Availability List. We interviewed 30 informants with the purpose of discovering the socio-demographic features of the Brazilian Community and the lexical choices made by them. By using statistical techniques, we reached some interesting results. We discovered, for example, that age, the type of activities they perform, their age in the beginning of the target language learning process, their proficiency in the target language and their gender play an important role in the lexical choices they make.

Keywords: Lexical innovations; Linguistic Variation; Socio-demographic Factors; Languages in Contact.

LISTA DAS FIGURAS

Figura 1 – Foto de Ironbound, Newark, NJ.....	83
Figura 2 – Mapa da Baía de Cape Cod, Massachussetts.....	84

LISTA DOS GRÁFICOS

Gráfico 1: Histograma de Frequência Tipos de Inovação Lexical.....	98
Gráfico 2: Distribuição por Gênero.....	120
Gráfico 3: Tipos de Inovação por Gênero.....	120
Gráfico 4: Distribuição por Idade.....	122
Gráfico 5: Tipos de Inovação por Idade.....	122
Gráfico 6: Tempo de Residência nos EUA.....	125
Gráfico 7: Tipos de Inovação x Residência nos EUA.....	125
Gráfico 8: Nível de Escolaridade.....	128
Gráfico 9: Tipos de Inovação por Nível de Escolaridade.....	128
Gráfico 10: Domínio da Língua Inglesa.....	130
Gráfico 11: Tipos de Inovação x Domínio da Língua Inglesa.....	131
Gráfico 12: Correlação entre Domínio de Língua Inglesa e Uso de Calques Mixados.....	132
Gráfico 13: Classe Social.....	134
Gráfico 14: Tipos de Inovação x classe social.....	135
Gráfico 15: Início da Aprendizagem.....	137
Gráfico 16: Tipos de Inovação x Início da Aprendizagem.....	137
Gráfico 17: Atividades nos EUA.....	139
Gráfico 18: Tipos de Inovação X Atividades nos EUA.....	140
Gráfico 19: Hist.de Frequência: C. Semânticos Detectados nas Inovações Lexicais.....	143
Gráfico 20: Gênero.....	144
Gráfico 21: Campos Semânticos X Gênero.....	144
Gráfico 22: Idade.....	146
Gráfico 23: Campos Semânticos X Idade.....	147
Gráfico 24: Tempo de Residência.....	149
Gráfico 25: Campos Semânticos X Tempo de Residência.....	150

Gráfico 26: Nível de Escolaridade.....	151
Gráfico 27: campos semânticos x nível de escolaridade.....	152
Gráfico 28: Domínio da Língua Inglesa.....	154
Gráfico 29: Campos Semânticos X Domínio da Língua Inglesa.....	154
Gráfico 30: Classe Social.....	156
Gráfico 31: Campos Semânticos X Classe Social.....	156
Gráfico 32: Início da Aprendizagem.....	158
Gráfico 33: Campos Semânticos X Início da Aprendizagem.....	158
Gráfico 34: Atividades nos EUA.....	160
Gráfico 35: Campos Semânticos X Atividades nos EUA.....	161
Gráfico 36: Campos Semânticos X Tipos De Inovações Lexicais.....	164
Gráfico 37: Classes de Palavras X Tipos de Inovações Lexicais.....	166

LISTA DOS QUADROS

Quadro 1: Dados Sócio-Demográficos	105
Quadro 2: Lista de Disponibilidade Léxica.....	170

LISTA DAS TABELAS

Tabela 1: Tipos de Inovação Lexical por Gênero.....	121
Tabela 2: Tipos de Inovação Lexical por Idade.....	123
Tabela 3: Tipos De Inovação Lexical Por Tempo De Residência Nos Eua.....	126
Tabela 4: Tipos de Inovação Lexical por Nível de Escolaridade.....	129
Tabela 5: Tipos de Inovação Lexical por Domínio da Língua Inglesa.....	131
Tabela 6: Tipos de Inovação Lexical por Classe Social.....	135
Tabela 7: Tipos De Inovação Lexical por Início da Aprendizagem.....	138
Tabela 8: Tipos de Inovação Lexical por Atividades nos EUA.....	140
Tabela 9: Resultado do Teste Qui-Quadrado.....	141
Tabela 10: Campos Semânticos por Gênero.....	145
Tabela 11: Campos Semânticos por Idade.....	147
Tabela 12: Campos Semânticos por Tempo de Residência nos EUA.....	150
Tabela 13: Campos Semânticos por Nível de Escolaridade.....	152
Tabela 14: Campos Semânticos por Domínio da Língua Inglesa.....	155
Tabela 15: Campos Semânticos por Classe Social.....	157
Tabela 16: Campos Semânticos por Início da Aprendizagem.....	159
Tabela 17: Campos Semânticos por Atividades Nos Eua.....	161
Tabela 18: Resultado do Teste Qui-Quadrado: Inov. Lexicais por Campos Semânticos.....	163
Tabela 19: Campos Semânticos X Tipos Inovação Lexical.....	165
Tabela 20: Classes De Palavras X Tipos Inovação Lexical.....	167

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1. Objetivos da pesquisa	22
1.1.1. <i>Objetivo Geral</i>	22
1.1.2. <i>Objetivos Específicos</i>.....	23
1.1.2.1. <u>Perguntas de pesquisa</u>.....	23
1.2. Expectativas de trabalho:.....	24
1.2.1. <i>Os imigrantes tendem a usar inovações lexicais e sintáticas em palavras de conteúdo, e não em palavras funcionais.</i>.....	24
1.2.2. <i>Essas inovações parecem incidir mais especificamente sobre verbos de ação.</i>.....	25
1.2.3. <i>As inovações lexicais parecem retratar o vocabulário ligado a profissões exercidas por seus usuários nos EUA.</i>	25
1.2.4 <i>O nível de escolaridade dos falantes usuários dessas inovações é, em geral, mais baixo.</i>.....	26
1.2.5. <i>Os brasileiros imigrantes, alvos desta pesquisa, têm, via de regra, um nível mais baixo de proficiência em inglês.</i>.....	26
1.2.6 <i>Essas inovações são estigmatizadas pelos próprios brasileiros nos EUA.</i>.....	27
2. QUADRO TEÓRICO	28
2.1. Linguagem, língua e fala	28
2.2. Língua, sociedade e identidade.....	36
2.3. Motivações para os contatos linguísticos e seus resultados.....	44
2.3.1. <i>Bilinguismo e Diglossia</i>.....	48
2.3.2. <i>Resultados dos contatos linguísticos</i>	51
2.4. As noções de comunidade de fala.....	60
2.5. A gênese das inovações lexicais.....	65
3 METODOLOGIA	76
3.1. Coleta de dados.....	86
3.2. A determinação da amostra	88

4 ANÁLISE DOS DADOS	92
4.1. Introdução	92
4.2. O uso de empréstimos e calques	95
4.3. Tratamento Estatístico	100
4.4. Interpretação dos dados	106
4.5. Variáveis testadas.....	119
4.5.1. <i>Tipos de Inovação Lexical versus Condições sócio-demográficas</i>	119
4.5.1.1. <u>Tipos de Inovações Lexicais versus Gênero</u>	120
4.5.1.2. <u>Tipos de Inovações Lexicais versus Idade</u>	122
4.5.1.3. <u>Tipos de Inovações Lexicais versus Tempo de Residência</u>	124
4.5.1.4. <u>Tipos de Inovações Lexicais versus Nível de escolaridade</u>	127
4.5.1.5. <u>Tipos de Inovações Lexicais versus Proficiência em língua inglesa</u>	130
4.5.1.6. <u>Tipos de Inovações Lexicais versus Classe Social</u>	134
4.5.1.7. <u>Tipos de Inovações Lexicais versus Início de Aprendizagem da Língua-alvo</u>	136
4.5.1.8. <u>Tipos de Inovações Lexicais versus Atividade nos EUA</u>	139
4.5.2. <i>Ocorrência de Inovações Lexicais categorizada por Campos Semânticos versus condições sócio-demográficas</i>	142
4.5.2.1. <u>Inovações Lexicais categorizadas por Campos Semânticos versus Gênero</u>	143
4.5.2.2. <u>Inovações Lexicais categorizadas por Campos Semânticos Idade</u>	146
4.5.2.3. <u>Inovações Lexicais categorizadas por Campos Semânticos versus Tempo de Residência</u>	149
4.5.2.4. <u>Inovações Lexicais categorizadas por Campos Semânticos versus Nível de Escolaridade</u>	151
4.5.2.5. <u>Inovações Lexicais categorizadas por Campos Semânticos versus Domínio de Língua Inglesa</u>	153
4.5.2.6. <u>Inovações Lexicais categorizadas por Campos Semânticos versus Classe Social</u>	156

<u>4.5.2.7. Inovações Lexicais categorizadas por Campos Semânticos versus Início de Aprendizagem</u>	158
<u>4.5.2.8. Inovações Lexicais categorizadas por Campos Semânticos versus Atividades ocupacionais</u>	160
4.6. OUTRO INSTRUMENTO DE PESQUISA	168
5. CONCLUSÕES	1722
REFERÊNCIAS	1822
APÊNDICE A	195

1. INTRODUÇÃO

A profusão de línguas na América fez dela a Babel dos tempos modernos. Tanto no campo quanto na cidade ela tem se debatido com todos os sotaques europeus, sem nunca se desviar do curso anglo-saxônico de seus pais fundadores. No curso de um século, a América absorveu milhões de pessoas e lhes ensinou a sua língua mais perfeitamente que Roma conseguiu ensinar aos gauleses e ibéricos nos séculos de domínio absoluto. Chineses e negros, espanhóis e franceses, judeus e gentios, todos foram domesticados sem, contudo, causar qualquer impacto mais sério ao inglês americano.² (HAUGEN, 1972, tradução nossa)

Sabemos que o contato linguístico pode ter várias motivações para sua ocorrência.

Esta tese trata do contato linguístico motivado por questões econômicas. Atualmente, cerca de três milhões e setecentos mil brasileiros residem e trabalham em terras estrangeiras, de acordo com os dados do Ministério de Relações Exteriores. Os pontos preferidos pelos brasileiros são os Estados Unidos (onde se estima que um milhão e quinhentos mil desses brasileiros vivam), Paraguai e Europa.

Segundo Li Wei (2000), muitas pessoas têm migrado para encontrar trabalho e melhorar seu padrão de vida. Esse é o fator que mais contribui para a diversidade linguística dos Estados Unidos da América e o crescente bilinguismo na Europa de hoje.

Segundo Bayley (2004), os níveis de imigração para os EUA têm crescido de forma exagerada, sendo que, de 1991-2000, os EUA receberam mais imigrantes que na década de 1901-1910. O que caracteriza as imigrações para os EUA é que as mais recentes não são de pessoas de origem européia, mas, principalmente de pessoas provenientes da América Latina. Essa crescente imigração deixa consequências políticas, econômicas e educacionais também para os Estados Unidos. Em termos de língua, as consequências podem ser bastante perturbadoras para uma nação que se diz monolíngue. Algumas delas são o número crescente de pessoas que usam outras línguas para uma variedade de propósitos, além do número crescente de falantes que falam inglês como segunda língua, e a mudança de língua para inglês por filhos e netos de imigrantes.

² America's profusion of tongues has made her the true Babel of a modern age. In city and countryside she has teemed with all the accents of Europe, yet she has never swerved from the Anglo-Saxon course set by her founding fathers. In the course of a century she has absorbed her millions and taught them her language more perfectly than Rome taught the Gauls and the Iberians in centuries of absolute dominion. Chinaman and Negro, Spaniard and Frenchman, Jew and Gentile have all been domesticated without leaving any serious impression on American English. (HAUGEN, 1972)

Realizamos um estudo etnográfico utilizando 30 informantes brasileiros que residem nos Estados Unidos da América.

Esta tese constitui-se de cinco capítulos. O primeiro capítulo, com o título de “Introdução”, apresenta a questão que será discutida nos demais capítulos, assim como os objetivos e as expectativas apontadas nesta pesquisa.

O segundo capítulo, denominado “Quadro Teórico”, discute a literatura específica sobre a qual este trabalho foi desenvolvido. Nesse capítulo faremos um breve apanhado sobre a linguística, mais especificamente sobre a sociolinguística variacionista de Labov. Além disso, abordaremos as diferenças entre linguagem, língua e fala; discorreremos sobre as relações entre língua, sociedade e identidade. Abordaremos, também, as motivações para os contatos linguísticos e seus resultados, e faremos, além disso, uma exposição sobre as diferentes noções de comunidades de fala. Falaremos também mais detalhadamente sobre as inovações linguísticas.

O terceiro capítulo, intitulado “Metodologia”, discute as metodologias utilizadas neste trabalho, baseando-se nos postulados da Teoria Variacionista de Labov (1972).

O quarto capítulo lida com a questão dos dados, o tratamento estatístico dado a eles e a sua interpretação.

No quinto capítulo, elaboramos as conclusões desta pesquisa, comentamos os resultados e fazemos sugestões para futuras pesquisas nesta área.

Os brasileiros em questão, também popularmente conhecidos por “Brazucas”, fazem uso de inovações linguísticas que parecem aproximar o inglês do português para comunicar-se entre si. É natural que, havendo duas ou mais formas de se transmitir uma informação, se configure aí um processo de variação linguística. Podemos dizer que concorre, então, uma forma de conflito com a forma “antiga”, denominada “conservadora”, sendo que a “inovadora” pode vir a substituir a “conservadora”. Os brasileiros usam, sistematicamente, palavras como “parkear” o carro, que utiliza o conteúdo semântico do inglês, a vogal temática “a” e a desinência de infinitivo “r”, formando um verbo da primeira conjugação em português, em vez de dizerem “estacionar” o carro.

Outro exemplo comum de construção usada pelos brasileiros é a expressão “estou *bisado*”, que vem de “*busy*”, o adjetivo inglês para “ocupado” com a terminação do adjetivo e participio passado “ado”, do português. Como o recurso principal de que as línguas se servem para ampliar o léxico é a formação de palavras a partir de palavras/morfemas preexistentes, o ponto de partida para a criação de novas palavras é a utilização de uma “base” e o acréscimo de prefixos e sufixos, em um processo conhecido como derivação. (Sandmann, 1992:23-24).

Em português, o adjetivo “ocupado” tem como base o verbo “ocupar” e é acrescido do sufixo “ado” = sufixo formador de adjetivo e particípio a partir de verbos e/ou substantivos.

Outras referências a esse fenômeno têm aparecido também na imprensa local. Em um artigo intitulado “*Bararô no maicroei*”, por exemplo, publicado no final da década de 90, o jornalista Osmar Freitas Jr. aponta vários exemplos de uso dessas inovações linguísticas cunhadas por brasileiros nos Estados Unidos. O título “*bararô*” se refere ao alimento mais próximo ao nosso “pãozinho francês” nos EUA, que é o “*battered-roll*”, que os brasileiros comem aquecidos no “*maicroei*” (*microwave oven* = forno de microondas).

Nesse mesmo artigo há vários exemplos dessa “interlíngua”, termo usado aqui sem sua conotação técnica, apenas como recurso descritivo. No próprio título podemos perceber uma “adaptação fonológica” dos sons do inglês para o português; “*bararô no maicroei*” seria o modo de os brasileiros que não conseguem falar adequadamente o inglês falarem “*Buttered-roll in the microwave*”. Nota-se também uma adaptação fonológica do inglês para o português em palavras como “*boila*” / bɔɪlə/ em vez de “*boiler*”/ bɔɪlər /, *cona* /konə/ em vez de *corner* /kɔrnər/, *dona*/dɔnə /por *doughnut* /dəʊnət/. Nesse último, a omissão da consoante t é um fenômeno comum em língua portuguesa, principalmente nos dialetos do sudeste brasileiro, em que a consoante final não é pronunciada se não for seguida de vogal. Um exemplo desse fenômeno ocorre com verbos no infinitivo em português, como em “fazer” passa a “fazê”.

Em outros casos, entretanto, observa-se uma adaptação de cunho mais morfológico, ao se transformar *drive* em “*draivar*”, *park* em “*parkear*” e *freeze* em “*frizar*”.

Já em outros casos, acrescenta-se som vocálico em situações que o português o exige, como em palavra iniciada com consoante sem a presença de vogal, como em *speak*, que se torna “*ispicar*”, e *steamer*, que se torna “*estima*”.

Segundo Freitas (1995), as pessoas mais humildes aportaram em Newark, uma cidade de New Jersey, estado vizinho a New York. Essa cidade apresenta uma grande concentração de imigrantes portugueses e, conseqüentemente, de brasileiros, que se sentem mais confortáveis em habitarem um local que, embora situado nos EUA, fale português. Isso também acontece no entorno de Boston, no estado de Massachussets, outra cidade reduto de portugueses e brasileiros nos EUA.

Por não conseguirem aprender o inglês, já que mal sabem o português padrão, são obrigadas a inventar novas maneiras de se comunicar. Quem passa pela “Esquina dos aflitos” ou “*Aflits Cona*”, em Newarkês (“dialecto” dos brasileiros imigrantes em Newark), verá a legião de brasileiros esperando as caminhonetes de empreiteiros portugueses que contratam

para o serviço de diarista em obras da região. São bandos de rapazes falando um dialeto incompreensível. O próprio nome do lugar tem uma etimologia singular: “*Aflits*” de português e “*cona*” de “*corner*” = esquina, em inglês.

Cada grupo de trabalhadores contribui para o “idioma do crioulo doido”, segundo Freitas, de acordo com a sua especialidade. Assim, as “*go-go girls*”, uma das profissões mais procuradas pelas brasileiras, sabem locais onde se pode “flaxear”, ou mostrar partes do corpo. Em New Jersey, não se pode mostrar partes do corpo em bares onde circula bebida alcoólica, portanto, devem-se procurar bares onde o dono seja condescendente com essas práticas. Em inglês, isso se chama “*to flash*”, daí o “*flaxear*”.

Os mecânicos falam em “*tunapiá*” um “*cá*”, ou “*tune up a car*”. O motorista de caminhão adverte: “*non parkeia o troque na bomba da cona prá não apanhar um tíquete*”. Traduzindo: “Não estacione o caminhão em frente ao hidrante para não levar uma multa”.

Outra consideração a ser feita parece envolver também aspectos sintáticos. Estruturas que podem ser ouvidas tanto no exterior quanto no Brasil parecem ser uma decorrência direta da influência da língua inglesa, tais como: “*Você é suposto de fazer isso!*”, que sofre influência de inglês “*You are supposed to do that*” = você deve fazer isso. Em português, entretanto, o verbo “*supor*” não tem a acepção de “*dever*”, não existindo, portanto, o adjetivo “suposto” com o sentido de “*dever*”. Eu tive oportunidade de ouvir isso nos EUA e no Brasil, de pessoas que já moraram lá e pessoas que nunca moraram nos EUA, mas convivem com pessoas que já tiveram essa oportunidade.

Parece haver uma gradação na mixagem que os brasileiros fazem. É certo que as palavras de conteúdo têm um papel primordial nessas inovações lexicais, em detrimento das palavras gramaticais ou funcionais. É possível que haja uma gradação das palavras de conteúdo, mas sendo essa uma questão empírica, só poderá ser respondida por meio de uma pesquisa.

Motivada por inquisições a respeito da diversidade entre as línguas e as variações e mudanças sofridas por elas, decidi pesquisar a fala dos imigrantes falantes de português brasileiro nos Estados Unidos, mais especificamente em New Jersey e Massachussets, onde a maioria deles está concentrada. Os imigrantes brasileiros, principalmente aqueles que vivem ilegalmente em países ricos como os Estados Unidos, Canadá e Austrália, são pessoas que abandonaram sua terra natal em busca de uma chance de resolverem seus problemas financeiros em países economicamente estáveis. Sabemos que essas pessoas, em geral, desempenham trabalhos braçais, que não requerem qualificação acadêmica, trabalham muitas horas por dia e moram em comunidades brasileiras.

O interesse em estudar esse assunto foi advindo de experiências vividas nos EUA e comentários com outras pessoas que também tiveram essa experiência. O seguinte recorte foi escolhido: as inovações lexicais realizadas por brasileiros imigrantes que vivem nos Estados Unidos, mais especificamente nos entornos da cidade de New York e Boston. A motivação de meu interesse nessa questão vem de experiências pessoais nos Estados Unidos, onde morei por dois anos e de visitas posteriores a lugares onde havia grandes concentrações de brasileiros nos EUA, além de leituras de artigos relacionados a esse assunto e comentários com conhecidos que moraram nos Estados Unidos da América.

O trabalho desempenhado pela maioria dos homens é na construção civil, como pedreiros e ajudantes de pedreiro; em oficinas mecânicas; como engraxates em prédios de executivos; como cozinheiros e lavadores de pratos em restaurantes; como motoristas; como caixas em lojas e supermercados e também como pessoal de limpeza de prédios e lojas; além de serviços de pintura em automóveis e imóveis. As mulheres trabalham como “*babysitters*”= babás de horário integral (também chamadas de “*nannies*”); como diaristas; cozinheiras; lavadoras de prato em restaurantes; empregadas domésticas e como atendentes em salões de beleza. Algumas dessas brasileiras abrem firmas e contratam outras brasileiras num processo de reinvenção da apropriação da mais valia de suas compatriotas em terras de Tio Sam. Muitos brasileiros abrem firmas e exploram serviços de pintura em residências e prédios, construção, limpeza de supermercados e limpeza de sapatos, e empregam outros brasileiros, muitas vezes em situação ilegal. Esses brasileiros não podem, portanto, exigir seus direitos, pois se encontram em situação ilegal no país.

Podemos dizer que os brasileiros, assim como outros imigrantes componentes do “*American Melting Pot*” (caldeirão americano) desempenham as funções que os americanos desprezam. Nas palavras do informante 10M:

“Porque normalmente os trabalhos são períodos muito longo que você trabalha. E você trabalha uns trabalhos que americanos não querem. Normalmente o que acaba sobrando é essas coisas de limpeza, é restaurante, e trabalho principalmente em restaurante, a carga horária é muito grande...”

“O pessoal trabalha de às vezes dez da manhã à meia noite. E tem muita gente aqui que trabalha sete dias por semana e não seis dias.”

Os tipos de trabalho mais pesados, que envolvem algum tipo de insalubridade ou que não garantem um retorno financeiro expressivo são destinados à mão de obra estrangeira, mais barata e informal, na maioria das vezes. Digamos que a imigração faz “vista grossa” com os estrangeiros ilegais, usando-os como uma espécie de válvula de escape ou regulador

natural da empregabilidade americana. Quando falta emprego para os americanos, eles perseguem mais os estrangeiros, e quando a economia vai bem e os empregos abundam, eles esquecem os imigrantes por algum tempo.

Os brasileiros imigrantes se alimentam, sempre que possível, como no Brasil e vestem-se como no Brasil. Eles convivem entre si, tendo muito pouco contato com a cultura do país onde moram, exceto durante o trabalho, que normalmente não envolve comunicação oral significativa. Nas palavras do informante 10F:

“Faço pão de queijo... Faço bolo, faço tudo. De vez em quando eu ainda faço que tem cliente que pede pra fazer pão de queijo...”

Segundo Pimenta (2005), 57% dos homens e 67% das mulheres que vivem em *Pompano Beach*, uma das cidades-alvo dos brasileiros que emigram para a Flórida em busca de trabalho, prefere relacionar-se exclusivamente com outros brasileiros nos EUA.

Nos estados do norte nada é diferente. Em Newark, as pessoas todas se conhecem e sabem da história de vida umas das outras. Nota-se claramente que eles têm contato mínimo com americanos. Esses brasileiros geralmente sentem-se discriminados pelos nativos, dos quais eles se ressentem, vendo-os como a cultura dominante, e a si própria, como os dominados.

Nas palavras de Damatta (1991)

Viver fora do país natal é viver como um objeto deslocado. Quando a pessoa imagina que está ‘por dentro’ e tem suficiente familiaridade, basta um evento - objeto, nome próprio, data ou palavra, sobretudo palavra – para confirmar a ignorância e o fosso incomensurável que separa e divide o nativo do estrangeiro.

O seguinte relato foi retirado do capítulo “Choque do Idioma”, do livro “Como é viver nos Estados Unidos”, escrito por Aline Tonini (2007).

Os primeiros passeios também deixam claro que viramos analfabetos. Podemos ver um amontoado de letras, mas elas não dizem nada. "...- Esse arroz deve ser como o do Brasil....- Será que isso é creme de leite?" Acabamos comprando o que não queremos, pagando o que nem imaginamos e no final ainda tem que passar pelo caixa e conseguir dizer - Thank you! Chegar em casa e tentar relaxar na frente da televisão? Esqueça. A televisão também só fala inglês. O cartão telefônico para ligar pro Brasil é em inglês, as

placas de trânsito, os nomes das ruas, os números, os preços...tudo. Pequenas coisas, o mais simples, pode se tornar difícil de se resolver nestes momentos...mas... como o povo brasileiro é muito criativo basta um pouco de coragem e jogo de cintura para começar a driblar os percalços. Um dia meu padrinho fez uma boa definição do que vivemos aqui quando falava comigo ao telefone: - Aline, vejo vocês como passarinhos fora do ninho! Ele disse uma verdade que eu nunca mais esqueci. É estranho estar entre muitos americanos em um supermercado e ouvir alguém falar português: "- Brasileiro, brasileiro. Posso entender!" Imediatamente olhamos para o lado a procura desses outros passarinhos que cantam a nossa canção e uma sensação de alívio e alegria percorre nosso corpo. Não somos os únicos a voar em outros ares...

Como podemos perceber pelas observações feitas no parágrafo anterior, a língua estrangeira é um grande problema para os brasileiros no exterior. Segundo Sankoff (2001), podemos encontrar minorias linguísticas em todos os cantos do mundo, devido à imigração e também à adoção e, muitas vezes, imposição de línguas não faladas originalmente pela população local. Em muitos casos, isso resultou em perdas e reduções da diversidade linguística, porém, o contato linguístico se tornou parte da vida de milhões de pessoas em todo o mundo.

Os estudos sobre as propriedades do resultado de contatos linguísticos no discurso dos bilíngues são bastante complexos. Alguns itens podem ser emprestados de outra língua e nunca mais serem ouvidos, ou podem vir a ser usados com muita regularidade. Uma palavra pode seguir o padrão da língua materna ou da língua-alvo, dependendo da habilidade ou intenção do falante, e também de outros aspectos do contexto.

Toda pesquisa é baseada em objetivos gerais e específicos que a norteiam. Enumeramos os objetivos gerais e específicos deste trabalho a seguir.

1.1. Objetivos da pesquisa

1.1.1. Objetivo geral

O objetivo geral do presente trabalho é descrever as inovações lexicais encontradas entre brasileiros residentes nos Estados Unidos, correlacionando-as a fatores linguísticos e extralinguísticos.

1.1.2. Objetivos específicos

Os objetivos específicos do trabalho estão diretamente relacionados às respostas das perguntas de pesquisa suscitados por esse tema.

Para os sociolinguistas, nas comunidades de fala, frequentemente, existirão formas linguísticas em variação, isto é, formas que estão em co-ocorrência (quando duas formas são usadas ao mesmo tempo) e em concorrência (quando duas formas concorrem). Daí ser a Sociolinguística Variacionista também denominada Teoria da Variação.

Toda a análise sociolinguística é orientada para as variações sistemáticas, inerentes ao seu objeto de estudo, a comunidade de fala, concebidas como uma heterogeneidade estruturada. Não existe, portanto, um caos linguístico, cujo processamento, análise e sistematização sejam impossíveis de serem processados. Há, pelo contrário, um sistema, uma organização, por trás da heterogeneidade da língua falada.

Considerando-se o exposto anteriormente, passamos às perguntas que nortearam esta pesquisa, cujas respostas representam os objetivos específicos deste trabalho.

1.1.2.1 Perguntas de pesquisa:

- 1) Quais são os fatores que contribuem ou favorecem a criação e o uso dessas inovações lexicais e sintáticas?
- 2) Como esse fenômeno pode ser caracterizado? Como “pidgin”? Como “interlíngua”, um estágio na evolução de aprendizagem de Língua Estrangeira?
- 3) Todos os brasileiros imigrantes se comportam do mesmo modo quanto ao uso dessas inovações lexicais?
- 4) Se há diferenças entre eles, quais são as condições, linguísticas e extralinguísticas, que favorecem e/ou inibem a mixagem observada?

1.2. Expectativas de trabalho:

O presente trabalho reconhece o caráter heterogêneo da fala, evidenciado pelas questões variacionistas e pretende analisar a fala de imigrantes brasileiros nos EUA tendo como foco as inovações lexicais e sintáticas realizadas por eles.

Essa heterogeneidade não é aleatória, segundo Naro (2003), mas regulada, governada por um conjunto de regras. Existem condições ou regras mutáveis que favorecem ou desfavorecem variavelmente e com pesos específicos, o uso de uma forma ou outra em cada contexto.

Estabelecemos algumas expectativas a respeito do objeto de nosso trabalho - as inovações lexicais encontradas na fala dos imigrantes brasileiros nos EUA:

1.2.1. Os imigrantes tendem a usar inovações lexicais e sintáticas em palavras de conteúdo, e não em palavras funcionais.

Isso pode ser justificado a partir da ideia de que a linguagem é muito mais do que um sistema funcional para dar nome a coisas e seres. As pessoas tendem a usar essas palavras para transmitir significados, algumas vezes de objetos, na maioria das vezes concretos, dos quais muitas vezes elas não sabem o nome em português. Ao usar “vaccum”, por exemplo, uma brasileira sem instrução e vinda de uma vila no interior de Minas Gerais pode nunca ter usado ou visto um aspirador de pó na vida. As palavras de conteúdo, ou lexicais, carregam significado em si, e são, por isso mesmo, chamadas de palavras de categoria aberta, pois novas palavras de conteúdo podem sempre ser criadas. Já as palavras gramaticais, ou funcionais, servem apenas para denotar uma função gramatical dentro da frase, não transmitindo significado e sendo em um número finito aproximado de 300. Poplack, Sankoff e Miller (1988) alegam que as palavras de conteúdo não são recorrentes, pois para que fossem repetidas por vários informantes, eles deveriam falar sobre o mesmo assunto e acessar a mesma palavra de origem inglesa que deu origem ao termo emprestado, enquanto as palavras funcionais, embora frequentes, raramente sofrem empréstimo.

1.2.2. Essas inovações parecem incidir mais especificamente sobre verbos de ação.

Um verbo de ação caracteriza uma atividade expressa pelo verbo e realizada por um sujeito agente. Indica um fazer por parte do sujeito. Contém traços de atividade relacionadas com sujeito agente. Isso significa que o sujeito age, realiza ações. Por essas razões compõe uma frase ativa, com fazer por parte do sujeito. O informante desta pesquisa é um ser agente por excelência, pois a sua estadia nos EUA é impulsionada pelo trabalho com vistas a uma remuneração condizente. Os verbos são conjugados em primeira conjugação, com vogal temática “a”, (classe ar), perfazendo “parkear”, “vaquear”, “mopear”, etc.

Assim também acontece com a língua portuguesa, na qual a maioria dos verbos termina em ar, tais como em cantar. De uma forma geral, os verbos com a mesma terminação seguem o mesmo padrão de conjugação, e desse modo temos, por exemplo, parkeio, parkeia, parkeamos, parkeiam.

Do mesmo modo, um estudo de Poplack (1985) sobre os contatos linguísticos entre francês e inglês na província de Quebec, no Canadá, verificou que os verbos utilizados no corpus de sua pesquisa eram também da primeira conjugação (classe “er”, em francês), perfazendo “afforder” (ter condições de comprar), “delivrer” (entregar) e “mover” (mudar).

1.2.3. As inovações lexicais parecem retratar o vocabulário ligado a profissões exercidas por seus usuários nos EUA.

A maioria dos brasileiros imigrantes desempenha funções diferentes daquelas que desempenham no Brasil, justamente porque são tipos de atividades que os americanos não estão dispostos a enfrentar. São serviços que geralmente envolvem força física ou grandes esforços e pouca remuneração para o padrão norte-americano. Desse modo, os brasileiros imigrantes que, no Brasil eram donos de estabelecimentos comerciais, professores, pastores de igreja, administradores, pessoas, em geral insatisfeitas com sua situação financeira no Brasil, atuam como governantas e babás, engraxates, diaristas, empregadas domésticas,

pintores, pedreiros, lavadores de prato, faxineiros, caddies (carregadores de bolsa do golfista) em campos de golfe e, até mesmo dançarinas exóticas.

Já que as pessoas desempenham serviços diferentes daquilo que faziam no Brasil, é natural que não conheçam o jargão de cada profissão nos EUA, o que propicia o aparecimento de termos originados do inglês ou mesmo carregados de inovações lexicais, principalmente quando os brasileiros trabalham com outros brasileiros, criando, assim, uma perpetuação desses termos.

1.2.4. O nível de escolaridade dos falantes usuários dessas inovações é, em geral, mais baixo.

O nível de escolaridade dos brasileiros imigrantes nos EUA é, geralmente, baixo. Só mesmo pessoas em situação muito precária e sem perspectivas no Brasil costumam se aventurar em terras estranhas. Alguns dos entrevistados usam um português bastante estigmatizado no Brasil com desvios considerados graves em sua língua nativa, próprio de pessoas sem instrução formal. Isso parece contribuir para o uso crescente dessas inovações lexicais. Termos que eles não conhecem em sua língua nativa passam a ser adquiridos na língua estrangeira. Além disso, o fato de falarem um inglês, mesmo que “capenga” parece dar-lhes mais confiança de poderem sobreviver nos EUA, apesar de não dominarem completamente a língua.

1.2.5. Os brasileiros imigrantes, alvos desta pesquisa, têm, via de regra, um nível mais baixo de proficiência em inglês.

Os informantes desta pesquisa são brasileiros que se mudaram para os EUA com intenção de trabalhar e “fazer um pé de meia”, juntar dinheiro para resolverem seus problemas financeiros no Brasil. Em geral, eles não sabem falar inglês ao se mudarem para os EUA e o que conseguem aprender lá é, no máximo, o jargão ligado à atividade que desempenham no Exterior. Como não sabem falar inglês, não têm formação escolar para exercerem atividades

bem remuneradas e estão em situação ilegal, acabam sendo relegados ao subemprego nos EUA.

Os brasileiros fluentes em inglês geralmente conseguem colocações melhores trabalhando junto aos americanos, propiciando uma rede social entre os próprios brasileiros muito menos densa que aquela do Brasileiro não-fluente em inglês. A inserção social do brasileiro emigrante fluente em inglês na comunidade brasileira tende a ser muito menor, o que ocasiona um contato menor com brasileiros usuários das inovações lexicais.

1.2.6. Essas inovações são estigmatizadas pelos próprios brasileiros nos EUA.

Durante as entrevistas, várias vezes os informantes emitiram juízos de valor em relação a essas inovações, sempre as considerando “erradas”, “horrível!”, “a gente sabe que isso não existe!”, embora fizessem uso constante dessas inovações. Parece que quanto mais alto o nível de escolaridade, mais alto o nível de estigmatização das inovações, já que elas denotam uma identidade dos brasileiros imigrantes. Entende-se que, aquele que usa essas inovações lexicais faz parte do grupo de imigrantes de baixa escolaridade, que não é proficiente em inglês e se sujeita a subempregos nos EUA.

Como podemos perceber através das expectativas estabelecidas neste capítulo, o presente estudo lida tanto com questões estruturais, assim como tipos de palavras que costumam sofrer mais frequentemente a “hibridização” sobre a qual estaremos traçando conjecturas, como com questões de natureza comportamental e social, ligadas ao indivíduo usuário do tipo de inovações lexicais em questão.

No capítulo 2, a seguir, faremos uma retrospectiva do quadro teórico da linguística, com o objetivo de situar o nosso estudo dentro da perspectiva sociolinguística variacionista de Labov.

2 QUADRO TEÓRICO

“...o objetivo do sociolinguista é ir em direção a uma teoria que dê uma contabilização motivada de como a língua é utilizada em uma comunidade, e das escolhas que as pessoas fazem ao usar a língua. (...) Por exemplo, ao observarmos como o uso da língua é variado, temos que procurar descobrir as causas de tanta variação. Depois de observar a variabilidade, buscamos seus correlatos sociais. Qual é o propósito da variação? Como ela é avaliada na comunidade? O que significam as suas variantes?” (CHAMBERS, 2003:226, tradução nossa)³

Este capítulo lida com o quadro teórico usado como referência nesta pesquisa. Faremos, em primeiro lugar, uma retrospectiva, estabelecendo a visão conceitual de linguagem, língua e fala, conceitos fundamentais em qualquer estudo linguístico.

Em seguida, demonstraremos como língua, sociedade e identidade são instituições que compartilham uma interface importante em relação ao indivíduo.

A terceira subseção deste capítulo lida com a série de motivações para os contatos linguísticos, os conceitos de bilinguismo e diglossia, além dos resultados advindos dos contatos entre línguas.

A seguir, citaremos as várias noções de comunidade de fala estabelecidas por vários estudiosos da área de sociolinguística, conceitos que normalmente determinam uma tomada de posição em relação à pesquisa.

A quinta subseção lida com os tipos de inovações linguísticas resultantes dos contatos entre as línguas.

2.1 Linguagem, língua e fala

Nenhuma outra característica distingue tão bem o homem dos outros animais como o domínio da linguagem. Ela tem sido o eixo central do desenvolvimento social e cultural da humanidade.

³ the sociolinguist's aim is to move towards a theory which provides a motivated account of the way language is used in a community, and of the choices people make when they use language.' For example, when we observe how varied language use is we must search for the causes. 'Upon observing variability, we seek its social correlates. What is the purpose of the variation? How is it evaluated in the community? What do its variants symbolize? CHAMBERS, 2003:226

A importância dos processos comunicativos nas sociedades urbanas e industriais revela-se na habilidade do falante em usar a sua língua para interagir com seus semelhantes comunicando seus pensamentos, sentimentos e ações por meio de um sistema de signos vocais – a língua. Como o ser humano dispõe de inúmeras possibilidades para comunicar-se, cada língua corresponde à expressão de uma escolha entre as várias possibilidades linguísticas, apresentando variações relevantes em função de valores sociais, regionais, de faixa etária, de situação econômica, etc.

A língua, como um sistema de possibilidades, oferece um conjunto flexível no que diz respeito às regras de seleção, combinação e substituição, sem comprometer ou alterar a interação. É o que entendemos por variação linguística.

Não há hierarquia entre os usos variados da língua, assim como não há uso linguisticamente melhor que outro. Em uma mesma comunidade linguística, portanto, coexistem usos diferentes, não existindo um padrão de linguagem que possa ser considerado superior. As pessoas não falam do mesmo modo e até uma mesma pessoa não fala sempre da mesma maneira, em todas as situações.

Langue (língua) e parole (fala) formam, juntas, a linguagem, que, para Saussure (2002), “tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber uma sem a outra”. Já para Dubois (2000), “Linguagem é a capacidade específica à espécie humana de comunicar por meio de um sistema de signos vocais (ou língua)”. Por fim, Câmara Jr. (1998) define linguagem como:

A faculdade que tem o homem de exprimir seus estados mentais por meio de um sistema de sons vocais chamado língua, que os organiza numa representação compreensiva em face do mundo subjetivo interior, pela atividade da linguagem ou fala. (CÂMARA Jr., 1998)

Do ponto de vista da linguística estrutural, Saussure (2006) alega que a linguagem é de natureza heterogênea, sendo, portanto, multiforme e heteróclita, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica e, além disso, pertencendo ao domínio individual e social. Segundo ele, devido às dificuldades em inferir sua unidade, de não classificá-la em nenhuma categoria de fatos humanos, a linguagem não pode ser o objeto da linguística.

Já a língua é um produto social da linguagem, constitui algo adquirido e convencional, compõe-se de um sistema de signos aceitos por uma comunidade linguística. Para Saussure, esse sistema é homogêneo, estável, social, representado em termos de relações de oposição e de regras. A fala, entretanto, é um ato individual de vontade e inteligência do indivíduo que a

usa, é acessória e mais ou menos accidental. Com base nessa compreensão, Saussure (2006) define que a Linguística propriamente dita é a ciência cujo único objeto é a língua. Essa opção teórica é compartilhada pelos estruturalistas, conhecidos também como formalistas ou descritivistas. Eles se interessam apenas pelo estudo do sistema da língua, excluindo, portanto, os aspectos sociais, culturais, históricos e ideológicos que interferem no seu uso. Da visão estruturalista decorre a concepção de língua como código, como instrumento cuja função é a comunicação humana por meio do qual um emissor comunica a um receptor determinadas mensagens.

Chomsky (1968), por sua vez, alega que, em muitas ocasiões, a fim de fazer descobertas sobre a linguagem, os linguistas devem tentar distinguir aquilo que é importante daquilo que é irrelevante sobre a linguagem e o comportamento linguístico. Para ele, relevante é aquilo que tem relação com a aprendibilidade de todas as línguas, as características que elas compartilham, as regras e princípios aparentemente seguidos pelos falantes ao construir e interpretar sentenças; de somenos importância seriam os problemas ligados ao modo como os falantes usam determinadas enunciações em uma variedade de maneiras de acordo com a situação em que se encontram.

Para Lightfoot (2006), “*I-language*” (*Internal language*) significa o sistema mental que caracteriza a amplitude linguística do falante e está representada na mente do indivíduo, enquanto “*E-language*” (*External language*) seria parte do mundo externo, amorfa, não sendo exatamente um sistema, fluido, em fluxo constante e não-sistemático. Para Lightfoot (2006), *I-language* deve ser o foco de interesse do linguista.

Em meados dos anos 50, aparece o gerativismo, uma corrente linguística hegemônica, quase absoluta na sintaxe dos últimos 50 anos. Segundo Faraco (1998), Chomsky (1965) fundamentou sua teoria geral da linguagem em uma hipótese de cunho inatista, na qual o fato empírico central para a linguística é a aquisição de linguagem pelas crianças. No entanto, o gerativismo não é uma teoria descritiva, mas explicativa, buscando dar conta, de forma ordenada, explicativa, econômica e teoricamente adequada de fenômenos abstratos e universais da língua.

É inegável a importância do gerativismo para o estudo da sintaxe e dos problemas tipológicos da língua. Entretanto, não está nos seus interesses a preocupação com a linguagem enquanto fenômeno tipicamente social, já que a noção de social ou situacional não é da alçada do gerativismo. Reconhecendo a importância do movimento gerativista, podemos dizer que, de forma geral, a contribuição do gerativismo é ligada a questões de natureza teórica.

Sob esse ponto de vista, as investigações linguísticas deveriam concentrar-se no desenvolvimento de conhecimento da linguagem per se. A tarefa do linguista deveria ser, segundo esses estudiosos, descrever gramáticas que nos ajudassem a desenvolver nosso entendimento da linguagem: o que é, como pode ser aprendida e o que ela tem a nos dizer sobre a mente humana.

Esse tipo de linguística - conhecido como “linguística teórica”- goza de uma posição privilegiada dentro da linguística geral. Sob essa perspectiva, o uso da linguagem pouco teria a oferecer. Segundo Marcuschi (2000), a linguística se desenvolveu em meados do século XIX e, com sucesso, mapeou os falares e as diversas línguas em suas peculiaridades com descrições dialetológicas e históricas, tendo como metodologia básica de trabalho o comparativismo histórico e descritivo. Sob uma perspectiva pré-estruturalista, a linguística não distinguia níveis de análise nem se utilizava de estudos sincrônicos. Surgiu, então, a perspectiva estruturalista que dominou o século XX até os anos 60, e deu lugar a uma visão multifacetada e pós-estruturalista, a partir dos anos 60, com o surgimento da pragmática, da sociolinguística, da psicolinguística, da etnometodologia e, mais recentemente, do cognitivismo.

Chomsky (1965) distingue os conceitos de competência e desempenho, alegando que o papel do linguista é o de caracterizar aquilo que os falantes sabem sobre a sua língua, ou seja, a sua competência, e não aquilo que eles fazem com a sua língua, i.e., o seu desempenho. Em suas próprias palavras:

A teoria linguística está preocupada principalmente com um falante-ouvinte ideal, em uma comunidade de fala completamente homogênea, que conhece perfeitamente sua língua e não é afetado por condições gramaticalmente irrelevantes tais como limitações de memória, distrações, deslocamentos de atenção e interesse, e erros (aleatórios ou característicos) na aplicação de seus conhecimentos da língua em desempenho real. Essa parece ter sido a posição dos fundadores da linguística moderna geral, e nenhuma razão convincente para alterá-la foi oferecida. Para estudar o desempenho linguístico real, temos de considerar a interação de uma variedade de fatores, dos quais a competência subjacente do falante-ouvinte é apenas uma. A este respeito, o estudo da linguagem não é diferente da investigação empírica de outros fenômenos complexos. (CHOMSKY, 1965, tradução nossa)⁴

⁴ Linguistic theory is concerned primarily with an ideal speaker–listener, in a completely homogeneous speech-community, who knows its language perfectly and is unaffected by such grammatically irrelevant conditions as memory limitations, distractions, shifts of attention and interest, and errors (random or characteristic) in applying his knowledge of the language in actual performance. This seems to me to have been the position of the founders of modern general linguistics, and no cogent reason for modifying it has been offered. To study actual linguistic performance, we must consider the interaction of a variety of factors, of which the underlying competence of the speaker–hearer is only one. In this respect, study of language is no different from empirical investigation of other complex phenomena.

Já Pinker (2007) observa as consequências de tal ponto de vista, ao dizer que, embora os linguistas teorizem sobre a linguagem como se ela fosse um protocolo fixo de uma comunidade homogênea de falantes idealizados, eles também sabem que a língua real sofre pressões constantes de mudanças por parte de falantes diferentes de formas diferentes.

São essas pressões constantes de mudança que interessam a Labov, a figura mais influente em sociolinguística nos últimos 50 anos.

Para Labov (2006)

O comportamento linguístico dos indivíduos não pode ser compreendido sem o conhecimento das comunidades às quais eles pertencem. (LABOV, 2006, tradução nossa)⁵

O conhecimento buscado pelos linguistas deve procurar mais do que explicar a gramática da língua, porque é sabido que os falantes detêm esse conhecimento. Em seu desempenho, eles se comportam sistematicamente, sendo que suas ações não são aleatórias, havendo uma regularidade subjacente que não necessita instrução formal para sua aquisição. Saber uma língua, segundo Labov (2006) também significa saber como usar uma língua de forma apropriada, a chamada competência comunicativa, e os aspectos sociais dessa competência são o foco de nosso interesse neste trabalho.

Bakhtin (1986) também define como seu objeto de estudo a linguagem em uma perspectiva sócio-interacionista, afirmando que o fenômeno social da interação verbal, realizado através da enunciação ou das enunciações, é que constitui a realidade fundamental da linguagem, compreendida pelo princípio dialógico:

...a palavra constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. (BAKHTIN, 1986)

Nessa concepção, o ser humano usa a linguagem para agir no contexto social, pois língua e linguagem são concebidas como atividades interativas, como forma de ação social, como espaço de interlocução possibilitando a prática social dos mais diversos tipos de atos.

⁵ The linguistic behavior of individuals cannot be understood without knowledge of the communities that they belong to.

Nessa direção, Cunha (2004) enfatiza que a linguagem se caracteriza pela sua diversidade de funcionamento, de modos de significar, ou seja, ela é constitutiva, pois os sujeitos e as relações sociais se constituem na e pela linguagem.

Em relação à língua, Bakhtin afirma que ela é uma abstração quando concebida isolada da situação social que a determina. Para Bakhtin (1986), “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes”.

É com essa perspectiva bakhtiniana que abordaremos os termos língua, linguagem e fala, pois Bakhtin, diferentemente dos estruturalistas, reconhece o caráter social da língua e a relevância da interação verbal como realização da linguagem.

Ao observarmos atentamente qualquer língua, descobrimos que existe uma considerável variação interna e que os falantes fazem uso constante das muitas diferentes possibilidades que lhes são oferecidas. Ninguém fala da mesma forma o tempo todo e as pessoas constantemente exploram as nuances das línguas e falam com uma grande variedade de efeitos. A consequência é uma espécie de paradoxo: embora muitos linguistas desejassem exibir um idioma como uma entidade homogênea e cada falante dessa língua como controlador de apenas um único estilo, na realidade, cada língua exibe considerável variação interna e não há falantes de um único estilo (ou, se houvesse, isso seria algo disfuncional).

A variação é uma característica intrínseca de todas as línguas em todos os momentos. Mesmo línguas 'mortas', como o sânscrito, o grego clássico e o latim estão repletos de variação. Um reconhecimento da variação implica em reconhecermos que uma língua não é apenas uma espécie de objeto de estudo abstrato. É também algo que as pessoas usam. A exemplo de Chomsky, muitos linguistas argumentam que não se deveria estudar uma língua em uso, ou mesmo como a língua é aprendida, sem, primeiro, adquirir-se um conhecimento adequado sobre o que é a própria linguagem.

No final dos anos 60, surge a ideia de variação linguística, exigindo a volta do olhar para outros aspectos. Entretanto, nos meados do século XIX, já frutificavam os estudos dialetológicos que mostravam como a língua variava geograficamente e os falantes não tinham uma unidade, seja do ponto de vista lexical ou fonético. A relação entre língua e sociedade, entretanto, já havia sido vislumbrada pelos estruturalistas das décadas de 20 e 30, segundo Tarallo (1986), porém, preterida pelos gerativistas da década de 60.

Como já havia afirmado Schuchardt em 1885, a pronúncia de um indivíduo nunca está livre de variações. Sapir (1921) concordou ao dizer que todos sabem que a língua é variável. Embora todos concordem quanto à existência da variação linguística, somente com o

surgimento da sociolinguística, na década de 60, ela começou a ser sistematicamente analisada. A Sociolinguística dos anos 60 apresenta um ponto de partida para novas correntes e orientações de pesquisa, baseadas no fenômeno linguístico relacionado ao seu contexto sócio-cultural: a sociologia da linguagem, através de Fishman; a sociolinguística interacional, de Gumperz; a sociolinguística variacionista de Labov; a dialetologia social de Shuy e Trudgill e a etnografia da comunicação, de Hymes.

A própria noção de competência comunicativa, tal como definida por Dell Hymes (1972), distancia-se da ideia chomskyana (1965) de competência. Ao fazer a distinção entre competência linguística e desempenho, por exemplo, Chomsky (1968) não pensava em falantes reais, mas ideais, enquanto Hymes se preocupava com falantes reais, que usam de competências estratégicas e sociolinguísticas para suprir suas deficiências linguísticas. A partir dessas novas conquistas teóricas, o trabalho com a língua passa a encarar, debater e combater todo o tipo de preconceito linguístico dando lugar às tentativas de valorização das variedades de língua não-padrão ou não-cultas.

A sociologia da linguagem, outro foco de interesse nosso, lida com fatores sociais em larga escala associados à linguagem, segundo Camacho (2003). Dentre esses fatores podemos mencionar decadência e assimilação de línguas minoritárias, bilinguismo e planejamento linguístico em países emergentes.

A sociolinguística preocupa-se em investigar as relações entre língua e sociedade com o objetivo de obter uma melhor compreensão da estrutura da língua e de como as línguas funcionam em termos de comunicação. O objetivo equivalente na Sociologia da linguagem é buscar descobrir como a estrutura social pode ser mais bem compreendida através do estudo da língua, por exemplo, como certas estruturas linguísticas podem caracterizar determinados arranjos sociais.

Muitos fatores sociológicos estão inseridos culturalmente em uma interação conversacional, como bem lembra Chambers, 2003. Segundo ele, embora seja linguisticamente irrelevante se dirigir a outrem como Sr. Fulano de tal, ou mesmo pelo seu apelido, sociologicamente isso faz uma tremenda diferença, caso essa distinção marque obrigatoriamente os ranques sociais dos participantes.

Para Hudson (1996), a sociolinguística é o estudo da língua em relação à sociedade, enquanto a sociologia da linguagem é o estudo da sociedade em relação à língua. Em outras palavras, em sociolinguística nós estudamos a língua e a sociedade a fim de descobrirmos o máximo sobre o que a língua é, e na sociologia da linguagem nós revertemos a direção de nosso interesse.

Nossa pesquisa tem como pressupostos teóricos a sociolinguística variacionista de Labov (1966). Essa vertente considera a observação da linguagem no contexto social como o fator mais relevante para a solução de problemas próprios da teoria da linguagem. A linguagem é, sob esse ponto de vista, um fenômeno social, sendo necessário, segundo Camacho (2003), recorrer-se às variações derivadas do contexto social para que se encontrem respostas aos problemas que emergem da variação inerente ao sistema linguístico.

Variação é o termo que serve para identificar duas ou mais formas alternativas de se dizer alguma coisa em um mesmo contexto. Já uma variante é uma forma concreta de uso, determinada por uma ou mais variáveis independentes, de natureza linguística ou extralinguística. É exatamente por esse motivo, por não ter valor puramente informativo na comunicação, que a linguística gerativista nunca se preocupou com a variação, dando preferência ao modelo descritivo baseado em uma comunidade linguística idealizada, como se todos os falantes tivessem o mesmo comportamento linguístico.

Embora com restrições em relação ao enfoque, nenhum linguista que se preze pode negar a variabilidade e a heterogeneidade da linguagem humana. Em todos os níveis de análise deparamo-nos com o fenômeno da variação. Por níveis de análise entenda-se, nível fonológico, sintático, morfológico, lexical e semântico, usados para esclarecer a configuração das regras linguísticas, sua combinação em sistemas, a coexistência de sistemas alternativos e a evolução diacrônica dessas regras e sistemas, segundo Labov (1972).

Sabemos que dois falantes de uma mesma língua raramente se expressam do mesmo modo, assim como um mesmo falante nunca se expressa do mesmo modo em circunstâncias diferentes. Desse modo, a sociolinguística correlaciona as variações existentes na expressão verbal a diferenças de natureza social, classificando cada domínio, o linguístico e o social, como fenômenos estruturados e regulares, segundo Camacho (2003).

Além disso, o conceito de variável linguística pressupõe necessariamente que as duas ou mais variantes tenham o mesmo significado referencial ou valor de verdade, mas opostas em sua significação social e/ou estilística, pois os falantes não aceitam facilmente o fato de que duas expressões distintas signifiquem exatamente a mesma coisa, havendo forte tendência a atribuir-lhes significados diferentes. Isso se aplica sem maiores controvérsias a variáveis fonológicas. O mesmo não se pode afirmar sobre as outras variáveis, ou seja, em se tratando de variável morfossintática, por exemplo, fica difícil dizer quando duas ou mais estruturas expressam um único significado.

Podemos dizer, desse modo, que a sociolinguística é o estudo da língua na sociedade, incluindo normas culturais, expectativas e contextos que influenciam o modo como a língua é

usada, havendo uma interseção com a pragmática nesses termos. A sociolinguística também estuda como a língua costuma diferir de acordo com certas variáveis sociais, tais como etnicidade, status, gênero, nível de escolaridade e como a criação e aderência a tais variáveis são utilizadas para categorizar os indivíduos em classes sociais ou socioeconômicas. Assim como a língua sofre variações de um lugar para outro, criando os chamados regionalismos e dialetos, ela também varia entre as classes sociais. A sociolinguística estuda os fatores que podem afetar a língua como um produto social.

O iniciador do modelo teórico-metodológico da sociolinguística quantitativa é William Labov. Não que ele tenha sido o primeiro a surgir no cenário da investigação sociolinguística, já que outros modelos do passado mais distante e também mais recente inspiraram-no na concepção da nova teoria. O modelo de análise de Labov é uma reação à ausência do componente social na linguística tradicional. Foi Labov quem insistiu na relação entre língua e sociedade e na possibilidade de se sistematizar a variação existente na língua falada.

Os pilares desta pesquisa estão ancorados na sociolinguística variacionista de Labov e na sociologia da linguagem de Fishman. Os estudos de Labov em Martha's Vineyard, Filadélfia e New York estabeleceram novos padrões de pesquisa em linguística, assim como a pesquisa de Fishman sobre a relação entre língua, etnicidade e relações de poder entre ambas.

O principal pressuposto aqui defendido é o de que a língua não é um sistema autônomo que se esgota no código linguístico. Mais que um sistema, é uma atividade social, histórica, cognitiva que varia dependendo de seus contextos de uso.

Abordaremos, na seguinte subseção, a relação entre língua, sociedade e identidade.

2.2. Língua, Sociedade e Identidade

Em qualquer momento, a identidade de um indivíduo é um conjunto heterogêneo composto de todos os nomes ou identidades dados a ele ou tomados por ele. Entretanto, no processo de vida inteira, a identidade é continuamente recriada, de acordo com as várias exigências sociais (históricas, institucionais,

econômicas, etc.), interações sociais, encontros e desejos que podem ser muito subjetivos e únicos, (TABOURET-KELLER, 1998, p.316).⁶

As pessoas sabem usar uma língua ou outra de forma adequada e duas pessoas nunca usam a língua que compartilham de forma exatamente igual. A causa dessas diferenças pode ser elucidada através de questões como identidade, capacidade de pertencer a um grupo, poder e solidariedade.

Segundo Le Page (1980), todo ato de fala é um ato de identidade. A linguagem é o índice da identidade por excelência. As escolhas linguísticas são processos inconscientes que o falante realiza e estão associadas às múltiplas dimensões constitutivas da identidade social e aos múltiplos papéis sociais que o usuário assume na comunidade de fala. O que determina a escolha de uma ou outra variedade é a situação concreta de comunicação.

Na opinião de Chambers (2003), a causa subjacente das diferenças sociolinguísticas é o instinto humano inconsciente de se estabelecer e manter-se a identidade social. São muitos os exemplos, segundo ele, que revelam a necessidade premente de se mostrar pertença a determinados grupos, às vezes de forma mais restrita, outras vezes de forma mais generalizada.

Cada um de nós tem a sua identidade (ou um conjunto de identidades), pois ninguém é somente um professor ou um aluno ou aposentado, ou jogador de golfe, ou bailarina. Somos um conjunto de identidades, e cada uma delas se faz presente em cada contexto apropriado.

Para Richards (2006), a nossa identidade não é algo com o qual nascemos ou que adquirimos ou um estereótipo no qual nos encaixamos, mas é algo formado e forjado através da ação e demonstrado através do desempenho.

A identidade é construída através da interação com os outros e é resultado da socialização, ou seja, de nossas experiências com o mundo em toda a sua complexidade. Em consequência, fatores como raça, etnia, gênero, religião, localidade, classe social, idade, além de outros a afetam, já que a identidade é criada na lida com esses fatores e com os membros da sociedade que também são influenciados por esses fatores.

⁶ At any given time a person's identity is a heterogeneous set made up of all the names or identities, given to and taken up by her [or him]. But in a lifelong process, identity is endlessly created anew, according to very various social constraints (historical, institutional, economic, etc.), social interactions, encounters, and wishes that may happen to be very subjective and unique. TABOURET-KELLER (1998:316)⁶

Para Tabouret-Keller, a língua falada por alguém e sua identidade como falante dessa língua são inseparáveis, sendo que “os atos linguísticos são atos identitários”, segundo Le Page e Tabouret-Keller (1985). Os gregos, por exemplo, identificavam como “não-gregos” todos aqueles que soavam para eles como “barbarbar”, denominando-os, então “bárbaros”.

Em uma pesquisa realizada em 1978 em Belize, na América Central, ao ser perguntado como se reconhece um nativo de Belize, um deles respondeu que aquilo que o identificava era a língua que ele falava, pois poucos nativos falavam inglês ou espanhol, mas todos falavam “uma espécie de gíria” chamada crioulo. Podemos inferir os dois significados do verbo “identificar” através desses dois relatos, segundo Tabouret-Keller. O primeiro ilustra a acepção de “identificar” tendo a língua como um comportamento externo permitindo a identificação de um falante como um membro pertencente a um grupo, como no caso dos “não gregos” identificados pelos gregos como estrangeiros pelo seu modo de falar. Já o segundo caso ilustra a acepção de “identificar” um nativo local através da língua que ele fala.

A identidade de uma pessoa é um conjunto heterogêneo composto de nomes atribuídos a ela e também adotados por ela. Durante o processo de uma vida inteira, entretanto, a identidade de um indivíduo é criada e recriada de acordo com as exigências sociais, interações com outros, desejos e outros fatores subjetivos e também muito particulares.

O que Tabouret-Keller chama de processos de identificação são os processos psicológicos através dos quais as identidades são criadas. A ligação entre língua e identidade é tão imbricada que basta um traço fonológico para identificar um indivíduo como membro do grupo, como aquela história bíblica do campo de batalha de Efraim ilustra. De acordo com essa história, os soldados usaram, para identificar os amigos em meio aos inimigos, um traço fonológico característico da língua dos amigos. Para isso, pediram que os soldados pronunciassem a palavra “shibboleth”. Se o soldado pronunciasse / s / em vez de / f /, ele era identificado como inimigo e morto.

Esses exemplos mencionados acima mostram como a identidade do indivíduo e a identidade social são mediadas pela língua: as características linguísticas são a ligação entre as identidades sociais e individuais, sendo que a língua oferece tanto um meio para ligar essas identidades quanto para expressá-las.

O objeto de nosso estudo é a fala dos brasileiros imigrantes nos EUA. Como muitos informantes declararam durante as entrevistas, é possível identificar um emigrante brasileiro apenas pelo seu jeito de falar. Esse processo de identificação do indivíduo pela sua fala é o que Tabouret-Keller chama de processos psicológicos através dos quais as identidades são

criadas. Como os imigrantes brasileiros só usam esse linguajar entre si, esse falar tornou-se emblemático de sua situação sócio-econômica nos EUA.

A questão da identidade foi discutida também por Fairclough (1993). Discurso, de acordo com Fairclough (1993) significa texto + contexto social + contexto cultural. Segundo essa visão, o uso da linguagem é sempre simultaneamente constitutivo de identidades sociais, de relações sociais e de sistemas de conhecimentos e sentimentos. Para Kress (1989:450), “textos são locais de emergência de complexos significados sociais, produzidos numa história particular de situação de produção e guardando em vias parciais as histórias tanto dos participantes na produção do texto quanto das instituições que são evocadas”. Por “texto” nós entendemos, nesse caso, a fala do indivíduo.

O conceito de identidade cultural diz respeito, também, à conexão entre indivíduos e estrutura social. O mundo das representações, do qual a língua faz parte, tem uma dinâmica própria, mas sofre influência da base material da sociedade. Nessas representações é que surgem os conceitos de visão do mundo, concepções e mentalidade, presentes na forma de comunicação.

A identidade social e cultural é a categoria que define como os indivíduos se inserem no grupo e como eles agem, tornando-se sujeitos sociais. Define, também, a forma como o indivíduo incorpora o mundo material a partir da experiência e projeta essa incorporação como construção simbólica.

A extensão em que os valores primordiais afetam a identidade cultural de um bilíngue depende do padrão desses valores, resultante de um contato cultural específico e das circunstâncias sociais que formam o tipo de experiência bilíngue.

Segundo Harmers e Blanc (2000:118), a situação na qual as línguas e culturas estão em contato engloba uma variedade de casos, tais como:

- o indivíduo fala uma língua em casa diferente da língua falada na comunidade ou sociedade;
- o indivíduo fala duas línguas em casa, sendo uma delas a língua da comunidade ou da sociedade;
- o indivíduo fala duas línguas em casa e ambas são utilizadas em duas comunidades em contato na sociedade;
- o indivíduo fala duas línguas em casa e nenhuma delas é utilizada na comunidade ou sociedade.

Harmers e Blanc (2000:118) afirmam que os casos descritos acima incluem crianças de casas bilíngues, assim como crianças de famílias imigrantes que vivem em uma sociedade

na qual duas línguas podem ou não estar em contato. Quando pelo menos duas línguas estão em contato na sociedade, relações de poder entre os grupos etnolinguísticos influenciarão o desenvolvimento da identidade cultural da criança.

Embora a noção de identidade seja frequentemente acionada para explicar fenômenos de variação/mudança linguística, a importância atribuída à identidade é diferente conforme a instância tomada como locus de análise. Assim, a identidade pode assumir tanto um papel secundário para a explicação do fenômeno linguístico – o que ocorre com as pesquisas centradas na concepção de comunidade de fala –, como um papel prioritário no qual identidade e variação/mudança estão intrinsecamente vinculadas – o que ocorre com os estudos pautados na noção de comunidade de prática e, em grau menor, na noção de redes sociais.

De fato, as escolhas linguísticas dos indivíduos se vinculam ao seu processo identificatório. Tal processo abarca aspectos que envolvem gênero, etnia, faixa etária, classe social, práticas sociais, etc. Identidade, nesse caso, pode ser mais bem compreendida como “a negociação ativa da relação de um indivíduo com as estruturas sociais mais amplas, na medida em que essa negociação é sinalizada através da linguagem e de outros meios semióticos” (MENDOZA-DENTON, 2004, p. 475). Essa relação pode ser notada em níveis diferentes seja no nível das práticas sociais, nas quais, através do uso da linguagem, os indivíduos se engajam; no nível da rede de relacionamentos que atravessa a vida dos indivíduos; ou no nível mais macro, da relação entre as atitudes que os indivíduos tomam acerca da linguagem e o seu processo identificatório.

A identidade também é mutável, de acordo com as circunstâncias de mudança de nossas vidas.

Os grupos também possuem identidade. Para isso, conceitos como comunidade, rede social e comunidade de prática são muito importantes, pois é nesses grupos que as relações são aceitas ou rejeitadas.

Para Bordieu (1991), a linguagem é um mercado simbólico onde uns detêm mais controle sobre os espólios que outros, pois algumas variedades, sotaques e padrões conseguiram um status maior em relação aos outros, sendo difícil não reconhecer relações de poder ao considerarmos línguas e relações sociais.

Já a solidariedade, no caso da identidade, se refere às motivações sociais que fazem com que os indivíduos ajam juntos. Sabemos que as pessoas podem agir juntas por razões que muitas vezes elas não se dão conta, e as consequências podem ser maiores ou menores para o comportamento linguístico.

Outra característica a ser mencionada é também o fato de uma escolha linguística ser “marcada” ou “não-marcada”. O modo esperado e “default” é o “não marcado”; qualquer coisa que seja diferente disso é “marcada”. Assim como usar terno em plena praia de Copacabana ou contar piada de judeu numa sinagoga, chamar as pessoas de “companheiros e companheiras”, ou dizer que vai “parkear” o carro são escolhas “marcadas”. A “marcação” é um conceito muito útil no sentido de que, uma vez identificada uma característica “marcada”, estaremos mais bem-equipados para descrever a norma esperada.

Entretanto, isso não implica que essas normas sejam imutáveis. Há alguns anos, por exemplo, ver alguém falando sozinho na rua era um comportamento altamente “marcado”. Hoje em dia, com o advento do celular, isso passou a ser lugar comum, comportamento “não-marcado”. O tempo muda os valores que atribuímos tanto a palavras quanto a fatos.

Há várias relações possíveis entre língua, identidade e sociedade. Uma delas é que a estrutura social pode tanto influenciar quanto determinar a estrutura linguística e ou o comportamento linguístico. O fenômeno de gradação em relação à idade, por exemplo, corrobora esse ponto de vista. As crianças mais jovens falam de modo diferente das crianças mais velhas, que, por sua vez, falam diferente de jovens adultos.

Já a outra relação vai de encontro à primeira. A estrutura linguística e/ou o comportamento linguístico podem tanto influenciar quanto determinar a estrutura social. Segundo autores como Bernstein (1995), as línguas podem conter características discriminatórias em relação a gênero e classe social.

Uma terceira relação possível é que a influência é bi-direcional: a língua e a sociedade podem se influenciar mutuamente, segundo a visão dialética de Dittmar (1976).

A quarta possibilidade é assumirmos que não há nenhuma relação entre a estrutura linguística e a estrutura social, e que cada uma independe da outra. Uma variante dessa possibilidade parece ser a apoiada por Chomsky (1965) que, embora considere a possibilidade de influência de uma estrutura na outra, prefere desenvolver uma linguística “associal” como uma preliminar para outras linguísticas.

Havendo tantas possibilidades de interpretação, devemos ficar atentos aos vários aspectos relevantes entre língua e sociedade. Kroch (1978), por exemplo, afirma que os grupos sociais dominantes tendem a falar de modo a marcarem seu território distintamente daqueles de seus dominados e a interpretar essa distinção como evidência de qualidades morais e intelectuais superiores. Isso não acontece somente no estilo da fala do grupo dominante, estando também presente no seu modo de se vestir e se comportar, introduzindo maneiras elaboradas e emprestando modos de grupos de pressão externa a eles.

Em relação ao uso da língua para aproximar ou distanciar indivíduos, parece-nos pertinente citarmos um conceito advindo do campo da Psicologia Social, o da acomodação. Esse conceito surge de um contexto de discussão sobre o comportamento individual em interação. Segundo a teoria da acomodação, as pessoas são motivadas a ajustar seu discurso_ ou “acomodar”_ a fim de expressar seus valores, atitudes e intenções em relação aos outros. (Giles, 1980, apud Bortoni-Ricardo:1985: 90).

Essa acomodação pode acontecer em duas direções: a da convergência e a da divergência. A da convergência linguística baseia-se no princípio da similaridade e da atração e acontece quando ocorre uma modificação, por parte do falante, da sua variedade para uma variedade próxima à de seu interlocutor e reflete o desejo pela aprovação social de seus ouvintes. O processo contrário, entretanto, é chamado de divergência linguística, e baseia-se no princípio da dissociação, quando um falante deseja dissociar-se da fala de seus interlocutores, sendo parte de um processo maior de distinção intergrupos.

Segundo Wolfram (1991),

A língua é muito mais que apenas palavras. É um comportamento social poderoso que diz muito sobre quem somos, de onde viemos e como nos relacionamos. A língua é um dos mais poderosos emblemas de comportamento social. Na transferência normal de informações através da linguagem, nós a usamos para enviar mensagens vitais sobre quem somos, de onde viemos e com quem nos associamos. (tradução nossa)⁷

É com essa perspectiva que abordaremos a variação sociolinguística: como o estudo da relação entre a identidade social e as maneiras de falar das pessoas. O estudo das variações da língua revela muito sobre as estratégias do falante em relação a variáveis como classe social, etnia, idade e também possibilita a observação de uma mudança linguística em progresso.

Ainda segundo Wolfram (1991), a noção básica subjacente à sociolinguística é simples: *Language use symbolically represents fundamental dimensions of social behavior and human interaction*, ou seja, o uso da linguagem representa simbolicamente dimensões fundamentais de comportamento social e interação humana. As relações entre língua e sociedade afetam tanto relações internacionais quanto estreitos relacionamentos interpessoais. Embora essa ideia, em si, seja de simples compreensão, as maneiras através das quais a linguagem reflete o comportamento das pessoas pode ser bem complexa e sutil.

⁷ Language is more than just words. It's a powerful social behavior that speaks volumes about who we are, where we come from and how we relate. Language is one of the most powerful emblems of social behavior. In the normal transfer of information through language, we use language to send vital social messages about who we are, where we come from, and who we associate with.

Como exemplo, podemos citar estudos de sociolinguística que investigam a atitude em relação à linguagem de várias populações em nível nacional. No caso dos Estados Unidos, a proposta de se tornar o inglês a língua oficial através de uma emenda constitucional pode ser considerado um exemplo dessa atitude. O status do Francês e do Inglês no Canadá também demonstra atitudes em relação à língua. Nos países em desenvolvimento, as línguas vernáculas e nacionais funcionam como símbolos de relações sociais muito importantes entre culturas e nacionalidades diferentes.

A teoria da acomodação pode explicar fatos com que lida a linguística aplicada à aquisição de segunda língua. Gardner e Lambert (1972) observaram as variáveis sociolinguísticas que influenciavam a aquisição de segunda língua. Para os autores, há duas orientações que motivam um indivíduo a adquirir uma segunda língua: a integrativa e a instrumental. A primeira sugere que o aprendiz se identifica com os falantes da língua-alvo, desejando tornar-se membro desse grupo. Já a perspectiva instrumentalista considera que o aprendiz aprenderá a língua quando considerá-la útil a seus propósitos como, por exemplo, obter ascensão social. Os autores concluíram, entretanto, que, de um modo geral, a orientação integrativa é um fator motivador mais forte que a instrumental.

Para Gardner & Lambert (1972), pioneiros no estudo da motivação para a aprendizagem de segunda língua, a motivação é associada a atitudes relacionadas à comunidade de falantes da língua-alvo, ao desejo expresso de interação com tais falantes e a um grau de identificação com a comunidade. Desse modo, ela é a combinação de esforço, desejo de alcançar o objetivo de aprender a língua e atitudes favoráveis à aprendizagem. Em outras palavras, o sucesso na aprendizagem de uma segunda língua, tanto em quantidade quanto em nível de proficiência serão aprimorados onde a distância social (grupo) e psicológica (indivíduo) do aprendiz em relação à comunidade de língua-alvo seja menor. Quanto maior a distância, menor o contato linguístico, e, em consequência, menor quantidade e qualidade do insumo linguístico, acarretando menor aprendizagem.

Segundo a Teoria da Aculturação de Schumann (1978), as minorias que se veem como subordinadas a outros grupos tendem a adotar uma das três estratégias de integração:

- ✓ Assimilação: o grupo abandona seu estilo de vida e seus valores e tem grandes chances de aprender bem a língua.
- ✓ Rejeição: se o grupo rejeita a cultura do grupo dominante, é improvável que a aprendizagem da língua aconteça.

✓ Adaptação: se o grupo tem uma visão positiva de sua própria cultura e do mesmo modo, uma visão positiva da cultura-alvo, a aquisição da segunda língua pode variar.

Embora o objetivo desta pesquisa não seja o de estudar os mecanismos de aprendizagem de línguas *per se*, podemos dizer que, ao estudarmos os processos envolvidos em contatos linguísticos, naturalmente o processo de aquisição de uma segunda língua vem à tona. Os processos identificatórios e a teoria da acomodação naturalmente emergem também em relação à aprendizagem de segunda língua.

Como podemos vislumbrar, o modo de falar serve para mostrar tanto pertença quanto distinção entre grupos, principalmente quando existe um desequilíbrio de poder envolvido na questão.

A sociolinguística é, portanto, sob o ponto de vista deste trabalho, o estudo da variação linguística e o seu objetivo é descobrir o que a variação pode nos dizer sobre a língua, sobre o conhecimento linguístico de seus falantes, e como as variáveis sócio-demográficas influenciam o conhecimento inconsciente de diferenças linguísticas sutis.

Discorreremos, a seguir, a respeito das motivações para os contatos linguísticos e os resultados advindos de tais contatos.

2.3 Motivações para os contatos linguísticos e seus resultados

⁸ “... o contato linguístico é sempre um produto histórico de forças sociais.” (SANKOFF 2001,p.638-668 - tradução nossa)

Existem dois tipos de sociedades no mundo: as monolíngues e as bilíngues ou multilíngues. Segundo Verma (2002), essa percepção é baseada na tradicional ideologia “uma raça = uma cultura = uma língua”, que parece privilegiar nações que falam a mesma língua, considerando o monolinguismo uma vantagem sobre o bi- ou multilinguismo. Até mesmo países como os EUA, que abrigam populações de raças tão diferentes, continuam a cultivar uma tradição monolíngue. As pessoas têm a concepção equivocada de que as nações ocidentais sejam monolíngues e que o terceiro mundo seja povoado de línguas e dialetos

⁸ “...language contact is always the historical product of social forces.” (SANKOFF 2001)

diferentes, tornando-o multilíngue. Entretanto, podemos dizer, sem medo de errar, que, na verdade, o multilinguismo seja a norma, e o monolinguismo, a exceção.

Mesmo parecendo, à primeira vista, monolíngues, todas as nações são multi/bilíngues e heterogêneas. Isso pode ser observado até mesmo na China, que alega ser uma nação homogênea e monolíngue, e que, no entanto, apresenta uma diversidade dialetal tamanha que chega a causar ininteligibilidade e impedir a comunicação entre seus falantes. Todos adquirem competência em Mandarim, a língua da educação e da academia, através da educação formal. Os chineses se tornam, então, falantes bilíngues de Hakka, Cantonês e Mandarim, por exemplo. Países como a Inglaterra e a França, geralmente projetados como monolíngues, sempre tiveram outras línguas além do Inglês e do Francês em seu repertório.

Na Inglaterra Medieval, além dos dialetos regionais, Inglês, Francês e Latim eram falados por vários grupos. Uma comunidade em que seus interlocutores falam “*Cockney*” (dialeto falado pela classe baixa trabalhadora em Londres) e “RP” (*Received Pronunciation*) _padrão acadêmico do inglês falado na Inglaterra_ não poderia ser rotulada de monolíngue e homogênea. Estima-se, segundo Baker & Eversley (2000), que em Londres aproximadamente 300 línguas convivam hoje, como resultado de migração e de refugiados na segunda metade do século passado.

Segundo Dittmar (1998), a imigração é uma das características principais do século XX, com mudanças populacionais ocorrendo de forma regular e global. Dittmar uniu-se a um grupo de pesquisadores para realizar um estudo centrado em imigrantes que adquirem uma nova língua. Um dos pontos mais investigados pelo pesquisador foi o estágio de gramaticalização em que o imigrante vai além do ponto de apenas repetir blocos memorizados da língua-alvo e passa a internalizar as regras da língua-alvo. O seu interesse foi descobrir quando e como isso ocorria e que fatores de semelhança ou diferença com a língua materna influenciavam o desenvolvimento da língua-alvo. Ele procurava responder quanto o contexto social em que estava inserido o indivíduo influenciava esse desenvolvimento. Já Spolsky (1998) preocupou-se com a convergência, ou seja, a maneira pela qual um falante estrangeiro busca modificar a sua pronúncia com o objetivo de aproximar a sua fala da fala de um nativo. Walters (1998), por sua vez, ocupou-se do efeito dos problemas citados acima no desenvolvimento da identidade e da aprendizagem de outros aspectos culturais como educação e polidez.

As comunidades de todo o mundo estão se mudando em resposta a necessidades econômicas, problemas religiosos e perseguições políticas. Tudo isso criou um ambiente sociolinguístico favorável à exposição de duas ou mais línguas além da língua materna do

indivíduo. Em muitos casos isso resultou em línguas Pidgin ou Crioulas, consideradas “amalgamas” de elementos linguísticos de duas ou mais línguas com uma identidade própria, desenvolvendo um repertório multilíngue. Desse modo, podemos dizer que seria quase impossível pensarmos em uma comunidade monolíngue, sem a existência, ao menos, de uma diversidade dialetal, o que representa também uma forma de multilinguismo.

Assim como as nações multilíngues, sociedades e comunidades podem ser multilíngues também. O sul da Ásia e a África são bons exemplos de continentes de nações multilíngues que ocorrem naturalmente.

Além disso, as pessoas, em sua maioria, não passam a vida inteira em sua cidade natal, já que a mobilidade física é uma realidade da vida humana. Ao se falar em imigrantes, a mobilidade salta aos olhos, por ser o primeiro fator a contribuir ou não para o desenvolvimento de uma língua estrangeira. Sociolinguisticamente falando, de acordo com Chambers (1995), os efeitos dessa mobilidade incluem multilinguismo, troca de código linguístico, diglossia, acomodação, troca de estilo linguístico e, de suma importância para este trabalho, o contato entre diferentes códigos linguísticos, já que uma das consequências da mobilidade é o encontro de pessoas com sistemas linguísticos diferentes daqueles adquiridos em sua terra natal.

Lembrando Coleman (1998), ao examinarmos situações de contato linguístico, é possível examinarmos não apenas detalhes de uma língua em particular, mas também detalhes sociais e linguísticos que mostram como os falantes bilíngues usam cada língua e alternam entre elas. Saber quando usar o código adequado ou não, por exemplo, é um aspecto pragmático que pode ser observado pelo pesquisador.

Há muitos motivos para a existência dos contatos linguísticos. Segundo Li Wei (2000), estima-se que 6000 línguas sejam faladas no mundo, porém, esse levantamento parece ter sido insuficientemente estudado sob o ponto de vista linguístico, o que daria margem a um acréscimo significativo desse número. O site “Ethnologue” aponta dados mais recentes, com 6909 línguas vivas no mundo. Havendo pouco menos de 200 países no mundo, podemos inferir a quantidade de contato linguístico gerado pela grande quantidade de diferentes línguas sendo faladas em um mesmo território sob uma perspectiva geopolítica, segundo Edwards (1984).

Os contatos linguísticos podem ser voluntários ou impostos social ou politicamente (Crystal, 1987). Motivos políticos são, por exemplo, atos políticos ou militares como colonização, anexação, reassentamento e federalização. Tais atos podem ter influências linguísticas imediatas. Refugiados, tanto no país de origem quanto em terras estrangeiras, são

frequentemente obrigados a aprender a língua do novo ambiente em que se encontram. Após uma invasão militar, a população indígena local pode ser obrigada a aprender a língua do dominador para poder prosperar. Exemplos de colonização como instrumento de contato linguístico podem ser vistos nas antigas colônias inglesas, francesas, espanholas, portuguesas e holandesas. A maioria dessas colônias conseguiram sua independência até o início do século XIX. Como modelo de anexação podemos citar a absorção das repúblicas Bálticas - Lituânia, Látvia e Estônia - pela antiga União Soviética após a Segunda Guerra Mundial. Ao final do século XX, muitos exemplos de reassentamento de povos de ascendências étnicas diferentes foram evidenciados na África Central e na antiga Jugoslávia. Exemplos de “Federalização” podem ser vistos na Suíça, Camarões e Bélgica.

Outros motivos para a existência de contatos linguísticos podem ter natureza religiosa, econômica, cultural, educacional, tecnológica, ou podem mesmo ter motivação gerada por desastres naturais. As pessoas podem se mudar para um país por razões religiosas e, por isso, têm que aprender uma nova língua, como é o caso dos judeus russos em Israel. O desejo de se identificar com um grupo étnico, social ou cultural geralmente implica em aprender a língua daquele grupo, o que pode exemplificar motivação cultural. Em algumas unidades políticas, a única forma de se obter conhecimento pode ser através de uma língua estrangeira. Foi esse o fator que desencadeou a disseminação do Latim na Idade Média, e parece ser um dos fatores que motiva a disseminação da Língua Inglesa em nossos dias. As inovações tecnológicas fazem do inglês a língua da comunicação no mundo, já que a maioria dos usuários da tecnologia, e, como exemplo podemos citar os usuários da internet, não são falantes nativos de língua inglesa. Os desastres naturais também causam a mobilidade de grandes grupos de pessoas que têm que se deslocar para áreas onde sua língua nativa não é falada.

Como afirmamos anteriormente, os contatos linguísticos aconteceram e acontecem em condições de desigualdade social resultante de guerras, conquistas e colonialismo, escravidão e migrações, voluntárias ou não. Porém, outras situações de maior equilíbrio e de contato mais benéfico de comércio e urbanização também já foram documentadas, segundo Sankoff (1980) e Sorensen (1967). Para Sankoff (1980), os contatos linguísticos podem ter tido curta duração, resultando em extinção de línguas e assimilações, com resultados de curto prazo, enquanto outras situações históricas produziram estabilidade de relativo longo prazo pela população bilíngue e multilíngue.

Os falantes bilíngues não são mais, como no passado, considerados a “soma de dois ou mais falantes monolíngues completos ou incompletos”, mas falantes e ouvintes competentes que desenvolveram competência comunicativa equivalente à do monolíngue, porém de

natureza diferente. Eles fazem uso de uma língua, da outra, ou das duas juntas, dependendo da situação, do tópico, do interlocutor ou ainda de outros fatores. Podemos dizer, desse modo, que os bilíngues, hoje em dia, são estudados em termos da totalidade de seus repertórios linguísticos, e os domínios de uso e as funções das várias línguas que usam também estão sendo levados em consideração.

Na próxima subseção, falaremos sobre os conceitos de bilinguismo e diglossia.

2.3.1 Bilinguismo e Diglossia

Segundo Mackey (2000), o bilinguismo é um padrão de comportamento que varia em função das modificações em termos de grau, funcionalidade, alternância e interferência das práticas linguísticas. As características de grau, funcionalidade e alternância entre línguas determinam a “interferência” de uma língua em outra na fala dos bilíngues.

Há que se distinguir aqui também os conceitos de bilinguismo e diglossia. Ferguson (1959) lança o conceito de diglossia, definindo-a como a coexistência, numa mesma comunidade, de duas formas linguísticas que ele batiza de “variedade baixa” (L, de low) e “variedade alta” (H, de high). E, para ilustrá-lo adequadamente, ele apresenta quatro exemplos:

- ✓ As situações do árabe (Variante baixa / Variante Alta);
- ✓ A Grécia (demotiki/katharevousa);
- ✓ Haiti (crioulo / francês) e
- ✓ A parte alemã da Suíça (alemão suíço / HochDeutsch).

Para Ferguson, as situações de diglossia se caracterizam por um conjunto de traços cujo elenco respectivo é, grosso modo, o seguinte:

- ✓ Uma distribuição funcional dos usos: utiliza-se a variedade alta na Igreja, nas Letras, nos Discursos, na Universidade, etc., enquanto a variedade baixa se utiliza nas conversas familiares, na literatura popular, etc.

- ✓ O fato de que a variedade alta goza de um prestígio social do qual não desfruta a variedade baixa;

- ✓ O fato de que a variedade alta tenha sido utilizada para produzir uma literatura reconhecida e admirada;
- ✓ O fato de que a variedade baixa seja adquirida “naturalmente” (é a primeira língua dos falantes) enquanto a variedade alta seja adquirida na Escola;
- ✓ O fato de que a variedade alta seja reconhecida como a norma gramatical. (Gramáticas, Dicionários, etc.);
- ✓ O fato de que a situação de diglossia seja estável, que possa durar vários séculos;
- ✓ O fato de que essas duas variedades de uma mesma língua, vinculadas por uma relação genética, tenham uma gramática, um léxico e uma fonologia relativamente divergentes.

Segundo Ferguson (1959), diglossia é

“uma situação linguística relativamente estável na qual, além de formas dialetais da língua (que podem incluir um padrão, ou padrões regionais), existe uma variedade sobreposta bastante divergente, altamente codificada (gramaticalmente mais complexa), veiculando um conjunto de literatura escrita e respeitada (...), que é sobretudo estudada na Educação formal, utilizada na escrita ou em um oral formal, todavia não é utilizada para a conversação ordinária em nenhuma parte da Comunidade”. (FERGUSON, 1959).

Fishman (1967) distingue, em primeiro lugar, entre o bilinguismo, fato individual, do âmbito da psicolinguística e a diglossia, fenômeno social, acrescentando que pode haver diglossia entre mais de dois códigos e, sobretudo, que estes códigos não têm necessariamente que possuir uma origem comum, uma relação genética. Fishman estabelece quatro situações polares em relação a bilinguismo e diglossia, a saber

- ✓ Bilinguismo com Diglossia: Todos os membros da Comunidade conhecem a forma alta e a forma baixa. É o caso do Paraguai (Espanhol e Guarani).
- ✓ Bilinguismo sem Diglossia: Os membros da Sociedade (embora sejam muitos), não utilizam as formas linguísticas para usos específicos. Seria o caso de situações instáveis, de situações de transição entre uma diglossia e uma outra organização da comunidade linguística.
- ✓ Diglossia sem Bilinguismo: Em uma Comunidade Social existe distribuição funcional dos usos entre duas línguas, entretanto, um grupo só fala a forma alta, enquanto o outro só fala a forma baixa. Nesta situação, como exemplo, Fishman aponta o caso da Rússia czarista (a nobreza falava francês, já o povo, o russo).

✓ Nem Diglossia nem Bilinguismo: Situação imaginável apenas numa comunidade muito pequena: devido à interação intensa entre seus membros e pouca diferenciação em termos de papéis a serem desempenhados dentro da comunidade. Não ocorrem registros ou variantes muito diferenciáveis, não ocorrendo, portanto, nem bilinguismo nem diglossia.

A noção de diglossia teve um importante eco no início da sociolinguística, antes de enfrentar um determinado número de críticas, oriundo, em particular, dos investigadores trabalhando sobre os crioulos e sobre o bilinguismo hispânico (sobretudo os sociolinguistas catalães). Tanto Ferguson como Fishman tinham tendência a subestimar os conflitos que ocorrem em situações de diglossia.

Quando Ferguson introduzia a estabilidade na definição do fenômeno, deixava entender que essas situações podiam ser harmoniosas e duráveis. A diglossia, pelo contrário, está em perpétua evolução. O caso da Grécia, que, aliás, Ferguson tomava como um dos seus exemplos paradigmáticos, após trinta anos, modificou-se completamente. Ou seja: A variedade “baixa”, na concepção de Ferguson, o grego demótico, é atualmente língua oficial, e a antiga variante “alta” será, em breve, uma língua morta. O Grego Demótico, *Dimotiki* (“língua do povo”) é a forma vernacular moderna do Grego. *Dimotiki* se refere em particular à forma da língua que evoluiu naturalmente do Grego antigo, opondo-se à forma artificial, o Catarévussa, que foi a língua padrão até 1976. Os dois tipos de língua grega se complementavam num exemplo típico de diglossia, até que o "problema da língua grega" foi resolvido com a adoção, por fim, do *Dimotiki*. *Dimotiki* é frequentemente considerado como sendo o mesmo que “moderna”, porém, esses dois termos não são sinônimos. Enquanto *Dimotiki* se aplica à língua que evoluiu até a atual forma coloquial grega, o Grego moderno (“Padrão”) é uma fusão do *Dimotiki* com o Catarévussa, embora a influência do *Dimotiki* seja bem maior. Trata-se de uma variante do *Dimotiki* que foi enriquecida por elementos da língua “educada”.

De uma forma generalizada, a história nos mostra que muito frequentemente, o futuro das variedades “baixas” é se tornarem variedades “altas”, como foi o caso das línguas neolatinas, francês, espanhol, italiano, português, etc., face ao latim.

Tem-se a impressão que o êxito do conceito de diglossia se explica pelo momento histórico em que foi lançado. De fato, quando muitas nações africanas se tornaram independentes, muitas delas confrontavam-se com uma situação linguística complexa: o plurilinguismo, por um lado, e predomínio oficial da língua colonial, por outro. Outorgando um quadro teórico a essa situação, a diglossia aspirava a apresentá-la como normal, estável,

negar o conflito linguístico que se apresentava, a justificar, por assim dizer, que não se muda nada disso (o que foi, aliás, o caso da maioria dos países descolonizados).

Ao examinarmos os contatos linguísticos sob tais perspectivas, podemos observar não apenas detalhes de uma língua em particular, mas, também, detalhes sociais e linguísticos que mostram como os falantes bilíngues usam cada língua e alternam entre elas.

A troca de código linguístico, conhecida em inglês como “*codeswitching*”, entretanto, é comum para a maioria dos falantes. Trata-se de uma estratégia conversacional usada para estabelecer, cruzar ou destruir limites entre grupos, além de criar, evocar ou mudar relações interpessoais dependendo da situação, direitos e deveres dos participantes do ato conversacional, segundo Grice (1989).

Falaremos, na próxima subseção, acerca dos produtos obtidos através dos contatos entre as línguas, abordando temas como *interlanguage*, *interference*, Pidgin, Crioulo, dialetos, socioletos, etc.

2.3.2 Resultados dos contatos linguísticos

Os resultados dos contatos linguísticos podem ser muitos. A fim de abordarmos esses resultados, contudo, é necessário mencionarmos alguns conceitos relevantes nessa área, tais como, *interlanguage* e *interference*.

O termo “*interlanguage*” mais especificamente, *interim language*, é um sistema linguístico emergente desenvolvido por aprendizes de segunda língua que ainda não apresentam um alto grau de proficiência na segunda língua, mas que tentam aproximações com a língua-alvo preservando características da sua língua materna ao falar ou escrever na segunda língua e criando inovações.

A “*interlanguage*” é baseada nas experiências do aprendiz com a segunda língua, podendo sofrer um processo de fossilização em qualquer estágio de desenvolvimento. Esse termo consiste em transferência de língua materna, transferência de treinamento, estratégias de aprendizagem de segunda língua, como simplificações, por exemplo, estratégias de comunicação em segunda língua, e supergeneralização dos padrões da segunda língua, onde alguns itens, regras e estruturas de língua materna podem ser transferidas para a produção da língua-alvo.

Esse termo foi criado por Selinker (1972), segundo o qual, um falante aprendiz de língua estrangeira ou segunda língua se engaja numa jornada linguística de sua língua nativa para a língua-alvo e constrói naturalmente um sistema linguístico particular nesse “meio tempo”, ou “*interim time*”. Esse sistema individual é chamado de “*interlanguage*” por Selinker (1969, 1972), e de “sistema aproximativo” por Nemser (1971), além de “competência transicional” por Corder (1967), ou mesmo de “ídioteo idiosincrático” pelo mesmo Corder em 1973.

Grosso modo, seria um estágio intermediário do sistema da língua estrangeira do aprendiz entre a língua materna e a língua-alvo. Esse termo é também conhecido como as gramáticas intermediárias construídas pelo aprendiz de língua estrangeira no processo de aprendizagem da língua-alvo (McLaughlin, 1987).

O desenvolvimento de interlíngua depende de alguns processos cognitivos envolvidos na aprendizagem de línguas estrangeiras:

- ✓ Transferência da língua materna - onde alguns itens, regras e estruturas de língua materna podem ser transferidas para a produção da língua-alvo. Como exemplo, poderíamos ter um aprendiz brasileiro de inglês que poderia dizer “**am happy*”, sem usar o sujeito, porque em português o verbo já deixa claro quem é o sujeito do enunciado, podendo ser omitido. Em inglês, todavia, não se permite essa omissão.

- ✓ A transferência de treinamento - quando o treinamento enfatiza determinadas estruturas em detrimento de outras, resultando em uma língua-alvo diferente da língua-alvo tradicional

- ✓ Estratégias de aprendizagem da língua estrangeira - O aprendiz se sente confortável com uma estratégia de aprendizagem e só faz uso daquela determinada estratégia, como o uso de paráfrase, por exemplo.

- ✓ Estratégias de comunicação da língua-alvo - o falante omite itens que lhe parecem gramaticalmente redundantes, mas que, ao omitir, produzem enunciados ruins na língua-alvo. e.g. “*I saw beautiful girl.*” omitindo o artigo definido “*a*”.

- ✓ Supergeneralização do material linguístico da língua alvo - simplificação, por exemplo, quando o aprendiz usa apenas uma forma do verbo; o falante usa regras gramaticais de modo que não seria usado na língua-alvo.

Os estudos em “*Interlanguage*” baseiam-se na teoria de que existe uma “estrutura psicológica latente no cérebro” que é ativada quando um falante tenta aprender uma língua-

alvo. Para Selinker (1972), em determinadas situações, as elocuições produzidas pelo aprendiz são diferentes daquelas produzidas pelo nativo ao tentar transmitir um mesmo significado, revelando desse modo, um sistema linguístico separado. Essa comparação pode ser observada, segundo ele, ao estudarmos as elocuições de aprendizes que tentam produzir uma regra da língua-alvo. A maior ou menor incidência de uso da “*interlanguage*” varia de acordo com o contexto social, fazendo com que o “produto” seja mais ou menos parecido com a língua-alvo quando produzido em contextos sociais diferentes.

Já “*interference*” foi usado primeiramente por Weinreich (1968) como termo neutro significando exemplos de desvio das normas de qualquer uma das línguas que ocorrem no discurso de bilíngues como resultado de familiaridade com mais de uma língua, i.e., como resultado de contato linguístico. Esses termos são extremamente importantes para este trabalho, pois as inovações lexicais dos brasileiros no exterior são resultado indiscutível de contato linguístico em que ocorrem forçosamente “*interlanguage*” e “*interference*”.

Outras preocupações com a língua focalizam situações sociais na estrutura das línguas. Os estudos sobre contato linguístico focalizam, entre outras coisas, a origem e a composição linguística de línguas pidgin e crioulas. Esses tipos especiais de variações linguísticas aparecem quando falantes de línguas mutuamente ininteligíveis necessitam de uma língua comum para que haja comunicação. Há muitos exemplos de tais situações sócio-históricas no mundo – No Caribe, África, América do Sul, Ásia e Ilhas do Pacífico.

A língua não é usada de modo homogêneo por todos os seus falantes. O uso de uma língua varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social, e assim por diante. Nem individualmente podemos afirmar que o uso seja uniforme. Dependendo da situação, uma mesma pessoa pode usar diferentes variedades de uma só forma da língua.

A cada situação de fala da qual participamos, podemos observar que a língua falada é heterogênea e diversificada, e é precisamente essa heterogeneidade que devemos sistematizar. Caso a heterogeneidade e o aparente caos não pudessem ser sistematizados, como poderíamos justificar que essa diversidade linguística não impede os falantes de se comunicarem?

Analisar e aprender a sistematizar variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala são os principais objetivos dos estudos sociolinguísticos. A teoria da variação linguística, desenvolvida por Labov, é um modelo teórico-metodológico que assume o “caos linguístico” como objeto de estudo. Segundo Naro (1992), quando existem duas formas alternantes em competição e uma delas possui alguma vantagem sobre a outra, esse fato deve resultar em seu favorecimento durante o processo de mudança.

Segundo Richards, Platt & Weber (1985), os resultados dos contatos entre línguas podem ser:

- ✓ Pidgin: o desenvolvimento de uma forma gramaticalmente reduzida da língua-alvo. A pidginização costuma ser um estágio temporário da aprendizagem de língua estrangeira. Caso o aprendiz não evolua, o resultado pode ser uma forma “pidginizada”. De acordo com Schumann (1978), tais formas pidginizadas ocorrem quando os aprendizes se veem discriminados em relação aos falantes da língua-alvo, ou quando a língua é usada apenas para algumas funções limitadas.

- ✓ Crioulo: é um pidgin que se tornou língua nativa para um grupo de falantes, sendo usado para a maioria de suas necessidades diárias. A criouliização envolve uma expansão do vocabulário e do sistema gramatical.

- ✓ Interlíngua: tipo de linguagem produzida pelo aprendiz de segunda língua ou língua estrangeira, ao estar no processo de aprendizagem. Os erros apresentados podem ser causados por diferentes processos, como empréstimo da língua materna, generalização e paráfrases estratégicas para suprir deficiências de vocabulário.

- ✓ Dialeto: coleção de atributos (fonéticos, fonológicos, sintáticos, morfológicos, semânticos) que tornam um grupo de falantes diferentes de outro grupo de falantes da mesma língua.

- ✓ Socioleto: Uma variedade linguística que pode ser diferenciada de outra.

- ✓ Idioleto: É o modo de falar característico de cada pessoa.

Entre as situações sócio-históricas, em que se formaram as línguas pidgins e crioulas, devemos destacar: as chamadas *plantations*, grandes empreendimentos coloniais agro-exportadores (sobretudo do açúcar) que empregavam largamente a mão-de-obra escrava; os entrepostos coloniais da costa africana e do sul e sudeste asiático; e os agrupamentos de escravos foragidos na América e na África, conhecidos como quilombos. Nesse contexto histórico, estabelece-se a situação sociolinguística prototípica para a emergência de uma língua crioula: um grupo de falantes adultos de várias línguas mutuamente ininteligíveis são postos em contato com uma língua de um grupo dominante que passa a ser utilizada em situações de comunicação emergencial.

Quando os escravos foram trazidos da África para a América do Norte, para trabalhar nas “*Plantations*”, eles eram separados de sua comunidade e misturados a outras pessoas de várias comunidades linguísticas diferentes, não podendo, portanto, comunicar-se entre si. O

objetivo por trás desse estratagema era evitar que a comunicação entre eles levasse a motins, ou mesmo a uma fuga em massa. Desse modo, a fim de se comunicarem entre si e com seus capatazes, eles criaram um linguajar intermediário, influenciado tanto por suas línguas maternas quanto pela língua de seus patrões. Esse linguajar é chamado de “Pidgin” em sociolinguística. A língua dominante que contribui principalmente com o vocabulário do Pidgin é chamada “Superestrato”, e a língua minoritária é chamada de “Substrato”. No caso, por exemplo, do Crioulo de Papua Nova Guiné, o superestrato é a língua Inglesa.

No plano linguístico, quando uma grande população de adultos - em muitos casos falantes de línguas diferenciadas e mutuamente ininteligíveis - é forçada a adquirir uma segunda língua emergencialmente, em função de relações comerciais ou de escravidão, a variedade dessa língua alvo que se forma nessa situação inicial de contato apresenta uma forte redução/simplificação em sua estrutura gramatical, posto que só os elementos essenciais necessários ao preenchimento das funções comunicativas básicas são mantidos.

É importante ressaltar, contudo, que a ocorrência ou não de um determinado fato linguístico se deve a uma gama de condicionamentos que podem ser de ordem estrutural ou social, por assim dizer. Entretanto, a participação desses fatores raramente será uniforme, podendo todos ter uma probabilidade de ocorrência específica e atuar conjuntamente ou não, com alguns fatores favorecendo a aplicação de uma regra e outros agindo na direção contrária. A análise da interação dos grupos de fatores determinará o peso relativo de cada um deles e informará quais, segundo Monteiro (2008), são irrelevantes ao processo por terem pouca ou nenhuma interferência no fenômeno considerado.

O presente trabalho lida com a subvariação dialetal que ocorre com a fala de brasileiros residentes nos Estados Unidos. Segundo Camacho (1988), a variação pode ser histórica, quando acontece ao longo de um determinado período de tempo, sendo identificada ao se comparar dois estados de uma língua. Conforme Tarallo (1997), “variantes linguísticas” são diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística”. Assim, no caso de uma variação fonética, as variantes são os alofones, representando, portanto, as formas possíveis de realização da variável.

No entanto, na linguística geral, o termo variante dialetal é usado como sinônimo de dialeto. Um dialeto (do grego διάλεκτος) é a forma como uma língua é realizada em uma região específica. Cientificamente este conceito é conhecido por "variação diatópica", "variante geolinguística" ou "variante dialetal". Os critérios que fazem com que um conjunto de dialetos seja considerado uma língua autônoma e não uma variante de outra língua são

complexos e frequentemente subvertidos por motivos políticos. A Sociolinguística considera os seguintes critérios para determinar que um conjunto de dialetos fazem parte de uma língua:

- ✓ Critério da compreensão mútua: se duas comunidades conseguem facilmente compreender-se ao usarem o seu sistema linguístico, então, elas falam a mesma língua.
- ✓ Critério da existência de um corpus linguístico comum: se entre duas comunidades existe um conjunto de obras literárias que são consideradas patrimônio usado por ambas (sem que haja necessidade de tradução), então elas falam a mesma língua.

Um dialeto, para ser considerado como tal, tem de ser falado por uma comunidade. As características da língua que não são específicas de um grupo regional são consideradas socioletos (variedades próprias de diferentes grupos sociais, etários ou profissionais) ou idioletos (variedades próprias de cada indivíduo).

As regiões dialetais são estabelecidas por linhas de fronteiras virtuais a que se dá o nome de isoglossas. Acredita-se que um dialeto seja um linguajar sem regras, porém, todo dialeto tem as suas normas, regras gramaticais, morfológicas, fonológicas, semânticas e sintáticas, conhecidas mesmo que intuitivamente por todos os seus falantes, de acordo com Cintra (1995).

Uma língua divide-se em inúmeras variantes dialetais. Desde as mais abrangentes (português europeu e português brasileiro) até as sub-variantes mais específicas. Por exemplo:

- ✓ O grupo dialetal transmontano-alto-minhoto, que se inclui nos dialetos do norte de Portugal.
- ✓ O grupo dialetal mineiro, que se inclui no grupo dialetal do sudeste do Brasil.

A variável é o traço, forma ou construção linguística cuja realização apresenta variantes observadas pelo investigador. Ela pode ser geográfica quando trata das diferentes formas de pronúncia, vocabulário e estrutura sintática entre regiões. Dentro de uma comunidade mais ampla, formam-se comunidades linguísticas menores em torno de centros polarizadores da cultura, política e economia, que acabam por definir os padrões linguísticos utilizados na região de sua influência. As diferenças linguísticas entre as regiões são graduais, nem sempre coincidindo com as fronteiras geográficas.

As diferenças podem ter cunho social quando agrupam alguns fatores de diversidade: o nível sócio-econômico, determinado pelo meio social onde vive um indivíduo, o grau de

educação, a idade e o gênero. A variação social ou diastrática não compromete a compreensão entre indivíduos, como poderia acontecer na variação regional; o uso de certas variantes pode indicar o nível sócio-econômico de uma pessoa, e há a possibilidade de alguém oriundo de um grupo menos favorecido economicamente atingir o padrão de maior prestígio.

A variação pode ser também estilística, quando considera um mesmo indivíduo em diferentes circunstâncias de comunicação: se está em um ambiente familiar, profissional, o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os interlocutores. Sem levar em conta as graduações intermediárias, é possível identificar dois limites extremos de estilo: o informal, quando há um mínimo de atenção por parte do indivíduo sobre as normas linguísticas, sendo utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o formal, em que o grau de atenção prestada à fala é máximo, sendo utilizado em conversações que não são do dia-a-dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo.

Para Camacho (1988), as diferentes modalidades de variação linguística não existem isoladamente, havendo um inter-relacionamento entre elas: uma variante geográfica pode ser vista como uma variante social, considerando-se a migração entre regiões do país. Observa-se que o meio rural, por ser menos influenciado pelas mudanças da sociedade, costuma preservar variantes antigas. Seria, por exemplo, o uso de palavras mais antigas como “derradeiro”, em vez de “último”, utilizado por pessoas vindas do meio rural. O conhecimento do padrão de prestígio pode ser fator de mobilidade social para um indivíduo pertencente a uma classe menos favorecida.

Segundo Fishman (1972), uma situação é definida pela co-ocorrência de dois ou mais interlocutores mutuamente relacionados de uma maneira determinada, comunicando sobre um determinado tópico, em um contexto determinado. Essas situações podem ser formais ou informais, e as formas que os falantes utilizam devem corresponder às expectativas convencionais, sob pena de algum tipo de “punição” social, segundo Alkmin (2003).

Entre os fatores sociais considerados relevantes para a mudança induzida por contato (Thomason & Kaufman, 1988; Weinreich, 1953) estão o prestígio das línguas em contato, a atitude do falante em relação às línguas, o grau de bilinguismo, a quantidade de “pressão cultural”, além da intensidade e duração do contato, entre outros. Porém, o pré-requisito tradicional para o empréstimo estrutural, em linguística histórica, é o contato de longa duração com um bilinguismo muito difundido. A convergência será presumivelmente ainda mais provável de ocorrer se houver a presença de uma coleção de fatores sociais favoráveis.

Não podemos deixar de mencionar, entretanto, que os parâmetros da variação linguística estão imbricados, na maioria das vezes. Ao interagir verbalmente, um falante faz

uso de sua variedade regional ou diatópica, segundo sua classe social, idade, escolaridade, gênero e ainda de acordo com o contexto situacional presente. Isso me lembra um exemplo doméstico. Uma diarista de 54 anos, analfabeta, vinda do interior, que mal consegue pronunciar palavras um pouco mais elaboradas e que, ao telefone, quando queria se fazer passar por outra pessoa, dizia, com voz bem doce (muito diferente do seu estilo usual): “_ Gostaria de falar com Fulano de Tal, por favor.” Esse exemplo ilustra a capacidade do falante de fazer uso de estilos diferentes de acordo com a exigência da situação.

Entretanto, mesmo existindo uma gama considerável de variação, devemos ter em mente que há também limites definidos para essa variação, sendo que ninguém é livre para usar a linguagem do jeito que lhe apetece. O indivíduo não pode pronunciar as palavras do jeito que bem entender e flexioná-las ou não, ou mudar a ordem das palavras dentro da sentença de modo arbitrário. A variação, portanto, tem limites precisos e completamente inconscientes (ninguém precisa ter ido à escola para ser compreendido por seus pares), sob pena de ininteligibilidade. Ainda assim, é difícil explicar como os falantes adquirem conhecimento das normas de comportamento linguístico, que parecem muito mais sutis que as normas de comportamento social, de como se vestir e de como se comportar à mesa.

É tarefa do sociolinguista tentar especificar as normas de comportamento linguístico de determinados grupos e tentar contabilizar comportamentos individuais em relação a essas normas.

Essa redução na estrutura gramatical da língua alvo pode ocorrer devido a fatores tais como:

- ✓ O difícil acesso dos falantes das outras línguas aos modelos da língua alvo, sobretudo nas situações em que os falantes dessa língua alvo são numericamente muito inferiores aos falantes das outras línguas;
- ✓ O fato de os falantes dessas outras línguas serem, em sua grande maioria, adultos, não havendo, pois, o acesso aos dispositivos da faculté du langage, que atuam naturalmente no processo de aquisição da língua materna;
- ✓ A ausência de uma ação normatizadora, ou seja, de uma norma ideal que oriente e restrinja o processo de aquisição/nativização, já que esse processo tem como objetivo fundamental a comunicação emergencial com os falantes da língua alvo.

Prolongando-se a situação de contato, essa variedade da língua-alvo falada como segunda língua pelos indivíduos dos grupos dominados, por ser socialmente mais viável, vai

progressivamente assumindo novas funções na rede de interação linguística, ao mesmo tempo em que se vai convertendo em modelo para a aquisição da língua materna dos descendentes dos falantes das outras línguas.

Uma outra abordagem possível em relação à língua focaliza as situações de língua em seu contexto social propriamente dito. Podemos observar a organização de nossas relações sociais dentro de uma comunidade quando as pessoas se dirigem umas as outras como “Senhor” ou “Senhora”, ou através do uso de primeiros nomes ou apelidos.

Como já foi mencionado por Chambers (1995), quando falamos, nós revelamos não apenas qualidades pessoais e uma certa sensibilidade em relação ao contexto social, mas também demonstramos várias configurações características que são compartilhadas com todos que se assemelham a nós socialmente, em termos de posição social, local onde fomos criados e outros pontos chave de nossa história de vida. A linguagem é a forma mais transparente de se mostrar identidade. Até mesmo na literatura esse fenômeno já foi explorado por vários bons autores como, George Bernard Shaw em “*Pygmalion*”, que deu origem à adaptação no cinema de “*My fair lady*”. Ao tentar mudar a forma de falar da protagonista, Eliza Doolittle, uma vendedora ambulante de flores de Londres, Shaw estava, na realidade, afirmando o que os sociolinguistas começaram a ratificar anos mais tarde: a nossa maneira de falar é socialmente motivada, ela é o produto do nosso contexto social.

Sabemos também que os resultados dos contatos linguísticos podem diferir devido a vários fatores, tais como a duração e a intensidade do contato entre os grupos, os tipos de relacionamentos sociais, econômicos e políticos entre eles, a função que a comunicação entre eles desempenha e, finalmente, o grau de semelhança entre as línguas.

A pesquisa em questão se ocupa do estudo da língua dentro de uma comunidade de fala, ou seja, da observação e análise da língua em seu contexto social, assim como é utilizado em situações cotidianas. Trata-se de uma perspectiva que difere da abordagem teórica de outros trabalhos, cuja análise se baseia, geralmente, em construtos teóricos em detrimento de dados coletados de falantes em situações de fala do dia-a-dia.

Acreditamos que a naturalidade contida em dados colhidos de práticas orais, principalmente da fala espontânea, principal campo de pesquisa laboviana, pode revelar muito sobre as relações entre língua, sociedade e identidade, no caso de nossa pesquisa. Isso acontece porque essas relações evidenciam as várias formas linguísticas utilizadas pelos falantes brasileiros nos EUA para comunicar-se entre si. Essa indissociabilidade entre a língua e o contexto social estabelece a heterogeneidade ordenada como fator constitutivo de um

sistema linguístico, descartando-se, então, a uniformidade como característica única do jogo comunicativo na linguagem oral. (LABOV, 1975, p. 203).

Passamos, a seguir, a tratar das diferentes noções de comunidade de fala definidas pelos mais influentes sociolinguistas, estabelecendo a concepção de comunidade de fala que orienta esta pesquisa.

2.4. As noções de “comunidade de fala”

A nossa pesquisa se ocupa da língua usada dentro de uma comunidade de fala, no sentido sociolinguístico, que expomos a seguir. Embora desde o início da sociolinguística, a noção de comunidade de fala tenha sido um de seus conceitos-chave, ela ainda parece insatisfatória.

O surgimento do conceito de comunidade de fala nas pesquisas sociolinguísticas ocorreu na década de 1960 (PATRICK, 2004 apud SEVERO, 2007). Desde então, a noção de comunidade de fala vem se constituindo em objeto de estudo da área, embora a utilização de sua definição passe a ter peso após as pesquisas desenvolvidas por Labov (1972).

Um dos primeiros problemas a serem levantados diz respeito aos conceitos da equivalência ou não dos termos “comunidade linguística” e “comunidade de fala”.

Para Bloomfield (1926, p.153-4), por exemplo, se um ato de fala é uma enunciação, e dentro de certas comunidades, enunciações sucessivas são semelhantes ou parcialmente semelhantes, então, tais comunidades formam “comunidades de fala”.

Segundo Gumperz (1962/ 71, p.101), o conceito de “comunidade linguística” envolve um grupo social que pode ser tanto falante de uma só língua quanto de várias línguas, porém unidos pela frequência de padrões de interação social e isolados das áreas adjacentes devido à precariedade das linhas de comunicação. Para ele, tais comunidades podem consistir de pequenos grupos unidos por contatos face-a-face ou podem cobrir vastas áreas, sendo um conceito puramente social. Já Gumperz (1968) chama de “comunidade de fala” qualquer agregação humana dotada de interação regular e frequente por meio de sinais verbais compartilhados e isolados de outros grupos por diferenças significativas no uso da língua.

As variedades da fala empregadas dentro de uma comunidade de fala formam um sistema porque elas são relacionadas a um conjunto de normas sociais compartilhadas... (GUMPERZ 1968, p.219 tradução nossa)⁹

Em Gumperz (1982) observamos uma maior precisão no conceito de comunidade de fala:

Um sistema de diversidades organizadas unidas através de normas e aspirações comuns. Os membros dessas comunidades variam em relação a certas crenças e outros aspectos do comportamento. Tal variação, que parece irregular quando observada a nível individual, mostra uma regularidade sistemática no nível estatístico dos fatos sociais. (GUMPERZ 1982, p.13, tradução nossa)¹⁰

Nesse caso, Gumperz menciona a diversidade organizada e unida por normas e aspirações gerais. Ele menciona também a variação sofrida por membros da comunidade de fala em termos de crenças e comportamento em nível individual, sem deixar, entretanto, de revelar regularidades estatisticamente demonstráveis de fatos sociais. jhb

Na opinião de Hymes (1967/72, p.54-5)

Uma comunidade compartilhando regras de conduta e interpretação de, pelo menos uma variedade linguística...um termo primário necessário...que postula as bases da descrição como uma entidade social, em vez de linguística (HYMES, 1972, tradução nossa)¹¹

Hymes não entra na seara das diversidades contidas no seio de uma comunidade de fala, mas ele menciona as regras de conduta e de interpretação de fala de uma variedade linguística, postulando a base da descrição da língua como uma entidade social, em vez de linguística.

Segundo Corder (1973) a comunidade de fala é composta por indivíduos que se consideram falantes de uma mesma língua. Eles não precisam ter nenhum outro atributo definido. Nota-se aqui uma visão bastante ampla e subjetiva.

⁹ The speech varieties employed within a speech community form a system because they are related to a shared set of social norms

¹⁰ A system of organized diversity held together by common norms and aspirations. Members of such a community typically vary with respect to certain beliefs and other aspects of behavior. Such variation, which seems irregular when observed at the level of the individual, nonetheless shows systematic regularities at the statistical level of social facts.

¹¹ A community sharing rules for the conduct and interpretation of speech, and rules for the interpretation of at least one linguistic variety... A necessary primary term... it postulates the basis of description as a social, rather than a linguistic, entity.

Da mesma, forma Halliday adota esse critério em sua definição, como se constata em sua explicação:

A comunidade de fala é um grupo de pessoas que se consideram como usuários da mesma língua. Neste sentido, existe uma comunidade de fala “dos chineses”, uma vez que eles se julgam falantes do “chinês” e não do pequinês, cantonês etc. Por outro lado, não há uma comunidade de fala em relação às línguas escandinavas, muito embora estas sejam, em grande parte, compreensíveis entre si (HALLIDAY et. al apud DITTMAR, 1997, p.134, tradução nossa.)

Para Labov (1972, p.120-1):

A comunidade de fala não é definida por um acordo marcado do uso dos elementos linguísticos, mas antes pela participação em um conjunto de normas compartilhadas, que devem ser observadas em tipos de avaliações comportamentais ostensivas, e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariáveis em relação aos níveis particulares de uso. (LABOV, 1972, tradução nossa)¹²

Ou seja, a comunidade de fala não é definida por nenhum acordo marcado no uso de elementos de linguagem, mas pela participação em um conjunto de normas compartilhadas, possíveis de serem observadas em certos tipos de comportamento avaliativo, e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariáveis em relação a níveis particulares de linguagem.

Para Romaine (1994, p.22), comunidade de fala pode ser definida como “um grupo de pessoas que não compartilham a mesma língua, mas compartilham um conjunto de normas e regras para seu uso (...). As fronteiras entre as comunidades de fala são essencialmente mais de caráter social do que linguístico”.

Milroy (1980) usa o conceito de redes sociais, sendo que, segundo ela, as redes densas são responsáveis por certa estabilidade linguística. Os usuários de dialetos mais carregados, geralmente são membros de redes mais densamente construídas, ou “fechadas”, tendo contato quase exclusivamente dentro do grupo, e os membros da elite atuam em uma rede menos densamente construída, e portanto, mais “aberta” a outras influências. Laços fortes constituem redes sociais densas – nas quais todos conhecem todos – e múltiplas – nas quais os indivíduos compartilham mais de um tipo de relação, como amizade e companheirismo profissional (MILROY & MILROY, 1997). Quanto mais densas e múltiplas forem as redes sociais, maior

¹² The speech community is not defined by any marked agreement in the use of language elements, so much as by participation in a set of shared norms. These norms may be observed in overt types of evaluative behavior, and by the uniformity of abstract patterns of variation which are invariant in respect to particular levels of usage.

a probabilidade de elas operarem de forma normativa, uma vez que densidade se mantém o vernáculo local, com resistência a pressões linguísticas e sociais de outros grupos. Exemplificando: os relacionamentos em sociedades tribais, vilarejos ou em comunidades de trabalhadores tendem a ser mais densos e múltiplos do que em sociedades industriais e urbanas (MILROY, 1987). Por outro lado, laços fracos caracterizam redes com ligações interpessoais.

Os estudos da sociolinguística variacionista normalmente abarcam redes sociais, conhecidas em inglês como “*network studies*”, por envolverem grupos sociais de nível micro, ligados, às vezes, a paróquias, instituições ou vizinhanças, e não a uma estrutura de classe propriamente dita. Segundo Milroy (1980), em seus estudos em Belfast, as redes sociais são utilizadas para explicar comportamentos individuais de vários tipos, que não podem ser explicados em termos de estrutura de classe. Para ela, quanto mais ligado a sua comunidade, tanto mais próxima será a linguagem do indivíduo das normas vernáculas locais.

Dessa forma, podemos observar que haverá tantas definições de comunidades de fala quanto linguistas que as defendam, e até mesmo opiniões diferentes de um mesmo autor, em mais de um momento. Essa é uma questão espinhosa tanto no que tange o estabelecimento de limites geográficos ou sociais, quanto ao que concernem os critérios de demarcação de uso da língua. As definições são, às vezes, muito complexas e às vezes muito amplas e pouco precisas, dependendo dos autores que as empregam, possibilitando, dessa maneira, diferentes interpretações.

Como sugere Labov (1972), é impossível compreender fenômenos relativos a uma comunidade linguística fora do contexto social onde eles são produzidos. Portanto, um estudo que considere a variação linguística um método produtivo para a observação e coleta de dados deve partir das situações concretas de uso da fala.

O objeto da Sociolinguística é analisar o indivíduo em sua comunidade, com seu grupo, e não o indivíduo isoladamente. Para Labov (1972) o vernáculo é propriedade de um grupo e não de um indivíduo, entendendo-se como vernáculo a primeira forma de linguagem empregada de forma natural entre falantes de um mesmo grupo, geralmente adquirida antes da puberdade.

Desse modo, observamos basicamente três tendências gerais para a definição de comunidade de fala: a primeira refere-se à comunidade de fala como constituída por pessoas que têm a mesma primeira língua, ou seja, elas interagem por meio das regras compartilhadas para o uso da língua materna. Uma outra preconiza o caráter pragmático da comunicação, independente do número de línguas ou variedades utilizadas; nesse caso, uma comunidade de

fala pode se constituir de pessoas que se compreendem ao fazer uso da mesma língua, mesmo essa língua não sendo a sua língua materna. Em terceiro lugar, uma comunidade de fala pode se constituir de pessoas que se identificam socialmente com ela.

A definição do eixo teórico que delimita os contornos do termo “comunidade de fala” acaba por definir uma tomada de posição em relação à pesquisa, determinando, em consequência, o tipo de dados a serem coletados em um trabalho de variação e mudança linguística.

Podemos afirmar, portanto, que a presente pesquisa engloba as três tendências de definição de comunidade de fala: os informantes que são alvo da pesquisa são falantes nativos da mesma língua materna - português; esses falantes fazem uso pragmático dessa variedade linguística para comunicarem-se entre si e eles se identificam socialmente com essa variedade.

A noção de redes sociais estabelecida por Milroy (1987) fornece o arcabouço para esta pesquisa, já que a densidade das redes parece ser o amálgama do uso das inovações lexicais que nós estamos pesquisando. Quanto mais densas as redes sociais dos informantes, mais uso das inovações eles fazem. Quanto menos densas as suas redes sociais, menos inovações lexicais aparecem em suas falas.

Sabemos que a linguística apresenta um caráter multidisciplinar que busca subsídios em várias outras áreas, como a história, a sociologia, a psicologia, "para a reflexão crítica do uso metalinguístico consagrado" (Bastos e Mattos, 1993), ou seja, em quaisquer situações em que haja uma operação sobre a linguagem. Podemos inferir que a escolha de certas formas linguísticas não é arbitrária, mas, sim, motivada no âmbito de um grupo social e em um momento social específico. Segundo Fairclough (1992) "discurso é uma forma de prática social mais do que uma atividade individual ou um reflexo de variáveis situacionais", devendo, portanto, ser visto como uma categoria que tem origem e faz parte do domínio social.

Ao observar esse “*quasi*-dialeto” utilizado por brasileiros entre si que, na verdade, não teriam necessidade de fazê-lo para se comunicarem, por exemplo, senti a necessidade de explorar mais esse fenômeno. Os brasileiros comunicam-se desse modo por não conseguirem falar inglês de forma satisfatória e terem necessidade de se sentir parte da cultura local? Seria esse o famoso “jeitinho brasileiro” em ação nos Estados Unidos? Seria essa uma maneira de brincar com a língua que eles não conseguem dominar?

Na seguinte subseção falaremos sobre as inovações lexicais propriamente ditas.

2.5. A gênese das inovações lexicais

Por que as inovações lexicais ocorrem é uma pergunta que já vem sendo feita há muito tempo. Em 1988, Otheguy e Garcia questionavam esse assunto no artigo “*Diffusion of Lexical Innovations in the Spanish of Cuban Americans*” (Difusão das Inovações Lexicais no Espanhol de Cubano-americanos). Segundo esses autores, citando Haugen (1938), as inovações lexicais são uma resposta a duas necessidades conflitantes: falar na sua própria língua nativa e ser capaz de comunicar ideias comumente expressas na língua-alvo, porém raras ou ausentes em sua língua nativa.

Para nós, linguistas, interessa saber qual o grau de interferência das diferenças sociais no resultado linguístico do contato entre as línguas. Já em 1886, Hermann Paul observou que todo empréstimo linguístico implica em conhecimento das duas línguas pelo falante. Thomason e Kaufman (1988) mencionam duas direções a serem seguidas pelo contato linguístico - o empréstimo e a interferência do substrato. Como “empréstimo” entende-se os termos linguísticos estrangeiros incorporados à língua nativa do falante.

O outro processo mencionado por Thomason e Kaufman, “interferência do substrato”, ocorre quando a estrutura da língua nativa influencia a língua estrangeira. Para eles, existe uma escala de pressão relativa de um grupo (uma língua) sobre o outro, trazendo à tona o nível micro (indivíduo) e o nível macro (da língua). Tacitamente, Thomason e Kaufman (1988) assumem que os falantes podem ser caracterizados em termos de língua nativa e línguas estrangeiras e que os grupos ou comunidades podem ser relativamente homogêneos nesses termos.

Para Haugen (1950), termos como *mixture* (mistura) e *hybrid* (híbrido) carregam em si uma conotação até mesmo pejorativa, devendo, portanto ser abandonados, assim como o fizeram Sapir e Bloomfield. Segundo Haugen (1950), esses termos parecem comparar as línguas a ingredientes que poderiam ser colocados em uma coqueteleira e misturados para que se obtivesse um *drink* diferente dos ingredientes que o compõem. Exceto em casos anormais, os falantes não foram observados mudando de uma língua para outra repentinamente, livremente. Eles podem mudar rapidamente de uma para outra, mas, eles estão falando uma mesma língua, mesmo que recorram a outra como auxílio. Segundo esse autor, a introdução de elementos de uma língua em outra não chega a representar uma mistura, mas “uma mera

alteração da segunda língua”. Como podemos entender através da metáfora da coqueteleira, uma mistura implica a criação de uma entidade completamente nova e o desaparecimento de seus constituintes. Além disso, o uso de termos como “mistura” e “hibridismo” insinua a existência de línguas que são “puras”, ou que algumas são “mais puras que outras” devido à quantidade de empréstimos presentes em seu léxico.

A fim de explicar o termo “empréstimo”, Haugen (1950) postulou três axiomas:

- ✓ Todo falante tenta reproduzir padrões linguísticos previamente aprendidos para lidar com novas situações linguísticas.
- ✓ Entre os novos padrões que ele pode aprender estão aqueles provenientes de uma segunda língua, que ele também tentará reproduzir.
- ✓ Se ele reproduzir o novo padrão linguístico, não no contexto da língua, em que foi aprendido, mas no contexto de outra língua, isso configura um empréstimo.

O que Haugen (1950) postula é que o termo “empréstimo”, embora também um tanto inadequado, já que não se devolve nenhum dos empréstimos linguísticos, é um termo mais amplo que abarca vários outros, que podem ser classificados como decorrentes de:

- ✓ Importação
 - Palavra estrangeira usada como na língua de origem. e.g. *café* (do francês) e *whiskey* (do inglês)
 - Empréstimo (Loanword) = palavras que têm origem estrangeira, porém são adaptadas para a língua receptora. e.g. *abajur* (que vem de *abat-jour*, do francês) e *chofer* (que vem de *chauffeur*, também do francês).
- ✓ Substituição parcial: palavras compostas, nas quais uma parte é emprestada, e a outra é substituída. e.g. *Saturnes dag* = “Saturday” (de Latim, *Saturni dies*)
- ✓ Substituição total:
 - empréstimo traduzido = calque, do francês e.g. OE *Monan dæg* = *moon’s day* = ‘Monday’ (< Lat. *Lunae dies*), ‘*rasca-cielos: scrape-sky*’, ‘arranha-céus’ (< E skyscraper),
 - empréstimo renderizado (processado) = tradução de uma parte dos elementos da palavra estrangeira, e.g. E *brother-hood* (< Lat. *frater-nitas* [= Lat. *frater* = ‘brother’ + suffixo])

Haugen fez algumas observações que têm uma relação direta com o presente estudo:

- ✓ Um falante bilíngue introduz um novo empréstimo na forma fonética mais próxima à da língua-alvo possível para si.
- ✓ Caso ele repita esse empréstimo, ou mesmo se outro falante bilíngue usar esse empréstimo, certamente outras substituições de elementos da língua-alvo serão feitas.

Empréstimo linguístico é, para Dubois (2000, p.209):

Quando um falar A usa e acaba por integrar uma unidade ou um traço linguístico que existia precedentemente num falar B e que A não possuía; a unidade ou traço emprestado é, por sua vez, chamado de empréstimo. O empréstimo é o fenômeno sóciolinguístico mais importante entre todos os contatos de línguas.

Podemos perceber que o empréstimo linguístico se configura quando emprestamos uma palavra ou um traço linguístico de outra língua. Esse traço ou palavra, obviamente, não existia anteriormente na nossa língua. Já por outro lado, os estrangeirismos são, segundo Câmara Jr. (1998, p.142):

Os empréstimos vocabulares não integrados na língua nacional, revelando-se estrangeiros nos fonemas, na flexão e até na grafia, ou os vocábulos nacionais empregados com a significação dos vocábulos estrangeiros de forma semelhante. Na língua portuguesa os estrangeirismos mais frequentes são hoje galicismos e anglicismos. O vocábulo estrangeiro, quando é sentido como necessário, ou pelo menos útil, tende a adaptar-se à fonologia e à morfologia da língua nacional, o que para a nossa língua vem a ser o aporuguesamento.

O motivo mais comum para o empréstimo é a ausência de um termo ou expressão em uma língua, que se vê obrigada a fazer um empréstimo de outra língua. Na palavra *iceberg*, por exemplo, não temos uma palavra em português para esse fenômeno que substitua esse termo. Nesse caso, *iceberg* é um estrangeirismo, já que não sofreu nenhum tipo de adaptação, seja fonética ou fonológica, ao português falado no Brasil. Segundo Poplack, Sankoff e Miller (1985), o fator motivador para o uso de empréstimos é realmente a “necessidade lexical”. Para eles, de fato, muitos empréstimos que apareceram em seu corpus designam referentes associados especificamente ao contexto norte-americano ou canadense. Por isso, não deveria surpreender que muitas “falhas” ou “lacunas terminológicas” (gaps) fossem preenchidas por novos referentes originados do inglês.

O surgimento de algo novo é outro motivo para a adoção de um empréstimo. A palavra *stress* entrou recentemente em nossa língua para denominar uma doença dos tempos

modernos. Como o termo *stress* é muito produtivo, acabou sofrendo adaptações ao português e hoje já é grafado “estresse”. Além disso, já formamos palavras derivadas a partir da primitiva “estresse”, é o caso de “estressado”, “estressante” e “desestressante”. No caso de *stress*>estresse, estamos diante de um empréstimo linguístico, já que o termo sofreu adaptações ao português, ou seja, foi-lhe acrescentado o grafema-e no início e no fim do vocábulo, já que não existem, no sistema escrito do português, palavras iniciadas pelo encontro consonantal *str-* ou terminadas em *-ss*.

Já Gal (1979) afirma que o empréstimo representa a introdução de palavras ou pequenas expressões idiomáticas de uma língua em outra. É possível que isso aconteça sem a ocorrência de mudanças fonológicas e semânticas no item emprestado, mas essa não é a regra: geralmente acontecem alterações fonológicas ou semânticas.

Gumperz (1982), por outro lado, inclui outros tipos de assimilação. Para ele, os itens incorporados são integrados à língua, sendo tratados como parte do seu léxico, tomando suas características morfológicas e entrando em suas estruturas sintáticas.

Sob uma perspectiva sociolinguística, podemos considerar, além dos pressupostos de Thomason e Kaufman, a variabilidade interna, tanto entre indivíduos de comunidades bilíngues, quanto através da análise quantitativa de exigências linguísticas nos resultados dos contatos linguísticos.

Para Sankoff (2000), dois processos sociais se destacam em relação às situações de contato para os linguistas: as conquistas e as imigrações. A imposição de uma língua de comunicação mais ampla acontece em decorrência de conquistas propriamente ditas e do estabelecimento de línguas-padrão, via instituições como a “Educação Elementar Universal” na Índia. Nesse caso, as populações locais transformaram-se em minorias linguísticas dentro de uma unidade política mais ampla.

No caso de um grupo linguístico local, conquistado ou cercado por um grupo maior, uma mudança linguística lenta pode significar várias gerações de bilíngues, o que proporciona grande oportunidade para a influência do substrato tornar-se estabelecido na língua do conquistador. Esses povos que passaram por situações de contato linguístico prolongado sentem os efeitos linguísticos dessas mudanças sociais muito lentamente, o que pode ocasionar contatos linguísticos que perduram por décadas e mesmo, séculos. Essas situações de bilinguismo estável parecem ser o que Weinreich chama de “integração”, i.e., a aceitação de estruturas devido à interferência por parte da língua receptora.

Para Grosjean (1998), considerando-se os fatores citados acima, várias necessidades linguísticas emergem em falantes em contato com duas ou mais línguas, demandando que eles

desenvolvam competências diferentes na medida exigida por essas necessidades. Em situações de contato, é raro que todas as facetas da vida exijam a mesma língua ou que elas sempre exijam duas línguas (língua A no trabalho e B em casa ou com amigos). Na verdade, as pessoas se utilizam das línguas com objetivos diferentes, em diferentes domínios da vida, com pessoas diferentes, e é exatamente por causa disso que os falantes bilíngues raramente desenvolvem fluência equivalente nas duas línguas. O nível de fluência obtido em uma língua vai depender da necessidade dessa língua e terá domínio específico, sendo, portanto, perfeitamente normal que um falante saiba ler e escrever em apenas uma das línguas, que tenha fluência limitada em uma língua que usa com um número reduzido de pessoas, ou que possa falar sobre um assunto específico em apenas uma das línguas.

Um fenômeno pressuposto pelo contato entre línguas é o “*codemixing*”, ou seja, uma estratégia conversacional que combina, ou faz uma “mixagem” entre dois códigos linguísticos. Um exemplo de “*codemixing*” seria um falante bilíngue de Malaio e Inglês dizendo: “*This morning I hantar my baby tu dekat babysitter tu lah*” (*hantar=took=leveei, tu dekat=to = para, tu lah = partícula indicativa de solidariedade*).

Na visão de Gumperz 1982a e 1982b, a alternância entre línguas é conceptualizada não como uma deficiência a ser estigmatizada, mas, sim, como um recurso extra através do qual muitos significados retóricos e sociais são expressos. Ele focaliza mais especificamente não a estrutura constituinte, mas o discurso e as funções interacionais que o *codeswitching* desempenha para os falantes. Na presente pesquisa, segmentos como “trabalhava de *couple*”, “fazer *shoeshine*” e “pedir um *black coffee*” são exemplos de *codeswitching* envolvendo inglês e português. Exemplos de *codemixing* seriam “*parkear*”, “*ordenar*” e “*vaquear*”.

Um código pode ser uma língua, uma variedade ou estilo de uma língua. Enquanto o “*codemixing*” implica em hibridismo, segundo o *Concise Oxford Companion of the English Language* (1998), o termo “*codeswitching*” se aplica ao movimento de uma língua em direção a outra. É possível que tanto o “*codeswitching*” quanto o “*codemixing*” ocorram em algum grau no discurso de todo indivíduo bilíngue, o que possibilita que tais indivíduos tenham a sua disposição três sistemas linguísticos: a sua língua materna, a língua-alvo e a língua híbrida.

Alguns estudiosos como, por exemplo, Poplack (1980), alegam que há quatro tipos de “*codeswitching*”. O primeiro tipo é o chamado “*Tag-switching*”, quando partes de frases de uma língua são inseridas em frases de outra língua, como, por exemplo, um falante de Panjabi/Inglês diria: *It's a nice day, hai nã?* (*hai nã= isn't it*) (Belo dia, não é?). Outro tipo de “*switching*” é o Intra-sentencial, no qual a inserção ocorre dentro dos limites da sentença ou da frase, usado por falantes de Yorubá/Inglês: *Won o arrest a single person (won o they did*

not) (Eles não prenderam ninguém) (*won o* = eles não). O terceiro tipo de *switching*, chamado Intersentencial, é representado pela troca de código linguístico nos limites da sentença ou da frase, sendo que cada sentença do período é falada em um código linguístico, como, falantes bilíngues de Espanhol/inglês: *Sometimes I'll start a sentence in English y termino en español* (De vez em quando eu começo uma frase em inglês e a termino em espanhol). O quarto tipo é o “Intra-palavras”, no qual a troca de código ocorre dentro dos limites da palavra, tais como em Panjabi/inglês *shoppā* (*shop* = fazer compras, de inglês com o final de plural em Panjabi) ou *kuenjoy* (*enjoy*= divertir, de inglês com o prefixo *ku*, em Swahili significando “para”).

Em nossa pesquisa, encontramos vários exemplos de *codeswitching* e *codemixing*: “pedir um *black coffee*”, “você quer um *chicken-wings?*”, “trabalhava de *couple*”, “*cashar* um cheque”, e outros tantos. Percebemos que se trata de *codeswitching* quando ocorre a mudança de uma língua para outra, e *codemixing* ao ocorrer o uso de formas híbridas como “*cashar*”, *to cash* = trocar.

Esse fenômeno já foi estudado para o contato entre outras línguas. Algumas comunidades apresentam nomes especiais, às vezes, pejorativos, para uma variedade híbrida, como, na Índia *hindlish* e *hinglish*, forma mixada de inglês e Hindi, na Nigéria, *amulumala* (salada verbal) é usado pela mixagem entre inglês e yorubá; já nas Filipinas, tais possibilidades são expressas pelos termos tagalog—*engalog*—*taglish*, em Quebec, pelo francês—*franglais*—*frenghish*.

Embora as mixagens e trocas de códigos sejam, em sua maioria, formas estigmatizadas de linguagem nas comunidades em que elas ocorrem, elas, geralmente servem importantes funções como marcadores de identidade étnica. Entre as minorias, o código materno (*we-code*) é usado para significar “pertencente ao grupo”, ou “grupo-in”, e o código-alvo (*they-code*) indica “não-pertencente ao grupo”, ou “grupo-out” e é usado para eventos mais formais e distantes da realidade do grupo. Os falantes utilizam a troca de código linguístico para indicar a sua atitude em relação a algo que está sendo dito. Um exemplo disso é o diálogo em Panjabi/inglês, onde o “grupo-in” é marcado com a língua panjabi e o “grupo-out” marcado com o inglês entre os imigrantes no Reino Unido: *Usi ingrezi sikhi e te why can't they learn?* (‘We learn English, so why can't they learn [an Asian language]?’). (Nós aprendemos Inglês, por que eles não podem aprender uma língua asiática?).

A troca de código linguístico enfatiza o limite entre o “nós” e o “eles”. Outras razões para a troca de código incluem a busca de prestígio através do conhecimento da língua dominante do “grupo-out”, que, geralmente pode ser associado a religião, imperialismo, educação, alguma forma velada ou intenção de poder imposto ao dominado. O

status social dos hindus, por exemplo, pode ser marcado pela introdução de alguns vocábulos de sânscrito e pali à língua vernácula, enquanto os muçulmanos usam para esse propósito o árabe e o persa.

Na Europa, usavam-se as línguas clássicas, como o Latim e o grego, quando se queria mostrar mais conhecimento. Atualmente, na Índia e na América Latina, o status social pode ser marcado usando-se palavras em inglês. Não é sempre o caso de desconhecimento das palavras em outro idioma que causa o uso de troca de código linguístico. O “*codeswitching*” amplamente difundido normalmente indica uma mudança maior ou menor em direção à língua dominante. Hoje em dia, o inglês é a língua mais usada em “*codemixing*” e “*codeswitching*” no mundo.

Para Gumperz (1982:59) *codeswitching* é a justaposição, dentro da mesma interação, de segmentos pertencentes a dois sistemas ou subsistemas gramaticais diferentes. No discurso em que ocorre *codeswitching*, os segmentos em questão fazem parte do mesmo ato de fala.

Segundo Romaine (1989), *codeswitching* difere da diglossia descrita por Ferguson (1959) na especialização prevista para o uso da diglossia, em que ocorre quase que uma relação biunívoca entre a escolha lexical e o contexto social, de modo que cada variedade possa ser vista como portadora de um propósito dentro do repertório de fala local. Em situações em que essa compartimentalização ocorre, as normas de seleção do código linguístico tendem a ser bastante estáveis.

Otheguy e Garcia (1988) classificam as inovações lexicais em empréstimos (*loanwords*) e calques (englobando o que Weinreich denominava extensões semânticas e traduções emprestadas, ou literais).

Para Câmara Jr. (1998)

Empréstimo é a ação de traços linguísticos diversos dos do sistema tradicional. O condicionamento social para os empréstimos é o contato entre povos de línguas diferentes, o qual pode ser por coincidência ou contiguidade geográfica, ou, à distância, por intercâmbio cultural em sentido lato. A coincidência ou contiguidade geográfica determina os empréstimos íntimos e a língua a que é feito o empréstimo constitui um substrato, um superstrato ou um adstrato. Os empréstimos à distância são culturais. (CÂMARA Jr., 1998)

Neste trabalho, consideramos os empréstimos linguísticos como um termo importado da língua-fonte usado na língua recipiente com uma maior ou menor adaptação fonológica, sendo, que a justificativa para o seu emprego reside no fato de que o falante tem a impressão de que nenhuma palavra ou expressão em sua língua nativa poderia suprir a lacuna de

significado que ele deseja expressar ao usar esse empréstimo. Ao dizer: “Vou fazer um ‘*part-time*’ amanhã”, o nosso falante provavelmente quer dizer que vai fazer um serviço de meio-horário além de seu horário normal de trabalho, com um sentido que ele não conseguiria transmitir usando somente português.

Autores como Weinreich (1974) fazem distinções também entre “empréstimos de termo único” e “*codeswitching* de termo único”. Seguindo a linha de Poplack et al. 1988, consideramos empréstimos as palavras que sofreram adaptações fonológicas ao serem transferidas para português, e *codeswitching*, as palavras que mantiveram as características fonológicas de inglês mesmo quando inseridas em segmentos de português.

Otheguy e Garcia (1988) dividem os calques em nível de frases e de palavras, que são, por sua vez, divididos em calques fonologicamente mixados ou calques fonologicamente independentes.

Essa tipologia permite descrever as inovações de forma mais detalhada e observar aquelas que sofrem maior difusão entre os seus usuários.

Os calques fonologicamente mixados são aqueles que usam o morfema da língua recipiente (português) com uma acepção existente somente na língua doadora (inglês). A mixagem fonológica acontece devido à semelhança entre as palavras na língua-alvo (inglês) e na língua materna (português).

Além da caracterização tradicional de empréstimos já integrados à língua nativa, no caso, o francês, Poplack, Sankoff e Miller descobriram morfemas não-adaptados do inglês mixados a afixos verbais de participípio e repetições do mesmo item lexical que nem sempre recorrem na mesma forma fonológica, mesmo quando enunciados pelo mesmo falante. Os afixos franceses podem até ser enunciados de modo “americanizado”, tendo a palavra uma morfologia francesa, mas uma fonologia inglesa, como no exemplo seguinte:

“*cooper*”, no lugar de “*cop*” (policial) e “*firer*”, no lugar de “*fireman*” (bombeiro)

Em nossa pesquisa, exemplos de *codemixing* e *codeswitching* podem ser encontrados em palavras como:

“*registrar na universidade*” = matricular-se na universidade

Existe o verbo “registrar” em português, porém não com esse significado. Esse é um calque de “*register in the university*” = matricular-se na universidade

“*aplicar para um emprego*” = candidatar-se a um emprego

O verbo “aplicar”, embora perfeito em língua portuguesa, não tem o sentido de concorrer a algum cargo. É um calque de “*apply for a job*” = candidatar-se a um emprego

“*tirar o acento*” = tirar o sotaque

O substantivo “*acento*” é um morfema da língua portuguesa, entretanto, não com a acepção de “sotaque”, representando “*accent*” = sotaque. Diz-se “o *acento*”, designando também gênero masculino à palavra que, em inglês não tem essa característica. Segundo Poplack, Sanford e Miller (1988), para um empréstimo estar completamente integrado a uma língua recipiente, ele deve ser adaptado aos padrões existentes naquela língua. Às palavras emprestadas pelo francês, por exemplo, devem ser designadas categorias gramaticais: aos substantivos e adjetivos devem ser designados gênero e número. Os verbos devem ser flexionados em tempo, modo, pessoa e número. Além disso, a forma fonológica do termo deve se conformar aos padrões da língua recipiente. Tivemos a oportunidade de observar essa integração dos empréstimos à língua portuguesa. São determinados o gênero, número e grau aos substantivos, (o *acento*, a *beguinha*); e os verbos são flexionados em pessoa e número (Ele sempre *parkeia* lá).

Assim como nos empréstimos linguísticos, o falante tem a impressão de que a mensagem a ser veiculada na língua nativa não teria o alcance do termo usando-se o sentido transmitido pelo termo da língua-fonte. Isso pode ser explicado pelas situações serem diferentes nos dois países, ou pela própria situação dos falantes, que talvez não conhecessem certos procedimentos em seu próprio país. O fato é que “*aplicar* para um trabalho” parece muito mais propício para um imigrante brasileiro nos EUA do que “candidatar-se a uma vaga de emprego”.

Vale lembrar que a inovação lexical, neste caso, é baseada em uma equação estabelecida entre os termos “aplicar” e “*apply*” que reside nas similaridades em termos de significante e também de significado. Usamos o termo “mixado”, mas o termo usado em inglês é “*merged*”, que significa “fundido”, sugerindo que houve uma fusão entre os termos da língua-fonte e da língua nativa, da qual surgiu um novo termo cujo significado migrou do modelo inglês para o português usado pelos imigrantes brasileiros.

Já os calques fonologicamente independentes são aqueles em que a analogia feita pelo falante ocorre no nível do significado e não do significante. A “independência” indica que não há nenhuma semelhança fonológica ou morfológica do termo na língua materna com o termo na língua-alvo. Segundo Otheguy e Garcia (1988), já que esses calques independentes não

têm semelhança com o modelo inglês, podemos dizer que a conexão entre eles está sendo feita apenas no nível semântico, como podemos observar nos exemplos a seguir:

“correu” para presidente = concorreu à vaga de presidente (ran for president)

“jogar uma festa” = dar uma festa (throw a party)

“Vou caminhar o cachorro” = levar o cachorro prá passear (walk the dog)

Embora tanto os calques fonologicamente mixados quanto os fonologicamente independentes consistam de palavras em português usadas de forma a decalcar o uso de um modelo em inglês, eles diferem em termos de pronúncia do calque fonologicamente independente, que não se assemelha em nada ao termo usado em inglês. A palavra “independente” foi usada exatamente para sugerir que as similaridades no nível do significado que foram estabelecidas entre o calque e o modelo em inglês operam independentemente do tipo de similaridades fonológicas presentes nos calques mixados.

Os calques frasais, por outro lado, são muito similares a calques de palavras no sentido de que eles são constituídos de palavras da língua recipiente_(português), porém com significado existente apenas na língua doadora_(inglês). São usadas frases, compostas de mais de uma palavra, para expressar ideias comuns na língua-alvo, mas que rescendem a “novidades” na língua nativa.

Não podemos, entretanto, visualizar nenhuma alteração em termos de palavras, já que são compostos de palavras de origem portuguesa. Por que, ainda assim, essas expressões soam como inovações lexicais? Podemos dizer que, ao falarmos em calques frasais, a única coisa que resta de “inovadora” é realmente a mensagem, que “soa” estrangeira ao falante nativo de português por enviar uma mensagem de modelagem claramente americana. Elas representam inovações porque nós, falantes nativos de português, somos capazes de detectar a novidade cultural, não a novidade linguística, como nos exemplos abaixo:

“Ele é suposto de ir” = ele deve ir (He is supposed to go)

“Ela está com um frio terrível” = ela está muito resfriada (She has a terrible cold)

Dos quatro tipos de inovações lexicais apresentados (empréstimos, calques fonologicamente mixados, calques fonologicamente independentes e calques frasais), podemos dizer que apenas os empréstimos, os calques mixados fonologicamente dependentes e fonologicamente independentes causam consequências à língua recipiente trazendo novas palavras, novos significados e alterações em significados tradicionais. Os calques frasais, por sua vez, deixam intocado o sistema linguístico da língua receptora, trazendo inovações apenas culturais, no nível semântico.

Fechando o quadro teórico, acho pertinente dizer que os conceitos de linguagem, língua e fala; língua, sociedade e identidade; as motivações para os contatos linguísticos; as noções de comunidade de fala e as inovações lexicais têm muito a dizer em relação a esta tese, daí se justificando a sua inclusão neste capítulo.

3 METODOLOGIA

A Sociolinguística é o estudo dos usos sociais da língua, e os estudos mais produtivos nas quatro décadas de pesquisa sociolinguística emanaram da determinação da avaliação social das variantes linguísticas. Essas também são as áreas mais susceptíveis aos métodos científicos, tais como a formação de hipóteses, inferências lógicas e testes estatísticos. (CHAMBERS, 2002, p.3, tradução nossa)¹³

Toda pesquisa é regida por uma teoria científica. Para cada teoria, há procedimentos metodológicos adequados a serem seguidos em busca de resultados que confirmem ou rejeitem as hipóteses levantadas. Portanto, a metodologia é um conjunto de procedimentos que facilita a condução da pesquisa a fim de que os resultados alcançados sejam verificáveis nos termos do quadro teórico.

Segundo Larsen-Freeman & Long (1991), uma metodologia qualitativa típica seria, por exemplo, um estudo etnográfico em que os pesquisadores não testam hipóteses, mas observam o que se apresenta e analisam os dados que podem variar durante a observação. Já um estudo quantitativo seria um experimento projetado para testar uma hipótese através do uso de instrumentos objetivos e análises estatísticas adequadas.

Segundo Ferguson (1977), a observação direta e cuidadosa da maneira como os informantes lidam com a língua em seu contexto social pode nos fornecer dados muito interessantes e até mesmo, surpreendentes. Milroy (1980) apresenta duas abordagens para o estudo feito em uma comunidade linguística: o dialetológico e o sociolinguístico.

A primeira tem como preocupação primordial o estudo geográfico das diferenças linguísticas, sendo seu produto final um mapa apresentando limites geográficos de características linguísticas, geralmente lexicais ou fonológicas. Esses limites, ou isoglossas, são plotados no mapa, marcando em que ponto a forma A se torna forma B. Os dialetos existem nos pontos em que as isoglossas coincidem. Os dialetologistas lidam com o conceito de dialeto em larga escala e com um mapeamento mais amplo da distribuição linguística em uma determinada área. A dialetologia tradicional tende a focalizar membros mais velhos da comunidade, na maioria do gênero masculino, e que tenham vivido a maior parte de suas vidas no mesmo local do seu nascimento, de acordo com Chambers & Trudgill (1980). Para

¹³ ‘Sociolinguistics is the study of the social uses of language, and the most productive studies in the four decades of sociolinguistic research have emanated from determining the social evaluation of linguistic variants. These are also the areas most susceptible to scientific methods such as hypothesis-formation, logical inference, and statistical testing. CHAMBERS (2002, p. 3)

eles, tal fala seria a mais pura forma vernácula possível. Entretanto, esses falantes vivem em áreas rurais, o que tornava a fala urbana impossível de ser considerada.

Já a segunda abordagem, a sociolinguística, influenciada por Labov, teve suas raízes em estudos dialetológicos, embora tenha se voltado mais para o lado da observação direta da mudança linguística em uma comunidade.

Labov entrevistou um grande número de falantes de várias etnias diferentes em Martha's Vineyard, uma ilha na costa leste dos Estados Unidos, no estado de Massachusetts. Assegurando-se de ter uma amostra representativa de gêneros e idades diferentes, Labov pôde observar mudanças linguísticas em progresso, focalizando realizações variáveis dos ditongos /ay/ e /aw/ como em "nice" e "mouse". Ele notou um movimento diferente do padrão da região de New England, que compreende os estados de Maine, New Hampshire, Rhode Island, Vermont e Massachusetts.

Labov observou uma maior centralização do segundo elemento do ditongo, característica dos conservadores falantes de Vineyard. Surpreendentemente, os falantes mais carregados desse sotaque eram os homens mais jovens, que buscavam se identificar como originários de Vineyard, rejeitando os valores do continente e a invasão de ricos veranistas ao tradicional modo de vida da ilha. O encaixamento linguístico e social da variável linguística, levou a sociolinguística variacionista à abordagem empiricista dos fatos linguísticos. De um lado estavam aqueles que reagiam à invasão dos turistas do continente, tentando preservar sua própria identidade; de outro, aqueles que se identificam com o processo econômico em curso, buscando a integração cultural com os padrões do continente. Essas atitudes de orientação cultural ou ideológicas foram determinantes no processo de centralização dos ditongos /ay/ e /aw/, na comunidade da ilha. A centralização dos ditongos tornou-se a marca de identidade cultural da ilha, pois aqueles habitantes que resistiam à perda de identidade foram os que mais centralizaram. Esse fator se superpõe e permeia todos os outros fatores sociais considerados.

Assim sendo, apesar de toda a base empírica que dá sustentação ao processo de centralização dos ditongos em Martha's Vineyard, a inferência de que a variável subordina-se à orientação cultural é resultado da interpretação do autor, e não reflexo imediato de uma quantificação neutra. Passou-se, então, do plano quantitativo, em que há apenas impressões fragmentárias, para um plano de interpretação qualitativa.

Nas palavras de Lucchesi:

Uma análise desse tipo, que permite uma compreensão globalizante da interação entre o processo linguístico e o processo social é, portanto, muito mais esclarecedora do que uma que apresentasse resultados do tipo: 'os fazendeiros

centralizam mais do que os pescadores’, ‘os homens centralizam mais do que as mulheres’ etc. Quanto mais esclarecedor for um estudo sobre um processo particular de mudança (como é o caso de Martha’s Vineyard), mais esse processo será individualizado e particularizado, já que se trata de uma representação adequada de um processo histórico e cultural, o que extrapola as generalizações derivadas do indutivismo empíricista que infelizmente tem marcado as preocupações da sociolinguística variacionista. (LUCCHESI, 2000, p. 204).

O processo de mudança é sempre resultado de um processo de interação extremamente complexo. Assim, as generalizações empíricas, principalmente quando não integradas em uma interpretação globalizante do processo social, muito pouco esclarecem sobre o processo de mudança, que é historicamente determinado. Para Lucchesi (2000), as quantificações representam apenas aproximações do fenômeno e “as únicas generalizações possíveis não se referem ao que foi apreendido, mas como se deu a apreensão” (p. 205).

A partir dos estudos de Labov em Martha’s Vineyard, muitos axiomas tidos como verdadeiros pelos dialetologistas caíram por terra. Por exemplo, os falantes mais carregados do sotaque vernáculo não são necessariamente os mais idosos, e tampouco os dialetos mais conservadores estão dando lugar ao inglês padrão. O conceito de dialetos unitários marcados por isoglossas agora recende a simplificação demasiada e os falantes exploram recursos do dialeto como meio de projetar suas identidades sociais.

Outras inovações foram feitas por Labov (1961). Em vez de buscar obter itens lexicais através de questionários formais, ele baseou sua análise em discursos conversacionais, suplementados por leituras de textos e listas de palavras. Seu trabalho não teria apresentado resultados tão reveladores apenas através de entrevistas formais, pois muito do que ele descobriu dependia de uma compreensão mais global da situação política e social dos moradores de Martha’s Vineyard, ressentidos pela economia decadente da pesca e movimento crescente dos turistas de verão, agravada pelas várias etnias presentes e de status diferentes na ilha, entre outras questões.

A presente pesquisa tem como pressupostos metodológicos a sociolinguística variacionista de Labov (1966), sendo que a metodologia utilizada para coleta e análise dos dados foi também baseada nos estudos e pesquisas realizados por Labov.

A sociolinguística variacionista estuda a língua em uso em uma comunidade linguística, que é heterogênea, sendo que cada comunidade de fala possui características linguísticas que a distinguem das outras.

Segundo Moura (2007), “nenhum indivíduo na verdade fala uma língua, nem o espanhol, nem o português, nem o inglês. Todos nós falamos uma variação dessas línguas”.

Dessa forma, há um leque de possibilidades de falas à disposição do falante. A essas formas linguísticas alternativas dá-se o nome de variantes e ao seu conjunto chamamos de variável. A princípio, temos que considerar que o principal objetivo da sociolinguística é “compreender os complexos padrões de interação entre língua, cultura e sociedade” como afirma Moura (2007), e para isso, procura desenvolver novas metodologias.

Como sugere Oliveira e Silva (2003, p.117), a linguagem pouco se presta à experimentação, já que só se manifesta na espécie humana, dificilmente manipulável para fins de pesquisa. Portanto, a observação surge como único método para coleta de dados. Mas, para se colocar em prática essa coleta, é necessário tomar-se uma série de decisões quanto à comunidade de fala que será analisada, ao número de falantes que serão observados e à seleção desses falantes. Em alguns casos, a comunidade a ser escolhida depende da seleção do fenômeno. Para isso ocorrer, é necessário que a fala dessa comunidade já seja, de certa forma, conhecida.

Pode ocorrer também o inverso, ou seja, o pesquisador pode encontrar primeiro uma comunidade cuja fala nunca foi estudada e, por isso, considera o seu estudo importante. Dessa maneira, o fenômeno surgirá a partir dos dados. Essa ordem não é relevante, pois há vários caminhos adequados a serem seguidos que nos levam a resultados que correspondem à metodologia proposta. É preciso também que se tenha consciência de que a pesquisa não tem como englobar todos os falantes de uma comunidade linguística. Assim, o que se tem é uma amostra representativa da fala dessa comunidade. Para a montagem dessa amostra, é necessário pensarmos no número de indivíduos, que por sua vez, depende da homogeneidade da população, que deve compartilhar um grupo de regras de usos linguísticos e culturais; da quantidade de variáveis analisadas; do fenômeno; do método e do número de membros da comunidade, além de outros fatores.

De acordo com Labov (2001), em estudos sociolinguísticos, existe a necessidade de se estabelecer parâmetros tanto de ordem linguística, como de ordem extralinguística (gênero, faixa etária, escolaridade, procedência, dentre outros) para possível interpretação dos fenômenos que envolvam variação.

Feita a coleta de dados e uma pré-análise dos mesmos, a etapa seguinte da pesquisa é transcrever os dados, a fim de poder analisá-los de forma mais consistente, uma vez que “não conseguimos estudar o oral através do próprio oral”, como afirma Labov (2008, p.135).

Para que se possa ter uma análise o mais fiel possível da fala do indivíduo, existem procedimentos que devem ser seguidos, sendo que a maioria deles foi projetada a partir de experimentações práticas de outros pesquisadores. Para se captar o vernáculo, é necessário,

por exemplo, que o falante esteja à vontade e não esteja monitorando a própria fala durante o processo, o que não se consegue facilmente durante uma entrevista. Labov sugere então que o pesquisador use pessoas da comunidade para entrevistarem seus pares, por exemplo. Alguns assuntos também tendem a fazer com que o falante “entre no clima” da conversa sem se lembrar que está sendo entrevistado.

Após essa etapa, podemos montar o ‘corpus’ da pesquisa. Porém, como o levantamento e a transcrição dos dados são etapas que exigem muito trabalho e atenção do pesquisador, há vários programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturados para acomodar dados de variação sociolinguística, segundo Guy e Zilles (2007, p.105). Isso nos permite utilizar um corpus levantado e transcrito, facilitando o trabalho do pesquisador. Optamos, nesta pesquisa, pelos testes de correlação entre variáveis “Qui-quadrado”, utilizado em vários trabalhos nesta área.

Em nossa pesquisa, os dados coletados a partir de entrevista sociolinguística baseada no método desenvolvido por Labov em 1966 foram transcritos e dispostos em tabelas do Excel.

A pesquisa em questão fez uso de elementos qualitativos e quantitativos. O estudo é qualitativo em relação à densidade de dados e número de informantes, baseando-se nos estudos sobre entrevista sociolinguística de Gumperz e Labov. O estudo também mostra uma perspectiva qualitativa ao tentar estabelecer quem faz uso desse falar, em que circunstâncias ele ocorre e por que ele ocorre. Podemos dizer também que, em relação ao tipo de estrutura envolvida, esse estudo é qualitativo, ao verificarmos os tipos de palavras e aspectos envolvidos na mixagem feita pelos brasileiros nos EUA.

Estamos trabalhando também com uma metodologia quantitativa, que envolve números e estatísticas, já que a sociolinguística variacionista é uma ciência empírica, que trabalha com dados reais da fala. Para essa metodologia, o fator quantitativo é determinante para caracterizar uma variação.

A etapa seguinte constituiu a análise dos dados com o intuito de enumerar e discutir os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam o fenômeno em estudo. Essa análise consistiu em usar os dados como argumento em favor das hipóteses levantadas e não como mera ilustração. Há vários testes disponíveis que podem apontar os fatores significativos para a análise. Utilizamos para o tratamento estatístico dos dados desta pesquisa o teste estatístico *Chi-square* (Qui-quadrado).

Em um segundo momento, uma perspectiva mais quantitativa analisou estatisticamente os dados retirados do corpus deste trabalho.

Ao contrário de outras correntes linguísticas, o variacionismo parte do pressuposto de que a heterogeneidade manifestada na fala pode ser analisada de forma consistente. O pesquisador deve, portanto, desprezar a tentação de confiar em suas próprias intuições e exemplos construídos por ele próprio para, em vez disso, segundo Monteiro (2008), colher uma boa quantidade de dados numa comunidade. Tais dados são, posteriormente, submetidos a análises estatísticas para a testagem de suas hipóteses.

Baseado em suas próprias experiências e nas experiências de Gumperz (1964), Labov (1966) desenvolveu alguns axiomas metodológicos em relação à pesquisa de campo, a saber:

- ✓ Não há falantes que usem apenas um estilo;
- ✓ Os estilos podem variar de acordo com a atenção que se dedica ao discurso;
- ✓ O vernáculo, onde se percebe atenção mínima à fala, fornece os dados mais sistemáticos para a análise linguística. Para ele, vernáculo é o modo de falar adquirido durante a pré-adolescência, tendo um caráter bastante regular.
- ✓ Qualquer observação sistemática de um falante define um contexto formal em que mais do que a atenção mínima é dedicada à fala. Portanto, não é de se esperar que o vernáculo não apareça na maior parte de uma entrevista face-a-face, não importando o grau de informalidade do informante. Devemos ter em mente que muitas variáveis linguísticas aparecerão apenas quando não houver um observador presente;
- ✓ As entrevistas face-a-face são o único meio de se obter o volume e qualidade de registros necessários a uma análise quantitativa confiável.

Labov (1966) atenta para o problema do “*Observer’s Paradox*”, ou seja, os informantes devem ser observados quando falam, entretanto eles só usarão o vernáculo quando sentirem que não estão sendo observados, o que é conhecido em outras áreas como o “Efeito do Experimentador”. Como todos os métodos citados apresentavam problemas, e com o objetivo de minimizar as limitações, Labov decidiu combinar as abordagens para obter a melhor solução para o impasse.

Monteiro (2008), ao analisar o trabalho investigativo de Labov, coloca uma série de questões de ordem prática que foram também consideradas em nossa pesquisa, tais como:

- ✓ Qual o tipo de comunidade de fala?
- ✓ Que dialetos existem e quais deles interessam ao investigador?
- ✓ Quais as fronteiras que delimitam essa comunidade?

- ✓ Quais as características dessa comunidade? Rural, urbana, industrializada?
- ✓ Quantos informantes serão necessários para a composição da amostra?
- ✓ Como entrar em contato com os informantes?

O tipo de comunidade de fala que nos interessava era a comunidade de brasileiros imigrantes vivendo no entorno de New York e Boston, falantes nativos de português brasileiro, mas usuários de inovações lexicais em sua fala do dia-a-dia.

A seguir, enumeramos respostas de nossa pesquisa às inquirições relacionadas por Monteiro (2008) baseadas em Labov (1966), que estão exibidas acima.

✓ Estudos em comunidades: as pesquisas sociolinguísticas originais enumeravam a população, selecionando indivíduos ou casas, aleatoriamente, dentro daquela população, entrevistando, então, cada um por um instrumento padrão. O estudo pode ser estratificado se selecionarmos indivíduos por gênero, idade, classe ou etnia para obter uma representatividade de todos os tipos. No presente estudo, a estratificação foi feita em termos de gênero e idade, já que os demais fatores (classe social, grau de escolaridade, tempo de residência nos EUA, idade em que iniciaram a aprendizagem de inglês) são as demais variáveis não-estruturais consideradas neste estudo.

✓ A seleção de uma comunidade: A seleção constrói uma amostra da cidade em seu sentido mais amplo. Para isso, os critérios de seleção devem contemplar grupos sociais, residenciais e étnicos que sejam representativos da cidade. A seleção do presente estudo foi feita com auxílio do co-orientador nos EUA, tendo-se o cuidado de escolher grupos representativos da comunidade brasileira dentro das cidades de Newark, Mount Kisco e Cape Cod.

✓ A entrada na comunidade: Duas estratégias básicas devem ser utilizadas, sendo a primeira o contato com indivíduos ou pequenos grupos disponíveis para interação e a segunda por meio de pessoas com posições centralmente estratégicas em instituições sociais locais, como estabelecimentos comerciais, escolas e igrejas. Em comunidades de classe média, observou-se que a segunda abordagem foi mais bem-sucedida, enquanto que em comunidades de classe trabalhadora, a aproximação informal obteve mais sucesso. A pesquisa em questão obteve mais sucesso também se utilizando da abordagem “conversa casual” com membros da comunidade. Essas comunidades costumam fazer uso de jornais e informativos que mencionam pessoas influentes na comunidade local e eventos em que uma conversa informal

pode acontecer. Como sou brasileira, isso minimizou os efeitos do “observer’s paradox” (Efeito do Experimentador) mencionado por Labov (1966).

Os brasileiros se comunicam entre si falando o português vernáculo e o português colorido com as inovações lexicais realizadas pela maioria deles.

Pode-se dizer que as fronteiras geográficas que delimitam essas comunidades são as cidades e estados periféricos a New York e Boston. Tentamos concentrar o estudo em Newark, New Jersey, Mount Kisco, New York e Cape Cod, Massachusetts.

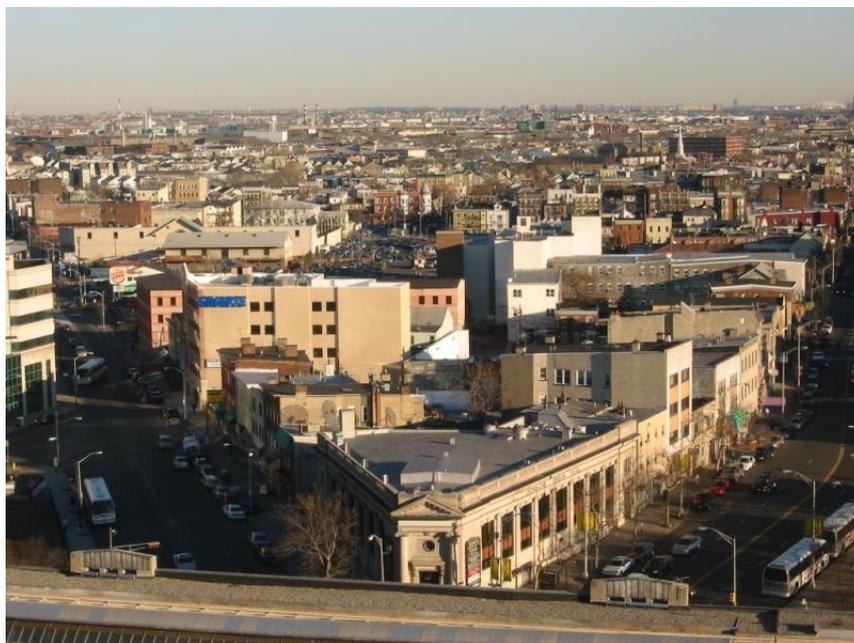


Figura 1: Ironbound, Newark, NJ – Fonte: Wikipedia

Newark é a maior cidade do estado americano de New Jersey, e uma das principais cidades da Região Metropolitana de New York. A menor das 100 mais populosas cidades norte-americanas, Newark possui uma área de 63 km², onde moram aproximadamente 273 mil habitantes, com uma densidade populacional de 4.400/ Km². Um dado interessante é que, na cidade de Newark, existe um bairro operário chamado "Ironbound", onde há uma enorme concentração de portugueses, brasileiros e mais recentemente um enorme fluxo de sul-americanos oriundos em sua maioria do Equador, além de uma grande concentração de Mexicanos. É um bairro onde o idioma inglês é pouco ouvido, devido à grande concentração dos idiomas português e espanhol. No bairro citado, a principal rua é a Ferry Street, que sai da Wilson Avenue e vai até a outra extremidade da cidade, terminando praticamente dentro da

estação de trem chamada PennStation. Newark é um moderno centro comercial, industrial e financeiro, e onde está localizado o segundo principal aeroporto da zona metropolitana de New York, que movimenta quase 30 milhões de passageiros anualmente.

Trata-se de comunidades inseridas em cidades pequenas, onde o aluguel em geral é mais acessível, possibilitando a vida dos brasileiros imigrantes que trabalham em New York e precisam se deslocar até lá, sendo, portanto, não tão onerosas que não possam ser pagas e nem tão distantes que não ofereçam condições de deslocamento diário.

Como mencionado anteriormente, o nosso estudo foi feito a partir de entrevistas sociolinguísticas realizadas de acordo com sugestões do orientador no Brasil e do co-orientador nos EUA. As comunidades de fala escolhidas para tal foram Newark, NJ, reduto dos brasileiros em busca de trabalho na região de New York, Mount Kisco, N.Y. e Cape Cod, Massachusetts.



Figura 2: Mapa Da Baía de Cape Cod – Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Cape_Cod_Bay_map.png

Cape Cod é uma península que forma a Baía de Cape Cod, localizada no extremo leste do estado de Massachusetts. É um dos pontos turísticos mais visitados dos Estados Unidos da América durante os meses de verão, por causa de suas praias, o que aumenta significativamente sua população de 230 mil habitantes para um número flutuante superior a meio milhão neste período. Um total de 20% das entrevistas foram realizadas em Cape Cod, localizado a cerca de 1h de Boston, Massachusetts.

Entretanto, a maioria das entrevistas foi feita em Newark. Essa cidade oferece possibilidades de moradia mais econômica e é possível que a presença massiva da comunidade portuguesa radicada lá, tenha atraído uma quantidade também massiva de brasileiros, provavelmente pela facilidade de se comunicar em português.

Elaborei um protocolo e agendei algumas entrevistas. A primeira entrevista foi na casa de uma brasileira, diarista, em uma cidade satélite de New York, chamada *Mount Kisco*. Nesse mesmo dia entrevistei outras quatro pessoas, perfazendo um total de cinco no primeiro dia. As demais entrevistas foram feitas no salão de beleza e em casas de amigos.

Observando que as entrevistas, frequentemente, não me propiciavam as evidências que eu buscava, conversei com meu co-orientador a esse respeito. Segundo ele, o fato de eu ser uma brasileira que não fazia parte da rotina de vida e trabalho que os brasileiros imigrantes compartilhavam entre si, sendo eu uma pesquisadora de doutorado, isso acabava inibindo o uso das inovações lexicais que eles usavam uns com os outros diariamente. Eu ficava, às vezes, ouvindo conversas de brasileiros e detectava várias evidências de uso das inovações lexicais que estava pesquisando. Entretanto, ao responder as minhas perguntas, essas inovações, muitas vezes não apareciam na fala deles.

Chegamos à conclusão, Dr. Otheguy e eu, de que eu deveria fazer uso também de outros recursos, tais como listas de “disponibilidade léxica” em que eu pedisse aos entrevistados que citassem palavras que eles usavam em seu trabalho e atividades diárias nos EUA. Pedir que eles citassem palavras relacionadas ao seu trabalho funcionou relativamente bem, mas o que realmente obtive um bom resultado foi uma ferramenta que eu acabei desenvolvendo por conta própria: elaborei uma lista de palavras que evidenciavam a ocorrência das inovações lexicais nos EUA, que exibiam palavras tais como “*parkear*”, “*bisado*”, “*cashar*”, entre outras. Os informantes deveriam assinalar aquelas que já haviam ouvido ou das quais faziam uso. Essa atividade me pareceu produtiva, pois eram palavras que eu já havia detectado na fala dos brasileiros. A essa lista, acrescentei palavras criadas por mim, porém que faziam uso das mesmas estratégias de inovação lexical. Usei-as como “grupo de controle”, um “placebo” que me traria informações de que estaria no caminho certo, caso eles marcassem apenas as palavras que realmente já faziam parte do repertório dos brasileiros, e não marcassem as pseudo-inovações criadas por mim.

O resultado foi bastante satisfatório. Os brasileiros marcaram as palavras que já haviam ouvido ou usado. No capítulo relativo à análise dos dados, página 169, uma cópia dessa lista pode ser encontrada.

Não consegui, entretanto, fazer com que todos os entrevistados lessem e marcassem essa lista, pois perdi o contato com muitos deles, que moravam em outras cidades ou haviam voltado ao Brasil.

Apresentaremos, a seguir, considerações acerca da coleta de dados em sociolinguística variacionista e, mais especificamente acerca da coleta de dados realizada nesta pesquisa.

3.1. Coleta de dados

... cabe [ao linguista] a responsabilidade de descobrir quais são os fatores relevantes, de levantar e codificar dados empíricos corretamente, e, sobretudo, de interpretar os resultados numéricos dentro de uma visão teórica da língua..
(NARO, 2003, p. 25)

Nas palavras de Guy (1993), o objetivo principal do estudo quantitativo numa pesquisa dialetal não é o de produzir números, mas identificar e explicar fenômenos linguísticos. Para isso, precisamos testar hipóteses, comparar análises alternativas e desenvolver modelos de dados através dos quais possamos fazer previsões.

Tendo decidido em relação aos procedimentos acima, é preciso refletir sobre o contato e o número suficiente desses contatos para a coleta dos dados. Basicamente existem três tipos de contato: interações livres, entrevistas e testes, segundo Oliveira e Silva (2003). Campoy (2005) apresenta outras alternativas como enquetes e questionários postais, eletrônicos e presenciais.

Campoy (2005) aborda também alguns tipos possíveis de entrevistas (individual programada, anônima fugaz e telefônica) e de testes (de disponibilidade léxica e de escalas de nível). Cada um desses contatos possui vantagens e desvantagens, portanto, essa seleção dependerá do fenômeno a ser estudado em cada pesquisa.

Os procedimentos para a coleta de dados foram idealizados juntamente com o orientador no Brasil e o co-orientador nos EUA. Utilizamos o questionário baseado em Otheguy e Zentella, onde o perfil sociolinguístico do informante pôde ser detectado.

O segundo procedimento foi a entrevista sociolinguística, gravada com equipamento cedido pela CUNY (City University of New York) com entrada USB para digitalização.

A Entrevista Sociolinguística: A primeira conversa com um membro da comunidade-alvo deve seguir um protocolo que advém de pesquisas sociolinguísticas (cf. Labov, 1966; Shy, Wolfram and Riley, 1966; e Labov, Cohen and Robins, 1968).

Os objetivos dessa entrevista são:

- ✓ Registrar com razoável fidelidade de 1 a 2 horas de cada falante.
- ✓ Obter os dados demográficos necessários para análise dos padrões sociolinguísticos (idade, residência, escola, ocupação, língua, localização, relacionamentos, renda, associações).
- ✓ Obter respostas comparáveis a questões que definem atitudes contrastivas e experiências entre subculturas.
- ✓ Estimular narrativas de experiências pessoais, onde se revelam estilos comunitários e o estilo tende a mudar para o vernáculo.
- ✓ Estimular interação entre os participantes, onde as normas da comunidade geralmente são reveladas, e o estilo também tende a mudar para o vernáculo.
- ✓ Detectar, dentre vários tópicos, aqueles de maior interesse para o informante, estimulando-o/a a definir o tópico.
- ✓ Traçar os padrões de comunicação entre os membros da comunidade, estabelecendo sua posição na rede de comunicação.
- ✓ Obter um registro de atitudes observáveis em relação à língua, características e estereótipos linguísticos.
- ✓ Obter informações específicas de estruturas linguísticas através de citação formal.
- ✓ Executar experiências de campo em reações subjetivas em relação à percepção de formas linguísticas (pares mínimos e testes de comunicação, auto-relatos, testes de reação subjetiva e testes de história familiar).

O terceiro procedimento foi o uso de uma lista de palavras e expressões que denotam a ocorrência das inovações lexicais em questão. Os informantes deveriam marcar aquelas que já haviam usado e/ou testemunhado. Essa lista foi uma adaptação dos recursos de disponibilidade léxica sugerida pelo co-orientador, Dr. Ricardo Otheguy.

Faremos, a seguir, uma exposição acerca de como a amostra de nossa pesquisa foi determinada.

3.2. A determinação da amostra

Toda questão de pesquisa define um universo de objetos aos quais os resultados do estudo deverão ser aplicados. A população-alvo, também chamada população estudada, é composta de elementos distintos possuindo determinado número de características comuns (pelo menos uma). Essa característica comum deve delimitar inequivocamente quais são os elementos que pertencem à população e quais são aqueles que não pertencem. Esses elementos, chamados de unidades populacionais, são as unidades de análise sobre as quais serão recolhidas as informações.

Uma amostra é um subconjunto de indivíduos da população-alvo. Existem dois tipos de amostras, as probabilísticas, baseadas nas leis de probabilidades, e as amostras não-probabilísticas, que tentam reproduzir o mais fielmente possível a população alvo. Entretanto, somente as amostras probabilísticas podem, por definição, originar uma generalização estatística, apoiada no cálculo de probabilidades e permitir a utilização da inferência estatística.

O número da amostra deve, segundo Oliveira e Silva (2003), depender da homogeneidade da população, do número de variáveis pesquisadas, do fenômeno, do método e, é claro, do orçamento disponível.

Podemos afirmar, contudo, que qualquer tipo de contato exige recursos tecnológicos e uma preparação prévia, principalmente no caso de entrevistas em que o pesquisador entra em contato direto com os informantes. Como o objetivo da Sociolinguística é observar a fala no cotidiano, deve-se ter muito cuidado para que a fala em observação não seja artificial.

Captar uma fala natural é um dos maiores desafios encontrados pelo pesquisador, uma vez que este faz uso de recursos tecnológicos como o gravador. Sabemos que a utilização desse equipamento inibe de imediato o entrevistado, que passa a se preocupar mais com a sua fala, tentando evitar os “desvios”. Nesse momento, o pesquisador encontra-se no paradoxo do observador: “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática” como bem lembra Labov (2008, p.244). Obviamente, esse fato se agrava, caso o entrevistador seja uma pessoa desconhecida dentro da comunidade em estudo.

Portanto, o pesquisador deve tomar uma série de cuidados para conseguir registrar uma fala que seja a mais natural possível. Uma técnica para conseguir isso é ter contato com

os informantes antes da realização da coleta de dados. Isso contribuirá para uma maior familiarização com a comunidade e permitirá que o pesquisador possa comparar as falas, sem e com o uso de equipamentos que possam registrá-las.

Uma segunda tradição dos métodos de pesquisa de campo dentro dos estudos de sociolinguística originou-se nos trabalhos de Gumperz (1964), que se utilizou de técnicas de observação participante a fim de obter amostras registradas de interação de grupos. Não utilizamos o método de observação participante em nossa pesquisa.

A seleção dos informantes, normalmente, é aleatória. O método aleatório simples parte do princípio de que “todos os indivíduos têm exatamente igual probabilidade de escolha”, segundo Oliveira e Silva (2003, p.124). Já a aleatória estratificada separa a amostra, dividindo a população em células “compostas, cada uma, de indivíduos com as mesmas características sociais”. O número recomendável de indivíduos por célula é de 5 informantes, dependendo, é claro, da extensão da comunidade. Portanto, para a variável gênero, por exemplo, teremos 10 falantes, 5 do gênero feminino e 5 do masculino.

O tamanho da amostra deve considerar também o número de categorias ou células. Como este estudo incide sobre um grupo social distribuído em função de gênero e idade, desenhamos as seguintes combinações:

- ✓ Masculino da 1ª faixa etária - 12 a 20 (adolescentes)
- ✓ Masculino da 2ª faixa etária - 21 a 30 (jovens adultos)
- ✓ Masculino da 3ª faixa etária – 31+ (adultos)
- ✓ Feminino da 1ª faixa etária - 12 a 20 (adolescentes)
- ✓ Feminino da 2ª faixa etária - 21 a 30 (jovens adultos)
- ✓ Feminino da 3ª faixa etária - 31 + (adultos)

Muitos estudiosos, incluindo-se aí Tarallo (1986), sugeriram que o número ideal por célula seria de cinco informantes, advindo daí a determinação do tamanho de nossa amostra.

Torna-se necessário, nesse ponto, fazermos um aparte para relatarmos como o acaso, às vezes, tem um papel importante nas pesquisas. Ao chegarmos a New York, antes de conseguirmos um apartamento para morar, ficaríamos uns dias com alguns amigos. O apartamento deles, entretanto, não estava em condições de receber mais uma família e, assim, acabamos sendo hospedados por amigos desse nosso amigo, que tinham uma casa maior e em condições de nos acomodar por alguns dias. Nossos anfitriões, para minha felicidade, tinham

um salão de beleza em Newark (Salão Brazil) que só atendia ao público brasileiro. O salão tornou-se, então, a minha maior fonte de informantes.

As entrevistas *in loco* são mais recomendáveis que as feitas por correspondência ou online, pois durante essas entrevistas ocorre o desejável “mergulho na comunidade”, que transforma o pesquisador em parte da paisagem, desfazendo as possíveis e prováveis inibições do informante, ameaçado pela presença do estranho que lhe pergunta coisas da sua vida e profissão. Normalmente, os entrevistadores são confundidos com informantes do governo, indesejáveis na comunidade, principalmente em se tratando de imigrantes ilegais.

O questionário que se destina à investigação dialetal deve ser elaborado segundo o que se pretende atingir: ao se buscar um levantamento geral das características dialetais da região, o questionário deve ser amplo e abrangente, abordando as diferentes áreas semânticas que informam e recortam o universo biossocial do pesquisado.

Em nossa pesquisa, os informantes foram selecionados de acordo com os critérios que evidenciam a pesquisa: trabalhadores braçais, culturalmente desengajados da cultura americana e não fluentes na língua inglesa. Isso foi feito utilizando-se eventos comunicativos reais, sempre que possível.

A comunidade foi escolhida conforme sugestões do orientador no Brasil e do co-orientador nos EUA, considerando-se os estudos de Labov (1966) e Milroy (1980) em relação a esse tema. Uma entrevista-piloto foi feita, em primeiro lugar, com o objetivo de apurar as condições de realização do estudo e prever possíveis falhas durante a aplicação das entrevistas. A entrevista-piloto, que teve um protocolo baseado em Labov (1966), foi aplicada a uma célula composta de cinco informantes.

Após análise da entrevista-piloto e ajustes que se fizeram necessários, a entrevista baseada em Labov (1966) foi aplicada. A entrevista sociolinguística teve apenas a parte informal baseada em Labov (1966), já que não se pode extrair um “vernáculo” da interlíngua dos brasileiros desterrados, pelo menos dos adultos, que já eram falantes nativos de português antes de emigrarem para os EUA. A entrevista foi, na verdade, uma conversa casual com um *script* previamente selecionado pela entrevistadora, visando produzir as inovações lexicais utilizadas pelos brasileiros. Para isso, bastou introduzir o tópico “trabalho”, por exemplo, e as inovações lexicais se manifestaram naturalmente.

Essa foi a forma mais adequada de se coletar dados para esta pesquisa. Segundo Perini (2007),

a exigência de exaustividade (na medida do possível) é importante para evitar a seleção de evidência, voluntária ou involuntária, que constitui uma das pragas da metodologia linguística atual. O pesquisador, na preocupação de encontrar evidência que corrobore sua teoria, seleciona dados favoráveis com muito mais energia do que a que utiliza na procura de dados desfavoráveis, apresentando, dessa maneira uma imagem deformada da realidade linguística em estudo. (PERINI, 2007).

Uma etapa posterior foi dedicada à transcrição das entrevistas e estudo detalhado dos aspectos fonológicos, sintáticos, morfológicos, semânticos e pragmáticos do corpus coletado, incluindo-se aí a análise das causas de ocorrência e circunstâncias que promovem as variações que verificamos. Ao analisarmos esses aspectos dos dados coletados fizemos uma contribuição para o estudo da linguística, no sentido de compreendermos o que acontece quando duas línguas entram em contato tão direto.

Uma pesquisa muitas vezes suscita muito mais perguntas que respostas. A conclusão do trabalho pode acabar revelando aberturas a novas propostas. A pesquisa em questão caracterizou-se como um estudo das atitudes linguísticas de brasileiros vivendo em um país estrangeiro, dentro de seu próprio contexto linguístico. Foi dado um tratamento inovador à questão da variação linguística ao abordarmos o fenômeno sob o ponto de vista dos usuários comuns da língua, o que revelou valores e representações que parecem estar na base do processo de construção de uma identidade linguística por parte dos usuários.

Sabemos que uma das tarefas da sociolinguística é descrever as línguas em sua diversidade funcional e social. No modelo laboviano, a opção de pesquisa tem sido a análise quantitativa da fala de um grupo de indivíduos, isso porque o vernáculo é a propriedade de um grupo, não de um indivíduo. A preocupação do investigador é, então, descrever uma variedade linguística, cujo problema maior é estabelecer suas fronteiras.

Após a análise do corpus, foi realizado um estudo que apontou as circunstâncias que levam à criação e manutenção desse tipo de inovação lexical procurando resolver a seguinte questão: uma vez criada, o que favorece ou inibe a sua utilização? Sendo um estudo de natureza empírica e lidando exclusivamente com dados coletados a partir de entrevistas com os informantes, formalizou-se algo que já era de conhecimento tácito dos brasileiros imigrantes nos EUA. Além de trazer esse assunto de natureza prática à academia, procuramos detectar as causas e as características das inovações lexicais realizadas pelos brasileiros imigrantes nos EUA.

4 ANÁLISE DOS DADOS

...minha dívida mais profunda é para com os muitos falantes de inglês que me convidaram às suas casas, compartilharam comigo suas varandas, suas esquinas de rua e seus bancos de praça, que se desviaram de outros afazeres para conversar, transformando suas próprias experiências em linguagem para o meu benefício. (LABOV 2008)

4.1. Introdução

Passamos, agora, à análise quantitativa e qualitativa dos dados desta tese. Para isso, faremos primeiramente um apanhado sobre o paradigma quantitativo da sociolinguística.

Descreveremos, então, os procedimentos adotados na análise e, depois disso, faremos uma descrição das peculiaridades sócio-demográficas dos informantes.

O próximo passo será uma descrição sobre o que entendemos em relação às inovações lexicais. Por ser um assunto que suscita terminologias diferentes e pontos de vista de autores diferentes, decidimos abordar esse tópico nesta parte da pesquisa, onde lidamos diretamente com os dados.

Passamos, no próximo subseção, ao tratamento estatístico realizado com os dados desta pesquisa.

A próxima etapa constitui a análise dos dados com o intuito de observar quais os fatores linguísticos e extralinguísticos podem estar influenciando a fala da comunidade linguística em estudo.

O paradigma quantitativo originou-se em sociolinguística com os estudos de Labov em New York e Filadélfia nos anos 60 e 70, segundo Bayley (1996). Essa abordagem ao estudo de línguas em uma comunidade foi, posteriormente, estendida a várias comunidades linguísticas pelo mundo afora, incluindo-se aí o Panamá com Cedergreen (1973), Norwich, na Inglaterra com Trudgill (1974), Guiana com Rickford (1987) e Rio de Janeiro, com Guy (1981).

Os princípios-chave que norteiam o paradigma quantitativo da sociolinguística são, segundo Bayley (2002), o “Princípio da Modelagem Quantitativa” e o “Princípio das Causas Múltiplas”. O primeiro afirma que podemos examinar atentamente as formas que a variável

pode tomar e observamos que características contextuais (ambiente linguístico que envolve a variável e os fenômenos sociais que a circundam) co-ocorrem junto a essa variação.

Já o segundo princípio, o “Princípio das causas múltiplas”, afirma que um único fator contextual não pode ser responsável por uma variável linguística, havendo, geralmente, várias causas, tanto linguísticas quanto extralinguísticas, que podem explicar uma variação.

Para Guy (1991), além dos princípios mencionados por Bayley (2002), devemos também considerar as diferenças inerentes ao próprio indivíduo, que podem diferir quanto à taxa de uso de uma regra variável, por exemplo, e que os indivíduos considerados devem pertencer à mesma comunidade de fala, apresentando, desse modo valores idênticos ou similares às variáveis em questão.

Em suma, o paradigma quantitativo da sociolinguística demonstra a natureza *sistemática* das variações linguísticas que se acreditava *aleatória*. Além disso, as pesquisas têm mostrado que as formas linguísticas variáveis são regidas por múltiplos fatores externos e internos e que os padrões individuais tendem a se igualar aos padrões comunitários. Isso foi conseguido através de métodos de pesquisa que passaram de linguisticamente intuitivos a compilações de interações reais com os falantes da comunidade linguística.

Sob essa perspectiva, ressaltamos que a presente pesquisa tem como base a análise quantitativa e qualitativa de dados de fala obtidos a partir da orientação dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação ou Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972).

Entrevistamos 30 informantes, 15 do gênero feminino e 15 do gênero masculino, todos brasileiros imigrantes nos Estados Unidos da América. Como anteriormente mencionado, a maioria dos entrevistados eram moradores de Newark, New Jersey; outros eram moradores de Mount kisco, New York e Cape Cod, Massachussetts.

Os informantes desta pesquisa estão descritos como 1F, 2F, 3F....15F, para as mulheres e 1M, 2M, 3M.....15M, para os homens, perfazendo um total de 30 informantes, um número considerado razoável para um estudo de base qualitativa e quantitativa.

Todas as entrevistas dos 30 informantes foram ouvidas e transcritas, sendo posteriormente analisadas e colocadas em tabelas onde foi contabilizada a ocorrência das inovações lexicais.

As idades dos informantes deste estudo variaram entre 12 e 58 anos. Dois dos informantes nasceram nos EUA, 4M e 9F, sendo americanos, porém considerados para esta pesquisa como brasileiros de segunda geração. Ambos passaram pelo menos um ano no Brasil, mas 9F, de 12 anos, consegue se comunicar em português com muito mais

desenvoltura que 4M, de 18. Esses dois informantes têm proficiência nativa em inglês. Durante a entrevista, 4M falou 70% em inglês e 30% em português e não usou nenhuma inovação lexical. Quando perguntado a respeito de que língua usava em casa, ele alegou falar inglês com os pais, que falam muito pouco inglês, mas disse entender o português que os pais falam com ele. Disse já ter observado o uso das inovações entre brasileiros, mas declarou não fazer uso delas, pessoalmente. Relatou, entretanto, usar expressões traduzidas literalmente de português, tais como: “cara” referindo-se a um rapaz. No caso, ele dizia: “*face*”, e seus interlocutores brasileiros notaram que não fazia nenhum sentido usar isso em inglês. Já 9F falou sempre em português e nenhuma inovação lexical foi detectada, a não ser quando ela mencionou alguns episódios em que uma influência de inglês fez com que ela cometesse erros ao falar português com a avó brasileira, por exemplo, “minha mãe tá muito *depressionada*”, “...ela está *obsessiva* com isso!”

Alguns dos entrevistados eram fluentes em inglês e português, como foi o caso de 6F, 7F, 8F, 11F, 12F, 13F, 14F, 15F, 5M, 11M e 15M. Observamos que apenas três informantes do gênero masculino eram fluentes em inglês, enquanto oito informantes do gênero feminino eram fluentes. O informante 5M nasceu no Brasil e foi para os EUA com 7 anos, sempre frequentando a escola americana, inclusive o curso superior. Ele trabalha com americanos e fala um português bem fluente para quem vive fora há tanto tempo, já que ele tem agora 30 anos de idade. Um uso restrito de inovações lexicais foi observado em sua fala. Podemos dizer que ele seria um exemplo de bilíngue equivalente, que domina, segundo Li Wei (2000), as duas línguas de modo equilibrado.

Estamos trabalhando com uma metodologia quantitativa, que envolve números e estatísticas, já que a sociolinguística variacionista é uma ciência empírica, que trabalha com dados reais da fala. De acordo com essa metodologia, o fator quantitativo é determinante para caracterizar uma variação. Por outro lado, a metodologia qualitativa não é descartada, uma vez que também nos utilizamos dela para interpretar os dados desta pesquisa. O Teste Qui-Quadrado (Chi-square) foi usado para apontar os fatores significativos para a análise.

Em termos de classe social, podemos dizer que a maioria dos informantes pertenciam à mesma classe social, classe trabalhadora baixa, nos EUA, com exceção de alguns informantes, 2M, 5F, 6F, 7F e 11F que gozavam de uma situação um pouco mais confortável, tinham uma empresa, uma boa casa, carros novos na garagem, um barco e outras amenidades, e 14F, que tinha um trabalho de nível superior, o que lhe garantia um certo prestígio social. Coincidência ou não, 5F, 6F, 7F, e 11F fazem parte da mesma família, sendo que os pais desejam ser aceitos pela sociedade americana. Talvez sejam, dentre os informantes, os únicos

brasileiros que desejam permanecer nos EUA, já que a maioria dos brasileiros tem intenção de ganhar bastante dinheiro lá e voltar para investir no Brasil.

Em relação às classes sociais estabelecidas nesta pesquisa, é necessário esclarecer que, na verdade, não estamos falando de classe alta, média e baixa nos padrões americanos. A categorização dessas classes foi feita para brasileiros imigrantes em relação a outros brasileiros imigrantes vivendo nos EUA. Em nossa pesquisa, a maior parte dos brasileiros era de classe trabalhadora baixa.

Os informantes 5M, 7M e 12M também tinham uma situação sócio-econômica mais confortável. 5M tinha um bom trabalho como administrador, exercendo a profissão dentro da área em que se especializou. 7M e 12M eram proprietários de um salão de beleza e tinham outros imóveis nos EUA, também.

Para Guy (1988), embora a estratificação social seja um tanto quanto óbvia, defini-la de modo objetivo apresenta um problema. Segundo ele, a questão do “prestígio” se refere à quantidade de respeito e deferência que um indivíduo inspira em seus semelhantes, e “poder” se refere aos recursos materiais e sociais que o indivíduo detém e à sua capacidade de tomar decisões e influenciar eventos. Entre os fatores sócio-demográficos que parecem influenciar o favorecimento de uma variante em detrimento de outra, as categorias mais atuantes parecem ser idade, gênero, nível sócio-econômico e formação escolar. Por isso, codificamos os informantes de acordo com suas condições sócio-demográficas_gênero, idade, tempo de residência nos EUA, nível de escolaridade, proficiência em língua inglesa, idade de início da aprendizagem, classe social e atividades desempenhadas nos EUA.

Outros fatores sócio-demográficos que parecem se destacar em alguns fenômenos variáveis são a posição do falante no mercado de trabalho e sua interação com a mídia, segundo Naro (2007). Entretanto, não foi possível observarmos esses fenômenos em relação aos nossos informantes.

4.2. O uso de empréstimos e calques para análise

Muitas características de um indivíduo parecem afetar seu comportamento em relação ao uso de inovações lexicais. Estudos anteriores sugerem que alguns desses fatores sejam gênero, idade, nível de escolaridade, proficiência na língua-alvo e também as normas da comunidade de fala onde ele reside, (Cf. Poplack, Sankoff e Miller, 1988). Nesta seção,

investigaremos cada um desses fatores a fim de determinarmos quais deles são preditivos de taxas de uso Inovações Lexicais (em termos de tipos de inovações) e/ou padrões (empréstimos ou calques).

Como foi observado no capítulo relativo ao quadro teórico, há muita discrepância em relação à taxonomia usada para analisar as inovações lexicais resultantes de contato entre línguas. Resolvemos optar por uma classificação que nos pareceu mais transparente e que oferecia, portanto, mais visibilidade em relação a essas inovações lexicais. Optamos pela classificação utilizada por Otheguy e Garcia (1988), que estratifica as inovações em termos de: empréstimos, calques fonologicamente mixados, calques fonologicamente independentes e calques frasais.

Tanto Haugen (1950) quanto Weinreich (1953) distinguiram os empréstimos das demais inovações lexicais de outros tipos de contato linguístico, sendo que Weinreich distinguia “transferência” de “modelagem”. Por “transferência” entende-se a importação de elementos da língua-fonte e “modelagem” consiste em se usarem termos da língua nativa na reprodução de padrões da língua-alvo. Weinreich distinguia as modelagens de palavras simples e compostas. As simples eram chamadas “extensões semânticas” e as compostas eram chamadas “traduções emprestadas” (*loan translations*). Já Haugen (1978) optou por um termo somente, tratando ambos os casos de modelagem como “*loanshifts*” ou “trocas emprestadas” (tradução nossa).

Como essa taxonomia se provasse um tanto obscura e confusa, classificamos as inovações lexicais em dois grupos: os “empréstimos” e os “calques”, sendo que os calques englobam os conceitos de “extensões semânticas” e “traduções emprestadas” de Weinreich.

Os “empréstimos” estão para a Transferência assim como os “calques” estão para a Modelagem, usando-se uma linguagem mais matemática.

Um “calque” ou “tradução emprestada” é uma palavra ou frase emprestada de outra língua, literalmente, palavra por palavra (do latim: “*verbum pro verbo*”) ou tradução da raiz. Como exemplo temos “arranha-céu” como tradução literal de “*skyscraper*”, que vem do inglês. Os calques são divididos em “calques de palavras” e “calques frasais”.

Os “calques de palavra” são, por sua vez, subdivididos em “calques fonologicamente mixados” e “calques fonologicamente independentes”.

Como exemplos de empréstimos, temos palavras como “*Marketing*” e “*show*”, que foram tomadas emprestadas do inglês por falta de palavras concisas que englobassem toda a ideia contida nos vocábulos tal como eles foram concebidos no original.

Já como calques fonologicamente mixados temos “aplicar para um trabalho”, donde, “aplicar” existe em português, porém com um sentido diferente do inglês, mas a semelhança entre os termos em português e em inglês faz com que ele seja usado ao se falar o “português-brasileiro dos EUA”, ou como alguns dos informantes o nomearam, o “Newarkês” ou “Portuglês”.

O calque fonologicamente independente seria aquele que não guarda nenhuma semelhança fonológica entre o termo na língua-alvo e o termo na língua nativa. Um exemplo seria “*isso pertence prá lá*” como foi usado por uma das informantes para “*it belongs there*”. Somente a ideia foi traduzida, mas de forma a apresentar também uma inovação lexical.

Já os calques frasais são expressões compostas de mais de uma palavra, em que todas as palavras estão na língua nativa dos falantes, porém motivadas por uma expressão da língua-alvo. Como exemplo disso temos “*ele é suposto de fazer isso*”, motivado por “*He is supposed to do that*”.

Algumas previsões podem ser feitas a respeito dos fatores que afetam as variáveis em estudo: a conscientização, a adoção, a aceitabilidade e a difusão dessas inovações lexicais.

Baseado nos estudos de Otheguy e Garcia (1988), verificamos que os fatores explanatórios operacionais para o fenômeno são: a visibilidade do fenômeno (a capacidade de o informante reconhecer uma inovação como tal) e o grau de desvio sistêmico da inovação (ou seja, o quanto essas inovações se distanciam do sistema linguístico do português brasileiro).

✓ A visibilidade tende a ser maior em relação às palavras do que em relação aos significados. Notam-se mais problemas de pronúncia – sotaques, entonação, lapsos - do que diferenças ligadas ao significado das palavras. Conclui-se, portanto, que a visibilidade é maior em relação aos empréstimos que se configuram como palavras de origem inglesa, no caso. Por conseguinte, a visibilidade incide em menor grau nos calques frasais, que não têm nenhuma semelhança com o termo em inglês.

✓ O desvio sistêmico tende a ser maior em empréstimos linguísticos e menor em calques frasais. Os empréstimos têm dois componentes de desvio, um da perspectiva do significante e outro da perspectiva do significado. O significado apresenta uma “novidade” na língua recipiente, e o significante é uma palavra de origem estrangeira, apresentando também uma “novidade” na língua recipiente. Já os “calques de palavras” têm apenas um elemento de desvio porque eles são formados de palavras do português brasileiro com significado

importado do inglês. Nesse caso, somente o significado apresenta “novidade” na língua recipiente. É o caso de “realizar” com a acepção de “entender”. Os calques frasais, assim como os calques de palavras, apresentam “novidade” também somente no nível semântico, já que as palavras que os compõem são provenientes de português brasileiro.

Em termos de adoção e aceitabilidade podemos prever que as variáveis ocorrerão em ordem crescente: em calques frasais, calques fonologicamente independentes, calques mixados e empréstimos.

Elaboramos um Histograma de Frequência (gráfico 1, pág.98) com todos os informantes e as inovações lexicais e verificamos que a incidência em maior número de ocorrências foi com empréstimos de inglês, a maioria deles com alguma interferência fonológica de português. Exemplos de empréstimos ocorridos foram “*roomates*”, “*cable*” e “*prom*”.

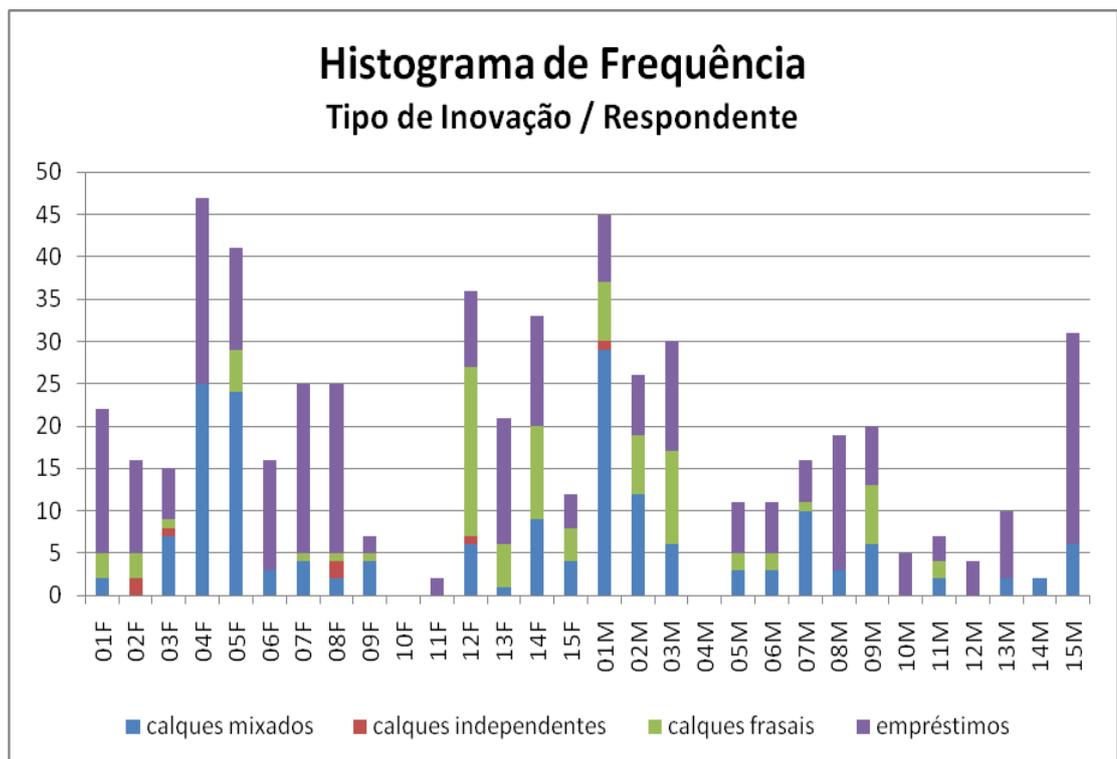


Gráfico 1: Histograma de Frequência Tipos De Inovação Lexical – Fonte: Dados da Pesquisa

Em seguida vieram os calques mixados, em palavras como “*parkear*”, “*bisado*”, “*beguinha*” e “*acento*”. Esses exemplos ilustram os calques mixados ocorrendo como núcleo

do Predicativo, núcleo do sintagma nominal e como adjetivo. Com relação à colocação do adjetivo no sintagma, segundo a teoria de Borba (1996) os adjetivos ligam-se ao nome, ou seja, ao substantivo de duas maneiras distintas, sendo uma ligada diretamente ao nome, compondo um sintagma nominal (SN) e outra que se associa ao nome de maneira indireta, onde o adjetivo é ligado ao nome através de um verbo-suporte (tipo copulativo) e ocupando neste caso, a posição de núcleo do predicativo. Quando o adjetivo se liga ao nome de maneira direta ocupa a posição adnominal (Padn) e quando de maneira indireta coloca-se em posição predicativa (Ppred). Entretanto, a incidência maior das inovações lexicais foi no núcleo dos Sintagmas Verbais (SV), sendo que ocorreu em apenas um adjetivo (Ppred) = bisado = busy+ocupado e dois núcleos do Sintagma Nominal (SN)=beguinha= bag +sufixo-inha(diminutivo),(SN)=acento.

Em terceiro lugar houve incidência de calques frasais ocorrendo em frases do tipo: “me deixe saber” de “*let me know*”, “faço driver” de “*I work as a driver*”, “eu to indo prá school tomorrow”, “eu trabalho pra mim”, de “*I work for myself*”= eu sou autônomo

Em quarto e último lugar ocorreram os calques fonologicamente independentes, em “ao alcance de fazer as terapias”= “*available to do therapy*”; “eu vou jogar uma festa” de “*I’m gonna throw a party*”= Vou dar uma festa

Foi observado também que as inovações pareciam incidir com mais frequência sobre certos campos semânticos específicos, ligados à atividade desempenhada pelo informante, moradia, imigração e eletrodomésticos ou equipamentos de trabalho e locais públicos.

O campo semântico é o conjunto dos empregos de uma palavra em um determinado contexto. Dessa forma, o campo semântico de uma determinada palavra é dado pelas diversas nuances de significado que ela assume. As diversas acepções que essa palavra toma serão dadas pelas relações dela com outras palavras do mesmo texto. A teoria dos campos semânticos tem-se concentrado apenas em alguns grupos bem definidos como as cores, as relações de parentesco, as experiências religiosas, etc. Segundo Stephen Ullman (1977), “a teoria dos campos fornece um método valioso para abordar um problema difícil, mas de crucial importância: a influência da linguagem no pensamento. Um campo semântico não reflete apenas as ideias, os valores e as perspectivas da sociedade contemporânea; cristaliza-as e perpetua-as também; transmite às gerações vindouras uma análise já elaborada da experiência através da qual será visto o mundo, até que a análise se torne tão palpavelmente inadequada e antiquada que todo o campo tenha de ser refeito.”

Como já mencionamos anteriormente, uma pesquisa dessa natureza pode suscitar mais perguntas que respostas e abrir frentes para novas inquisições.

4.3. Tratamento Estatístico

Esta subseção aborda o tratamento estatístico dado a esta pesquisa. Faremos, primeiramente, um apanhado sobre os métodos quantitativos utilizados em pesquisas empíricas e estabeleceremos, posteriormente, as variáveis dependentes e independentes estabelecidas neste estudo. Faremos uma descrição das inovações lexicais que estamos estudando e terminaremos a subseção com uma tabela que classifica os informantes, em relação aos seus dados sócio-demográficos.

Uma análise quantitativa pode ter quatro objetivos diferentes:

- ✓ Redução de dados – sumarização de tendências, captura de aspectos comuns de um conjunto de observações tais como médias, desvio-padrão e correlações entre variáveis.
- ✓ Inferência – generalização de um conjunto representativo de observações a um universo maior de observações possíveis usando testes de hipótese tais como o “*t-test*”, “*Chi-square*” (qui-quadrado) ou Análise de Variância.
- ✓ Descoberta de relações – descobrir padrões causais em dados que podem ser descritos em modelos de regressão múltipla ou em análises de fatores.
- ✓ Exploração de processos que podem ter uma base em probabilidade.

O problema crucial de redução dos dados é, segundo Guy (1993), descobrir um sumário dos dados que minimize detalhes irrelevantes e apresente eficientemente um panorama relevante aos interesses do pesquisador, sem que, para isso ocorra uma distorção dos dados originais ou omissão de fatos importantes.

Para Bayley (1996), existem vários princípios teóricos subjacentes à adoção do paradigma quantitativo em sociolinguística. O primeiro deles é o princípio da modelagem quantitativa, segundo o qual, ao examinarmos atentamente a forma que a variável linguística toma, podemos também observar as características de contexto em que co-ocorrem essas variáveis. Por contexto, entende-se o ambiente linguístico que envolve o uso da variável e o fenômeno social que co-ocorre com essa variável. Obtendo-se um conjunto suficiente de dados, podemos inferir a co-ocorrência de uma forma variável e de quaisquer características

contextuais que nos interessam. Essas inferências expressam, em termos quantitativos, a força de associação entre a característica contextual e a variável linguística.

O segundo princípio mencionado por Bayley (1996) é o *princípio de causas múltiplas*, segundo o qual é altamente improvável que um único fator contextual seja responsável pela ocorrência de uma variável linguística.

Guy (1991) estabelece dois outros princípios além dos mencionados acima: o *princípio de que falantes individuais podem diferir quanto à taxa básica de uso de uma regra variável*, ou seja, na probabilidade de uso da regra variável. O outro princípio estabelecido por Guy (1991) é o de que *os indivíduos devem ser semelhantes ou idênticos em termos de valores estabelecidos como características de uso da regra variável*, devendo pertencer a uma mesma comunidade linguística.

A fim de analisarmos os dados quantitativos obtidos através das entrevistas, foram estabelecidas, primeiramente, as variáveis dependentes e independentes do nosso estudo. Variável é uma característica da população. Toda questão de pesquisa define um número de construções teóricas que o pesquisador quer associar. O grau de operacionalização dessas construções não faz parte de um consenso. Por essa razão, a seção que trata das definições das variáveis deve permitir ao leitor avaliar a adequação dos instrumentos utilizados, as variáveis escolhidas e as construções teóricas descritas no quadro conceitual.

As Variáveis Dependentes (VD) medem o fenômeno que se estuda e que se quer explicar. São aquelas cujos efeitos são esperados de acordo com as causas. Elas se situam, habitualmente, no fim do processo causal e são sempre definidas na hipótese ou na questão de pesquisa. Uma hipótese é um enunciado formal das relações esperadas entre pelo menos uma variável independente e uma variável dependente. Nas pesquisas exploratórias, as hipóteses podem se tornar questões de pesquisa. Essas questões, devido a sua especificidade, devem dar testemunho do trabalho conceitual efetuado pelo pesquisador e, pela sua clareza, permitir uma resposta interpretável.

Estabelecemos, em segundo lugar, as variáveis independentes:

- ✓ A Variável Independente é aquela variável candidata a explicar a(s) variável(eis) dependente(s), cujos efeitos queremos medir. Aqui devemos ter cuidado, pois mesmo encontrando relação entre as variáveis isso, não necessariamente, significa relação causal.

✓ Como Variável Dependente definimos o fenômeno em questão: o uso das inovações lexicais realizadas por brasileiros imigrantes nos EUA.

Sabemos que, para qualquer hipótese formulada na base de fatos quantitativos encontrados em uma pesquisa empírica, é necessário algum procedimento estatístico que nos permita a tomada de decisão de rejeitá-la ou não rejeitá-la. Rejeitar uma hipótese que, em estatística se denomina “nula”, significa concluir, dentro de um certo grau de certeza, que as diferenças entre os efeitos dos fatores analisados não são aleatórios. Isso significa, indiretamente, que as diferenças entre os efeitos dos fatores são confiáveis e explicam quantitativamente a variação que está sendo analisada.

O tratamento estatístico realizado encontrado em algumas pesquisas de Labov - como a centralização dos ditongos (ay) e (aw) em Martha’s Vineyard ou a pronúncia do (r) em New York - é muito simples e se resume em cálculos de frequência expressos em percentuais.

Em nosso estudo, foi verificado que as variáveis independentes poderiam ser de natureza estrutural e não-estrutural. Decidimos, então, analisar em primeiro lugar as variáveis de natureza estrutural, aquelas que dizem respeito à estrutura das palavras e expressões que suscitam alguma relação com a língua inglesa, tanto em termos lexicais quanto em termos de traduções literais do inglês para português. As variáveis de natureza não-estrutural são, neste caso, as condições sócio-demográficas dos informantes.

A variação linguística é uma das características universais das línguas naturais que convive com as forças de estabilidade. Aparentemente caótica e aleatória, a face heterogênea imanente da língua é regular, sistemática e previsível, porque os usos são controlados por variáveis estruturais e sociais que podem ser agentes internos e externos ao sistema linguístico.

Desse modo, toda a análise sociolinguística passa a ser orientada para as variações sistemáticas, inerentes ao seu objeto de estudo, a comunidade de fala, concebidas como uma heterogeneidade estruturada. Podemos deduzir, através deste estudo, que existe um sistema, uma organização por trás da heterogeneidade da língua falada pelos imigrantes brasileiros nos Estados Unidos da América.

Deparei-me com um estudo realizado por Otheguy e Garcia em 1988, que analisava o uso de inovações lexicais realizadas no espanhol de cubanos nos EUA. Decidi, então, adotar a classificação das Inovações Lexicais de forma mais clara, classificando as inovações lexicais em Empréstimos e Calques, discutidos anteriormente.

Proponho, neste ponto, traçarmos um paralelo entre empréstimos, calques, codeswitching e codemixing. Como “empréstimo” entendem-se os termos linguísticos estrangeiros incorporados à língua nativa do falante, segundo Haugen (1950). Ao fazermos uso de um empréstimo=língua-alvo em um segmento de língua materna, estamos fazendo uso de codeswitching. Ao usarmos um calque mixado, que é o uso de formas híbridas, que usam o significante da língua recipiente (português) com um significado existente somente na língua doadora (inglês), estamos fazendo uso de codemixing, já que é essa a sua definição.

Considere importante fazer essa ressalva para justificar os termos usados ao classificarmos as inovações lexicais, que, de agora em diante serão chamadas de empréstimos e calques, mas que, na verdade, tratam-se também de codeswitching e codemixing.

Tendo esclarecido a questão supracitada, trataremos, agora, das variáveis dependentes e independentes consideradas nesta pesquisa. As variáveis independentes não-estruturais constituem um primeiro nível de operacionalização de uma construção teórica e, para cada uma, se deve dar, em seguida, uma descrição operacional. Para algumas variáveis a descrição é simples, porém, em outros casos, essa definição é mais complexa.

De acordo com Preti (1982, p.09), as variáveis extralinguísticas que podem manifestar-se no diálogo podem ser:

- ✓ Geográficas: envolvem as variações regionais, lembrando que se deve tomar cuidado para que as diferenças linguísticas por elas determinadas não sejam confundidas com aquelas ocorridas por influência sociológica numa mesma comunidade.
- ✓ Contextuais: constam de tudo aquilo que possa determinar diferenças na linguagem do locutor, por influências alheias a ele, como o assunto, o tipo de ouvinte, o lugar em que o diálogo ocorre e as relações que unem os interlocutores.
- ✓ Sociológicas: aquelas determinadas pela *idade*, gênero, profissão, escolaridade, classe social, localização dentro da mesma região, raça.

Consideramos, para este trabalho, as variáveis sociológicas, assim como definidas por Preti (1982), chamando-as variáveis “sócio-demográficas”. A primeira variável independente não-estrutural que observamos foi o gênero. Desse modo, entrevistamos 15 informantes do gênero feminino e 15 do gênero masculino, a fim de observarmos se os homens tendem a favorecer as inovações lexicais mais que as mulheres ou vice-versa, ou mesmo, se isso não faz nenhuma diferença.

A segunda variável independente não-estrutural foi a faixa etária. Foi feita uma divisão de 12 a 20 anos, a que chamamos “adolescentes”; 21 a 30, a que chamamos “jovens adultos” e 31 + a que chamamos “adultos”.

A terceira variável independente não-estrutural observada foi a idade de início de aprendizagem. A divisão foi feita em 0-20 anos e 21+.

A quarta variável independente não-estrutural foi o nível de proficiência em língua inglesa. O nível de proficiência dos informantes foi considerado segundo informação dos próprios informantes em questionário (vide Apêndice, pág. 184) preenchido por eles próprios.

Como quinta variável independente não-estrutural consideramos o nível de escolaridade dos entrevistados, já que, a princípio, tínhamos a impressão de que isso fosse influenciar a quantidade e qualidade dos dados.

Já a sexta variável observada foi o tempo de residência nos EUA, pois parecia que era uma variável diretamente proporcional à taxa de uso de inovações lexicais realizadas pelos brasileiros imigrantes.

A sétima variável foi a classe social dos informantes. A maioria dos informantes pertence à classe trabalhadora baixa nos EUA, e os outros podem ser considerados classe média.

A oitava variável foi o tipo de atividade do informante nos EUA. Como os brasileiros imigrantes, em sua maioria, estão nos EUA para trabalhar, parecia óbvio que a profissão desempenhada ali fosse bastante relevante nesta pesquisa.

A fase de interpretação dos resultados é de suma importância para a pesquisa, sendo que é possível que os coeficientes desmintam as hipóteses formuladas.

Tendo transcrito e analisado os textos de trinta informantes, 15 do gênero feminino e 15 do gênero masculino, podemos inferir tendências a respeito das inovações lexicais praticadas por brasileiros nos EUA.

O quadro 1, a seguir, distribui os informantes em termos de gênero, idade, início de aprendizagem da segunda língua, nível de escolaridade, proficiência em inglês, tempo de residência nos EUA, classe social e atividade desempenhada naquele país.

DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS DOS INFORMANTES

Informante	Idade	Início da Aprendizagem	Escolaridade	Proficiência Inglês	Tempo nos EUA	Classe Social	Atividade nos EUA
1M	48	41	EF	Mínima	7	Baixa	Pintor de automóveis
2M	38	29	EF	Média	10	Média	Pintor de casas
3M	47	22	EM	Média	23	Baixa	Motorista e carregador
4M	18	0	EM	Nativo	18	Baixa	Estudante e estagiário
5M	30	7	ES	Fluente	23	Média	Analista
6M	55	31	ES	Média	14	Baixa	Caddy
7M	58	34	EF	Mínima	24	Média	Cabeleireiro
8M	18	18	EM	Mínima	10 meses	Baixa	Estudante
9M	40	28	ES	Média	12	Baixa	Caseiro
10M	38	34	ES	Média	4	Baixa	Driver
11M	37	25	EM	Fluente	12	Baixa	Caddy
12M	48	33	EM	Média	15	Baixa	Caddy/ construção civil
13M	31	26	EM	Média	5	Baixa	Caddy
14M	40	28	ES	Média	12	Média	Cabeleireiro
15M	52	16	ES	Fluente	1	Baixa	Caddy
1F	35	20	ES	Média	12	Baixa	Housekeeper
2F	50	28	EM	Média	22	Baixa	Housekeeper
3F	44	20	EF	Mínima	24	Baixa	Housekeeper
4F	32	32	ES	Mínima	1	Baixa	Housekeeper
5F	37	29	EM	Média superior	10	Média	Housekeeping business
6F	13	5	EF	Fluente	9	Média	Estudante
7F	16	7	EM	Fluente	9	Média	Estudante
8F	43	25	ES	Fluente	18	Baixa	Babá
9F	12	2	EF	Nativo	8	Baixa	Estudante
10F	44	39	EF	Mínima	5	Baixa	Manicure
11F	21	12	ES	Fluente	6	Média	Estudante
12F	51	18	ES	Fluente	33	Média	Enfermeira
13F	50	24	ES	Fluente	26	Média	Baby-sitter
14F	38	21	PG	Fluente	6	Média	Publicitária
15F	32	23	ES	Fluente	9	Média	Self-employed

Quadro 1: dados sócio-demográficos – Fonte: Dados da Pesquisa¹⁴

Fonte: dados da pesquisa

14

EF = Ensino Fundamental, completo ou incompleto

EM = Ensino Médio, completo ou incompleto

ES = Ensino Superior, completo ou incompleto

Tempo de residência nos EUA em anos, a não ser quando especificado em “meses”.

caddy = carregador da bolsa de tacos de golfe

driver = motorista

housekeeper = empregada doméstica / faxineira / diarista

housekeeping business = proprietária de firma de empregadas domésticas

housekeeping business = proprietária de firma de empregadas domésticas

baby-sitter = babá

self-employed = autônomo

4.4. Interpretação dos dados

O objetivo desta subseção é a interpretação dos dados desta pesquisa. Para isso, faremos, primeiramente, uma retrospectiva das expectativas traçadas no início desta tese. Algumas dessas expectativas, baseadas em observações empíricas, foram consideradas verdadeiras e procedentes, enquanto outras não se mostraram procedentes.

No início deste trabalho, seis expectativas traçadas a partir de nossas observações, foram colocadas com o objetivo de serem verificadas no decorrer do estudo:

A expectativa 1 – “Os imigrantes tendem a usar inovações lexicais e sintáticas em palavras de conteúdo e não em palavras funcionais” foi confirmada em parte através desta pesquisa. Não foram observadas ocorrências de inovações lexicais em palavras funcionais, e nem mesmo empréstimos linguísticos envolvendo palavras funcionais como preposições e artigos, a não ser em um verbo preposicionado, “trabalhar dentro”=“*work in*”. Nesse caso, a preposição “dentro” está sendo usada para indicar que as pessoas moram no emprego, tratando-se de um calque fonologicamente independente, onde estão sendo usadas palavras de língua portuguesa, porém motivadas por uma expressão da língua inglesa.

Para Halliday (1989/1994) e Thompson (1996) os seres humanos expressam significados através de três níveis de linguagem diferentes e complementares: um ligado ao relacionamento entre as pessoas (Metafunção Interpessoal), outro relacionado à representação dos mundos interior e exterior (Metafunção Experiencial) e um último que dá a sentença seu status de mensagem (Metafunção Textual). A Metafunção Textual é responsável pela organização dos significados experienciais (primeiro nível) e interpessoais (segundo nível) em um todo coerente. Em português, inglês e em muitas outras línguas, essa organização é feita principalmente através da escolha que fazemos do elemento que ocupa a posição inicial de cada oração que enunciamos – esse elemento é chamado de Tema, ou ponto-de-partida da mensagem, dentro da Gramática Sistemico-Funcional (GSF).

A observação da organização dos Temas de um texto e da estrutura de informação desse texto revela não apenas o que o autor coloca em destaque, como também nos traz importantes pistas sobre o desenvolvimento do texto, ajudando a determinar como a informação se desenvolve. Assim, é importante distinguir entre a *definição* de Tema e a

maneira como podemos *identificar* o Tema de uma oração. A definição de Tema é funcional: o Tema é um elemento dentro de uma determinada configuração estrutural que organiza a oração como mensagem; essa configuração é: Tema + Rema. Quanto à sua identificação: o Tema pode ser identificado como o elemento que aparece em posição inicial na oração.

Fries (1994) cunhou o termo N-Rema (N vem de informação nova) para indicar o último constituinte da oração, pois diz que "o Rema inclui elementos demais" – tudo que não é o Tema. Assim, o N-Rema é a parte da oração dedicada à informação nova, é a parte da oração que o escritor quer que fique gravada na memória do leitor. Espera-se, portanto, que o conteúdo do N-Rema se correlacione aos objetivos do texto como um todo, aos objetivos do segmento do texto dentro desses objetivos maiores, e também aos objetivos da sentença e da oração. Por outro lado, o Tema é o orientador da mensagem transmitida pela oração; ele diz ao leitor como ele deve entender a informação nova transmitida pela oração.

Aplicando-se as noções de Tema-Rema a este trabalho, podemos fazer algumas inferências, já que as inovações ocorrem no Rema, que é a informação nova, que o falante deseja que o seu ouvinte conheça.

As inovações não foram detectadas na posição de Tema em nenhuma das falas dos informantes. Segundo Ventura e Lima-Lopes (2001), Fries analisa uma carta mandada pelo grupo de ação política *Zero Population Growth (ZPG)* a simpatizantes, com o objetivo de levantar fundos para suas causas. Através da análise dos Temas e N-Remas de cada oração, Fries mostra que as informações enfatizadas pela autora da carta como motivos sólidos para que o leitor contribua financeiramente com o ZPG aparecem N-Rematicamente, e que as informações relacionadas ao pano-de-fundo foram colocadas em posição temática. Do mesmo modo, os informantes desta pesquisa usaram as inovações N-Rematicamente, já que elas apresentam informação nova, que eles desejam que o ouvinte venha a conhecer.

Havia a suspeita de que seriam, certamente, palavras de conteúdo, em detrimento de palavras funcionais, mas não se concebia a ideia de que se tratasse de forma tão maciça de empréstimos linguísticos, que são em geral substantivos, um tipo de inovação lexical muito usual em situações de contato linguístico.

Já a expectativa 2 - "As inovações parecem incidir mais especificamente sobre verbos de ação" foi confirmada em parte. Ao usarem verbos, eles são sempre verbos de ação. Entretanto, havia expectativa de que a ocorrência de verbos fosse mais abundante que a ocorrência de qualquer outra classe de palavras.

Foram verificadas, primeiramente, todas as palavras e expressões, com inovações lexicais ou não, mas desde que apresentassem traços de inglês ou pelo menos uma construção motivada por tradução literal. Depois disso, foram verificadas as classes gramaticais a que as palavras pertenciam.

Talvez um pouco influenciada pela palavra-título desta tese, *parkear*, acreditava-se que a maioria das inovações lexicais fosse proveniente de formas verbais, o que não se mostrou verdadeiro para o total de ocorrências verificadas. Houve maior incidência de substantivos (321) e não de verbos (130). A explicação para este fato é que a maioria dessas ocorrências de inovações retrata o uso de empréstimos linguísticos, e, como bem lembra Haugen (1950), o substantivo é a classe de palavras mais “afeita” a empréstimos linguísticos, daí a maior ocorrência de substantivos.

O que podemos observar, entretanto, é que as inovações propriamente ditas (flexões de gênero e número, acréscimos de morfemas indicativos de conjugações verbais, flexão de tempo e modo verbal, acréscimo de afixos em geral) ocorrem de forma tímida em relação aos substantivos (4,36%) e de forma expressiva em relação aos verbos (75,3%)

Como exposto acima, os empréstimos não são exatamente aquilo que consideramos uma “inovação lexical”, já que eles não trazem nenhum tipo de “novidade” ou alteração significativa ao vocábulo em si. Aqueles que realmente executam alguma “reforma” ou alteração no vocábulo motivado por outra língua são os calques: os mixados fonologicamente, os fonologicamente independentes e os calques frasais. Nesses calques, como podemos verificar nas próximas páginas, a incidência maior foi, realmente, de sintagmas verbais.

A expectativa 3: “As inovações lexicais parecem retratar o vocabulário ligado a atividades profissionais exercidas por seus usuários nos EUA” pode ser confirmada nas próprias palavras dos informantes, como em:

- ✓ 2M = “*ai tem os linguajares dos brasileiros, porque só tem brasileiro que trabalha comigo...por exemplo. a gente vai “espreiá” uma parede, fala ‘nós vamo dá uma espreiada hoje..Aí, vai rolar uma parede(...)*”
- ✓ 4F = “*Ah! Ela fala prá mim tudo em português, né?Hoje nós vai dividir o trabalho, você vai limpar os “bedrúm”(bedroom=quarto)...pega o “perpetal”(paper towel=papel-toalha)...papel de toalha...Eu também não sabia o que era, não, mas tem que perguntar: O que é isso? E ela: O papel toalha,.....! Perpetal, né? tá! Aí você vai*

limpar a “*kitchin*”(cozinha), e eu pensava: não é mais fácil falar: vai limpar a cozinha, o banheiro...”

- ✓ 3M = “Então os brasileiros lá falam: vou fazer um shoeshine (engraxar sapato) no Mr. Num-sei-o-quê, vou fazer um ‘spitshine’(graxa feita com água)
- ✓ 5F = O tempo todo que está trabalhando, a gente observa elas falando: vai vaquear(usar o aspirador) aqui. Não é prá espreiar (usar o spray) nada nos móveis, sempre usar o produto nos paninhos. É uma coisa que se fala muito, vou espreiá, ou mopear (usar o esfregão) aqui. Já tô vaqueando...você vem vaqueando que eu vou mopeando. Na limpeza, acontece muito. Acho que quando a pessoa já está assim, muito envolvida, ela, 100%, ela usa o termo. A gente aqui, no dia a dia, né? “Mas usa muito, na limpeza, acho que até facilita, mesmo...porque a pessoa não sabe o inglês direito e vai seguindo...As vezes é uma coisa nova, por exemplo, “aspirador de pó”, aí você aprendeu que “vaccum” é aspirador de pó, você não fala aspirador de pó porque é grande demais e o tempo é curto. E o “mop” que não existe lá, tô passando o rodo, aqui, ‘tô mopando.’” (...) “Em toda atividade o brasileiro vai arranjar o seu vocabulário próprio, porque são as palavras que às vezes em português vai ficar grande demais ou uma expressão até, que se resume em duas palavrinhas em inglês, ou uma...e a questão do tempo, Também..você tá falando, tá trabalhando, também, quer andar rápido e tem que ter uma rotina...porque você acaba realmente adaptando a sua linguagem do seu trabalho a sua atividade porque fica tudo mais rápido... Parece que já fica uma coisa mecânica, fica mais automatizado, eu acredito.” (...) “E acho que cada área, os “cukas”(cozinheiros), os carpinteiros, todos têm, na pintura tem várias, isso o fulano vai poder te falar muito bem...tem muitas coisas interessantes e na área de carpintaria também. Você observa que cada área, cada profissão vai ter o vocabulário próprio pela facilidade, acho que é mesmo pela facilidade...”

As palavras do informante 5F corroboram o estudo de Poplack, Sankoff e Miller (1988), que alega que o uso de formas mais simples na língua-alvo é realmente muito frequente. Exemplos disso são “*snap*” para “*bouton-pression*” (botão de pressão) ou “*truster*” para “*se fier a*” (confiar em) no francês da região de Ottawa-Hull. Para eles, isso pode ser explicado pela preferência psicológica dos falantes por itens morfológicamente simples em detrimento de itens mais complexos para expressar o mesmo referente

- ✓ 6M = “Então pra quem tá de fora não tem costume não sabe o que que é o Green...” (parte do campo de golfe que circunscreve o buraco) (...) “No golf, né? Então... É outro exemplo é... Que a gente utiliza muito lá é... é o drop, né?” (...) “Mas tem a ver com o trabalho. Porque geralmente você faz a... entrevista cê vai...(...) É... Tem um ... pra emprego cê fala tenho um apontamento (appointment=compromisso com hora marcada) com o fulano de tal...”
- ✓ 8M = “E na semana assim, quando tá o tá precisando de um landscape (trabalho de jardinagem) aqui.”...ajuda quando eles tão blowando (soprando as folhas com o equipamento) ali.” (...) “É cortar a grama, plantar planta, colocar mulch (composto orgânico)...”
- ✓ 14F = “...trabalhava ela falava assim “você não tem mop?” aí eu falava “um mop, mas o que é isso?” “um mop, um mop.” “mop aquilo que você passa no chão”. “Ah, um rodo?” “É. Mas não é um rodo. É um mop” (...) “...dá um search (busca) no Google. Você também pode checar (verificar) na Price Line. No website (página do sítio eletrônico) na Price Line. Cê também pode checar na Price Line. Bida (bid =dar um lance, fazer uma oferta) umas passagens. Bida...” (...) “Eu vou dar um forward (encaminhar) nesse e-mail”
- ✓ 9M = “E vai... A necessidade vai... E cada um se especializa num... Se a pessoa trabalha na construção civil, ela fala inglês pra área dela. Se ela trabalha noutra profissão...O pessoal forma uma outra língua. Ah!... novas palavras. Os imigrantes brasileiros, por exemplo, o... Parquear (estacionar) o carro...” (...) “Eles formam o próprio vocabulário em relação ao trabalho dele. Eles formam uma mistura de inglês e português e vão levando.”

A expectativa 4, segundo a qual “O nível de escolaridade dos falantes usuários dessas inovações é, em geral, mais baixo” não se confirma. Dos informantes do gênero masculino, 40% tinham curso superior completo ou incompleto, 40% tinham ensino médio completo, 20% tinham ensino fundamental completo ou incompleto, como podemos observar no Quadro 1 da página 105, acima.

Das informantes do gênero feminino, 46,6% tinham curso superior completo, ou incompleto, 26,6% tinham ensino médio completo ou incompleto, e 26,6 % tinham ensino fundamental completo ou incompleto.

Em resumo, totalizando os níveis de escolaridade dos informantes teremos 43,3% de informantes com curso superior (completo ou não), 33,3% dos informantes com Ensino médio (completo ou em curso) e apenas 23,3% dos informantes com ensino Fundamental (completo ou não).

Havia a expectativa de que o nível de escolaridade dos informantes fosse mais baixo, porém, se considerarmos que, conseguir um emprego nos EUA e fazer um “pé-de-meia” ainda é uma alternativa cada vez mais procurada no Brasil, mesmo por aqueles já formados em um curso superior e que se dispõem a trabalhar fora da sua área de especialização, podemos entender porque a expectativa 4 não se confirmou. Não é verdade, entretanto, que não existam imigrantes brasileiros de nível de escolaridade bem baixo, vindos de pequenas cidades do interior, que inclusive, nunca haviam entrado em um elevador ou se deparado com uma escada rolante na vida. Em nossa pesquisa, entretanto, esses informantes foram poucos.

A expectativa 5 – Os brasileiros imigrantes, alvos desta pesquisa, têm, via de regra, um nível mais baixo de proficiência em inglês – também não se confirmou, pois um dos informantes do gênero masculino era nativo dos EUA (6,6%), portanto, segunda geração de brasileiros, 26,6% eram fluentes em inglês, 40% tinham proficiência média e, apenas 13,3% tinham proficiência mínima.

Em relação às informantes, 6,6% eram nativas nos EUA e segunda geração de brasileiras; 53% eram fluentes, 20% tinham proficiência média e 20% tinham proficiência mínima em inglês.

Considerando-se todos os informantes, independente do gênero, teremos apenas 20% com proficiência mínima de inglês, 36,6% com proficiência média, 43,3% com proficiência plena, como pode ser verificado através do Quadro 1, pág.105.

Apesar de não termos testado a proficiência dos informantes formalmente, consideramos as respostas ao questionário sócio-demográfico preenchido por eles. Como pode ser verificado no Apêndice A, página 191, perguntamos se os informantes falavam inglês e em que nível, se sabiam ler e escrever em inglês, se usavam muito ou pouco e em que situação o usavam.

Os informantes 1M, 2M e 3M tinham idade entre 38 e 48 anos e o grau de escolaridade variava entre Ensino Fundamental incompleto e Ensino Médio. Dois deles

apresentavam boa fluência na fala e boa compreensão auditiva de inglês, mas pouca habilidade em leitura e escrita. O Informante 1M tinha o menor grau de escolaridade observado e aprendeu a segunda língua em idade mais avançada, 41 anos, o que, além da pouca disponibilidade para dedicação à aprendizagem da segunda língua, pode ter ocasionado o seu desempenho sofrível na mesma. Esse informante, (1M), apresentava um português também bastante estigmatizado, com desvios que denotam pouco contato com a vida escolar. Dentre os três, era também o que tinha a estadia mais curta nos EUA, de apenas 7 anos. As profissões dos informantes variavam entre pintores de carros e casas e carregadores, sendo todas consideradas “*labor*” em inglês, o que corresponderia ao nosso trabalho braçal, que exige mais força física do que treinamento acadêmico. Os informantes 2M e 3M tinham, respectivamente, residido 10 e 23 anos nos EUA, porém, acredito que o nível de proficiência de inglês de ambos seja bem comparável.

O informante 6M tem 55 anos e está há 14 anos nos EUA. Trabalha como “*caddy*”, carregando bolsas de tacos para os jogadores em campos de golfe e com limpeza de aviões. Fala inglês com proficiência média e faz uso de inovações lexicais com amigos e colegas de trabalho brasileiros.

O informante 7M tem 58 anos, é cabeleireiro e mora nos EUA há 20 anos. É dono de seu próprio salão de beleza, tem propriedades nos EUA, sendo muito bem-sucedido profissionalmente. Ele não fala inglês com muita desenvoltura, talvez pelo contato contínuo apenas com brasileiros, tanto no trabalho quanto em casa.

Já 8M tem apenas 10 meses de América, está fazendo curso de inglês e já usa as inovações lexicais com muita desenvoltura.

9M está nos EUA há 12 anos e só recentemente conseguiu o seu *greencard* (documento de imigração). Ele tem um nível médio de proficiência em inglês, faz uso das inovações lexicais com amigos e no trabalho, mas considera isso uma prática ruim.

O informante 10M, de 38 anos, trabalha como motorista de caminhão e já tem 5 anos de América. Ele tem proficiência média em inglês e, como tem muito contato com outros brasileiros, faz bastante uso das inovações lexicais.

O informante 11M tem 37 anos, 12 de América. Ele trabalha como “*caddy*” = carregador de bolsa do golfista, tem inglês fluente e faz uso de inovações com seus colegas brasileiros.

12M tem 48 anos de idade e está há 15 anos nos EUA. Ele trabalha como “*caddy*” e interage bastante com americanos.

O informante 13M tem 31 anos de idade e também trabalha com “*caddy*” em campo de golfe. Ele está nos EUA há cinco anos e tem proficiência média em inglês. Ele usa as inovações lexicais com colegas brasileiros geralmente no trabalho.

O informante 14M é sócio de um salão de beleza, está nos EUA há 12 anos e se recusa terminantemente a repetir as inovações lexicais que ouve em abundância no seu salão. Ele tem um nível médio de proficiência de inglês.

O informante 15M ficou recentemente 11 meses nos EUA, trabalhando como “*caddy*” durante 3 meses. Ele já havia morado nos EUA duas vezes antes, por 6 meses e por dois anos. O informante 15M fala inglês fluentemente e usa as inovações lexicais no trabalho e com amigos.

Nesta pesquisa, os informantes 1F e 2F tinham nível de proficiência médio, com fluência média em inglês falado e boa compreensão auditiva, mas pouca desenvoltura na escrita. A informante 3F dizia falar “algum inglês”, demonstrando que ela tinha uma desenvoltura não expressiva em inglês. As três informantes tinham a mesma profissão nos EUA, de empregada doméstica. Duas delas começaram a aprender inglês aos 20 anos, e uma aos 28 anos. A informante 1F passou 12 anos nos EUA, 2F passou 22 anos, e 3F passou 24 anos lá.

A informante 4F estava nos EUA há apenas 12 meses, tendo proficiência mínima em inglês, mas uma grande curiosidade em relação à língua e às pessoas e tudo o que estava a sua volta. Ela fazia bastante uso das inovações lexicais, principalmente no que tangia a atividades. A informante 4F trabalhava como diarista e estava sempre contando histórias engraçadas envolvendo essa mistura de inglês e português.

Já a informante 5F tinha uma situação financeira mais confortável, embora tivesse trabalhado como diarista muitos anos. Ela agora agencia outras diaristas fazendo a mediação entre americanos que não falam português e brasileiras que não falam inglês. Ela se comunica bem em inglês, mas com as suas “agenciadas” faz uso constante das inovações lexicais, perpetuando o seu uso.

A informante 6F tem apenas 13 anos, dos quais, 9 passados nos EUA. Ela sempre frequentou a escola nos Estados Unidos e tem dificuldades em escrever português, mas conversa fluentemente em português e inglês. Faz um pouco de mistura de inglês e português ao conversar com outros filhos de brasileiros com quem convive. Às vezes uma ou outra inovação lexical aparece em sua fala, mas não é uma coisa frequente.

A informante 7F tem 16 anos, dos quais 7 passou nos EUA. Ela frequentou a escola nos EUA a maior parte da sua vida, estando agora no segundo ano do Ensino Médio. Ela fala

português e inglês fluentemente e diz nunca fazer uso das tais inovações lexicais. Muitas vezes os empréstimos são inevitáveis, mas inovações ela diz evitar porque acha muito feio.

A informante 8F mora nos EUA há 18 anos, tendo agora 43 anos de idade. Ela trabalha como “*baby-sitter*” há 18 anos e quer mudar de profissão porque, apesar de adorar o que faz, tem muito pouca chance de interagir com adultos e exercitar a língua inglesa. Ela faz bastante uso das inovações lexicais no dia-a-dia conversando com colegas brasileiras.

A informante 11F tem 21 anos e está há 7 anos nos EUA. Ela passou a maior parte da vida escolar nos EUA e fala inglês e português fluentemente. Essa informante apresentou alto nível de estigmatização em relação às inovações, embora confessasse fazer muito uso de empréstimos em casa.

A informante 12 F está nos EUA desde os 18 anos, tendo agora 51 anos de idade. Ela frequentou universidade nos EUA e trabalha como enfermeira em um hospital de New Jersey. Fala inglês e português fluentemente. Usa as mixagens com outros brasileiros, mas como trabalha com americanos e é casada com um uruguaio, esse uso fica restrito a interações esporádicas.

A informante 13F tem 50 anos e está há 24 anos nos EUA. Ela trabalha como babá para um casal de brasileiros de classe média-alta nos EUA. As duas crianças de quem ela cuida praticamente só falam inglês. Ela fala inglês fluentemente e faz uso das inovações lexicais ao interagir com outros brasileiros.

A informante 14F tem 38 anos e, assim como 5M, é uma profissional bem-sucedida no mercado de trabalho americano, trabalhando com publicidade, o mesmo campo de trabalho desenvolvido por ela no Brasil. Ela está nos EUA há 6 anos. A informante fala inglês fluentemente e faz muito uso de empréstimos, mas confessa também usar as mixagens em interações com brasileiros, principalmente com a babá brasileira de seu filho.

A informante 15F tem 32 anos e está nos EUA há 9 anos. É auto-didata e parece esforçada em aperfeiçoar o seu inglês que é fluente. Ela sempre conviveu muito com outros brasileiros nos EUA e faz muito uso das inovações lexicais.

A expectativa 6 – As inovações são estigmatizadas pelos próprios brasileiros nos EUA – teve respaldo de muitos dos dados dos informantes. Muitos imigrantes brasileiros apresentavam alto grau de estigmatização em relação às inovações lexicais. Sempre faziam questão de dizer que “aquilo era horrível”, “a gente sabe que isso não existe”, e outros comentários que deixavam transparecer muito preconceito em relação aos usuários das inovações e o que isso representava. Isso não significa, entretanto, que não fizessem uso desse

recurso tão comum entre os brasileiros imigrantes nos EUA. Analisando as entrevistas e questionários (vide apêndice A, página 193) respondidos pelos informantes, decidi trazer para o texto excertos das entrevistas que denotavam estigmatização das inovações lexicais realizadas por imigrantes brasileiros nos EUA.

Dentre os homens entrevistados, 60% fizeram críticas, às vezes veladas a respeito do uso dessas inovações. Dentre as mulheres, 26% estigmatizaram as inovações lexicais. Algumas pessoas chegaram a afirmar poderem reconhecer há quanto tempo o falante se encontrava nos EUA e a que classe social ele pertencia através do modo de falar o português colorido com as inovações lexicais.

Para Schilling-Estes e Wolfram (1998), as diferenças linguísticas se tornam inevitáveis em uma sociedade composta de diferentes grupos sociais, sendo, portanto, um “fato da vida”.

Os seguintes excertos ilustram o tipo de estigmatização detectado nas falas dos informantes:

- ✓ *2M = “ você fica olhando assim...e morre de rir por dentro...porque você vê cada palavra engraçada, porque o pessoal mais simples, que vem do interior, mal sabe conversar, então eles querem emendar, falar o inglês com um pouquinho de português...então você vê aquelas palavras mais absurda, e você fala assim: Meu Deus! O que que é que tá falando?” (...)* *“ Isso, de cara, só de você ver a pessoa vc já sabe que ela não sabe falar inglês, e por ela estar aqui nos Estados Unidos, e por ex., trabalhar com americano, ele ouve inglês o tempo todo, mas não consegue captar aquilo aqui que ele quer saber, vc consegue definir, com certeza...se a pessoa fala, se não fala...se ela fala bem, se fala mal, só de abrir a boca você já vê...porque tem uns que acha que tá falando inglês, mas enrola todinho...embola totalmente, na hora que ele abre a boca e começa a falar, você já vê, ele só tenta, né? Tem até o esforço, né, mas dá prá vc saber, sim, com certeza...se fala pouco, se fala muito, se fala bem, se fala errado, a gente consegue identificar, sim, com certeza...” (...)* *“ você ouve muita coisa, só besteira...besteira, no sentido assim de palavra errada...Entendeu, que eles vão querer falar certo e falam errado...e acha que tão falando certo...Por ex., tô bisado e acha que tá certo...ou várias outras palavras que eles falam...Entendeu? acha que está falando certo, mas, infelizmente num tá, né? e a gente automaticamente acaba falando algumas palavras entre a gente...é lógico que com o cliente você não vai falar isso...tô bisado, não existe...mas entre a comunidade brasileira fala muita palavra errada” (...)* *“ Mexer com brasileiro aqui não é fácil, é um pessoal mais*

- complicado de mexer. Eu já ouvi casos de pessoas, que quando eu cheguei trabalhava com essa pessoa, que fez serviço prá brasileiro, e teve problema com brasileiro, em todos os sentido...então, mesmo se me chamarem hoje, eu prefiro não ir...Estou nos Estados Unidos, vou trabalhar prá brasileiro? Prefiro prestar serviço prá americano...não só pelo dinheiro, mas pela situação, também...*
- ✓ *3M = "você reage naturalmente, mas sabendo que, se você parar friamente prá analisar, você sabe que aquilo está errado, mas você assimila normalmente, porque você vai vendo que as culturas estão difundidas aqui de uma tal maneira que, é meio estranha, mas funciona...eles realmente conseguem passar, errado ou não, conseguem passar aquilo que quer." (...) "Ah! Tinha uns lá que eram fora de série...era fora de série mesmo!"*
 - ✓ *5F = "Tô muito bisado, acho que não tem nada a ver, essa expressão...o apontamento também eu acho muito... de doer! E acho que um pouquinho que a gente vai aprendendo mais...quando a gente não sabe o inglês direito, não faz muita diferença, acha até que a pessoa tá falando uma coisa que existe...Depois do você começa a entender, começa a ver e conhecer o vocabulário, você começa já a fazer uma separação...começa a ficar feio, assim, né? a gente sabe que está errado..."*
 - ✓ *5M = "... De vez em quando não... Eu até quando eu tô ouvindo pessoas falando em português tem palavras que eu pego e que eu sei que a pe... Que tá sendo falado errado."*
 - ✓ *7F = "Muita gente inventa palavra assim...Eu lembro de Bisado...frizado, tipo, freezing...É horrível, detesto isso!" (...) "Ah... Normalmente as pessoas mais... Cultos não falam isso por que num tá assim, nada a ver.. Uma palavra aí... Eu acho feio... Aí eu não falo com a pessoa que é feio não... Mas... É estranho."*
 - ✓ *6M = "Então é mais fácil falá ela desse jeito errado também do que fala em inglês"*
 - ✓ *11F = "Eu observo que existe os dois tipos né do brasileiro que ta aqui."; "É aquele que mistura o português e o inglês..." (...) "Mas da forma correta que..." (...) "...e aqueles que criam uma nova palavra pra substituir uma que às vezes existe, mas não tá ali na memória deles no momento..." (...) "É que na minha opinião, quem tem um nível, um grau de estudo maior, não vai se permitir usar esses meios..." (...) "Porque isso pra mim e pra muita gente também pode ser considerado errado..." (...) "Mas essas palavras assim, diferentes que são a junção dos... Das línguas... Eu não falaria porque na minha opinião não é certo." (...) "Mas se eu falar uma coisa dessa perto da*

minha avó, vamos supor. Ela vai falar que é isso, minha filha, fala direito. Porque ela vai imaginar que eu to diminuindo meu português. Como se eu não tivesse valorizando o que eu aprendi. (...) “... Pelo menos aqui eu vejo assim, você consegue diferenciar a pessoa pelo modo de falar. Cê consegue ver quem veio pra cá muito cedo. (...) Cê consegue vê quem veio pra cá sem estudo nenhum e cê consegue vê quem nasceu aqui. Igual o fulano que nasceu aqui e quer falar o português... Né, que a família fala português também dessa forma bem simples assim pela questão de educação e tudo. Usa esses termos... E tentando falar o correto. Então sai palavras que você não imagina. Sai umas palavras assim, que você não imagina.”

- ✓ 14F = “A minha babá tá aqui há doze anos e ela tem um assim... Conhecimento básico de inglês. É... então ela, ela mora aqui em Newark, então porque ela mora aqui ela não necessariamente precisa aprender Inglês. E ela sempre só trabalhou com brasileiro então ela só fala português fluente...”
- ✓ 9M = “Não chegam a aprender inglês. E você se distancia do português que você aprendeu na tua terra. É... Com os anos aqui cê começa a falar português, você percebe. A pessoa que está aqui há dezoito, dezenove anos, que quase não vai no Brasil e às vezes não convive com a... Com a comunidade brasileira. O inglês dela é terrível. O português é terrível...”
- ✓ 13M = “Bisado está errado!” “porque não sei, mas está errado!”
- ✓ 14M = “Lá no salão, se alguém começa a falar “parkear”, “bisado” fico uma fera! As meninas já sabem, perto de mim ninguém fala isso não.” Com os clientes não posso brigar, né? mas com as meninas do salão...não deixo mesmo...vão acabar esquecendo o português e não vão aprender o inglês...”

Sabemos que as variantes adquirem prestígio se forem associadas a um falante ou grupo social de status superior, tendendo a ser imitadas por pessoas de classe inferior. Desse modo, a variedade linguística própria da classe dominante se impõe como marca de prestígio, determinando a atitude de falantes dos grupos dominados por essa variedade. Para Boyer (1991) os colonizados sabem muito bem disso e um de seus primeiros cuidados é o de avaliar pejorativamente as línguas vernáculas a ponto de os colonizados desvalorizarem as suas próprias línguas nativas, envergonhando-se de não falarem a língua do colonizador.

Como era de se esperar, as variantes estigmatizadas são aquelas que maior preconceito sofrem em uma sociedade de classes. Caso um falante seja camponês ou morador de uma favela, analfabeto ou com baixo nível de escolaridade, sua maneira de falar será um reflexo de

sua condição social, e nunca será a mesma das pessoas que se situam no topo da pirâmide social. Dessa forma, uma vez que a variação linguística pressupõe a valoração social, as variantes empregadas por falantes dos estratos mais baixos da sociedade são, em grande parte, estigmatizadas. Quanto mais identificada à forma estigmatizada for com a variante empregada, tanto mais discriminada ela será.

É por isso que as inovações lexicais carregam consigo um estigma, já que denotam um brasileiro proveniente de uma classe social mais baixa, detendo um baixo nível de escolaridade e um baixo nível de proficiência em inglês.

Observando as entrevistas e questionários preenchidos pelos próprios informantes, procuramos detectar graus de estigmatização que essa variante inovadora carrega em si. Procuramos fazer uma correlação entre alguns dos fatores sociais que podem ter motivado essa estigmatização da variável “inovação lexical” no português de brasileiros imigrantes nos EUA.

Segundo Schilling-Estes e Wolfram (1998), um estudo que faça a correlação entre comportamento linguístico e estratificação social deve ser embasado por classificações realistas de falantes em estratos sociais. Sendo bem objetivos, podemos afirmar que algumas pessoas têm prestígio, poder e dinheiro, e outras contam com poucas dessas “*commodities*” para negociar no mercado social.

Ao examinar causas externas da variação e da mudança linguística, um modelo satisfatório deve incorporar a análise do perfil social dos falantes de uma dada comunidade de fala. Tradicionalmente, as variáveis sociais independentes como idade, gênero e classe social são parâmetros pertinentes, seja para estudar a heterogeneidade linguística, seja para indicar o dinamismo das mudanças em tempo aparente.

Esses parâmetros extralinguísticos dividem a sociedade em grupos fixos, estabelecem correlações diretas entre uso de variantes e estratificação social e buscam identificar o *locus* da mudança no indivíduo em determinado ponto da estrutura social. Daí a coexistência de grupos inovadores e conservadores em uma relação dinâmica que pode apontar os caminhos da língua.

4.5. Variáveis testadas

A fim de interpretarmos dados, devemos testar hipóteses, comparar análises alternativas e desenvolver modelos de dados através dos quais possamos fazer previsões. Com esse propósito, usamos a Estatística Inferencial e, mais especificamente, os testes de significância.

No presente estudo utilizamos o teste de significância *Chi-square*, ou Qui-quadrado, com o objetivo de testar as variáveis estruturais e não-estruturais contra as variáveis sócio-demográficas deste trabalho.

Realizamos testes de hipóteses para “Tipos Inovações Lexicais” e “Inovações realizadas em determinados Campos Semânticos” detectados nas entrevistas com os informantes, contra as variáveis sócio-demográficas deste estudo, a saber: gênero, idade, tempo de residência do informante nos EUA, nível de escolaridade, proficiência de língua inglesa, classe social, idade no início da aprendizagem de língua inglesa e atividades ocupacionais desempenhadas nos EUA.

O objetivo dos testes foi de verificar a nulidade da hipótese de relação entre tipos de inovação lexical, ocorrência de inovações lexicais e as condições sócio-demográficas determinadas acima, nos campos semânticos em que as inovações lexicais foram detectadas.

4.5.1. Tipos de Inovação Lexical versus Condições sócio-demográficas

Apresentaremos, primeiramente, os testes realizados com o propósito de verificar a nulidade da hipótese de relação entre os Tipos de Inovação Lexical (empréstimos e calques) e as condições sócio-demográficas dos informantes: gênero, idade, tempo de residência do informante nos EUA, nível de escolaridade, proficiência (domínio) de língua inglesa, classe social, idade no início da aprendizagem de língua inglesa e atividades ocupacionais desempenhadas pelos informantes desta pesquisa nos EUA.

4.5.1.1 Tipos de Inovações Lexicais versus Gênero

A primeira variável, “Gênero” (masculino/feminino), foi testada em relação aos tipos de inovações lexicais mencionadas no capítulo anterior: calques fonologicamente mixados, calques fonologicamente independentes, calques frasais e empréstimos.

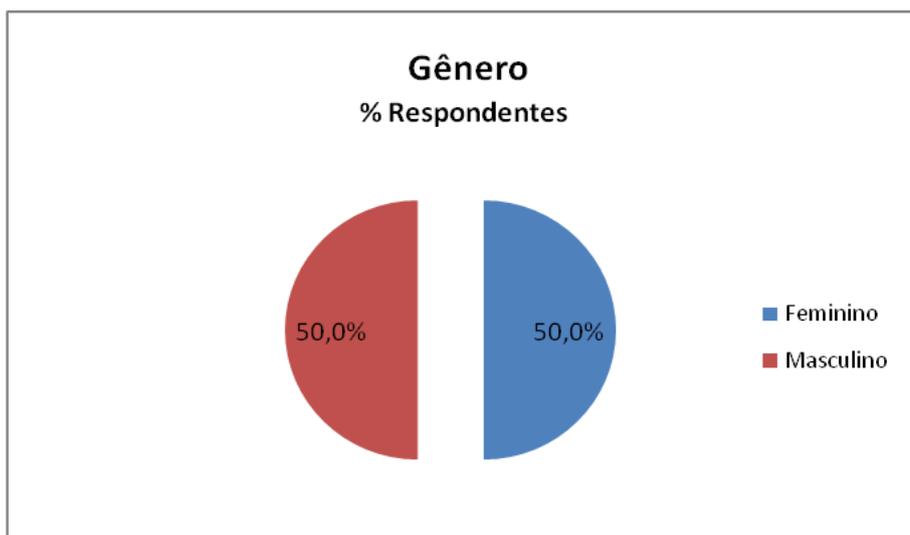


Gráfico 2: Distribuição por Gênero — Fonte: Dados da Pesquisa

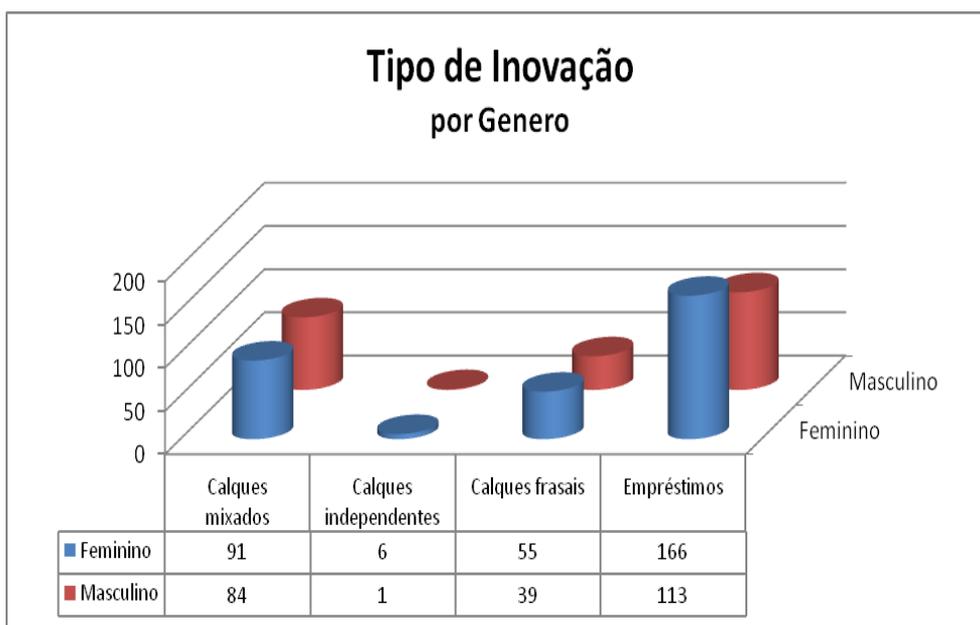


Gráfico 3: Tipos de Inovação por Gênero – Fonte: Dados da Pesquisa

A tabela 1, a seguir, apresenta o teste “qui-quadrado” feito para verificar a aceitação da Hipótese de nulidade (H_0) da relação entre o gênero e o tipo de inovação lexical usada pelo informante. De outra forma, validar a hipótese de haver relação (H_1) entre tais variáveis.

Realizando-se os cálculos para o teste qui-quadrado através dos dados da pesquisa, temos:

H_0 = Não há relação entre gênero e o tipo de inovação lexical usado pelos informantes

H_1 = Existe relação entre gênero e o tipo de inovação lexical usado pelos informantes

Teste das relações entre TIPOS DE INOVAÇÃO X GÊNERO - método : qui quadrado							
		Calques mixados	Calques independentes	Calques frasais	Empréstimos	Total	%
Observados	Feminino	91	6	55	166	318	57,30%
	Masculino	84	1	39	113	237	42,70%
	Total	175	7	94	279	555	100,00%
	%	31,53%	1,26%	16,94%	50,27%	100,00%	
Esperados	Feminino	100,27	4,01	53,86	159,86	318,00	
	Masculino	74,73	2,99	40,14	119,14	237,00	
	Total	175,00	7,00	94,00	279,00	555,00	
$((o-e)^2)/e$		0,86	0,99	0,02	0,24		
		1,15	1,32	0,03	0,32		
CHISQUARE (qui quadrado)				$\chi^2 =$		4,93	
$df = (r-1)(k-1)$		$df = (2-1)(4-1) = 3; \alpha = 0,05$					
X^2 crítico ($df = 3; \alpha = 0,05$) = 7,81		assim, $7,81 > 4,93$					

Tabela 1: Tipos de Inovação X Gênero – Fonte: Dados da Pesquisa

RESULTADO DO TESTE QUI-QUADRADO

Se X^2 crítico (7,81) > X^2 verificado (4,93), então H_0 é aceita

Logo, o GÊNERO e o TIPO DE INOVAÇÃO são variáveis cuja relação NÃO pode ser verificada para o nível de significância de 5%.

De acordo com o teste qui-quadrado aplicado, para um nível de significância de 5%, o teste de nulidade da hipótese foi aceito. Gênero e os Tipos de Inovações Lexicais realizadas são variáveis cuja relação não pode ser verificada. Isso significa que o gênero não se correlaciona com o tipo de inovação lexical apresentada pelos informantes. Na medida em que não verificamos grau de dependência, não podemos traçar inferências a esse respeito.

4.5.1.2. Tipos de Inovações Lexicais versus Idade

Baseado nos estudos de Otheguy e Garcia (1988) e Poplack, Sankoff e Miller (1988), segundo os quais a idade do falante tem um papel importante no uso e difusão das inovações lexicais, testamos a variável *Idade* em relação aos tipos de *Inovações Lexicais*.

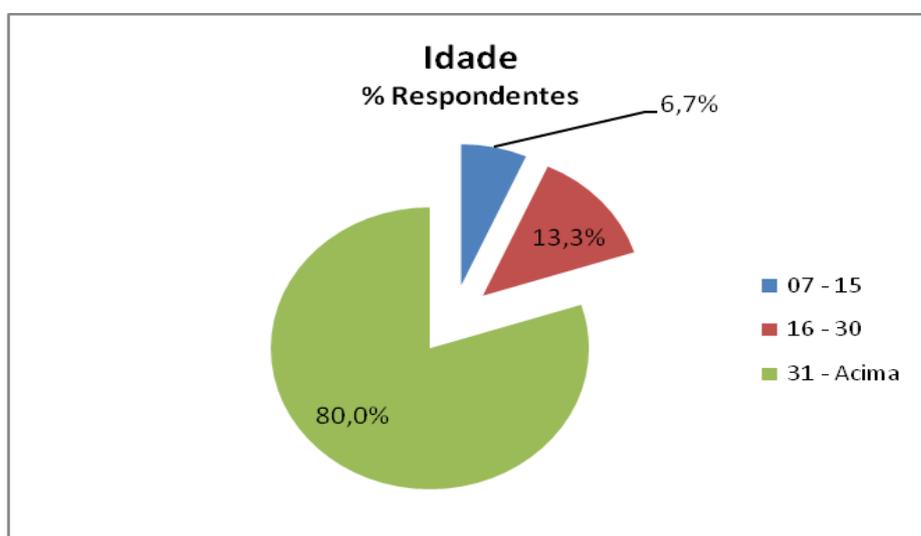


Gráfico 4: Distribuição por Idade – Fonte: dados da pesquisa

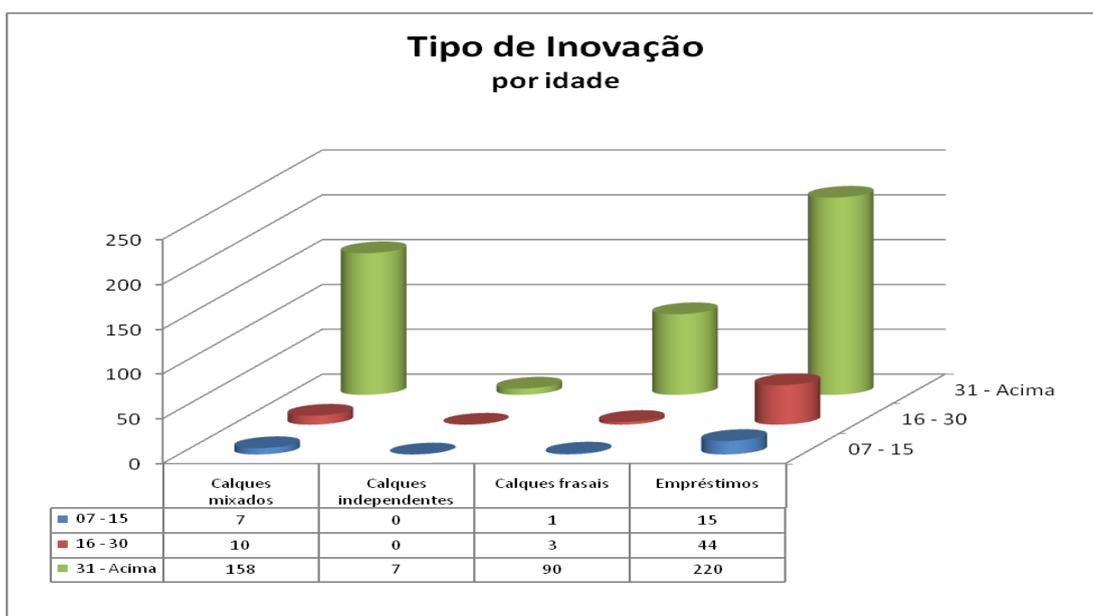


Gráfico 5: Tipo de Inovação Por Idade – Fonte: dados da pesquisa

A tabela 2, a seguir, apresenta o teste “qui-quadrado” feito para verificar a aceitação da Hipótese de nulidade (H_0) da relação entre a idade e o tipo de inovação lexical usada pelo informante. De outra forma, validar a hipótese de haver relação (H_1) entre tais variáveis.

Realizando-se os cálculos para o teste qui-quadrado através dos dados da pesquisa, temos:

H_0 = Não há relação entre a idade do informante e o tipo de inovação lexical usado pelos informantes

H_1 = Existe relação entre a idade do informante e o tipo de inovação lexical usado pelos informantes

Teste das relações entre TIPOS DE INOVAÇÃO X IDADE - método : qui quadrado							
		Calques mixados	Calques independentes	Calques frasais	Empréstimos	Total	%
Observados	07 - 15	7	0	1	15	23	4,14%
	16 - 30	10	0	3	44	57	10,27%
	31 - Acima	158	7	90	220	475	85,59%
	Total	175	7	94	279	555	100,00%
	%	31,53%	1,26%	16,94%	50,27%	100,00%	
Esperados	07 - 15	7,25	0,29	3,90	11,56	23,00	
	16 - 30	17,97	0,72	9,65	28,65	57,00	
	31 - Acima	149,77	5,99	80,45	238,78	475,00	
	Total	175,00	7,00	94,00	279,00	555,00	
((o-e) ² /e		0,01	0,29	2,15	1,02		3,47
		3,54	0,72	4,59	8,22		17,06
		0,45	0,17	1,13	1,48		3,23

CHISQUARE (qui quadrado)

$X^2 =$

20,53

$df = (r-1)(k-1)$

$df = (3-1)(4-1) = 6; \alpha = 0,05$

X^2 crítico ($df = 6; \alpha = 0,05$) = 12,50

assim, $12,50 < 20,53$

Tabela 2: Tipos de Inovação X Idade – Fonte: Dados da pesquisa

RESULTADO DO TESTE QUI-QUADRADO:

Se X^2 crítico (12,50) < X^2 verificado (20,53), então H_0 é rejeitada

Logo, a IDADE e o TIPO DE INOVAÇÃO são variáveis cuja relação pode ser verificada para o nível de significância de 5%.

Verificamos, assim, que a idade tem relação com o Tipo de Inovação Lexical utilizada. Parece que as inovações mais utilizadas são mesmo os empréstimos linguísticos, para todas as faixas etárias analisadas. Alguns dos exemplos de empréstimos detectados foram “*delivery*”= entrega e “*driver*”= motorista. Em segundo lugar, os calques fonologicamente mixados, como “*acento*”= sotaque e “*printar*”= imprimir. Em terceiro lugar ficaram os calques frasais, como “*ele é suposto de fazer isso*”. Já em quarto lugar ficaram os calques independentes fonologicamente, como em “*jogar uma festa*”. Pottier (1968) menciona a questão a propósito das causas do bilingüismo em algumas regiões da França, em que as diferenças linguísticas seriam oriundas de fatores como atividades profissionais, situação geográfica, classe social, gênero e idade. Preti (1982) também faz algumas considerações a respeito dessas variáveis. Segundo o autor, sobre a variável *idade/faixa etária*, quando se analisa um falante adulto, as variações relativas às devidas faixas etárias limitam-se muito mais ao vocabulário e nem sempre são facilmente percebidas.

Foi detectado que o uso de empréstimos é inversamente proporcional à idade do indivíduo, ou seja, quanto mais jovem, mais uso o indivíduo faz dos empréstimos linguísticos, e quanto mais velho menos uso dessa estrutura ele faz, em relação ao esperado.

No que concerne o uso de calques mixados, houve uma relação diretamente proporcional ao seu uso, sendo que quanto mais velho, mais uso o indivíduo faz dessa estrutura.

Possivelmente isso se explica devido ao fato de que a língua materna parece interferir mais no processo de aquisição de linguagem de um indivíduo mais velho, que por consequência, faz mais uso de estruturas da língua nativa ao usar a língua-alvo.

4.5.1.3. Tipos de Inovações Lexicais versus Tempo de Residência

Cruzamos os dados obtidos com “Tipos de Inovações” e “Tempo de Residência nos EUA”, pois, de acordo com os estudos de Poplack et al. (1988), o tempo de residência no país de língua-alvo pode se tornar um fator decisivo de uso de inovações lexicais.

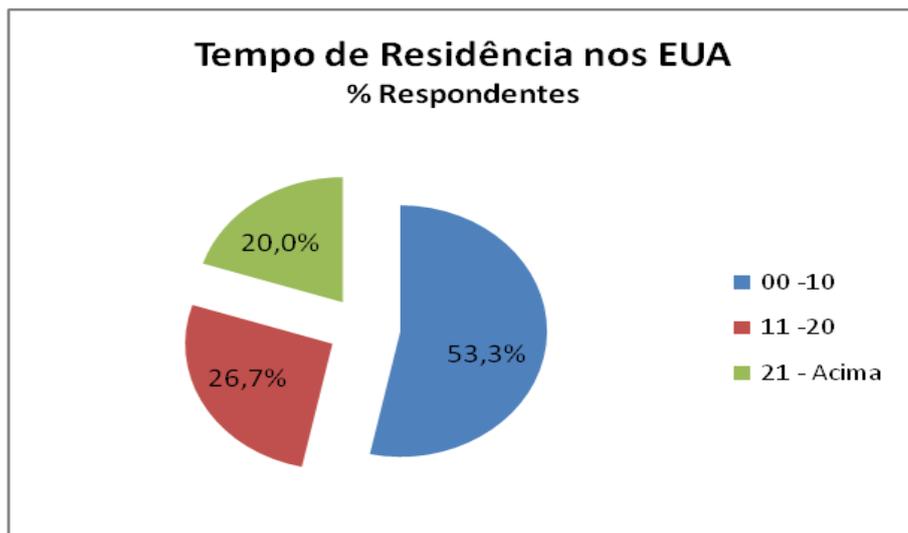


Gráfico 6: Tempo de Residência nos EUA – Fonte: Dados da pesquisa

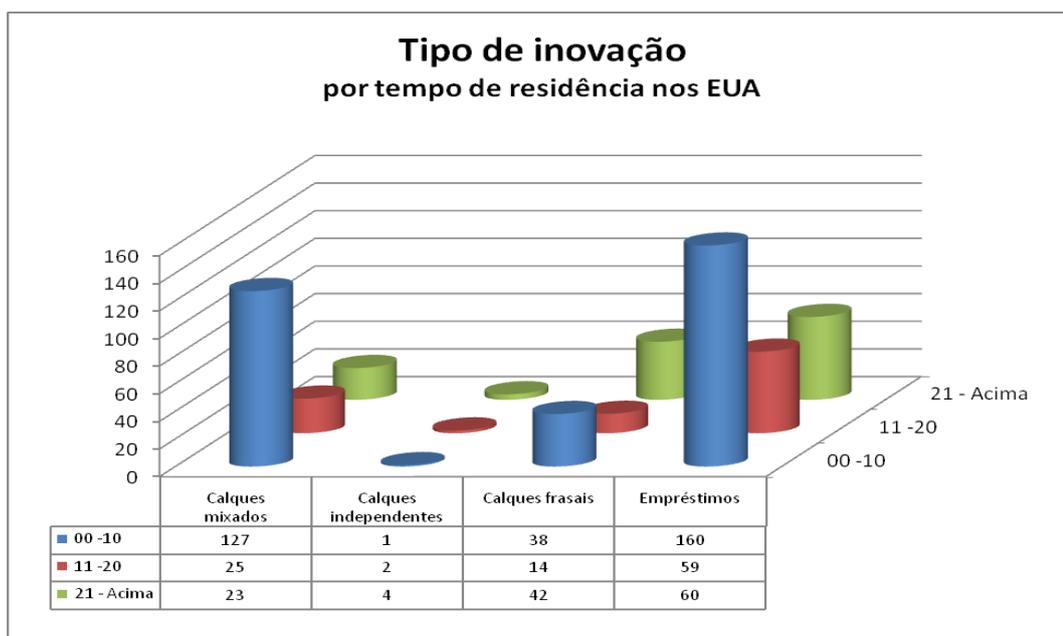


Gráfico 7: Tipos de Inovação X Residência nos EUA– Fonte: Dados da pesquisa

A tabela 3, a seguir, apresenta o teste “qui-quadrado” feito para verificar a aceitação da Hipótese de nulidade (H_0) da relação entre o tempo de residência nos EUA e o tipo de inovação lexical usada pelo informante. De outra forma, validar a hipótese de haver relação (H_1) entre tais variáveis.

Realizando-se os cálculos para o teste qui-quadrado através dos dados da pesquisa, temos:

H_0 = Não há relação entre o tempo de residência nos EUA e o tipo de inovação lexical usado pelos informantes

H_1 = Existe relação entre o tempo de residência nos EUA e o tipo de inovação lexical usado pelos informantes

Os gráficos 6 e 7, a seguir, ilustram as relações entre os tipos de inovação lexical e o tempo que o informante passou nos EUA.

Podemos observar claramente que as pessoas que passaram menos tempo nos EUA, de 0 a 10 anos, usam mais empréstimos e calques mixados.

Teste das relações entre TIPOS DE INOVAÇÃO X TEMPO DE RESIDÊNCIA NOS EUA - método : qui quadrado							
		Calques mixados	Calques independentes	Calques frasais	Empréstimos	Total	%
Observados	00 -10	127	1	38	160	326	58,74%
	11 -20	25	2	14	59	100	18,02%
	21 - Acima	23	4	42	60	129	23,24%
	Total	175	7	94	279	555	100,00%
	%	31,53%	1,26%	16,94%	50,27%	100,00%	
Esperados	00 -10	102,79	4,11	55,21	163,88	326,00	
	11 -20	31,53	1,26	16,94	50,27	100,00	
	21 - Acima	40,68	1,63	21,85	64,85	129,00	
	Total	175,00	7,00	94,00	279,00	555,00	
((o-e) ² /e		5,70	2,35	5,37	0,09		13,51
		1,35	0,43	0,51	1,52		3,81
		7,68	3,46	18,59	0,36		30,09

CHISQUARE (qui quadrado)

$\chi^2 =$

47,42

df = (r-1)(k-1)

df = (3-1)(4-1) = 6 ; $\alpha = 0,05$

χ^2 crítico (df = 6 ; $\alpha = 0,05$) = 12,50

assim, 12,50 < 47,42

Tabela 3: Tipos de Inovação X Residência nos EUA – Fonte: Dados da pesquisa

RESULTADO DO TESTE QUI-QUADRADO:

Se χ^2 crítico (12,50) < χ^2 verificado (47,42), então H_0 é rejeitada

Logo, o TEMPO DE RESIDÊNCIA NOS EUA e o TIPO DE INOVAÇÃO LEXICAL são variáveis cuja relação pode ser verificada para o nível de significância de 5%.

Verificamos que os informantes que se encontram nos EUA há menos tempo, de 0-10 anos tendem a usar calques mixados mais intensamente do que seria esperado, provavelmente ainda sofrendo forte influência da língua materna. Do mesmo modo, os informantes que estão

nos EUA de 11 a 20 anos tendem a fazer uso de calques mixados em número inferior ao esperado, tendência mantida também para os informantes que residem nos EUA há 21 anos ou mais.

Podemos inferir que o tempo de residência nos EUA seria inversamente proporcional ao uso dos calques mixados.

Verificamos através dos dados que existe uma correlação direta entre o uso de calques frasais e o tempo de residência nos EUA. O indivíduo que mora há menos tempo naquele país usa proporcionalmente menos essa inovação do que aquele que mora lá há mais tempo.

É possível que isso se explique devido ao fato de que os calques frasais exijam uma familiaridade maior com a língua, que só pode ser atingida com um tempo maior de residência naquele país.

4.5.1.4. Tipos de Inovações Lexicais versus Nível de escolaridade

Realizamos, então, o teste para Nível de Escolaridade versus Tipo de Inovação Lexical. Como pode ser verificado nos gráficos 8 e 9, abaixo, o nível de escolaridade se mostra bem revelador para o tipo de inovação lexical utilizada pelo informante. Os informantes que têm curso fundamental apenas, que representam 23,3% da amostra, fizeram uso mais intenso de calques fonologicamente mixados, o “*parkear*”, enquanto os demais, que têm curso médio ou instrução superior fizeram uso mais intenso de Empréstimos Linguísticos, como “*bills*” ou fazer “*delivery*”.

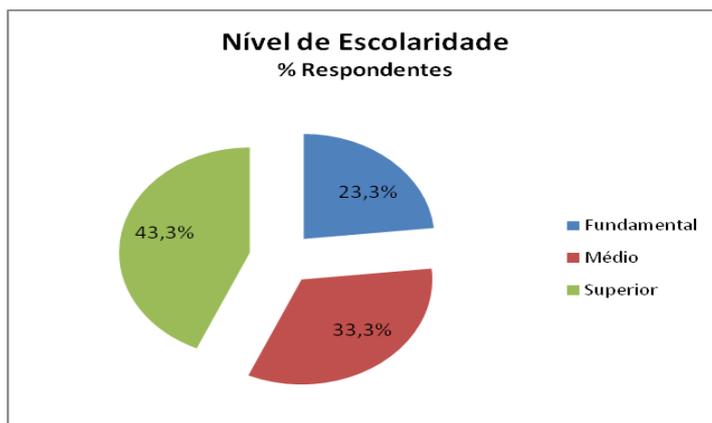


Gráfico 8: Nível de Escolaridade – Fonte: Dados da pesquisa

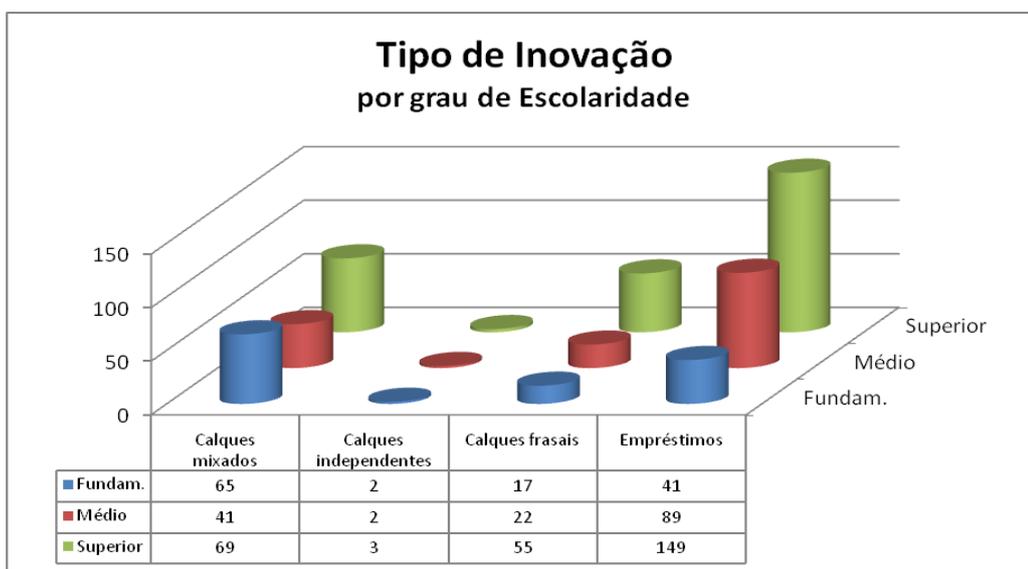


Gráfico 9: Tipos de Inovação X Nível de Escolaridade – Fonte: Dados da pesquisa

A tabela 4, a seguir, apresenta o teste “qui-quadrado” feito para verificar a aceitação da Hipótese de nulidade (H_0) da relação entre o Nível de escolaridade e o tipo de inovação lexical usada pelo informante. De outra forma, validar a hipótese de haver relação (H_1) entre tais variáveis.

Realizando-se os cálculos para o teste qui-quadrado através dos dados da pesquisa, temos:

H_0 = Não há relação entre o Nível de escolaridade e o tipo de inovação lexical usado pelos informantes

H_1 = Existe relação entre o Nível de escolaridade e o tipo de inovação lexical usado pelos informantes

Teste das relações entre TIPOS DE INOVAÇÃO X NÍVEL DE ESCOLARIDADE - método : qui quadrado							
		Calques mixados	Calques independentes	Calques frasais	Empréstimos	Total	%
Observados	Fundamental	65	2	17	41	125	22,52%
	Médio	41	2	22	89	154	27,75%
	Superior	69	3	55	149	276	49,73%
	Total	175	7	94	279	555	100,00%
	%	31,53%	1,26%	16,94%	50,27%	100,00%	
Esperados	Fundamental	39,41	1,58	21,17	62,84	125,00	
	Médio	48,56	1,94	26,08	77,42	154,00	
	Superior	87,03	3,48	46,75	138,75	276,00	
	Total	175,00	7,00	94,00	279,00	555,00	
((o-e) ² /e		16,61	0,11	0,82	7,59		25,13
		1,18	0,00	0,64	1,73		3,55
		3,73	0,07	1,46	0,76		6,02

CHISQUARE (qui quadrado)

$\chi^2 =$

34,70

df = (r-1)(k-1)

df = (3-1)(4-1) = 6; $\alpha = 0,05$

χ^2 crítico (df = 6; $\alpha = 0,05$) = 12,50

assim, 12,50 < 34,70

Tabela 4: Tipos de Inovação X Nível de Escolaridade – Fonte: Dados da pesquisa

RESULTADO DO TESTE QUI-QUADRADO:

Se χ^2 crítico (12,50) < χ^2 verificado (34,70), então H_0 é rejeitada

Logo, o NÍVEL DE ESCOLARIDADE e o TIPO DE INOVAÇÃO LEXICAL são variáveis cuja relação pode ser verificada para o nível de significância de 5%.

Parece que o indivíduo de Ensino fundamental faz uso de estruturas mais simples, mais familiares, usando a língua materna como matriz, justificando, desse modo o uso mais intenso de calques mixados nessa categoria.

Já os indivíduos que têm curso superior sentem dificuldade de encontrar termos mais precisos para situações que a língua materna não contempla com um termo adequado, fazendo uso mais intenso de empréstimos. A busca de prestígio e reconhecimento do conhecimento de uma segunda língua também podem ser fatores que justificam o uso maior de empréstimos linguísticos por indivíduos que tem formação acadêmica mais avançada.

Já o estudo de Poplack, Sankoff e Miller (1985) encontrou uma relação entre níveis de escolaridade e uso de empréstimos, sendo que os empréstimos mais integrados à língua materna tendem a ser mais utilizados pelos falantes de baixo nível de escolaridade, enquanto os mais inovadores foram usados por falantes de nível secundário ou superior.

4.5.1.5. Tipos de Inovações Lexicais versus Proficiência em língua inglesa

Em sexto lugar, testamos a variável proficiência (domínio) da língua inglesa que os informantes detêm, pois havia uma expectativa de que os brasileiros imigrantes nos EUA não tinham proficiência nessa língua.

Realizando-se os cálculos para o teste qui-quadrado através dos dados da pesquisa, temos:

H_0 = Não há relação entre Proficiência em língua inglesa e o tipo de inovação lexical usado pelos informantes

H_1 = Existe relação entre Proficiência em língua inglesa e o tipo de inovação lexical usado pelos informantes

Os gráficos 10 e 11, a seguir, demonstram a proficiência dos informantes em relação aos tipos de inovações lexicais usadas por eles.

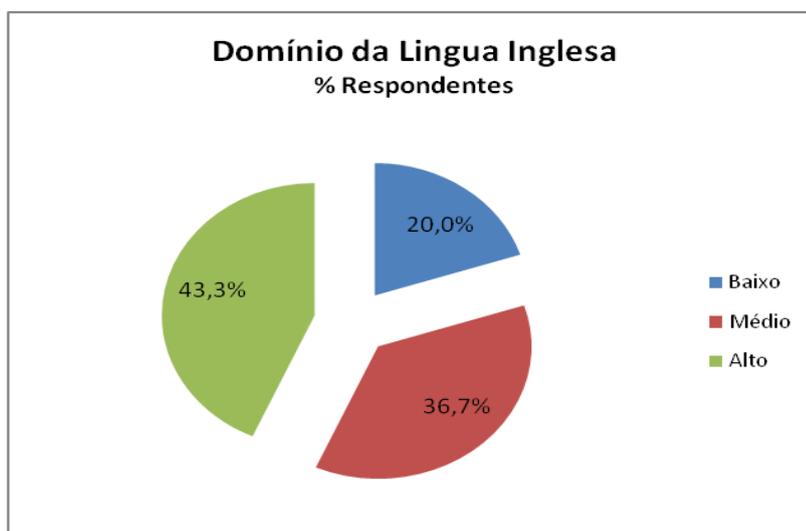


Gráfico 10: Domínio da Língua Inglesa – Fonte: Dados da pesquisa

O nível de proficiência em inglês observado por si só já foi uma surpresa, pois a expectativa era de um nível inferior ao encontrado. Como pode ser observado no gráfico 10, acima, 43,3% dos informantes eram proficientes em língua inglesa, enquanto 36,7% tinham nível médio de proficiência e apenas 20% tinha nível baixo de proficiência em língua inglesa.

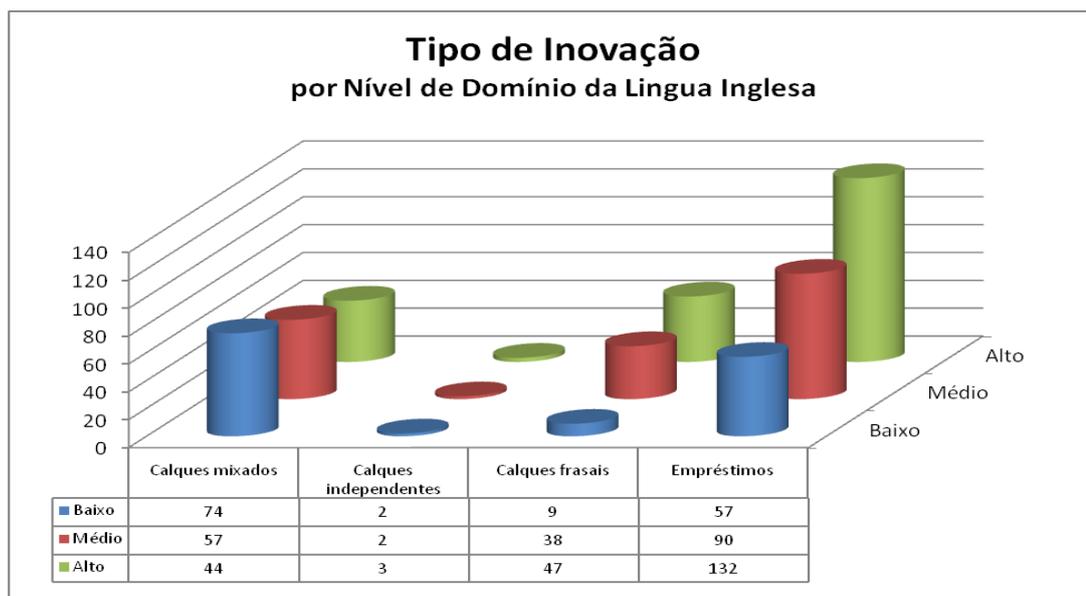


Gráfico 11: Tipos de Inovação X Domínio da Língua Inglesa– Fonte: Dados da pesquisa

Teste das relações entre TIPOS DE INOVAÇÃO X DOMÍNIO DA LINGUA INGLESÁ - método : qui quadrado							
		Calques mixados	Calques independentes	Calques frasais	Empréstimos	Total	%
Observados	Baixo	74	2	9	57	142	25,59%
	Médio	57	2	38	90	187	33,69%
	Alto	44	3	47	132	226	40,72%
	Total	175	7	94	279	555	100,00%
	%	31,53%	1,26%	16,94%	50,27%	100,00%	
Esperados	Baixo	44,77	1,79	24,05	71,38	142,00	
	Médio	58,96	2,36	31,67	94,01	187,00	
	Alto	71,26	2,85	38,28	113,61	226,00	
	Total	175,00	7,00	94,00	279,00	555,00	
((o-e) ² /e		19,08	0,02	9,42	2,90		31,42
		0,07	0,05	1,26	0,17		1,55
		10,43	0,01	1,99	2,98		15,40

CHISQUARE (qui quadrado)

$\chi^2 =$

48,37

$df = (r-1)(k-1)$

$df = (3-1)(4-1) = 6; \alpha = 0,05$

χ^2 crítico ($df = 6; \alpha = 0,05$) = 12,50

assim, $12,50 < 48,37$

Tabela 5: Tipos de Inovação X Domínio da Língua Inglesa– Fonte: Dados da Pesquisa

RESULTADO DO TESTE QUI-QUADRADO:

Se X^2 crítico (12,50) < X^2 verificado (48,70), então H_0 é rejeitada

Logo, o DOMÍNIO DA LINGUA INGLESA e o TIPO DE INOVAÇÃO LEXICAL são variáveis cuja relação pode ser verificada para o nível de significância de 5%.

Como pode ser verificado na tabela 5, acima, os informantes de baixa proficiência em inglês fizeram uso mais acentuado de calques mixados do que seria esperado (74 X 45), enquanto os informantes de maior proficiência fizeram uso menos acentuado (44 X 71). Sugerindo uma tendência de mixagem por falantes que não são proficientes na língua-alvo, possivelmente porque estariam mais susceptíveis à interferência da língua materna. Em relação a utilização de empréstimos, a relação seria de ordem inversa, ou seja, os informantes de maior proficiência em inglês fizeram uso mais acentuado de empréstimos do que seria esperado (132 X 113), enquanto os informantes de menor proficiência fizeram uso menos acentuado (57 X 71). Isso sugere uma tendência da utilização de empréstimos por falantes que são proficientes na língua-alvo, possivelmente por mera questão de escolha lexical.

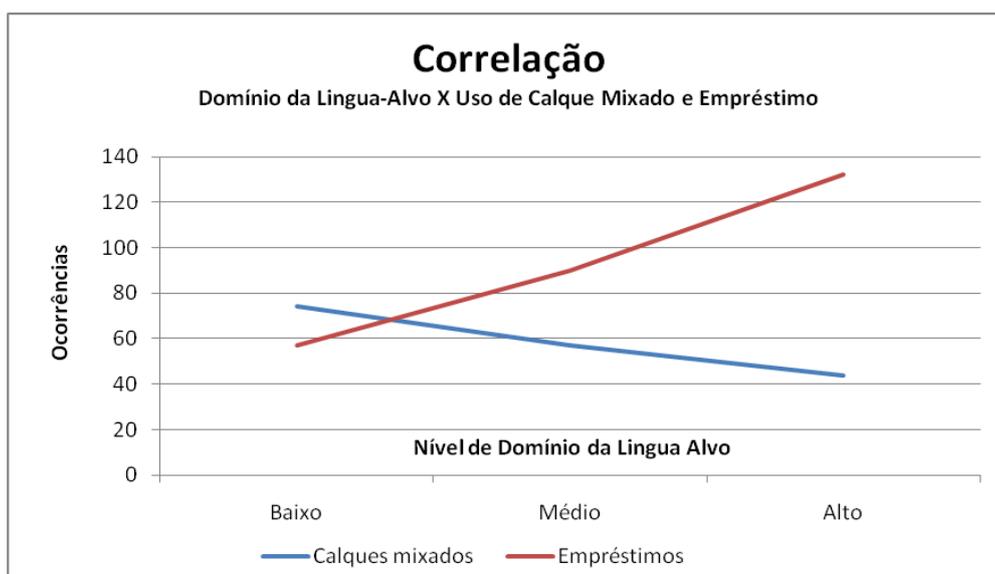


Gráfico 12: Correlação Entre Domínio de Língua - Alvo e Calques Mixados
Fonte: Dados da pesquisa

Embora a amostra não fosse definida com o propósito de fazer tal aferição, pudemos verificar, a partir dos dados coletados, que o nível de domínio da língua-alvo apresenta uma correlação direta com o uso de empréstimos linguísticos, e uma correlação inversa com o uso de calques mixados. A validação desta constatação dependeria de um estudo mais profundo e da definição de uma amostra com esse propósito.

Por outro lado, os estudos realizados por Poplack, Sankoff e Miller (1988) encontraram que, para as inovações lexicais que ocorrem no francês de moradores de Quebec, Canadá, no que tange a empréstimos, a pertença à classe social parece ser um fator mais significativo que efeitos ambientais ou proficiência bilíngue. Já em relação aos padrões de inovações, os efeitos ambientais são muito importantes, sugerindo que o uso de empréstimos é um comportamento adquirido, e não uma mera necessidade terminológica. Para Poplack, Sankoff e Miller (1988), os bilíngues equivalentes são, geralmente, os responsáveis pela criação e disseminação de inovações lexicais. Segundo eles, a sua familiaridade com a segunda língua é o fator que possibilita o uso e difusão de inovações lexicais.

Pode-se observar também que o uso de calques fonologicamente independentes foi baixo nas três categorias, sendo proporcionalmente mais baixo nos informantes mais proficientes em inglês.

Assim, Poplack, Sankoff e Miller (1985) verificaram em seu estudo que, a proficiência do falante na língua-alvo não exerce influência importante na taxa de uso geral de empréstimos. Desse modo, não importando a capacidade linguística desse falante, tendo acesso a itens lexicais de outra língua, ele agirá conforme as tendências prevalentes na sua comunidade de fala. Caso ele resida em uma comunidade onde o uso de empréstimos é uma prática comum, podemos deduzir que grande porção do seu vocabulário será constituído de empréstimos, conquanto as circunstâncias sociais não militem contra o seu uso.

O uso de calques frasais, embora apresentando um peso relativamente menor na totalidade das observações, teria sido menos intensamente utilizado pelos elementos de menor proficiência da língua-alvo do que seria esperado (9 X 24) ao mesmo tempo em que se verifica que os elementos de média e alta proficiência utilizam mais intensamente os calques frasais do que seria esperado (38 X 24) e (47 X 32), respectivamente. Isso sugere, portanto que a preferência de uso dos calques frasais pode ser um indicativo de uma relação ou que pudesse ser explicada a partir dos níveis de Proficiência da Língua-Alvo.

Importante salientar que o contraponto verificado por Poplack, Sankoff e Miller (1988), de certa forma também corrobora a constatação verificada nesta pesquisa, visto que reconhece a função do contexto na utilização das citadas variações. Para um melhor

entendimento, seria imperativo observar em que proporção a utilização das citadas variações poderia ser reconhecida como um indicativo de prestígio ou estimatização em cada contexto. Assim, seria natural presumir que o elemento com maior proficiência em duas línguas fizesse o uso das variações lexicais, de forma mais ou menos intensa, segundo sua conveniência contextual. Os resultados, ainda que eventualmente divergentes, indicariam o grau de influência do contexto enquanto fator motivador ou inibidor do uso de tais inovações.

4.5.1.6. Tipos de Inovações Lexicais versus Classe Social

Em sétimo lugar, testamos a classe social dos informantes. Esse é um fator sócio-demográfico bastante importante na área de variação sociolinguística. Entretanto, para um grau de significância de 5%, esse fator não tem relação com o uso de inovações lexicais.

Realizando-se os cálculos para o teste qui-quadrado através dos dados da pesquisa, temos:

H_0 = Não há relação entre Classe Social e o tipo de inovação lexical usado pelos informantes

H_1 = Existe relação entre Classe Social e o tipo de inovação lexical usado pelos informantes

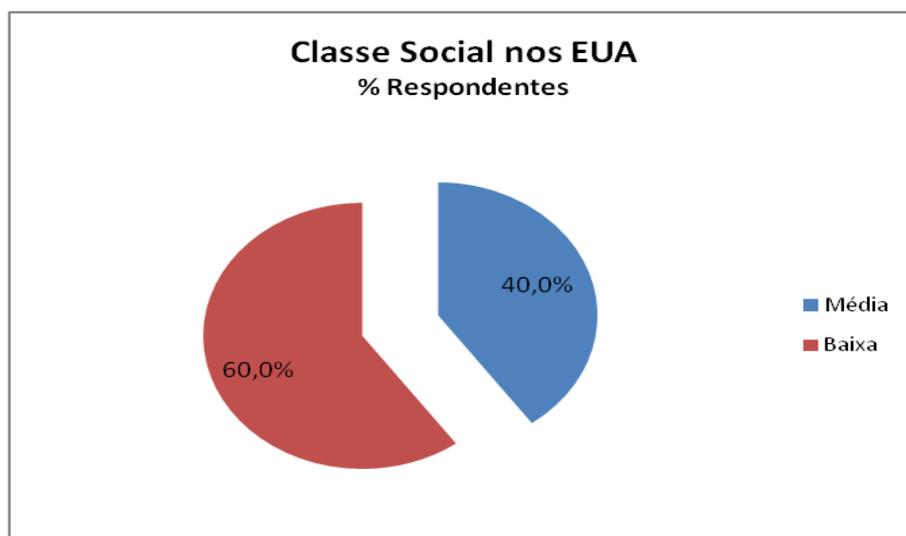


Gráfico 13: Classe Social
Fonte: Dados da pesquisa

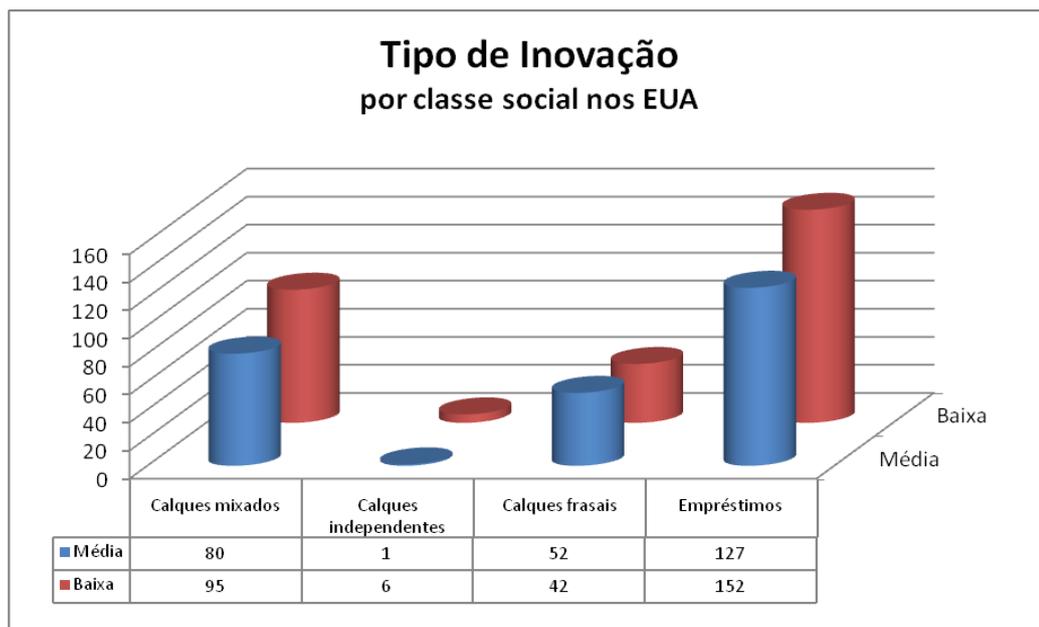


Gráfico 14: Tipos de Inovação X Classe Social – Fonte: Dados da pesquisa

Como já havíamos mencionado anteriormente, as classes sociais em questão não se relacionam às questões de divisão de classe da sociedade americana. Quando classificamos os brasileiros imigrantes em “classe média” e “classe baixa”, tínhamos em mente a situação dos brasileiros. Muito provavelmente o que é considerado classe média para um americano não seria o mesmo que nós consideramos. Classe média para esta pesquisa significa uma pessoa que tem imóveis, carros, um bom emprego, acesso a escolas particulares e uma vida sem atropelos de ordem financeira.

Como não havia classe alta de brasileiros, pelo menos entre os informantes, resolvemos abandonar essa classe e nos concentrarmos nas classes média e baixa.

Teste das relações entre TIPOS DE INOVAÇÃO X CLASSE SOCIAL - método : qui quadrado							
Observados		Calques mistados	Calques independentes	Calques frasais	Empréstimos	Total	%
	Média	80	1	52	127	260	46,85%
	Baixa	95	6	42	152	295	53,15%
	Total	175	7	94	279	555	100,00%
	%	31,53%	1,26%	16,94%	50,27%	100,00%	
Esperados	Média	81,98	3,28	44,04	130,70	260,00	
	Baixa	93,02	3,72	49,96	148,30	295,00	
	Total	175,00	7,00	94,00	279,00	555,00	
	((o-e) ² /e	0,05	1,58	1,44	0,10		3,18
		0,04	1,40	1,27	0,09		2,80

CHISQUARE (qui quadrado)

$X^2 =$

5,98

$df = (r-1)(k-1)$

$df = (2-1)(4-1) = 3; \alpha = 0,05$

X^2 crítico ($df = 3; \alpha = 0,05$) = 7.81

assim, $7,81 > 5,98$

Tabela 6: Tipos de Inovação X Classe Social – Fonte: Dados da pesquisa

Se X^2 crítico (7,81) > X^2 verificado (5,98), então H_0 é aceita

Logo, a CLASSE SOCIAL e o TIPO DE INOVAÇÃO LEXICAL são variáveis cuja relação não pode ser verificada para o nível de significância de 5%.

Os estudos de Poplack, Sankoff e Miller (1988) corroboram esse resultado, no sentido de que ao estudarem os padrões de empréstimo feito por moradores de Quebec, a proporção das chamadas “*nonce words*”, termo equivalente a calques mixados, a classe social não explica a grande influência que tem na taxa de uso geral de empréstimos. Eles encontraram, entretanto, uma relação direta entre alta proficiência na língua-alvo e a propensão ao uso de calques mixados. Já os empréstimos formam parte do léxico estigmatizado e desse modo, são evitados pelas classes mais altas.

4.5.1.7. Tipos de Inovações Lexicais versus Início de Aprendizagem da Língua-alvo

Em um estudo realizado por Poplack (1999), a classificação dos informantes porto-riquenhos foi feita de acordo com a idade do informante ao chegar nos EUA e a preferência de língua usada, espanhol ou inglês. As idades eram de 0-6 anos quando a influência dos pais é primordial; de 7-12, quando a influência dos pares começa a se interpôr à influência dos pais; de 13-17, quando a influência dos pares se torna a principal e de 18 anos em diante, quando os padrões de uso da linguagem tendem a se tornar cristalizados.

Para Beardsmore (1986), a idade do falante no início de uma exposição prolongada à segunda língua pode influenciar sobremaneira o desempenho desse falante, aliado a outros fatores, como a natureza do input e o nível de interferência da língua materna, por exemplo.

Segundo Beardsmore, a fossilização ou cristalização de estruturas pode ocorrer em vários estágios da aprendizagem de uma segunda língua, levando a uma aquisição parcial do domínio dessa língua. Como isso se aplica a grupos de indivíduos, assim como para indivíduos, podemos dizer que a fossilização pode levar ao surgimento de um “dialeto de contato”, segundo Haugen (1977), em que uma competência interlinguística fossilizada pode ser a situação normal.

Com base nesse estudo, testamos, então, a data de início da aprendizagem de língua estrangeira dos nossos Informantes.

Realizando-se os cálculos para o teste qui-quadrado através dos dados da pesquisa, temos:

H₀ = Não há relação entre Início de Aprendizagem e o tipo de inovação lexical usado pelos informantes

H₁ = Existe relação entre Início de Aprendizagem e o tipo de inovação lexical usado pelos informantes

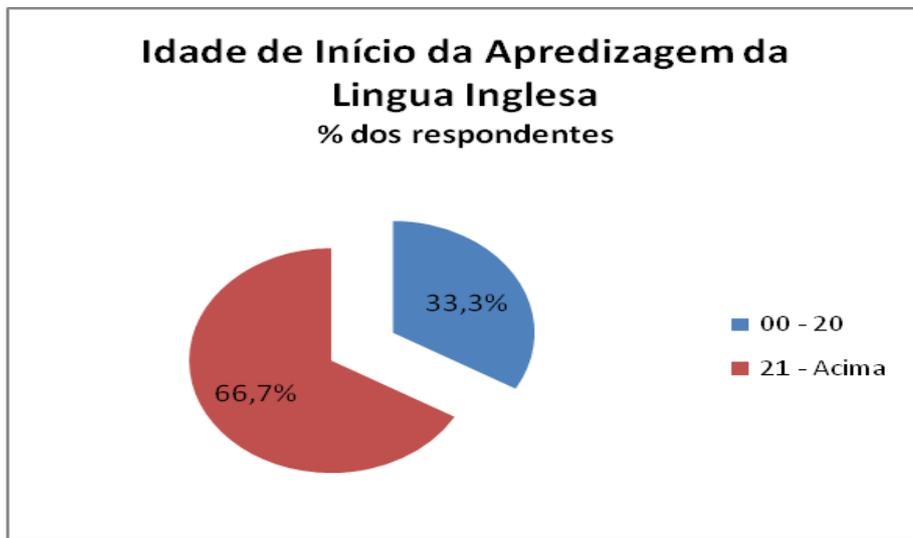


Gráfico 15: Início da Aprendizagem – Fonte: Dados da pesquisa

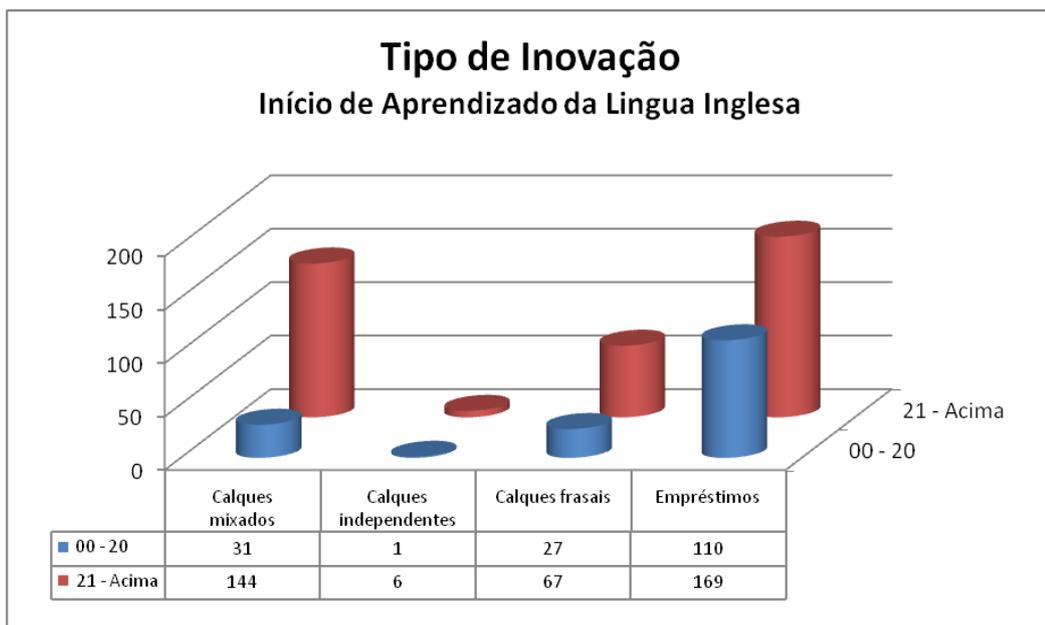


Gráfico 16: Tipos de Inovação X Início da Aprendizagem – Fonte: Dados da pesquisa

Procuramos observar, com esses dados, se a idade em que o informante começou a ter contato com a língua estrangeira poderia ter alguma influência no tipo de inovações lexicais que ele apresentava em seu discurso.

Teste das relações entre TIPOS DE INOVAÇÃO X IDADE DE INÍCIO DO APRENDIZADO DA LINGUA INGLESÁ - método : qui quadrado							
		Calques mixados	Calques independentes	Calques frasais	Empréstimos	Total	%
Observados	11 - 20	31	1	27	110	169	30,45%
	21 - Acima	144	6	67	169	386	69,55%
	Total	175	7	94	279	555	100,00%
	%	31,53%	1,26%	16,94%	50,27%	100,00%	
Esperados	11 - 20	53,29	2,13	28,62	84,96	169,00	
	21 - Acima	121,71	4,87	65,38	194,04	386,00	
	Total	175,00	7,00	94,00	279,00	555,00	
((o-e) ² /e		9,32	0,60	0,09	7,38		17,40
		4,08	0,26	0,04	3,23		7,62

CHISQUARE (qui quadrado)

$X^2 =$

25,01

$df = (r-1)(k-1)$

$df = (2-1)(4-1) = 3; \alpha = 0,05$

X^2 crítico ($df = 3; \alpha = 0,05$) = 7,81

assim, $7,81 < 25,01$

Tabela 7: Tipos de Inovação X Início do Aprendizado – Fonte: Dados da pesquisa

Se X^2 crítico (7,81) < X^2 verificado (25,01), então H_0 é rejeitada

Logo, a IDADE DE INÍCIO DO APRENDIZADO DA LINGUA INGLESÁ e o TIPO DE INOVAÇÃO LEXICAL são variáveis cuja relação pode ser verificada para o nível de significância de 5%.

Verificamos uma correlação diretamente proporcional em função da idade de aprendizagem de língua-alvo para a utilização de calques mixados, e inversamente proporcional para uso de empréstimos linguísticos. Os informantes que iniciaram a aprendizagem da língua-alvo de 0 a 20 anos de idade, que tendem a adquirir uma proficiência mais equivalente entre língua materna e língua-alvo, fizeram proporcionalmente mais uso de empréstimos linguísticos que das demais inovações lexicais. Já as pessoas que iniciaram seu aprendizado após os 21 anos, que têm uma tendência maior a utilizar a língua materna como referência, fizeram proporcionalmente mais uso de calques mixados do que das demais inovações linguísticas.

4.5.1.8. Tipos de Inovações Lexicais versus Atividade nos EUA

Segundo Poplack (1999), os fatores funcionais, que podemos chamar também de “atividades funcionais”, são os fatores mais fortes para a ocorrência de *codeswitching*, embora os fatores linguísticos também tenham um papel a desempenhar nesse processo.

O tipo de atividade nos EUA foi testado frente ao tipo de inovação lexical para verificar a hipótese de relação entre essas variáveis. Como vimos anteriormente, esta se mostrava como uma variável muito importante em relação ao tipo de inovação.

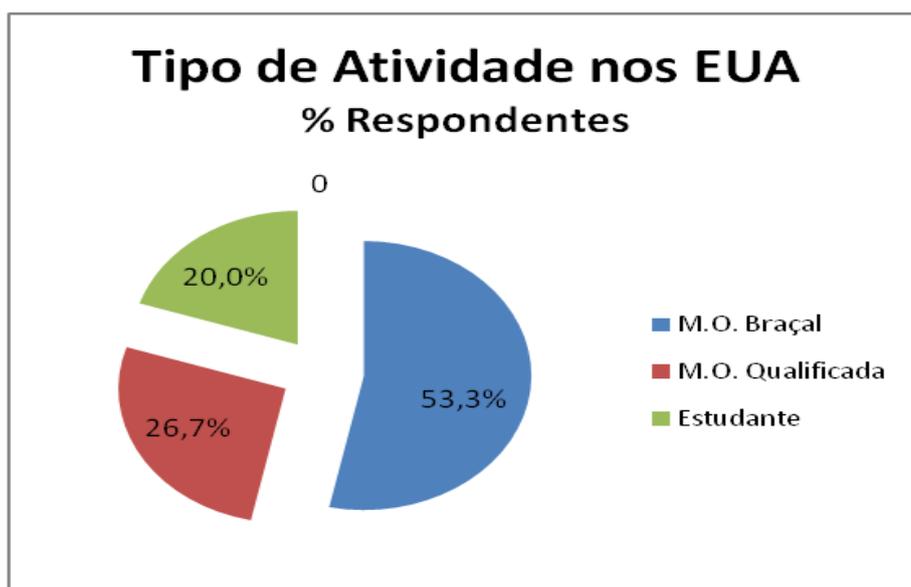


Gráfico 17: Atividades nos EUA – Fonte: Dados da pesquisa

Testamos, então, o tipo de atividade dos informantes nos EUA.

Realizando-se os cálculos para o teste qui-quadrado através dos dados da pesquisa, temos:

H_0 = Não há relação entre o tipo de atividade dos informantes nos EUA e o tipo de inovação lexical usado pelos informantes

H₁ = Existe relação entre o tipo de atividade dos informantes nos EUA o tipo de inovação lexical usado pelos informante

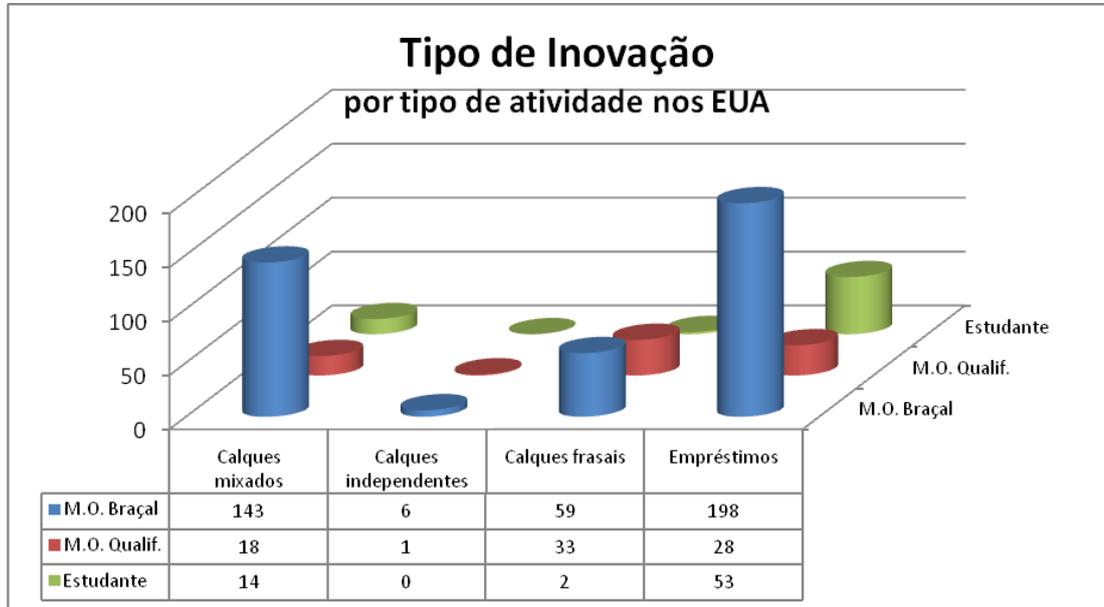


Gráfico 18: Tipos de Inovação X Atividades nos EUA – Fonte: Dados da pesquisa

Teste das relações entre TIPOS DE INOVAÇÃO X TIPO DE ATIVIDADE DESEMPENHADA NOS EUA - método : qui quadrado							
		Calques mixados	Calques independentes	Calques frasais	Empréstimos	Total	%
Observados	M.O. Braçal	143	6	59	198	406	73,15%
	M.O. Qualificada	18	1	33	28	80	14,41%
	Estudante	14	0	2	53	69	12,43%
	Total	175	7	94	279	555	100,00%
	%	31,53%	1,26%	16,94%	50,27%	100,00%	
Esperados	M.O. Braçal	128,02	5,12	68,76	204,10	406,00	
	M.O. Qualificada	25,23	1,01	13,55	40,22	80,00	
	Estudante	21,76	0,87	11,69	34,69	69,00	
	Total	175,00	7,00	94,00	279,00	555,00	
((o-e) ²)/e		1,75	0,15	1,39	0,18		3,47
		2,07	0,00	27,92	3,71		33,70
		2,77	0,87	8,03	9,67		21,33

CHISQUARE (qui quadrado)

$\chi^2 =$

58,51

$df = (r-1)(k-1)$

$df = (3-1)(4-1) = 6; \alpha = 0,05$

χ^2 crítico ($df = 6; \alpha = 0,05$) = 12,50

assim, $12,50 < 58,51$

Tabela 8: Tipos de Inovação X Atividades nos EUA – Fonte: Dados da pesquisa

RESULTADO DO TESTE QUI-QUADRADO:

Se X^2 crítico (12,50) < X^2 verificado (58,51), então H_0 é rejeitada

Logo, o TIPO DE ATIVIDADE DESEMPENHADA NOS EUA e o TIPO DE INOVAÇÃO LEXICAL são variáveis cuja relação pode ser verificada para o nível de significância de 5%. Essa hipótese se confirma de acordo com o teste qui-quadrado. As atividades ligadas à mão de obra braçal representam mais de 53,3% das ocupações desempenhadas pelos brasileiros informantes desta pesquisa, seguidas de cerca de 26,7% de mão de obra qualificada e 20% de estudantes.

A única categoria que apresentou maior incidência de calques mixados do que o esperado foi a categoria dos representantes da mão-de-obra braçal. Isso sugere, como já havíamos aventado no capítulo 1, página 16, que as pessoas que desempenham trabalhos braçais, que não requerem treinamento acadêmico, se utilizam mais dos calques mixados, usando o significante de inglês com o significado em português. Os empréstimos foram utilizados em proporção maior do que esperado pelos estudantes de nossa pesquisa, que são, em geral, mais jovens e fluentes em inglês.

Relações de dependência entre o TIPO DE INOVAÇÃO X CARACTERÍSTICAS SÓCIO-DEMOGRÁFICAS								
Característica sócio-demográfica	df	Relação de dependência		Qui Quadrado crítico		Qui Quadrado verificado $X^2 = \sum ((f_o - f_e)^2) / f_e$	Teste de nulidade da hipótese	
		$\alpha = 0,05$	$\alpha = 0,01$	$\alpha = 0,05$	$\alpha = 0,01$		$\alpha = 0,05$	$\alpha = 0,01$
Atividade nos EUA	6	sim	sim	12,50	16,81	58,51	Rejeitada	Rejeitada
Domínio da Língua Inglesa	6	sim	sim	12,50	16,81	48,37	Rejeitada	Rejeitada
Tempo de residência nos EUA	6	sim	sim	12,50	16,81	47,42	Rejeitada	Rejeitada
Escolaridade	6	sim	sim	12,50	16,81	34,70	Rejeitada	Rejeitada
Idade no início da aprendizagem	3	sim	sim	7,81	11,34	25,01	Rejeitada	Rejeitada
Idade	6	sim	sim	12,50	16,81	20,53	Rejeitada	Rejeitada
Classe	3	não	não	7,81	11,34	5,98	Aceita	Aceita
Gênero	3	não	não	7,81	11,34	4,93	Aceita	Aceita

Tabela 9: Resultado do Teste Qui-Quadrado –Tipos de Inovações Lexicais – Fonte: Dados da pesquisa

Verificamos, como pode ser atestado observando-se a tabela 9, acima, que, para um nível de significância de 5%, as variáveis “Atividades nos EUA”, “Domínio de Língua Inglesa”, “Tempo de residência nos EUA”, “Escolaridade”, “Idade do Início da aprendizagem” e “Idade” permitem a rejeição da Hipótese Nula.

No que concerne às variáveis “Classe” e “Gênero”, entretanto, a Hipótese Nula foi aceita para um nível de significância de 1% a 5%, o que significa que elas não interferem na determinação do Tipo de Inovação Lexical a ser utilizado pelo informante.

4.5.2. Ocorrência de Inovações Lexicais categorizadas por Campos Semânticos versus condições sócio-demográficas

Muitos estudiosos consideram o campo semântico como um importante aspecto a ser considerado ao se tratar de inovações lexicais, pelo fato de que os hibridismos resultantes de contato linguístico parecem incidir mais sobre alguns campos semânticos do que sobre outros.

Poplack, Sankoff e Miller (1988) alegam que os empréstimos aparentemente motivados por necessidade estão concentrados em alguns campos semânticos. No caso da pesquisa desses autores citados acima, trata-se de áreas em que a influência da cultura e das instituições anglofônicas são muito fortes no Canadá.

Tyson, 1997, por exemplo, ao fazer um estudo sobre o uso disseminado de empréstimos de inglês no Coreano, alega que há determinados campos semânticos em que exemplos de empréstimos linguísticos de inglês são muito comuns. Isso acontece, segundo ele, porque algumas áreas estão mais propensas a uma aceitação maior de vocabulário novo do que outras, como tecnologia, medicina, alimentação e utensílios para o lar, engenharia, esportes e moda.

Com essa perspectiva em vista, buscando fazer uma ponte entre as características sócio-demográficas dos informantes e as inovações lexicais utilizadas por eles em determinados campos semânticos, elaboramos um Histograma de Frequência onde aparecem as inovações lexicais separadas pelos campos semânticos abordados pelos informantes.

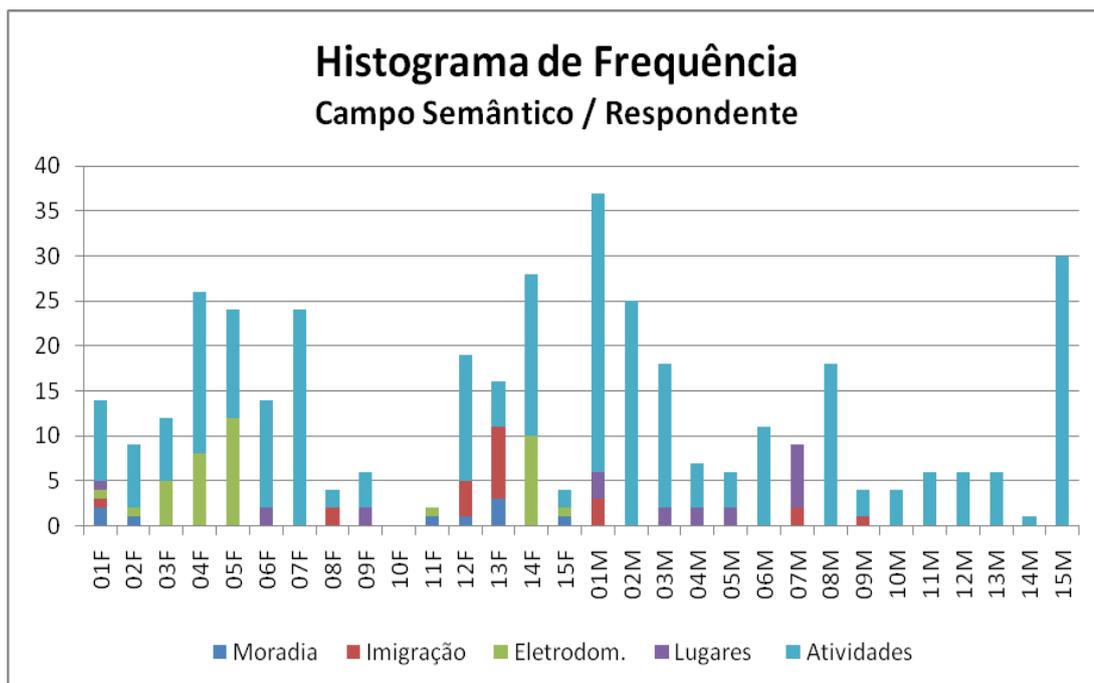


Gráfico 19: Histograma de Frequência: Campo Semântico Detectado nas Inovações Lexicais
Fonte: Dados da pesquisa

Importante salientar que, das 555 ocorrências de inovações lexicais detectadas, 390 puderam ser categorizadas nos campos semânticos evidenciados acima: moradia, imigração, equipamentos/eletrodomésticos, lugares e atividades desempenhadas pelos imigrantes nos EUA. Os demais campos semânticos abordados pelos informantes não puderam ser categorizados devido à variedade de assuntos que eles suscitavam, sendo, portanto, desconsiderados para efeito de avaliação.

4.5.2.1. Inovações Lexicais categorizadas por Campos Semânticos versus Gênero

A seguir, demonstraremos os testes realizados entre as inovações lexicais detectadas nos diferentes campos semânticos abordados pelos informantes durante as entrevistas e os dados sócio-demográficos desses informantes.

Primeiramente testamos a variável “gênero”. O objetivo de testar os campos semânticos mais salientes em relação ao uso de inovações lexicais foi o de verificar se essa condição sócio-demográfica propicia mais o uso de inovações lexicais ao se falar sobre determinados campos semânticos ou não.

Testamos, então, o gênero dos informantes ao usarem as inovações lexicais categorizadas por diferentes campos semânticos.

Realizando-se os cálculos para o teste qui-quadrado através dos dados da pesquisa, temos:

H_0 = Não há relação entre o gênero dos informantes e as inovações lexicais categorizadas por diferentes campos semânticos.

H_1 = Existe relação entre o gênero dos informantes e as inovações lexicais categorizadas por diferentes campos semânticos

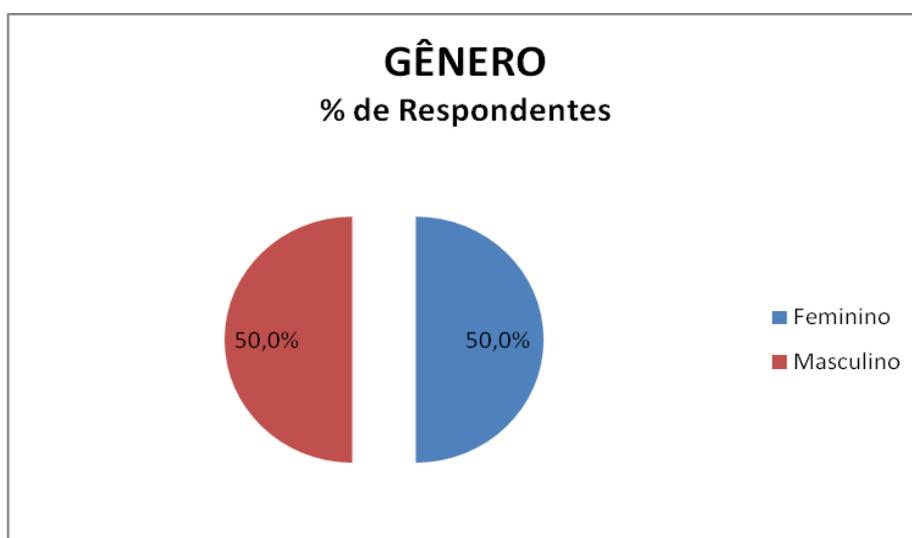


Gráfico 20: Gênero – Fonte: Dados da pesquisa

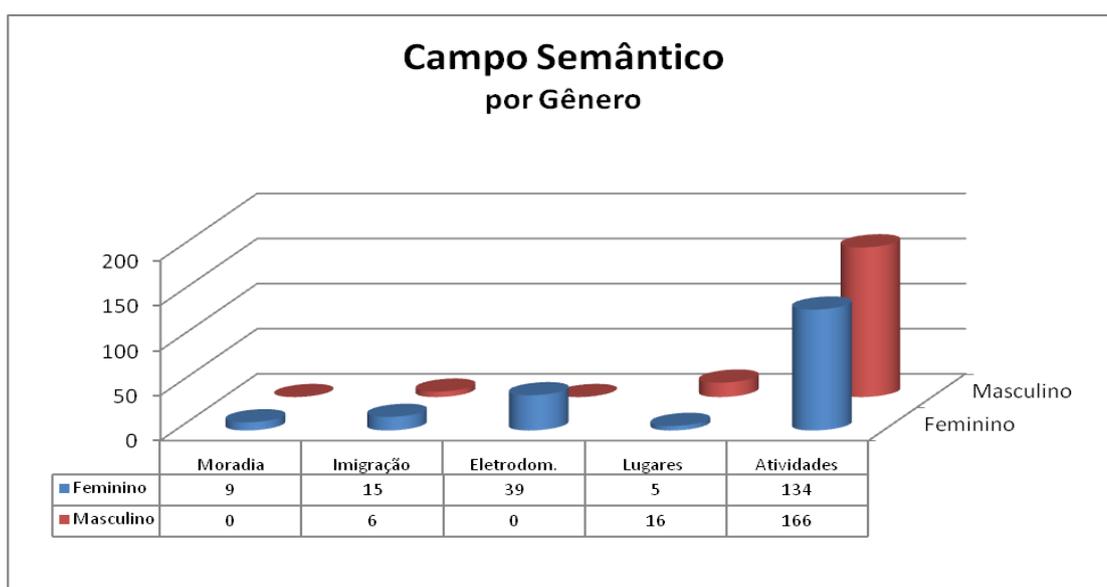


Gráfico 21: Campos Semânticos X Gênero – Fonte: Dados da pesquisa

Teste das relações entre CAMPOS SEMÂNTICOS X GÊNERO - método : qui quadrado								
		Moradia	Imigração	Eletrodoméstico	Lugares	Atividades	Total	%
Observados	Feminino	9	15	39	5	134	202	51,79%
	Masculino	0	6	0	16	166	188	48,21%
	Total	9	21	39	21	300	390	100,00%
	%	2,31%	5,38%	10,00%	5,38%	76,92%	100,00%	
Esperados	Feminino	4,66	10,88	20,20	10,88	155,38	202,00	
	Masculino	4,34	10,12	18,80	10,12	144,62	188,00	
	Total	9,00	21,00	39,00	21,00	300,00	390,00	
((o-e) ² /e		4,04	1,56	17,50	3,18	2,94	29,22	
		4,34	1,68	18,80	3,41	3,16	31,39	

CHISQUARE (qui quadrado)

X² =

60,61

df = (r-1)(k-1)

df = (2-1)(5-1) = 4; α = 0,05

X² crítico (df = 4; α = 0,05) = 9,49 assim, 9,49 < 60,61

--

Tabela 10: Campos Semânticos X Gênero – Fonte: Dados da pesquisa

RESULTADO DO TESTE QUI-QUADRADO:

Se **X² crítico (9,49) < X² verificado (60,61)**, então **H₀ é rejeitada**

Logo, o GÊNERO e o CAMPO SEMÂNTICO EM QUE APARECEM AS INOVAÇÕES LEXICAIS são variáveis cuja relação pode ser verificada para o nível de significância de 5%.

Como a tabela 10 parece sugerir, as inovações lexicais foram utilizadas pelas mulheres mais do que o esperado ao tratarem de assuntos como “moradia”, “imigração” e “eletrodomésticos”. Talvez a explicação desse resultado esteja no fato de que a mulher em questão se preocupe com a sua segurança tendo uma moradia e estando legalmente no país. Os campos semânticos “eletrodomésticos” e “moradia” foram salientes em relação ao uso de inovações lexicais devido às atividades ocupacionais das nossas informantes, geralmente ligadas à área de faxina, onde os equipamentos domésticos têm um papel primordial.

Já os campos semânticos “Lugares” e “Atividades” foram predominantemente mais usados pelos homens, possivelmente por serem ligados às atividades desempenhadas por eles, que também envolvem frequentes deslocamentos.

Poplack, Sankoff e Miller (1985) observaram que os trabalhadores sem qualificação e aqueles que apresentam “desemprego crônico” utilizam muito menos substantivos, cerca de

55%, com mais empréstimos distribuídos entre as classes de palavras em que se realizam mais inovações do que os informantes que desempenham outras atividades no Canadá. Isso sugere que não apenas os empréstimos, mas especificamente os empréstimos feitos na categoria mais comum (66% a 77% de substantivos) são estigmatizados pela mão-de-obra especializada.

4.5.2.2. Inovações Lexicais categorizadas por Campos Semânticos versus Idade

Testamos, então, a Idade dos informantes ao usarem as inovações lexicais categorizadas por diferentes campos semânticos.

Realizando-se os cálculos para o teste qui-quadrado através dos dados da pesquisa, temos:

H_0 = Não há relação entre a Idade dos informantes e as inovações lexicais categorizadas por diferentes campos semânticos.

H_1 = Existe relação entre a Idade dos informantes e as inovações lexicais categorizadas por diferentes campos semânticos

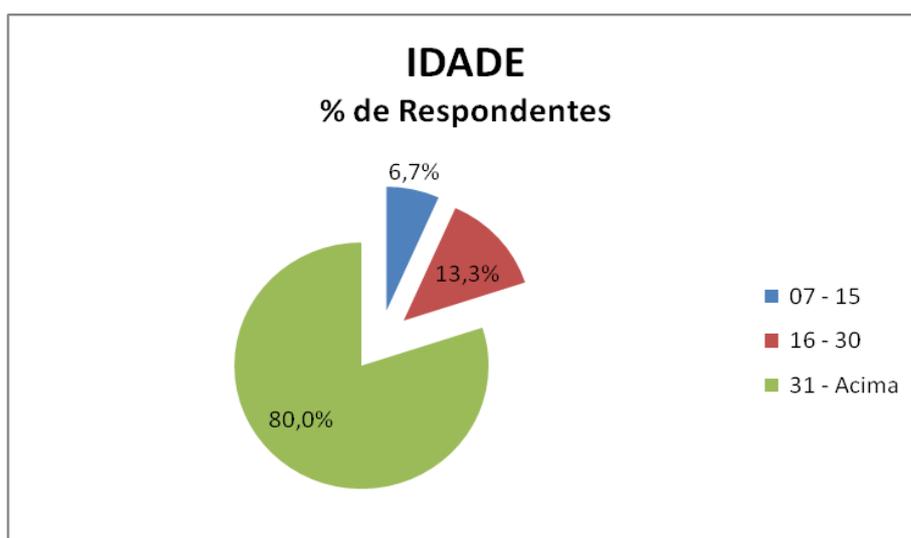


Gráfico 22: Idade
Fonte: Dados da pesquisa

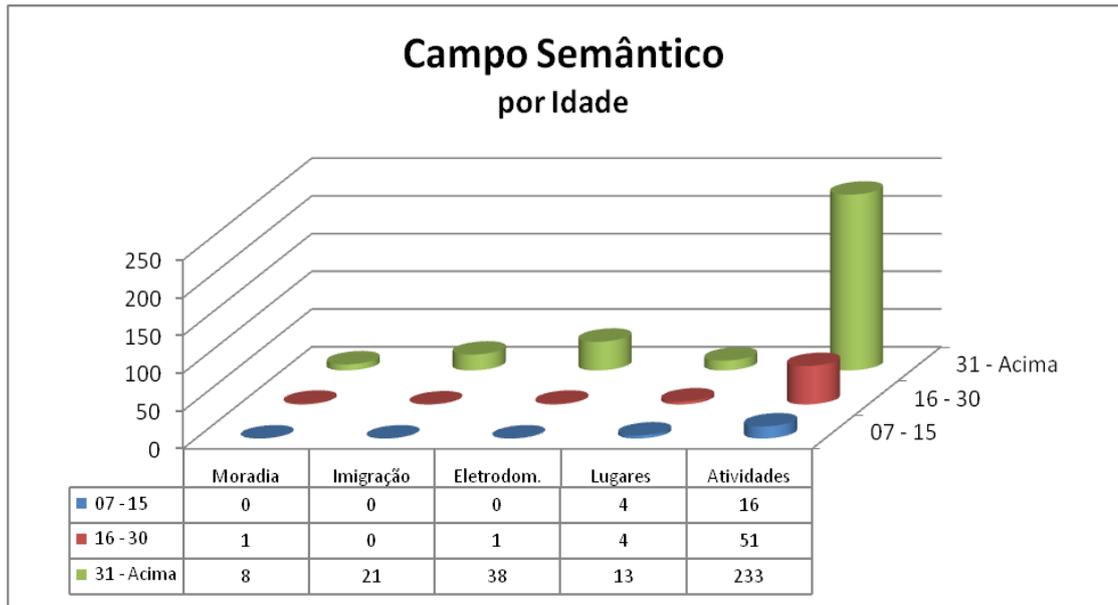


Gráfico 23: Campos Semânticos X Idade
 Fonte: dados da pesquisa

Em segundo lugar, testamos a variável idade para as inovações lexicais categorizadas por campos semânticos.

Teste das relações entre CAMPOS SEMÂNTICOS X IDADE - método : qui quadrado								
		Moradia	Imigração	Eletrodoméstico	Lugares	Atividades	Total	%
Observados	07 - 15	0	0	0	4	16	20	5,13%
	16 - 30	1	0	1	4	51	57	14,62%
	31 - Acima	8	21	38	13	233	313	80,26%
	Total	9	21	39	21	300	390	100,00%
	%	2,31%	5,38%	10,00%	5,38%	76,92%	100,00%	
Esperados	07 - 15	0,46	1,08	2,00	1,08	15,38	20,00	
	16 - 30	1,32	3,07	5,70	3,07	43,85	57,00	
	31 - Acima	7,22	16,85	31,30	16,85	240,77	313,00	
	Total	9,00	21,00	39,00	21,00	300,00	390,00	
((o-e) ²)/e		0,46	1,08	2,00	7,93	0,02	11,50	
		0,08	3,07	3,88	0,28	1,17	8,47	
		0,08	1,02	1,43	0,88	0,25	3,67	

CHISQUARE (qui quadrado)

X² =

23,64

df = (r-1)(k-1) df = (3-1)(5-1) = 8 ; α = 0,05

X² crítico (df = 8 ; α = 0,05) = 15,51 assim, 15,51 < 23,64

Tabela 11: Campos Semânticos X Idade – Fonte: dados da pesquisa

RESULTADO DO TESTE QUI-QUADRADO:

Se X² crítico (15,51) < X² verificado (23,64), então H₀ é rejeitada

Logo, a IDADE e o CAMPO SEMÂNTICO EM QUE APARECEM AS INOVAÇÕES LEXICAIS são variáveis cuja relação pode ser verificada para o nível de significância de 5%.

Em relação à idade, podemos dizer que os informantes mais jovens, minoria da nossa amostra, fizeram uso de inovações lexicais conforme esperado, ao falarem sobre suas atividades ocupacionais, geralmente sobre a escola, os colegas, etc. Como o uso de inovações lexicais foi apenas um pouco superior ao esperado, isso pode sugerir que os falantes mais jovens, de 07 a 15 anos, fazem menos uso de inovações lexicais em geral, mesmo falando de suas atividades diárias.

Os informantes de 16 a 30 anos fizeram mais uso de inovações lexicais do que o esperado (51 X 43) ao falar sobre atividades, enquanto os informantes de 31 anos de idade ou mais fizeram mais uso de inovação ao falarem sobre eletrodomésticos e atividades ocupacionais.

Essas parciais se justificam pelo fato de que a maioria dos informantes de 16 a 30 anos eram estudantes e faziam inovações lexicais ao falarem sobre suas atividades escolares.

Já os informantes de idades acima de 31 anos, que eram, em sua maioria, trabalhadores, cuja ocupação representava a sua sobrevivência nos EUA e a possibilidade de enviar fundos ao Brasil, fizeram uso intenso de inovações lexicais ao abordarem os campos semânticos “eletrodomésticos” e “imigração”. Isso sugere que o campo semântico “eletrodomésticos” era parte integrante de várias atividades desempenhadas pelos brasileiros informantes desta pesquisa, que desempenhavam atividades de faxineiros, caseiros, etc. Já o campo semântico “imigração”, que também suscitou o uso de inovações lexicais, também é uma preocupação constante dos imigrantes mais velhos, que veem na imigração um risco à sua segurança nos EUA.

Como o valor do qui-quadrado crítico é próximo ao valor do qui-quadrado verificado, não é possível traçarmos muitas inferências a esse respeito, já que não houve muitas divergências entre o verificado e o esperado.

4.5.2.3. Inovações Lexicais categorizadas por Campos Semânticos versus Tempo de Residência

Em seguida testamos a variável inovações lexicais detectadas nos campos semânticos contra o tempo de residência nos EUA.

Realizando-se os cálculos para o teste qui-quadrado através dos dados da pesquisa, temos:

H_0 = Não há relação entre o Tempo de Residência nos EUA e as inovações lexicais categorizadas por diferentes campos semânticos.

H_1 = Existe relação entre o Tempo de Residência nos EUA e as inovações lexicais categorizadas por diferentes campos semânticos

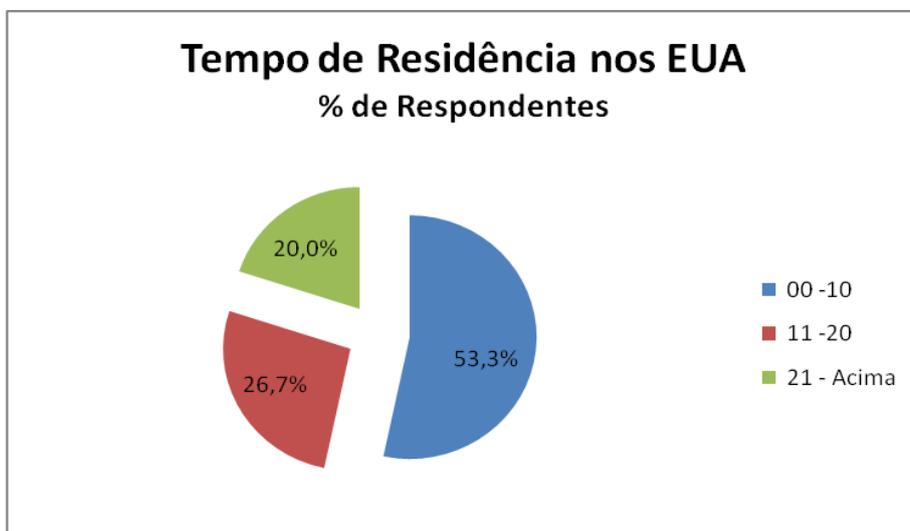


Gráfico 24: Tempo de Residência
Fonte: dados da pesquisa

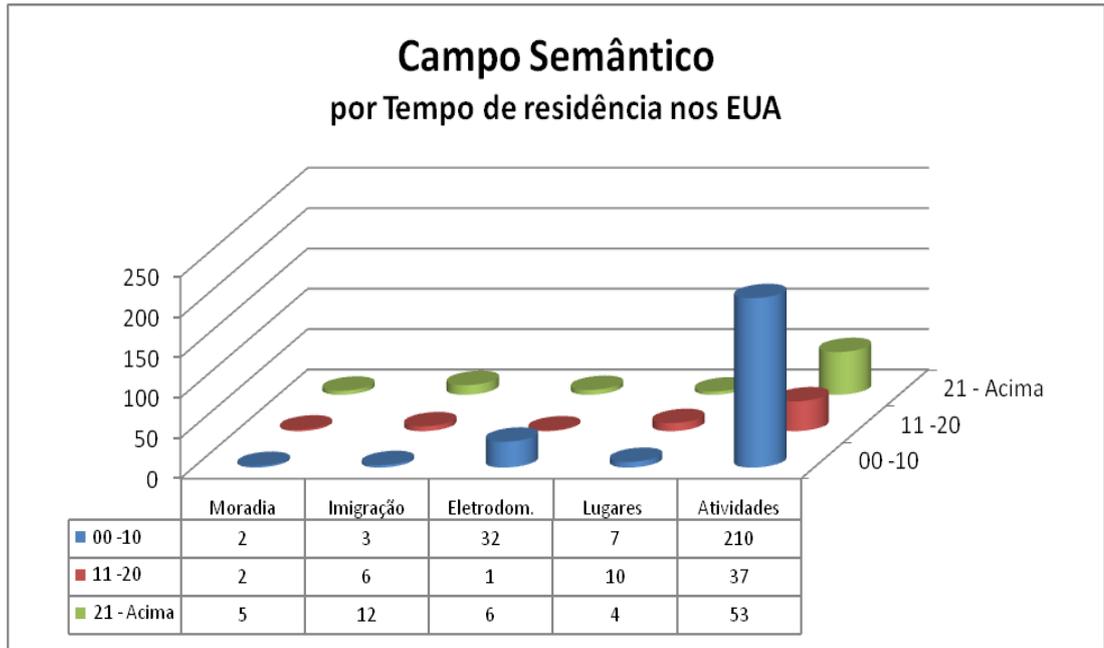


Gráfico 25: Campos Semânticos X Tempo de Residência
Fonte: dados da pesquisa

Teste das relações entre CAMPOS SEMÂNTICOS X TEMPO DE RESIDÊNCIA NOS EUA - método : qui quadrado								
		Moradia	Imigração	Eletrodoméstico	Lugares	Atividades	Total	%
Observados	00-10	2	3	32	7	210	254	65,13%
	11-20	2	6	1	10	37	56	14,36%
	21 - Acima	5	12	6	4	53	80	20,51%
	Total	9	21	39	21	300	390	100,00%
	%	2,31%	5,38%	10,00%	5,38%	76,92%	100,00%	
Esperados	00-10	5,86	13,68	25,40	13,68	195,38	254,00	
	11-20	1,29	3,02	5,60	3,02	43,08	56,00	
	21 - Acima	1,85	4,31	8,00	4,31	61,54	80,00	
	Total	9,00	21,00	39,00	21,00	300,00	390,00	
((o-e) ² /e		2,54	8,33	1,71	3,26	1,09	16,95	
		0,39	2,95	3,78	16,18	0,86	24,16	
		5,39	13,74	0,50	0,02	1,18	20,83	

CHISQUARE (qui quadrado)

$\chi^2 =$

61,93

$df = (r-1)(k-1)$

$df = (3-1)(5-1) = 8; \alpha = 0,05$

χ^2 crítico ($df = 8; \alpha = 0,05$) = 15,51 assim, $15,51 < 61,93$

Tabela12 – Campos Semânticos X Tempo de Residência – Fonte: dados da pesquisa

RESULTADO DO TESTE QUI-QUADRADO:

Se X^2 crítico (15,51) < X^2 verificado (61,93), então H_0 é rejeitada

Logo, o TEMPO DE RESIDÊNCIA NOS EUA e o CAMPO SEMÂNTICO EM QUE APARECERAM AS INOVAÇÕES LEXICAIS são variáveis cuja relação pode ser verificada para o nível de significância de 5%.

Como é observável pela tabela 12, os campos semânticos “eletrodomésticos” e “atividades” foram aqueles em que o uso de inovações lexicais teve maior incidência, entre os informantes que residiam nos EUA de 0 a 10 anos. Esse resultado é compatível com a realidade dos brasileiros que moram nos EUA há menos de 10 anos, cuja preocupação primordial é com a atividade profissional e, como muitas dessas atividades são ligadas a eletrodomésticos por envolverem limpeza, as inovações lexicais nesse campo semântico são também muito citadas nas entrevistas.

4.5.2.4. Inovações Lexicais categorizadas por Campos Semânticos versus Nível de Escolaridade

Testamos, em seguida, a variável inovações detectadas nos campos semânticos contra o nível de escolaridade dos informantes, como pode se verificado na tabela a seguir.

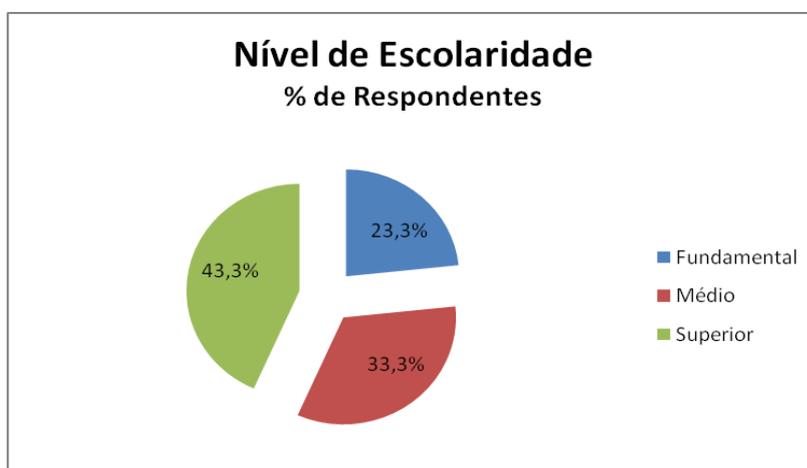


Gráfico 26: Nível de Escolaridade – Fonte: dados da pesquisa

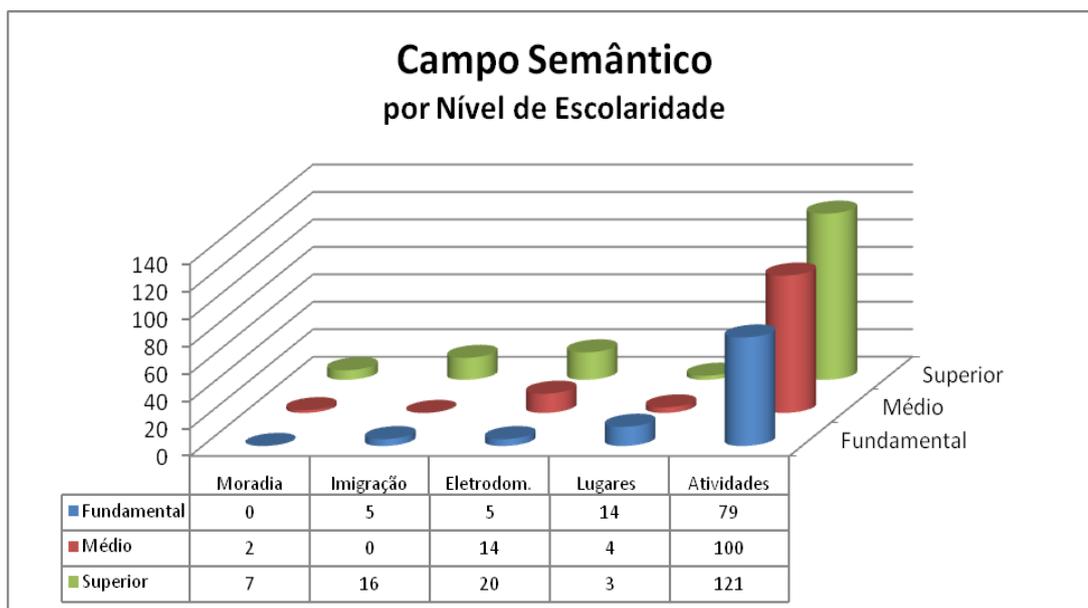


Gráfico 27: Campos Semânticos X Nível de Escolaridade – Fonte: dados da pesquisa

Realizando-se os cálculos para o teste qui-quadrado através dos dados da pesquisa, temos:

H_0 = Não há relação entre o nível de escolaridade dos informantes e as inovações lexicais categorizadas por diferentes campos semânticos.

H_1 = Existe relação entre o nível de escolaridade dos informantes e as inovações lexicais categorizadas por diferentes campos semânticos.

Teste das relações entre CAMPOS SEMÂNTICOS X NÍVEL DE ESCOLARIDADE - método : qui quadrado								
		Moradia	Imigração	Eletrodoméstico	Lugares	Atividades	Total	%
Observados	Fundamental	0	5	5	14	79	103	26,41%
	Médio	2	0	14	4	100	120	30,77%
	Superior	7	16	20	3	121	167	42,82%
	Total	9	21	39	21	300	390	100,00%
	%	2,31%	5,38%	10,00%	5,38%	76,92%	100,00%	
Esperados	Fundamental	2,38	5,55	10,30	5,55	79,23	103,00	
	Médio	2,77	6,46	12,00	6,46	92,31	120,00	
	Superior	3,85	8,99	16,70	8,99	128,46	167,00	
	Total	9,00	21,00	39,00	21,00	300,00	390,00	
((o-e) ²)/e		2,38	0,05	2,73	12,89	0,00	18,04	
		0,21	6,46	0,33	0,94	0,64	8,59	
		2,57	5,46	0,65	3,99	0,43	13,11	

CHISQUARE (qui quadrado)

$\chi^2 =$

39,74

df = (r-1)(k-1)

df = (3-1)(5-1) = 8 ; $\alpha = 0,05$

χ^2 crítico (df = 8 ; $\alpha = 0,05$) = 15,51 assim, 15,51 < 39,74

Tabela 13: Campos Semânticos X Nível de Escolaridade – Fonte: dados da pesquisa

RESULTADO DO TESTE QUI-QUADRADO:

Se X^2 crítico (15,51) < X^2 verificado (39,74), então H_0 é rejeitada

Logo, o NÍVEL DE ESCOLARIDADE e o CAMPO SEMÂNTICO EM QUE APARECERAM AS INOVAÇÕES LEXICAIS são variáveis cuja relação pode ser verificada para o nível de significância de 5%.

Em relação ao nível médio de escolaridade, observamos que os informantes mencionam o campo semântico “atividades” mais do que os seus pares. Outra tendência observável através da tabela 13, é que o falante de nível superior tem uma preocupação maior do que esperada em relação à imigração.

Traçando inferências a respeito dessas duas conjecturas, podemos dizer que o informante de ensino médio talvez se sinta bastante confortável ao falar de suas atividades nos EUA comparando-as com atividades paralelas no Brasil, onde o salário seria, certamente muito mais baixo. Já o falante de ensino superior parece não se sentir muito confortável falando de atividades desempenhadas nos EUA, de status muito inferior ao que um trabalhador de nível universitário se sujeitaria no Brasil. Além disso, a preocupação dos informantes de nível superior com a imigração pode estar relacionada à legalização e melhores oportunidades profissionais na América, compatíveis com o seu nível de escolaridade.

4.5.2.5. Inovações Lexicais categorizadas por Campos Semânticos versus Domínio de Língua Inglesa

Testamos, em seguida, a variável “Inovações” detectadas nos campos semânticos contra o Domínio de Língua Inglesa dos informantes, como pode se verificado na tabela 15 a seguir.

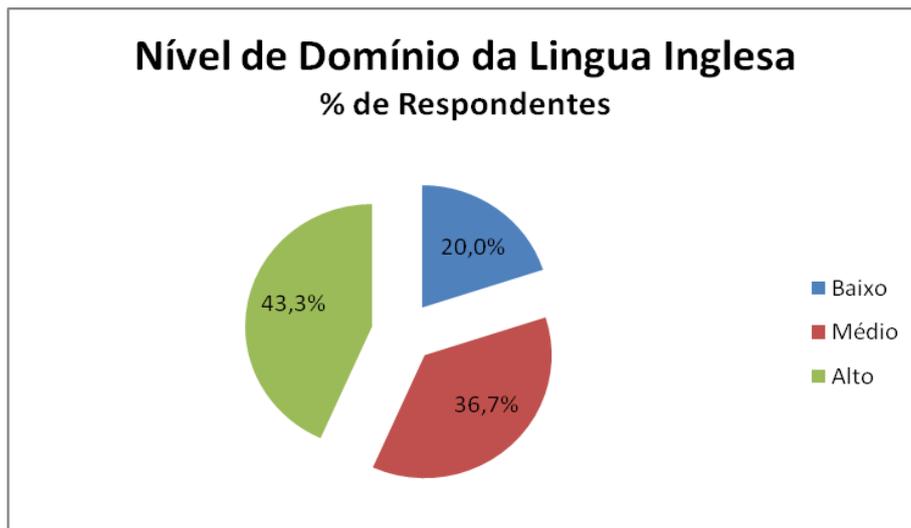


Gráfico 28: Domínio da Língua Inglesa – Fonte: dados da pesquisa

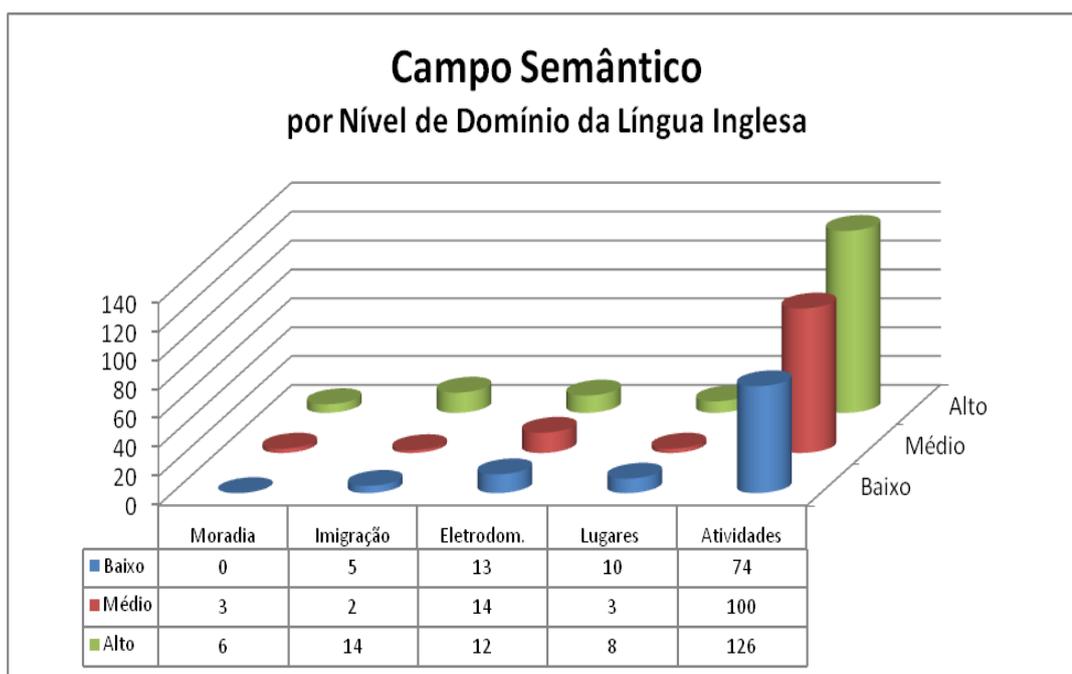


Gráfico 29: Campos Semânticos X Domínio da Língua Inglesa – Fonte: dados da pesquisa

Realizando-se os cálculos para o teste qui-quadrado através dos dados da pesquisa, temos:

H_0 = Não há relação entre o Domínio de Língua Inglesa dos informantes e as inovações lexicais categorizadas por diferentes campos semânticos.

H_1 = Existe relação entre o Domínio de Língua Inglesa dos informantes e as inovações lexicais categorizadas por diferentes campos semânticos

Teste das relações entre CAMPOS SEMÂNTICOS X NÍVEL DE DOMÍNIO DA LÍNGUA INGLESA - método : qui-quadrado								
		Moradia	Imigração	Eletrodoméstico	Lugares	Atividades	Total	%
Observados	Baixo	0	5	13	10	74	102	26,15%
	Médio	3	2	14	3	100	122	31,28%
	Alto	6	14	12	8	126	166	42,56%
	Total	9	21	39	21	300	390	100,00%
	%	2,31%	5,38%	10,00%	5,38%	76,92%	100,00%	
Esperados	Baixo	2,35	5,49	10,20	5,49	78,46	102,00	
	Médio	2,82	6,57	12,20	6,57	93,85	122,00	
	Alto	3,83	8,94	16,60	8,94	127,69	166,00	
	Total	9,00	21,00	39,00	21,00	300,00	390,00	
((o-e) ²)/e		2,35	0,04	0,77	3,70	0,25	7,12	
		0,01	3,18	0,27	1,94	0,40	5,80	
		1,23	2,87	1,27	0,10	0,02	5,49	

CHI-SQUARE (qui-quadrado)

 $\chi^2 =$

18,41

df = (r-1)(k-1)

df = (3-1)(5-1) = 8; $\alpha = 0,05$ χ^2 crítico (df = 8; $\alpha = 0,05$) = 15,51 assim, 15,51 < 18,41

Tabela14: Campos Semânticos X Domínio da Língua Inglesa – Fonte: Dados da Pesquisa

RESULTADO DO TESTE QUI-QUADRADO:

Se χ^2 crítico (15,51) < χ^2 verificado (18,41), então H_0 é rejeitada

Logo, o NÍVEL DE DOMÍNIO DA LÍNGUA INGLESA e o CAMPO SEMÂNTICO em que APARECERAM AS INOVAÇÕES LEXICAIS são variáveis cuja relação pode ser verificada para o nível de significância de 5%.

Como podemos observar a partir da tabela 14, apenas os campos semânticos “imigração” e “atividades” se sobressaíram entre os outros. Os informantes de domínio médio da língua inglesa falam mais sobre as atividades exercidas nos EUA, já que os altos salários recebidos por atividades mal-remuneradas no Brasil fazem com que eles se sintam orgulhosos de desempenharem tais atividades.

Os informantes de nível alto de proficiência em inglês, por sua vez, têm uma preocupação com a imigração, provavelmente porque, falando um bom nível de inglês, se eles estivessem legalizados conseguiriam um emprego melhor nos EUA.

4.5.2.6. Inovações Lexicais categorizadas por Campos Semânticos versus Classe Social

Verificamos, então, a classe social dos informantes, a conferir nos gráficos abaixo.

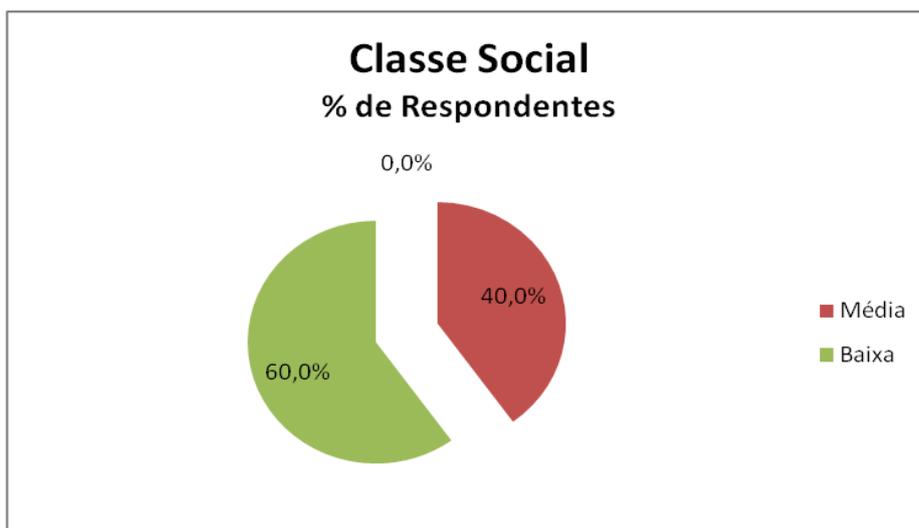


Gráfico 30: Classe Social – Fonte: dados da pesquisa

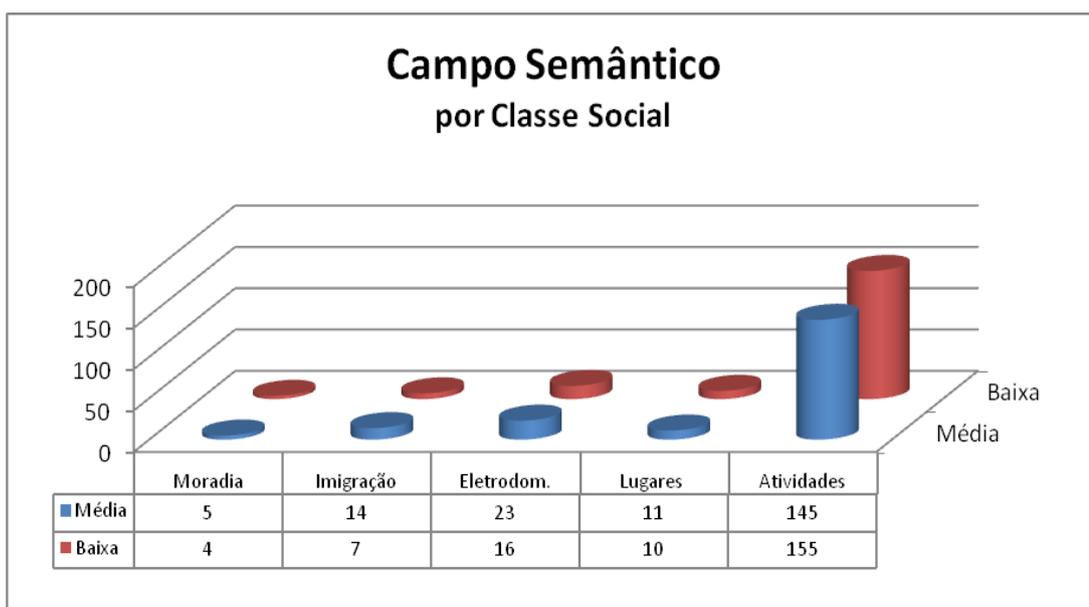


Gráfico 31: Campos Semânticos X Classe Social – Fonte: dados da pesquisa

Testamos, em seguida, a variável “Inovações” detectadas nos campos semânticos contra a Classe Social dos informantes, como pode se verificado na tabela 15 a seguir.

Realizando-se os cálculos para o teste qui-quadrado através dos dados da pesquisa, temos:

H_0 = Não há relação entre a Classe Social dos informantes e as inovações lexicais categorizadas por diferentes campos semânticos.

H_1 = Existe relação entre a Classe Social dos informantes e as inovações lexicais categorizadas por diferentes campos semânticos

Teste das relações entre CAMPOS SEMÂNTICOS X CLASSE SOCIAL - método : qui quadrado								
Observados		Moradia	Imigração	Eletrodoméstico	Lugares	Atividades	Total	%
	Média	5	14	23	11	145	198	50,77%
	Baixa	4	7	16	10	155	192	49,23%
	Total	9	21	39	21	300	390	100,00%
	%	2,31%	5,38%	10,00%	5,38%	76,92%	100,00%	
Esperados	Média	4,57	10,66	19,80	10,66	152,31	198,00	
	Baixa	4,43	10,34	19,20	10,34	147,69	192,00	
	Total	9,00	21,00	39,00	21,00	300,00	390,00	
((o-e) ² /e		0,04	1,05	0,52	0,01	0,35	1,96	
		0,04	1,08	0,53	0,01	0,36	2,03	

CHISQUARE (qui quadrado)

$\chi^2 =$

3,99

$df = (r-1)(k-1)$

$df = (2-1)(5-1) = 4; \alpha = 0,05$

χ^2 crítico ($df = 4; \alpha = 0,05$) = 9,49 assim, $9,49 > 3,99$

Tabela15: Campos Semânticos X Classe Social – Fonte: dados da pesquisa

RESULTADO DO TESTE QUI-QUADRADO:

Se χ^2 crítico (9,49) < χ^2 verificado (3,99), então H_0 é aceita

Logo, a CLASSE SOCIAL e o CAMPO SEMÂNTICO EM QUE APARECERAM AS INOVAÇÕES LEXICAIS são variáveis cuja relação NÃO pode ser verificada para o nível de significância de 5%.

Conforme constatado através do teste qui-quadrado, a variável “Classe Social” não mostrou correlação com os campos semânticos observados. Não podemos, portanto, traçar inferências a esse respeito.

4.5.2.7. Inovações Lexicais categorizadas por Campos Semânticos versus Início de Aprendizagem

Testamos, depois disso, o Início de Aprendizagem do informante em relação ao Campo Semântico, com resultados mostrados nos gráficos abaixo.

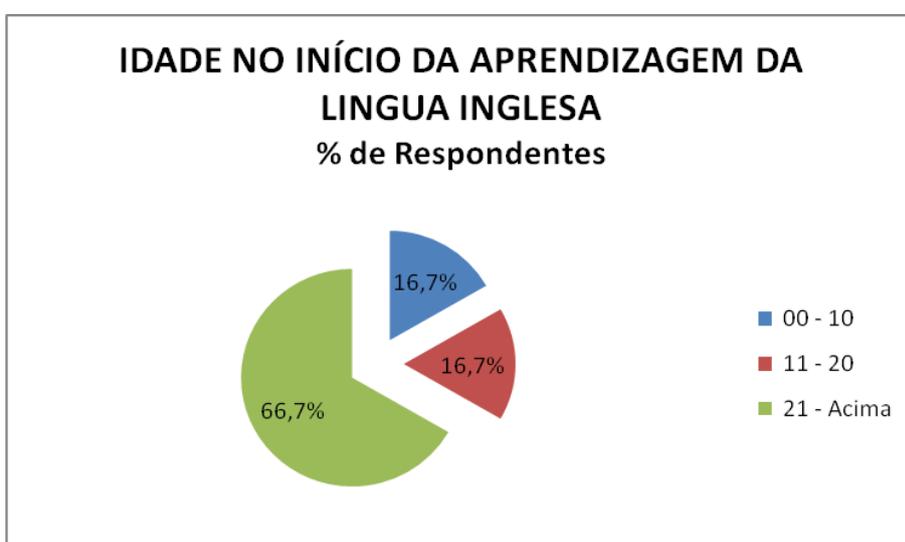


Gráfico 32: Início do Aprendizado – Fonte: dados da pesquisa

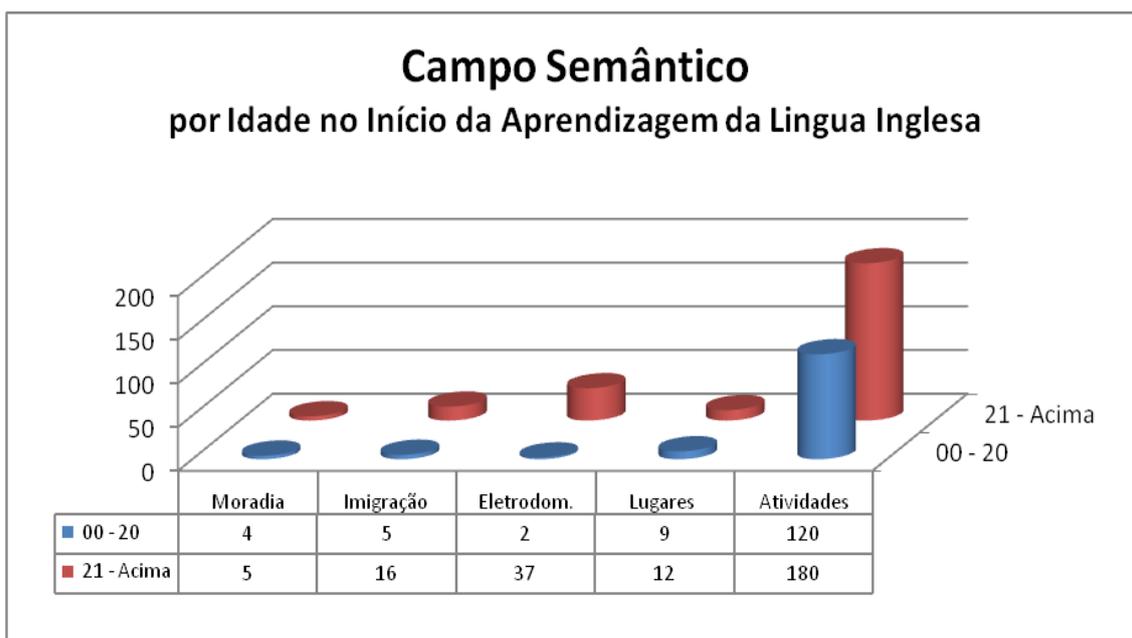


Gráfico 33: Campos Semânticos X Início do Aprendizado – Fonte: dados da pesquisa

Realizando-se os cálculos para o teste qui-quadrado através dos dados da pesquisa, temos:

H_0 = Não há relação entre o Início de aprendizagem do informante e as inovações lexicais categorizadas por diferentes campos semânticos.

H_1 = Existe relação entre o Início de aprendizagem do informante e as inovações lexicais categorizadas por diferentes campos semânticos

Teste das relações entre CAMPOS SEMÂNTICOS X IDADE NO INÍCIO DA APRENDIZAGEM DA LINGUA INGLESÁ - método : qui quadrado								
		Moradia	Imigração	Eletrodoméstico	Lugares	Atividades	Total	%
Observados	00 - 20	4	5	2	9	120	140	35,90%
	21 - Acima	5	16	37	12	180	250	64,10%
	Total	9	21	39	21	300	390	100,00%
	%	2,31%	5,38%	10,00%	5,38%	76,92%	100,00%	
Esperados	00 - 20	3,23	7,54	14,00	7,54	107,69	140,00	
	21 - Acima	5,77	13,46	25,00	13,46	192,31	250,00	
	Total	9,00	21,00	39,00	21,00	300,00	390,00	
((o-e) ²)/e		0,18	0,85	10,29	0,28	1,41	13,01	
		0,10	0,48	5,76	0,16	0,79	7,29	

CHISQUARE (qui quadrado)

$\chi^2 =$

20,30

$df = (r-1)(k-1)$ $df = (2-1)(5-1) = 4$; $\alpha = 0,05$

χ^2 crítico ($df = 4$; $\alpha = 0,05$) = 9,49 assim, $9,49 < 20,30$

Tabela 16: Campos Semânticos X Início do Aprendizado – Fonte: dados da pesquisa

RESULTADO DO TESTE QUI-QUADRADO:

Se χ^2 crítico (9,49) < χ^2 verificado (20,30), então H_0 é rejeitada

Logo, a IDADE NO INÍCIO DA APRENDIZAGEM DA LINGUA INGLESÁ e o CAMPO SEMÂNTICO EM QUE AS INOVAÇÕES APARECERAM são variáveis cuja relação pode ser verificada para o nível de significância de 5%.

Os informantes que iniciaram a aprendizagem da língua-alvo de 0 a 10 anos de idade tiveram maior preocupação com as atividades desempenhadas nos EUA. A maioria deles era estudante, então, a atividade escolar corrobora essa inferência, o mesmo ocorrendo com os informantes que iniciaram a aprendizagem dos 11 aos 20 anos, pelas mesmas razões.

No que concerne aos informantes que começaram a aprender inglês depois dos 21 anos, grande maioria dos informantes, a maior preocupação manifestada por eles foram os “eletrodomésticos”. A atividade dos informantes certamente influenciou essa tendência, sendo muito provável que o trabalho desempenhado por eles seja relacionado ao trabalho doméstico.

4.5.2.8. Inovações Lexicais categorizadas por Campos Semânticos versus Atividades ocupacionais

Testamos, por fim, as atividades ocupacionais dos informantes versus as Inovações Lexicais categorizadas pelos Campos Semânticos mencionados pelos informantes, ilustradas pelos gráficos 34 e 35, abaixo.

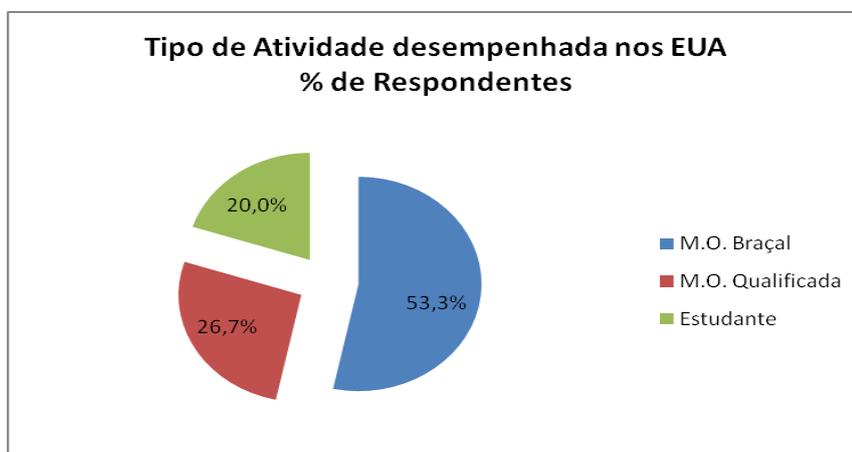


Gráfico 34: Atividades nos EUA – Fonte: dados da pesquisa

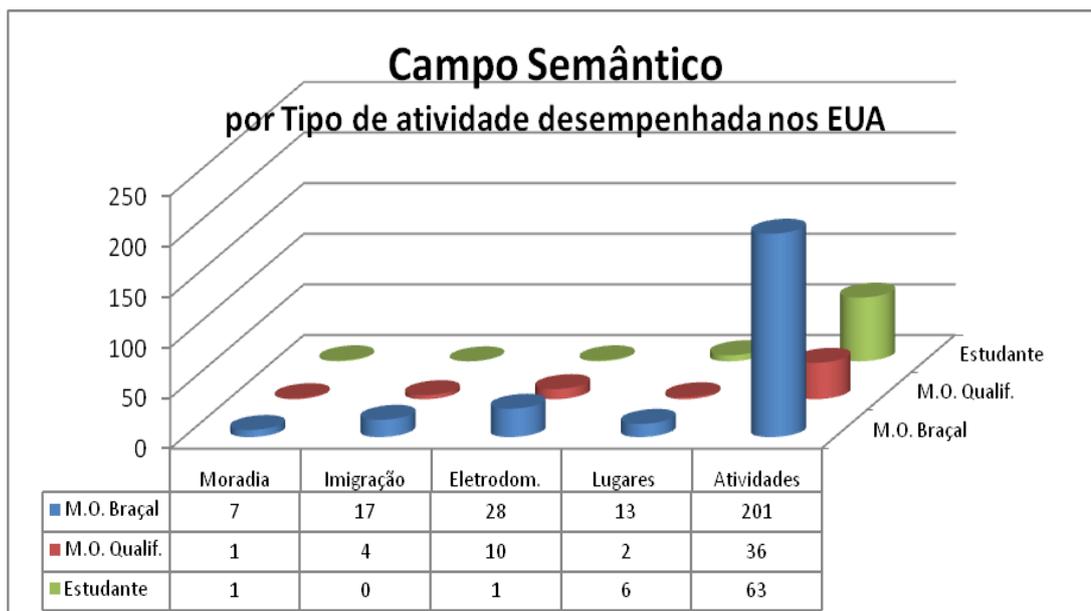


Gráfico 35: Campos Semânticos X Atividades nos EUA – Fonte: dados da pesquisa

Realizando-se os cálculos para o teste qui-quadrado através dos dados da pesquisa, temos:

H_0 = Não há relação entre as atividades ocupacionais dos informantes e as inovações lexicais categorizadas por diferentes campos semânticos.

H_1 = Existe relação entre as atividades ocupacionais dos informantes e as inovações lexicais categorizadas por diferentes campos semânticos

Teste das relações entre CAMPOS SEMÂNTICOS X TIPO DE ATIVIDADE DESEMPENHADA NOS EUA - método : qui quadrado								
		Moradia	Imigração	Eletrodoméstico	Lugares	Atividades	Total	%
Observados	M.O. Braçal	7	17	28	13	201	266	68,21%
	M.O. Qualificada	1	4	10	2	36	53	13,59%
	Estudante	1	0	1	6	63	71	18,21%
	Total	9	21	39	21	300	390	100,00%
	%	2,31%	5,38%	10,00%	5,38%	76,92%	100,00%	
Esperados	M.O. Braçal	6,14	14,32	26,60	14,32	204,62	266,00	
	M.O. Qualificada	1,22	2,85	5,30	2,85	40,77	53,00	
	Estudante	1,64	3,82	7,10	3,82	54,62	71,00	
	Total	9,00	21,00	39,00	21,00	300,00	390,00	
((o-e) ² /e		0,12	0,50	0,07	0,12	0,06	0,88	
		0,04	0,46	4,17	0,26	0,56	5,48	
		0,25	3,82	5,24	1,24	1,29	11,84	

CHISQUARE (qui quadrado)

$\chi^2 =$

18,20

$df = (r-1)(k-1)$

$df = (3-1)(5-1) = 8; \alpha = 0,05$

χ^2 crítico ($df = 8; \alpha = 0,05$) = 15,51

assim, $15,51 < 18,20$

Tabela17: Campos Semânticos X Atividade nos EUA – Fonte: dados da pesquisa

RESULTADO DO TESTE QUI-QUADRADO:

Se X^2 crítico (15,51) < X^2 verificado (18,20), então H_0 é rejeitada

Logo, o TIPO DE ATIVIDADE DESEMPENHADA NOS EUA e o CAMPO SEMÂNTICO EM QUE APARECERAM AS INOVAÇÕES LEXICAIS são variáveis cuja relação pode ser verificada para o nível de significância de 5%.

A variável “Atividade” mostrou-se bastante relevante em termos dos campos semânticos abordados pelos informantes. A mão-de-obra braçal, maioria absoluta dos informantes desta pesquisa (53,3%), fez uso relevante de inovações lexicais ao abordar os campos semânticos “Imigração” e “Atividades”. Muito coerente com a realidade já conhecida, de brasileiros trabalhadores informais preocupados com a ilegalidade de sua situação e com o trabalho propriamente dito. Já a mão-de-obra qualificada fez uso de inovações lexicais ao mencionar o campo semântico “Eletrodomésticos”, provavelmente por estar ligado às atividades de seus subordinados.

Para Poplack, Sankoff e Miller (1985), alguns contextos e tópicos de conversa favorecem certos tipos de empréstimos que tendem a ser usados repetidamente. Podemos observar também em nosso estudo, que muitos empréstimos aparentemente motivados por necessidade estão concentrados em certos campos semânticos, áreas em que, de fato, a influência do ambiente da língua inglesa é palpável.

A seguir, verificamos, através da tabela 18, abaixo, as relações de dependência entre os campos semânticos abordados pelos informantes e as características sócio-demográficas apontadas neste estudo.

Relações de dependência entre os CAMPOS SEMÂNTICOS X CARACTERÍSTICAS SÓCIO-DEMOGRÁFICAS								
Característica sócio-demográfica	df	Relação de dependência		Qui Quadrado crítico		Qui Quadrado verificado	Teste de nulidade da hipótese	
		$\alpha=0,05$	$\alpha=0,01$	$\alpha=0,05$	$\alpha=0,01$	$\chi^2 = \sum ((fo-fe)^2)/fe$	$\alpha=0,05$	$\alpha=0,01$
Tempo de residência nos EUA	8	sim	sim	15,51	20,09	61,93	Rejeitada	Rejeitada
Gênero	4	sim	sim	9,49	13,28	60,51	Rejeitada	Rejeitada
Escolaridade	8	sim	sim	15,51	20,09	39,74	Rejeitada	Rejeitada
Idade	8	sim	sim	15,51	20,09	23,64	Rejeitada	Rejeitada
Idade no início da aprendizagem	4	sim	sim	9,49	13,28	20,30	Rejeitada	Rejeitada
Domínio da Língua Inglesa	8	sim	não	15,51	20,09	18,41	Rejeitada	Aceita
Atividade nos EUA	8	sim	não	15,51	20,09	18,20	Rejeitada	Aceita
Classe	4	não	não	9,49	13,28	3,99	Aceita	Aceita

Tabela18: Resultado Teste Qui-Quadrado – Inovações Lexicais Por Campos Semânticos

Fonte: dados da pesquisa

O estudo atesta que, para um nível de significância entre 1% e 5%, as variáveis “tempo de residência nos eua”, “gênero”, “escolaridade”, “idade de início de aprendizagem da língua-alvo”, “atividade nos eua” e “idade” rejeitam a hipótese nula, tendo correlação com o uso de inovações lexicais detectadas nos campos semânticos mencionados no teste. Já para o nível de significância de 1%, a variável “domínio de língua inglesa” aceita a hipótese nula, indicando que não existe correlação entre o uso de inovações lexicais detectadas nos campos semânticos e os fatores sócio-demográficos dos informantes, sendo que a hipótese nula é rejeitada apenas para um nível de significância de 5%. A variável “classe” aceita a hipótese nula tanto para um nível de significação de 1% quanto de 5%, indicando não ser correlacionada ao uso de inovações lexicais detectadas nos campos semânticos abordados pelo estudo em questão.

Isso significa, portanto, que as variáveis supracitadas influenciam o uso de inovações lexicais em determinados campos semânticos, com prevalência em “atividades desenvolvidas nos eua”.

Tendo isso em mente, verificamos abaixo se o campo semântico influenciaria o tipo de inovação lexical a ser utilizado pelo informante. Partindo da premissa de que a ocorrência de calques independentes e calques frasais foi inexpressiva, comparando-a às ocorrências de calques mixados e empréstimos linguísticos, decidimos considerar apenas as ocorrências de calques mixados e empréstimos.

Do mesmo modo, como as incidências dos campos semânticos “Lugares” e “Moradia” fossem também inexpressivas, decidimos desconsiderá-las, comparando, então, os “Tipos de Inovações Lexicais”, divididos em “Calques Mixados” e “Empréstimos” e os “Campos

semânticos” em que elas ocorreram, divididos em “Atividades”, “Eletrodomésticos” e “Imigração”.

Testamos os campos semânticos “Atividades”, “Eletrodomésticos” e “Imigração” detectados nas falas dos informantes versus as Inovações Lexicais utilizadas por eles, ilustrados pelo gráfico 36, abaixo.

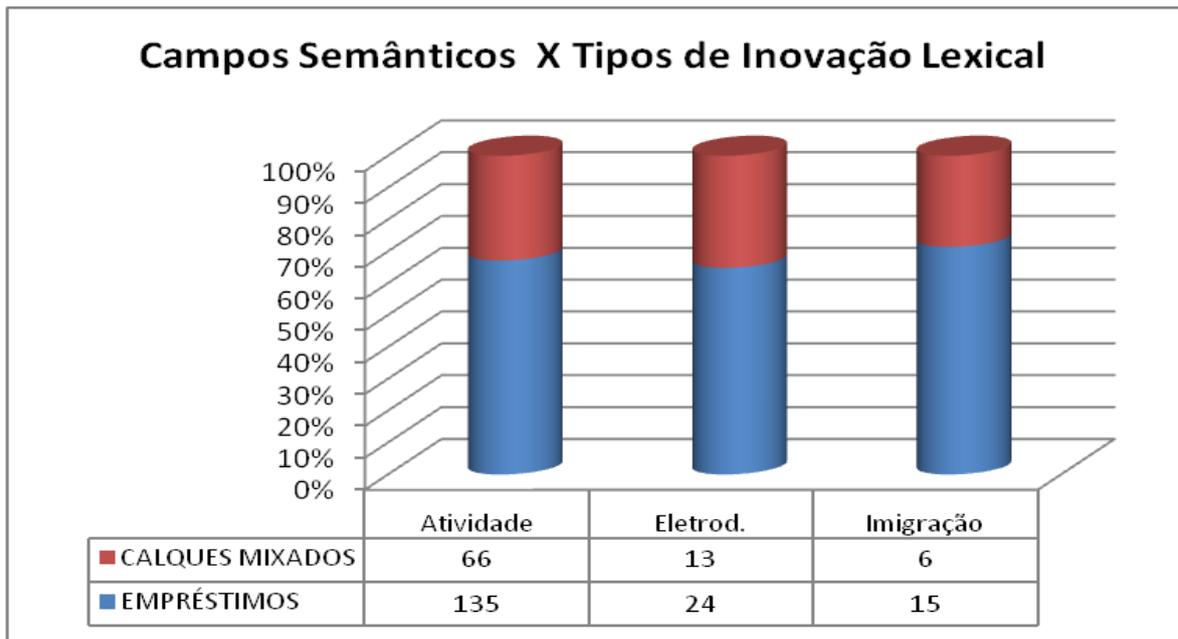


Gráfico 36: Campos Semânticos X Tipos Inovação Lexical – Fonte: dados da pesquisa

Realizando-se os cálculos para o teste qui-quadrado através dos dados da pesquisa, temos:

H_0 = Não há relação entre os campos semânticos abordados pelos informantes e os tipos de inovações lexicais utilizados por eles.

H_1 = Existe relação entre os campos semânticos abordados pelos informantes e os tipos de inovações lexicais utilizados por eles.

Teste das relações entre CAMPOS SEMÂNTICOS X TIPO DE INOVAÇÃO LEXICAL - método : qui quadrado					
	CAMPO SEMÂNTICO	EMPRÉSTIMOS	CALQUES MIXADOS	Total	%
Observados	Atividade	135	66	201	77,61%
	Eletrod.	24	13	37	14,29%
	Imigração	15	6	21	8,11%
	Total	174	85	259	100,00%
	%	67,18%	32,82%	100,00%	
Esperados	Atividade	135,03	65,97	201,00	
	Eletrod.	24,86	12,14	37,00	
	Imigração	14,11	6,89	21,00	
	Total	174,00	85,00	259,00	
((o-e) ² /e		0,00	0,00	0,00	
		0,03	0,06	0,09	
		0,06	0,12	0,17	
CHISQUARE (qui quadrado)		X ² =		0,26	
df = (r-1)(k-1)		df = (3-1)(2-1) = 2 ; α = 0,05			
X ² crítico (df = 2 ; α = 0,05) = 5,99		assim, 5,99 > 0,26			

Tabela 19: Campos Semânticos X Tipos Inovação Lexical – Fonte: dados da pesquisa

RESULTADO DO TESTE QUI-QUADRADO:

Se **X² crítico (5,99) > X² verificado (0,26)**, então **H₀ é aceita**

Logo, o CAMPO SEMÂNTICO e os TIPOS DE INOVAÇÕES LEXICAIS são variáveis cuja relação não pode ser verificada para o nível de significância de 5%.

Como pode ser verificado no gráfico 36 e na tabela 19, acima, não foi possível identificar correlação entre campos semânticos e o tipo de inovação lexical utilizada, o que muito nos impressionou, já que tínhamos expectativa de que o campo semântico “Atividades” apresentasse uma prevalência de calques mixados. Entretanto, a hipótese nula não pôde ser rejeitada para um nível de significância de 5% mostrando não haver correlação entre essas variáveis.

A seguir, a fim de verificarmos as classes de palavras mais frequentemente utilizadas nos tipos de inovações lexicais que foram mais detectados nesta pesquisa, elaboramos um gráfico tabulando esses dados, como pode ser visualizado no gráfico 37, abaixo.

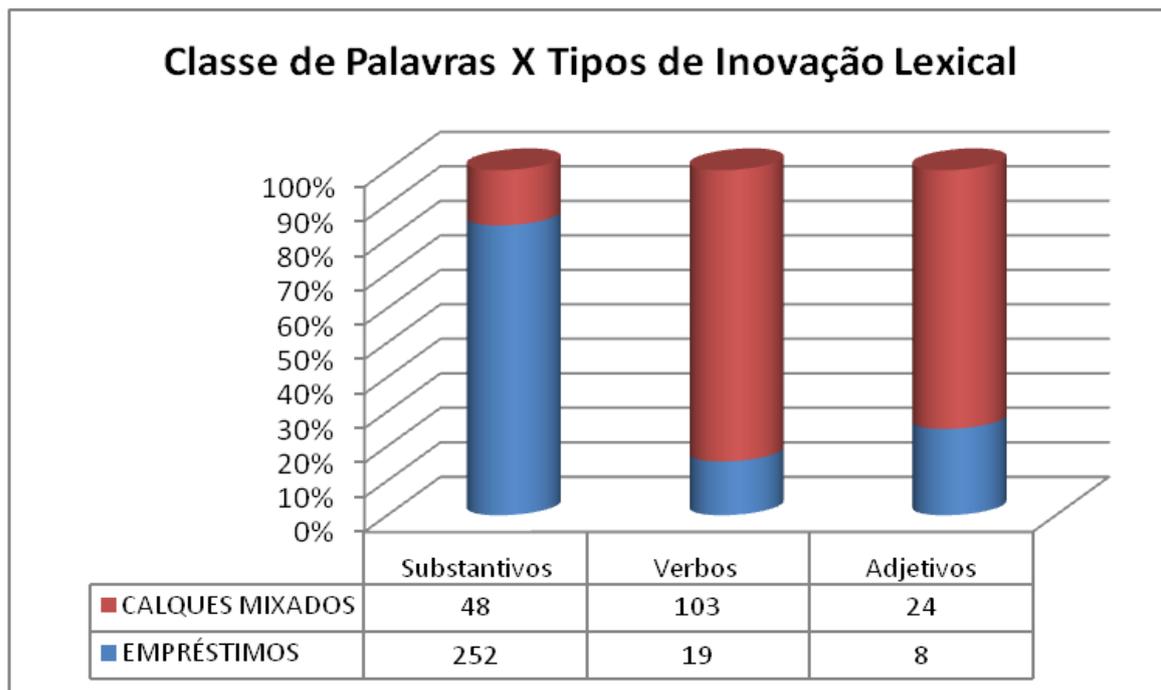


Gráfico 37: Classes de Palavras X Tipos Inovação Lexical – Fonte: dados da pesquisa

Como podemos inferir ao visualizar o gráfico 37, acima, os substantivos foram realmente a classe de palavras mais detectada nas inovações lexicais realizadas pelos nossos informantes, perfazendo um total de 300 ocorrências, seguidos pelos verbos (122 ocorrências) e adjetivos (32 ocorrências). Houve ocorrência de alguns advérbios e interjeições também, mas como a quantidade se mostrasse inexpressiva frente às três classes de palavras mencionadas anteriormente (substantivos, verbos e adjetivos), decidimos nos concentrar nessas três classes de palavras. Além disso, foram desprezadas também as ocorrências em calques frasais e calques independentes, que apareceram de forma pulverizada nesta pesquisa, sendo, portanto, a causa da discrepância entre o total de ocorrências (555) e as ocorrências que figuram no gráfico 37 acima, (454).

Como já havíamos mencionado anteriormente, citando Haugen (1950), algumas classes de palavras são mais afeitas a determinados tipos de inovações lexicais. Esse é o caso dos substantivos em relação aos empréstimos linguísticos, o que foi confirmado pela nossa pesquisa. O que nos parece bastante relevante em relação a esse fato é que, embora o número de substantivos fosse ainda bem maior que o esperado em relação aos empréstimos linguísticos (252 X 184,36), em relação aos calques mixados a sua ocorrência foi bem menor que o esperado (48 X 115,64), o que mostra claramente que os substantivos se prestam mais a empréstimos linguísticos, e em bem menor proporção, a calques mixados.

Já em relação aos verbos, que apresentaram 122 ocorrências, houve 103 delas ocorrendo em calques mixados, em número muito maior que o esperado (103 X 47,03). Isso revela aquilo que buscamos mostrar desde o princípio desta discussão: as inovações lexicais propriamente ditas, que ilustram criatividade do falante ao manusear os dois códigos linguísticos que ele tem em seu poder, estão concentradas nos calques mixados, mais especificamente nos sintagmas verbais. É nos sintagmas verbais que as desinências modotemporais e de número e pessoa são atribuídas ao radical. Isso acontece também com a vogal temática atribuída ao verbo, que, aliás, é sempre “a”, indicando a primeira conjugação em português.

Realizando-se os cálculos para o teste qui-quadrado através dos dados da pesquisa, temos:

H_0 = Não há relação entre as classes de palavras e os tipos de inovações lexicais utilizadas pelos informantes.

H_1 = Existe relação entre as classes de palavras e os tipos de inovações lexicais utilizadas pelos informantes.

Teste das relações entre CLASSE DE PALAVRAS X TIPO DE INOVAÇÃO LEXICAL - método : qui quadrado					
	CLASSE DE PALAVRAS	EMPRÉSTIMOS	CALQUES MIXADOS	Total	%
Observados	Substantivos	252	48	300	66,08%
	Verbos	19	103	122	26,87%
	Adjetivos	8	24	32	7,05%
	Total	279	175	454	100,00%
	%	61,45%	38,55%	100,00%	
Esperados	Substantivos	184,36	115,64	300,00	
	Verbos	74,97	47,03	122,00	
	Adjetivos	19,67	12,33	32,00	
	Total	279,00	175,00	454,00	
((o-e) ² /e		24,82	39,56	64,38	
		41,79	66,62	108,41	
		6,92	11,03	17,95	
CHISQUARE (qui quadrado)			$X^2 =$	190,74	
$df = (r-1)(k-1)$		$df = (3-1)(2-1) = 2$; $\alpha = 0,05$			
X^2 crítico ($df = 2$; $\alpha = 0,05$) = 5,99			assim, 5,99 < 190,74		

Tabela 20: Classes de Palavras X Tipos Inovação Lexical – Fonte: dados da pesquisa

RESULTADO DO TESTE QUI-QUADRADO:

Se X^2 crítico (5,99) < X^2 verificado (190,74), então H_0 é rejeitada

Logo, as CLASSES DE PALAVRAS e os TIPOS DE INOVAÇÕES LEXICAIS são variáveis cuja relação pode ser verificada para o nível de significância de 5%.

Foi possível observar essa correlação entre substantivos e empréstimos e entre calques mixados e verbos muito claramente em nossa pesquisa. A maioria dos empréstimos (*prom, cable, pantry*) pareciam revelar mais uma tomada de posição em relação à cultura norte-americana do que uma necessidade terminológica premente. Normalmente tratava-se de empréstimos, com pouca interferência fonológica de português.

Além disso, fizemos algumas observações interessantes em relação aos verbos usados por nossos informantes. Todos eles eram de primeira conjugação (*parkear, mopear, dirigir, shopar, dropar*, etc.), tendo como vogal temática a letra “a”. Sabemos que essa é uma norma gramatical, pois, segundo Possenti (2003), os verbos importados se tornam verbos regulares da primeira conjugação, assim como “*printar, estartar, inicializar, guglar*”, etc. Entretanto, como o nosso informante não é um estudioso da gramática normativa do português, podemos deduzir que se trata de uma norma a ser internalizada pelos falantes brasileiros nessa situação. Todo falante de uma língua, durante a fase de aquisição, assimila ou “internaliza”, uma série de princípios e regras altamente elaborados, que lhe permitem produzir enunciados que serão reconhecidos como bem formados pelos demais membros de sua comunidade.

4.6. Outro instrumento de pesquisa

A presente pesquisa tem um cunho qualitativo relevante e considero importantes as descobertas feitas nesse âmbito até o presente momento. Os testes quantitativos confirmam as hipóteses apontadas no início deste texto e as inferências de ordem qualitativa desta pesquisa.

Muitos sociolinguistas acreditam que os falantes trazem para a interação social expectativas, crenças e normas previamente formadas. Eles utilizam informações de aspectos

culturais para analisar o texto. Por isso o método de observação participante tem sido importante no trabalho de sociolinguística qualitativa.

Evidentemente, qualquer explicação que considere o efeito gênero/gênero, ou idade, ou classe social, requer alguma cautela, já que existem peculiaridades na organização social de cada comunidade que podem favorecer ou não o surgimento de variáveis linguísticas, que podem até mesmo tornar-se de prestígio ou estigmatizadas.

Com respeito à proporção de uso de empréstimos em relação ao vocabulário total, a classe social foi considerada mais importante que efeitos ambientais (bairro, por exemplo) ou atributos pessoais, como proficiência em língua-alvo para o experimento realizado por Poplack, Sankoff e Miller (1985). O efeito “classe social” pode ser entendido como “falar bem” e o uso de empréstimos tende a ser estigmatizado, sendo assim preterido pelas classes sociais mais altas.

Além das entrevistas e questionários respondidos pelos informantes desta pesquisa, outro instrumento de coleta foi utilizado – uma lista de disponibilidade léxica. A ideia de usar essa lista foi sugerida pelo co-orientador para que a pesquisa pudesse contemplar mais exemplos de inovações lexicais, que não apareciam nas entrevistas. Os informantes sentiam-se impelidos a falar um português mais “correto” comigo, diferente daquele que costumam usar no dia-a-dia com seus pares. Na verdade, eu não era parte do grupo dos “pares”, não fazia parte daquele mundo e eles sabiam disso, sentiam-se observados e avaliados em suas palavras. Algumas vezes tive a sensação de que eles suspeitavam que eu fizesse parte da imigração e estivesse tentando descobrir brasileiros ilegais nos EUA.

A cópia da lista de disponibilidade léxica pode ser vista na página seguinte. Um total de 64 palavras constam da lista de disponibilidade léxica, sendo que 8 eram do grupo de controle, palavras criadas usando-se as mesmas estratégias usadas pelos usuários das inovações lexicais, porém, desconhecidas da pesquisadora.

Desse modo, 54 palavras apresentavam tipos diferentes de inovações: empréstimos linguísticos (01), calques fonologicamente independentes (01), calques frasais (01) e calques mixados (51).

Marque com x as palavras que você já ouviu ou já usou, em conversas em português, nos EUA:

PALAVRA / EXPRESSÃO	USADA / OUVIDA	MUITO (1) / POUCO (2)
1-PARKEAR		
2-VAQUEAR (usar o vaccum cleaner)		
3-FRIZAR (com sentido de congelar)		
4-ORDENAR (com sentido de encomendar)		
5-FLAXEAR (mostrar partes do corpo)		
6-SCHEDIAR / SCHEDULAR		
7-SHOPAR / SHOPEAR		
8-TRIPAR / TRIPEAR		
9-BRUSHAR / BRUSHEAR		
10-BISADO / BISADÃO		
11-CHAMAR (com sentido de telefonar)		
12-DELETAR		
13-FORGETEAR		
14-BODYSHAPA		
15-SHAPERO		
16-RENTA/ RENDA/RENTAR		
17-TÍQUETES (multas de trânsito)		
18-MOPEAR / MOPAR		
19-ESPREIAR		
20-MULCHEAR (jardinagem)		
21-ESCANEAR		
22-TRANSLEITAR		
23-ELE É SUPOSTO DE IR		
24-BARARÔ NO MAICROEI		
25-STAMPAR		
26-FIQUEI STUCKADO NO TRÂNSITO		
27-DRAIVAR		
28-BLOWAR (soprar folhas c/o aparelho)		
29-DONA (donut)		
30-BABY-SITTAR / SITTAR (trabalhar como baby-sitter)		
31-BLOWDRYAR		
32-DRYWALLAR / FAZER UM DRYWALL		
33-INSULAR / INSULATEAR		
34-DRYAR		
35-BAKEAR		
36-BROILAR / BROILEAR		
37-PICKUPEAR		
38-SLICE DE PIZZA		
39-STEAMAR / ESTIMA		
40-POKEAR		
41-REALIZAR (com sentido de entender)		
42-TEXTEAR (passar mensagem de texto)		
43-BOILA (boiler)		
44-CLOSETA (closet)		
45-CONA (corner)		
46-DONA (donut)		
47-ESPICAR		
48-ESTIMA (steamer)		
49-UMA INCHA		
50-APLICAR (candidatar)		
51-TUNAPIAR UM CÁ (tune up a car)		
52-RUMOS (rooms)		
53-RUFO (roof)		
53-SINOWAR (snow)		
55-TAPISTA (typist)		
56-TROQUE (truck)		
57-UÓRA (water)		
58-MOURA VEÍCULOS(Motor Vehicles)		
59-DROPAR		
60-UARÉVA (tanto faz)		
61- PAPEL (documentos de legalização)		
62- BUTAR/ FAZER UM BOOT(computador)		
63- APARTIME/ APARTAIMI		
64- RESPONDER / IR À CORTE		

Quadro 2: lista de Disponibilidade de Léxica

Fonte: Dados da pesquisa

Essas listas proporcionaram um resultado muito positivo, porém, como nem todos os informantes retornaram as listas preenchidas, não considerei válido computar os dados obtidos através delas.

Somente a título de curiosidade, podemos dizer que a expectativa de que o uso de inovações Lexicais fosse relacionado às atividades ocupacionais praticadas nos EUA foi, de certa forma, atingida. A maioria dos informantes reconheceu as palavras que não são relacionadas a atividades específicas e nenhum deles reconheceu as palavras do grupo de controle (marcadas em vermelho).

A maioria deles declarou conhecê-las e usá-las, o que pode ser interpretado como “conscientização” e “aceitação”. Esta seria uma sugestão para futuras pesquisas: qual seria o grau de difusão dessas inovações lexicais e como o usuário considera essas inovações em relação à língua materna.

5. CONCLUSÕES

Esta pesquisa foi desenhada com o objetivo de conhecer e analisar o universo da fala dos brasileiros imigrantes nos EUA à luz da teoria variacionista de Labov. Foi um estudo de natureza exploratória, partindo de observações empíricas e chegando a conclusões de natureza científica, se considerarmos o estudo quantitativo e qualitativo realizado em torno do assunto “inovações lexicais realizadas por brasileiros nos Estados Unidos”.

O presente estudo mostrou-se uma excelente oportunidade de observar a língua como produto da identidade social dos indivíduos. Sabemos que diferentes formas linguísticas servem para dizer a mesma coisa, porém, nunca imaginamos o quanto as escolhas lexicais do indivíduo podem torná-lo parte do grupo ou excluí-lo, assunto já aventado por vários autores, como Chambers (1993), Le Page e Tabouret-Keller (1985).

O objetivo geral do presente trabalho era descrever as inovações lexicais encontradas entre brasileiros imigrantes nos Estados Unidos, correlacionando-as a fatores linguísticos e extralinguísticos.

Com esse propósito fizemos um alto investimento no sentido de investigarmos a fala desses brasileiros. Optamos pela investigação coletada a partir de dados empíricos feita *in loco*.

Descobrimos um mundo onde brasileiros parecem viver em um universo paralelo, com regras de conduta próprias, cheio de estereótipos, histórias de vida incríveis, coisas que “só valem para lá”. As pessoas que estão nos Estados Unidos para trabalhar não agem como agiriam no Brasil. Os graus de latitude e longitude mudam, os valores parecem mudar com eles. “ - A minha profissão no Brasil? Engenheiro... Aqui é ‘bus-boy!’”, que significa ajudante de garçom, profissão de menor status na escala de profissões dos Estados Unidos. Isso é a coisa mais comum de se ouvir entre os brasileiros nos EUA. Há regras não-escritas a serem seguidas, e não estamos falando das leis americanas. É realmente um código de conduta que os brasileiros aprendem uns com os outros, em doses homeopáticas - quanto mais tempo se passa lá, mais se aprende sobre elas.

Não posso deixar de mencionar aqui que o fato de estar próxima àqueles brasileiros nos EUA, foi o que me proporcionou muitas das inferências que seriam impossíveis de serem feitas, não vivendo como parte daquela outra dimensão. O contexto é muito importante quando se trata de estudos exploratórios.

Como não poderia deixar de ser, era necessário que houvesse uma língua que retratasse essa situação paralela e tão *sui generis* dos brasileiros nos EUA, já que a língua é emblemática em termos de identidade. Assim, com empréstimos aqui, mixagens ali e algumas traduções literais acolá, criou-se a língua que os brasileiros falam lá nos EUA. Se essa língua tem nome, não sei... Ouvi vários: *Newarkês*, *Portuglês*, *Portinglês*, mas preferi não rotular e simplesmente considerei esse “jeitinho brasileiro” de falar como “inovações lexicais” feitas no português de brasileiros moradores nos EUA.

As inovações lexicais foram coletadas, contabilizadas, descritas e analisadas em termos de quem usa mais determinado tipo de inovação e por quê.

Algumas perguntas de pesquisa relacionadas aos fatores que contribuem ou favorecem a criação e o uso dessas inovações lexicais e sintáticas nortearam esta pesquisa.

Repetimos, a seguir, as perguntas colocadas no início deste trabalho:

- 1) Quais são os fatores que contribuem ou favorecem a criação e o uso dessas inovações lexicais e sintáticas?
- 2) Como esse fenômeno pode ser caracterizado? Como “interlíngua”? Como “pidgin”? Como um estágio na evolução de aprendizagem de Língua Estrangeira?
- 3) Todos os brasileiros imigrantes se comportam do mesmo modo quanto ao uso dessas inovações lexicais?
- 4) Se há diferenças entre eles, quais são as condições, linguísticas e extralinguísticas, que favorecem e/ou inibem a mixagem observada?

Verificamos que os fatores que contribuem ou favorecem a criação e uso das inovações estão ligados a algumas condições sócio-demográficas dos usuários. Podemos, com base nas descobertas feitas até aqui, enumerar as características dos sujeitos-alvo desta pesquisa:

Dentre os brasileiros que estão nos Estados Unidos para trabalhar, mais de 50% desempenham atividade braçal, porém, mais de 40% desses brasileiros têm alto nível de proficiência em inglês. A maioria deles aprendeu inglês depois dos 21 anos e tem nível de escolaridade superior (43,3%). Cerca de 80% dos informantes têm mais de 31 anos de idade e reside nos EUA há menos de 10 anos. Esse é, portanto, o perfil de nosso informante.

Verificamos através da pesquisa que os usuários dessas inovações são, em geral, brasileiros de primeira geração, filhos de pais brasileiros que moram no Brasil, nascidos no Brasil, que foram para os Estados Unidos já adultos ainda sem terem competência linguística

no idioma inglês. Esses brasileiros estão nos Estados Unidos com o objetivo de trabalhar e angariar fundos para investir em um futuro financeiro mais confortável no Brasil.

Pode-se dizer que 99% dos entrevistados têm intenção de voltar ao Brasil para morar. Em geral, os usuários dessas inovações desempenham atividades manuais e informais nos EUA, sendo denominadas “*labor*” = trabalho braçal. Além das entrevistas, era muito comum ouvir na rua as pessoas dizerem que iam “*ordenar*” (de “*order* = encomendar”) um produto na fábrica, que iam “*shopar*” (de “*shop* = fazer compras”) naquela loja ou que estava “*frizado*” = *freezing* + *gelado*, já que a temperatura era de -10°C.

Dos 30 informantes da pesquisa, todos fizeram uso, em maior ou menor grau, de inovações lexicais. Dos 4 informantes (13,3%) que fizeram uso reduzido dessas inovações, três estavam, de certa forma, fora das condições sócio-demográficas estabelecidas acima: 4M, de 18 anos, era filho de brasileiros de classe trabalhadora e moradores nos EUA, porém, ele foi nascido nos EUA, sendo americano, ou segunda geração de brasileiro. Ele sempre frequentou a escola nos EUA e, portanto, tem inglês fluente, mas seu português deixa muito a desejar. Para Bills, Hudson e Chávez (1995), isso é consistente com a premissa do modelo linguístico descrito por Fishman (1966), Grosjean (1982) e Romaine (1995) segundo o qual a primeira geração de imigrantes permanece monolíngue em sua língua nativa, a segunda se torna altamente bilíngue e a terceira se torna dominante ou mesmo monolíngue na língua-alvo. O informante 4M passou um ano no Brasil, quando era ainda criança. Segundo o próprio informante, foi uma péssima experiência, pois ele não sabia português e teve enormes dificuldades na escola. Ao voltar para os EUA ele foi colocado em uma série anterior, o que parece ter sido bastante traumatizante para ele. Esse informante respondeu cerca de 70% da entrevista completamente em inglês. No caso desse informante, as inovações lexicais ocorreram no sentido inverso. O português acabou influenciando o seu inglês. O informante declarou usar expressões como “*face*” no lugar da interjeição “cara” e foi ridicularizado pelos colegas brasileiros por isso. Outro exemplo de influência do português no inglês foi quando ele perguntou à mãe: “*Are you on?*” referindo-se à gíria comum entre os jovens brasileiros: “*Tá ligado?*” Observamos que 4M fez uso de inovações lexicais no sentido inverso àquele investigado por esta pesquisa. Em ambos os casos ocorreram calques fonologicamente independentes, com traduções literais de português para inglês, usando-se palavras que não guardam semelhança fonológica entre si, como em *cara* = *face* e *ligado* = *to be on*.

Já o informante 5M foi para os EUA com apenas 7 anos de idade e sempre frequentou a escola nos EUA, sendo, portanto um bilíngue perfeito, estando, agora, com 29 anos de idade. Além disso, 5M formou-se em administração nos EUA e atua como administrador em

uma empresa americana tendo um emprego almejado até por americanos, com um bom salário e estabilidade financeira. O sonho dele é, entretanto, conseguir um emprego no Brasil e se mudar prá cá com sua esposa brasileira que conheceu em uma viagem de avião para os EUA.

A informante 9F é uma brasileira de segunda geração, nascida nos EUA, cujos pais, separados, vivem nos EUA, o pai na Flórida e a mãe com ela em New York. Ela é falante nativa de inglês e sua competência comunicativa em português é também muito boa. Os desvios cometidos por ela poderiam ser cometidos por qualquer pré-adolescente de 12 anos que se aventurasse a dizer palavras um pouco mais sofisticadas sem muito conhecimento de causa sobre o assunto. Ela teve problemas com palavras como “depressionada” significando “depressiva”, e “obsessiva” significando “obcecada”. Ela se interessa por línguas estrangeiras e está também aprendendo chinês na escola.

A informante 10F é uma mulher de meia idade, mãe de família, que deixou os filhos no Brasil em busca de melhores condições de vida para criá-los no Brasil, mesmo estando nos EUA. Ela foi a única do grupo de inovações reduzidas que se encaixava perfeitamente no perfil dos usuários das inovações, embora não as tivesse utilizado durante a entrevista. Mesmo depois de cinco anos morando naquele país, 10F não parece se interessar por nada que se relacione aos Estados Unidos ou à língua falada naquele país. Ela trabalha em um salão de beleza de brasileiros para brasileiros como manicure. A impressão que se tem é que ela rejeita tudo que a lembre de sua condição de estar ali, contra a sua vontade, longe dos filhos, com o objetivo de ganhar dinheiro e comprar uma casa.

Os restantes vinte e seis informantes brasileiros, mesmo quando não fizeram uso explícito das inovações lexicais, demonstraram claro conhecimento sobre elas, seu significado e a razão de seu uso e vasta difusão. Todos os vinte e seis informantes são brasileiros de primeira geração, falam português fluentemente, todos trabalham ou estudam nos EUA, e a maioria deles desempenha atividades consideradas trabalhos braçais.

A segunda pergunta foi em relação ao fenômeno a ser caracterizado:

Como esse fenômeno pode ser caracterizado? Como “pidgin”? Como “interlíngua”, um estágio na evolução de aprendizagem de Língua Estrangeira?

O meu propósito era então, taxonômico, pois havia necessidade de se encaixar esse fenômeno em algum fenômeno já descrito pela linguística. Pidgin, interlíngua, estágio na

evolução da aprendizagem de língua estrangeira pareciam opções interessantes naquele momento.

Na falta de um termo mais adequado, adotamos o termo “inovação lexical” para evitar rótulos. Sabemos, entretanto, que não se trata de interlíngua, termo segundo o qual, um falante aprendiz de língua estrangeira ou segunda língua engaja numa jornada linguística de sua língua nativa para a língua-alvo e constrói naturalmente um sistema linguístico particular nesse “meio tempo”, ou “interim time”.

A teoria da Interlíngua é muito importante no processo de Aquisição de Segunda Língua porque foi a primeira a tentar explicar esse processo sem contradizer a Hipótese do período crítico para aquisição de segunda língua. Além disso, buscava explicações para o fato de que a maioria dos falantes não adquirem competência plena em língua estrangeira, um problema que continua incomodando linguistas e professores de línguas em toda parte.

Como podemos verificar, a primeira parte da pergunta e a terceira se sobrepõem, já que a interlíngua pode ser considerada um estágio de aprendizagem da língua estrangeira. Não parece ser o caso da fala dos brasileiros nos EUA. Os brasileiros fazem uso sistemático dessas inovações, mesmo quando já falam inglês fluente, mas estão falando com outros brasileiros.

A segunda parte da pergunta, porém, menciona o pidgin que vem a ser uma linguagem de vocabulário limitado e gramática simplificada utilizada para permitir a comunicação de grupos que não falam a mesma língua. Quando um “pidgin se estabelece como língua nativa de uma comunidade linguística, ele se torna um “crioulo”.

Nesse caso, as próprias definições de “pidgin” e “crioulo” respondem a pergunta. Já que essa modalidade de linguagem serve para permitir comunicação de falantes de línguas diferentes, essa definição não se encaixa nas inovações lexicais realizadas pelos brasileiros nos EUA, pois todos são falantes de português brasileiro como língua materna.

Rótulos como “dialeto”, “pidgin” e “interlanguage” são, portanto, inadequados para explicar a ocorrência dessas variações características da fala dos brasileiros nos EUA.

Buscando elucidar a pergunta, podemos caracterizar a fala dos brasileiros imigrantes nos EUA como um português repleto de inovações lexicais que geralmente resultam de línguas em contato.

A terceira pergunta tinha relação com o comportamento linguístico dos brasileiros em questão e as condições linguísticas e extralinguísticas favoráveis ou desfavoráveis à mixagem observada:

“Todos os brasileiros imigrantes se comportam do mesmo modo quanto ao uso dessas inovações lexicais? Se há diferenças entre eles, quais são as condições, linguísticas e extralinguísticas, que favorecem e/ou inibem a mixagem observada?”

Tendo em mente a parte quantitativa aqui desenvolvida, podemos responder a essa pergunta, agora com dados mais realistas e sem a atitude puramente intuitiva que marcou o início deste trabalho.

Como pudemos observar no decorrer desta pesquisa, os brasileiros imigrantes alvos de nosso estudo se comportam, no que concerne ao uso e difusão das inovações lexicais, de formas diferentes, motivadas por condições sócio-demográficas diferentes.

Os informantes participantes desta pesquisa, entretanto, eram, em sua maioria, brasileiros de primeira geração, ou seja, nascidos no Brasil, e que se mudaram para os Estados Unidos depois dos 31 anos de idade, ainda sem saber falar inglês. O objetivo primordial desses brasileiros não era aprender inglês, conhecer uma nova cultura ou fazer turismo no exterior. O objetivo de todos eles era trabalhar e ganhar dinheiro para voltar ao Brasil, comprar imóveis e viver no Brasil pelo resto da vida.

Em relação aos tipos de inovações lexicais mais usados pelos informantes, podemos dizer que a maioria dos brasileiros usa pelo menos um tipo de inovação: o *empréstimo* linguístico. Esse tipo de inovação costuma ser classificado como *empréstimo* para comunidades linguísticas que mantêm a sua língua materna e como *substrato* caso a língua seja trocada por outra. O motivo do aparecimento desse fenômeno é bastante óbvio. Empréstam-se termos que não estão disponíveis na língua de origem, nesse caso, o português, por alguma razão. As razões dessa indisponibilidade podem ser caracterizadas como a aparição de novos conceitos oriundos da língua-alvo ou a busca de adequação terminológica. Seria muito difícil conseguirmos um termo mais adequado do que “*marketing*” para expressar essa ideia, por exemplo. O termo em português existe, é “*mercadologia*”, mas não tem o alcance semântico do termo em inglês.

É natural que o contato entre os vários idiomas do mundo tenha provocado o surgimento de dois fenômenos linguísticos, o *estrangeirismo* e o *empréstimo*. No senso comum, emprestar é confiar algo a alguém por algum tempo, com promessa de restituição. Não é, com certeza, o caso dos empréstimos linguísticos, que nunca são restituídos. A diferença básica entre os dois é, como já mencionamos no capítulo 2, que o *estrangeirismo*, além de ser uma palavra emprestada de outra língua, sofre mudanças morfológicas e fonológicas na língua recipiente, como seria o caso do “*deletar*”. Em termos de adaptação

fonológica, um exemplo seria o fonema [r] retroflexo em “*parkear*”, que será pronunciado como [h], em uma aproximação com a pronúncia do português do Brasil.

Já o *empréstimo* não sofre alterações morfológicas, sendo usado com a forma fonológica mais próxima possível da língua-alvo, caso do comumente utilizado “*delivery*”.

Em segundo lugar, observamos os *calques fonologicamente mixados*. As condições linguísticas que parecem favorecer esse tipo de inovação lexical são a *proximidade fonológica* e morfológica entre os termos, como em “*aplicar*” e “*apply*” e o fato de o termo não ser do conhecimento do indivíduo em sua língua nativa, como em “*vaquear*” = *usar aspirador de pó* ou “*moppear*” = *usar o esfregão*. Como exemplo de calques fonologicamente mixados, temos “*acento*”= *sotaque* e “*printar*”= *imprimir*.

Em terceiro lugar foram observados os calques frasais, como “*ele é suposto de fazer isso*”. Já em quarto lugar ficaram os calques independentes fonologicamente, como em “*vou caminhar o cachorro*”. Tanto os calques frasais quanto os calques fonologicamente independentes ocorreram nas entrevistas, porém, com frequência insignificante em relação ao universo de inovações lexicais. Entretanto, podemos traçar o perfil do usuário dessas inovações lexicais.

A motivação linguística para o uso de calques fonologicamente independentes está na analogia feita pelo falante no nível do significado e não do significante. Não há nenhuma semelhança fonológica ou morfológica do termo na língua materna com o termo na língua-alvo. A conexão entre eles está sendo feita apenas no nível semântico. “*correu*” *para presidente* = *concorreu à vaga de presidente (ran for president)*; “*jogar*” *uma festa*= *dar uma festa (throw a party)*; Vou “*caminhar*” *o cachorro* = *levar o cachorro prá passear (walk the dog)*; “*Ele é suposto de ir*” = (*ele deve ir*) *para (He is supposed to go)*

A motivação linguística para o uso desse tipo de inovação reside no fato de que o falante deseja expressar uma ideia da língua-alvo que não está disponível na língua materna. Um bom exemplo de calque frasal é : “*Me deixe saber!*” (*Mantenha-me informado*) oriundo de “*let me know*”, expressão muito usada em inglês e que o brasileiro adota em “português”.

A pergunta 4 : Se há diferenças entre eles, quais são as condições, linguísticas e extralinguísticas, que favorecem e/ou inibem a mixagem observada?

Os dados obtidos através desta pesquisa sugerem que as condições linguísticas que favorecem as inovações lexicais são, em primeiro lugar, o fato de ser uma *palavra de conteúdo* e, em segundo lugar, *a classe de palavras* em que incide a inovação.

Já as condições extralinguísticas que favorecem o uso de inovações lexicais são *a idade, tempo que os indivíduos passam nos EUA, nível de escolaridade, nível de proficiência em língua inglesa, início da aprendizagem de língua estrangeira e o tipo de atividade exercida pelos informantes nos EUA*.

Verificamos, através dos dados, que as palavras de conteúdo usadas nas inovações são, em larga escala, substantivos, verbos e adjetivos, nessa ordem.

As inovações lexicais que tiveram mais ocorrência em nossos dados foram os empréstimos linguísticos, constituídos, em sua maioria, de substantivos. Os informantes que fizeram maior uso de *empréstimos* foram os jovens adultos, de menos de 30 anos de idade, com tempo de residência de menos de 20 anos nos EUA, de nível de escolaridade média ou superior, nível alto de proficiência da língua inglesa, iniciando sua aprendizagem de inglês antes dos 20 anos e representantes da mão-de-obra braçal nos EUA.

Em segundo lugar detectamos a ocorrência de *calques mixados*, constituídos, em sua maioria, de verbos. Os informantes que fizeram maior uso de *calques mixados* foram adultos de mais de 31 anos de idade, com menos de 10 anos de residência nos EUA, com nível fundamental de escolaridade, nível baixo de proficiência de língua inglesa, que iniciaram a aprendizagem de língua inglesa após os 21 anos de idade e representantes da mão-de-obra braçal.

Detectamos uma maior incidência de inovações lexicais em determinados campos semânticos, como “Atividades desempenhadas pelos informantes nos EUA” e “Eletrodomésticos”, porém, ao verificarmos se o campo semântico influenciaria o tipo de inovação lexical a ser utilizado pelo informante, constatamos, através do teste Qui-quadrado, que essas variáveis não guardam correlação, o que foi uma surpresa para nós, que tínhamos expectativa de que, ao falar sobre as suas atividades nos EUA, os informantes fizessem mais uso de calques mixados, o que, contudo, não se confirmou, como pode ser verificado na Tabela 19.

Como as classes de palavras saltam aos olhos do pesquisador desse tipo de dados, decidimos verificar uma possível correlação entre as classes de palavras e os tipos de inovações lexicais detectadas em nosso corpus. Sabemos que algumas classes de palavras são mais propícias a alguns tipos de inovações lexicais, como é o caso dos substantivos face aos empréstimos linguísticos, plenamente documentados neste trabalho. Em nosso corpus, os substantivos ocorreram em frequência superior ao esperado em respeito aos empréstimos linguísticos e inferior em respeito aos calques mixados, ilustrando a hipótese de que os **substantivos** se prestam **mais a empréstimos linguísticos** e menos a calques mixados.

Os **verbos**, por sua vez, ocorreram em **frequência muito superior** ao esperado nos **calques mixados**, revelando que, aquilo que realmente pode ser chamado de inovação lexical, que realmente opera alterações nos vocábulos da língua recipiente e da língua doadora, como o acréscimo de afixos, desinências, vogais temáticas, que mostram a criatividade do informante no manuseio de dois códigos linguísticos, estão concentradas nos calques mixados, mais especificamente nos sintagmas verbais. Não é de se estranhar que isso ocorresse, já que o nosso informante é um ser agente por natureza, que se encontra nos EUA para agir, trabalhar, “*mopar*”, “*vaquear*” e por que não, “*parkear*”.

Essa conclusão tem respaldo também na pesquisa de Poplack, Sankoff e Miller (1988), que afirmam que, embora todas as palavras de conteúdo se encaixem na categoria “adequadas para empréstimo”, especialmente os substantivos e algumas outras classes de palavras, como verbos, adjetivos e advérbios, apenas alguns itens são recorrentes, sendo que apenas um conjunto mais restrito é usado pelos monolíngues, ou bilíngues com pouca fluência em inglês.

O português dos brasileiros imigrantes nos Estados Unidos apresenta evidências consideráveis de penetração lexical de inglês. Essa influência pode ser considerada um tipo de adaptação linguística criativa por parte de uma comunidade que aparentemente deseja continuar comunicando, em sua língua materna, mensagens que são características da cultura de língua inglesa.

Em relação à motivação para a ocorrência dessas inovações lexicais, nossa pesquisa confirma a afirmativa de Otheguy e Garcia (1988) de que o falante de uma minoria linguística tem duas necessidades básicas conflitantes: falar a sua língua nativa e comunicar ideias, noções e mensagens que não estão disponíveis em sua língua materna, mas que são de repertório corriqueiro na língua-alvo. Essa afirmativa, aliás, já havia sido sugerida por Haugen, em 1938.

A nossa pesquisa confirma também algumas descobertas feitas por Poplack, Sankoff e Miller (1988). A proficiência em duas línguas tem um efeito sistemático no uso de inovações lexicais, já que é o conhecimento de ambas as línguas que pressupõe o uso de estratégias de formação de novas palavras, conhecidas também por ‘*nonce borrowings*’. Entretanto, as normas da comunidade de fala superam em muito as habilidades individuais. Caso o indivíduo resida em uma área em que todos os membros se dirijam uns aos outros fazendo uso das inovações lexicais, naturalmente elas serão usadas pelo indivíduo, como já exposto no capítulo 2, página 36, quando mencionamos a “Teoria da Acomodação” de Giles (1980). Essa descoberta, relatada pela primeira vez por Poplack, Sankoff e Miller (1988) e ratificada pela presente pesquisa, nos mostra que o comportamento em relação ao uso de inovações lexicais é

adquirido, não sendo apenas uma questão de necessidade lexical. Se não fosse assim, a capacidade individual seria mais importante que o contato que ele tem com a sua comunidade de fala. Em vez disso, tanto os padrões de uso de empréstimos quanto à quantidade de inovações utilizadas parecem corresponder a normas ambientais mais abrangentes, evidenciadas por estigmatizações em relação ao uso dessas inovações ou simplesmente por uma tendência da comunidade de usar um padrão particular de inovações lexicais.

A questão da identidade em relação ao uso das inovações lexicais pode ser evidenciada considerando-se que o indivíduo em questão tem, nos seus pares nos EUA, a única esperança de sobrevivência naquele país. A possibilidade que um imigrante ilegal tem de conseguir um emprego, por exemplo, é ter um “canal” informal que o leve até esse emprego. Esse “canal” é representado pelos novos “amigos de infância” que os imigrantes fazem ao chegarem aos EUA. Isso não acontece apenas em relação ao trabalho. Conseguir moradia, saber onde arranjar móveis de forma mais econômica, a forma mais barata de se ligar pro Brasil... São tantos detalhes que somente outro brasileiro em situação semelhante poderia ajudar. Se a comunidade fala dessa maneira, fazendo um uso arraigado de inovações lexicais, todo novo imigrante tende a perpetuar esse uso das inovações lexicais, tornando-se parte do grupo. Por isso o uso de inovações lexicais parece ser tão emblemático em relação aos seus usuários.

Como pudemos verificar até mesmo através das entrevistas dos informantes, os indivíduos estão interessados na comunicação rápida e eficiente de mensagens que são relevantes à sociedade em que estão inseridos, não relutando em introduzir itens lexicais e conceitos que são respaldados pelos seus pares, eliminando-os quando eles criam ambiguidades. Isso também confirma as afirmativas de Otheguy e Garcia (1988).

As situações de contato linguístico parecem estar sujeitas a dois tipos de forças conflitantes: a necessidade de atingir eficiência comunicativa para conseguir interação e a necessidade de se preservar a distinção de identidade de grupo. Se a maioria dos falantes de português brasileiro nos Estados Unidos, na situação social determinada anteriormente, fala “... vou *“parkear”* o carro e não, “... vou estacionar o carro”, tendemos a inferir, com base nos postulados da sociolinguística, que não se trata de um fenômeno aleatório de uso arbitrário e inconsequente dos falantes, mas, sim do uso sistemático e regular da variação linguística. É exatamente essa regularidade e sistematicidade que buscamos demonstrar com o presente trabalho.

REFERÊNCIAS

- ADJEMIAN, C. La especificidad de la interlengua y la idealización en el análisis de segundas lenguas. In: LICERAS, J.M. *La adquisición de las lenguas extranjeras: hacia un modelo de análisis de la interlengua*. Madrid: Visor, 1992.
- ADJEMIAN, C. On the Nature of Interlanguage System. In: *Language Learning*, 1976, Vol. 26 No.2 pp. 297-320.
- ALKMIN, T. M. Sociolinguística: parte I. In. Mussalim, F. & Bentes, A. C. (Orgs.).8 Introdução à linguística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001
- BAKER, P. and Eversley, 2000. *Multilingual Capital*. London: Battlebridge Publications
- ALKIMIN, T. M. Sociolingüística: Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. 3ª ed., São Paulo: Cortez, 2003
- BAKER, P. & EVERSLEY, J. eds.. Multilingual capital. The languages of London's schoolchildren and their relevance to economic, social and educational policies. London: Battlebridge, 2000
- BAKHTIN, M./Volochinov, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 3. ed. São Paulo: Hucitec ,1986 (1ª edição, 1929).
- BAKHTIN, M. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. Equipe de tradução do russo: Aurora Fornoni Bernadini et al. 5. ed. São Paulo:Hucitec/Annablume, 2002.
- BAKHTIN,M. *Estética da Criação Verbal*. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes (1ª edição, 1979).
- BASTOS & MATTOS A linguística aplicada e a linguística. *Trabalhos de Linguística Aplicada*, Campinas, v. 22, n. 7-24, jul./dez., 1993, p.11-13
- BAYLEY, R. & PEASE-ÁLVAREZ, L. Null and expressed pronoun variation in Mexican-descent children's Spanish. In J. Arnold, R. Blake, B. Davidson, S. Schwenter, & J. Solomon (Eds.). *Sociolinguistic variation: Data, theory, and analysis* (pp. 85–99). Stanford: Center for the Study of Language and Information,1996.
- BAYLEY, R. The quantitative paradigm. In J.K. Chambers, P. Trudgill & N. Schilling-Estes (eds.), *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford and Malden, MA: Blackwell, 2002, p. 117-41
- BAYLEY, R.; & SANTA ANA, O. Chicano English grammar. In B. Kortmann, E. W. Schneider, K. Burridge, R. Mesthrie, & C. Upton (Eds.), *A handbook of varieties of English: Morphology and syntax* (Vol. 2, pp. 167-183). Berlin: Mouton de Gruyter, 2004.

BENNETT, M. J. Intercultural communication: a current perspective. In: Idem (ed.). *Basic Concepts of Intercultural Communication*. Yarmouth, USA: Intercultural Press, 1993.

BERNSTEIN, B. Langage et classes sociales. Codes linguistiques et contrôle social. Paris: Editions Minit, 1975.

BILLS, GARLAND, CHÁVEZ e HUDSON. The geography of language shift: distance from the Mexican border and Spanish language claiming in the southwestern United States. *International Journal of the Sociology of Language* , 1995, V.114.9-27.

BLOOMFIELD, L.. "A set of postulates for the science of language." *Language* 2:153-4. 1926

BORBA, F.S. Uma gramática de valências para o português. São Paulo: Editora Ática, 1996.

BORDIEU, P. *Language and Symbolic Power*. Org. by John B. Thompson. Cambridge, Mass. : Harvard University, 1991.

BORTONI-RICARDO, S. M. *The urbanisation of rural dialect speakers: A sociolinguistic study in Brazil*. Cambridge & New York: Cambridge University Press, 1985.

BOYER, H. *Eléments de Sociolinguistique – Langue, Communication et Société*, Paris: Dunod, 1991.

CAMACHO, R. A variação linguística. In: *Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para o 1º e 2º graus*. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, p. 29-41, 1988.

CAMACHO, R.G. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F. ; BENTES, A. C., (Org.). *Introdução à linguística; domínios e fronteiras*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2003, p. 49-75. v. 1.

CÂMARA, J.M. Dicionário de Filologia e Gramática- 3ª ed., Rio de Janeiro, 1968.

CAMARA Jr., J. Mattoso. *Princípios de linguística geral*. Rio de Janeiro, Padrão, 1989.

CAMARA Jr., J. Mattoso *Dicionário de linguística e gramática referente à língua portuguesa*. Petrópolis/RJ, Vozes, 1998.

CAMPOY, J.M. H. & Almeida, M. *Metodología de la investigación sociolingüística*. Málaga: Comares, 2005.

CEDERGREEN, H. The interplay of social and linguistic factors in Panama. Ph.D. Dissertation, Cornell University, 1973.

CHAMBERS, J.K., & TRUDGILL, P. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CHAMBERS, J.K. *Sociolinguistic Theory: linguistic variation and its social significance*. Oxford: Blackwell Publishers, 1995.

CHAMBERS, J. K. and Peter Trudgill. *Dialectology* (2nd edition). Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

CHAMBERS, J.K., P. TRUDGILL, and N. SCHILLING-ESTES, eds. *The Handbook of Language Variation and Change*. Blackwell Publishers, 2002.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory*. 2nd edition. Oxford: Blackwell, 2003.

CHOMSKY, N., *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1965.

CHOMSKY, N., *Language and Mind*. Harcourt, Brace and World, New York, 1968.

CHOMSKY, N. *Reflections on Language*. Pantheon Books, New York. 1975.

CINTRA, L.F.L. *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. 2.^a edição. Lisboa. Livraria Sá da Costa Editora. 1995. ISBN 972-562-327-4

COLEMAN, J. S. Cognitive reality and the phonological lexicon: a review. *Journal of Neurolinguistics* 11, 1998, p. 295-320.

Concise Oxford Companion to the English Language, 1998

CORDER, S.P. The significance of Learners Errors. In: *International Review of Applied Linguistics*. Vol. 5. No. 4. pp. 161-170, 1967.

CORDER, S.P. Idiosyncratic dialects and error analysis. In: *International Review of Applied Linguistics*. Vol. 9, 1971.

CORDER, S.P. *Introducing Applied Linguistics*, Penguin Books, 1973.

CRADDOCK, J. R. "New World Spanish." *Language in the USA*. Ed. Charles Ferguson and Shirley Brice Heath. 1981, p. 196-214.

CRYSTAL, D. *The Cambridge encyclopedia of language*. Cambridge Univ. Press. 1987.

CUNHA, D. A. C. Uma Análise de Concepções e Conceitos: linguagem, língua, sentido, significação, gênero e texto. In: SOUSA, Maria Ester Vieira de; VILAR, Socorro de Fátima P. (Orgs.). *Parâmetros Curriculares em Questão: o ensino médio*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2004.

CUNHA, D. A. C. Enunciação – um estudo da recepção das heterogeneidades. In: *Projeto Integrado do CNPq – “Fala e Escrita: Características e Usos.”* Recife: UFPE, 2006.

DAMATTA, R. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1991

DAVIS, K. A. “*Qualitative Theory and methods in applied linguistics research*”. *TESOL Quarterly*, vol.29,3: 1995, p.427-454

DITTMAR, N. *Sociolinguistics. A Critical Survey of Theory and Application*. London: Edward Arnold. Dunatov, R. (1978). 1976.

DITTMAR, N., SPOLSKY, B. & WALTERS, J. *Grammaticalization and social convergence in second language acquisition*. In R. Hickey & S. Puppel (eds.) *Festschrift for Jacek Fisiak*. Berlin, 1997.

DITTMAR, N., SPOLSKY, B., & WALTERS, J. Language and identity in immigrant language acquisition and use: A framework for integrating sociological, psychological, and linguistic data. In: Vera Regan (Ed.), *Contemporary approaches to second language acquisition in social context: Crosslinguistic perspectives*. Dublin, Ireland: University College Dublin. 1998.

DORIN, N. : "*Defining the speech community to include its working margins*" In: Romaine, S. (ed): *Sociolinguistic Variation in Communities Speech*. London: Edward Arnold Ltd. 1982.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo, Cultrix, 2000

DURANTI, A. Ethnography of speaking: Towards a linguistics of the praxis. In: FJ Newmeyer ed. 1988 *Linguistics: The Cambridge survey, vol. IV . Language : The socio-cultural context*. Cambridge: UP, 1988.

ECKERT, P. (1996) (ay) Goes to the City: Exploring the expressive use of variation. In.: GUY, G.; FEAGIN, C.; SCHIFFRIN, D.; & BAUGH, J. (eds.). *Towards a social science of language*. Vol 1: Variation and change in language and society. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1996. p.47-68.

EDWARDS, J. Linguistic minorities: policies and pluralism. London: Academic Press, 1984.

EDWARDS, J. *Language, Society and Identity*. Oxford: Blackwell, 1985.

EDWARDS, J.: *Multilingualism*. London and New York: Routledge. Encyclopedia.com - 1994. Acesso em 18/09/05

<http://www.ethnologue.com/> acesso em 02/07/10

FAIRCLOUGH, N. *Discourse and Social Change*. Cambridge, UK: Polity Press, 1992.

FAIRCLOUGH, N. Critical Discourse Analysis and the Marketization of Public Discourse: The universities. *Discourse & Society*, 1993.

FERGUSON, C. A. Diglossia. *Word* 15: 325-340, 1959.

FERGUSON, C. A. Linguistics as anthropology. In Saville-Troike (ed), 1977.

FERGUSON, C. A. Long-term Commitment and Lucky Events. In: Koerner, Konrad (ed.), *First Person Singular III: Autobiographies by North American scholars in the language sciences*. Studies in the History of the Language Sciences 88. Amsterdam: John Benjamins. 1998.

FISHMAN, J. "Bilingualism with and without Diglossia; Diglossia with and without Bilingualism." *Journal of Social Issues* 23(2), 1967, p. 29-38.

- FISHMAN, J.A. *Reversing Language Shift*. Clevedon: Multilingual Matters, 1991.
- FRIES, P. H. On theme, rheme and discourse goals. In: COULTHARD, M. (Ed.). *Advances in written text analysis*. Routledge: [s.n.], 1994. p.229-249.
- GAL, S. 'Peasant men can't get wives: language change and sex roles in a bilingual community', *Language in Society*, 7, 1978a, p. 1-16.
- GAL, S. 'Variation and change in patterns of speaking: language shift in Austria', in D.Sankoff (ed.), *Linguistic Variation. Models and Methods* (New York: Academic Press), 1978b, p. 227-238.
- GAL, S. *Language Shift: Social Determinants of Linguistic Change in Bilingual Austria* (New York: Academic Press), 1979,
- GARDNER, R. C., & LAMBERT, W. E. *Attitudes and Motivation in Second-Language Learning*. Rowley, Mass.: Newbury House Publishers, 1972.
- GRABE, W. & Kaplan, R.B. Writing in a second language: Contrastive rhetoric. In D.M. Johnson & D.H. Roen (Eds.), *Richness in writing: Empowering ESL students* (pp. 263-283). New York & London: Longman, 1989.
- GRICE, P. *Studies in the Way of Words*, Harvard University Press, 1989.
- GROSJEAN, F. *Life with two languages*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1982.
- GROTJAHN, R. & Kasper, G. "Methods in Second Language Research". In : *SSLA* 13:109-112, Cambridge University Press, 1991.
- GUMPERZ, J. "Types of linguistic communities." *Anthropological Linguistics* 4(1):28-40. [Reprinted in J Fishman ed. 1968, *Readings in the sociology of language*:460-472.], 1962.
- GUMPERZ, J. and HYMES, D. (eds.) *The Ethnography of Communication*. American Anthropologist, special publication, 1964.
- GUMPERZ, J. "The speech community." *International encyclopedia of the social sciences*:381-6. Macmillan. [Reprinted in P.Giglioli, ed. 1972, *Language and Social Context*: 219-31.], 1968.
- GUMPERZ, J. *Language in social groups*. Stanford: Stanford University Press, 1971.
- GUMPERZ, J. J. / Hymes, D. (eds): *Directions in Sociolinguistics, The Ethnography of Communication*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972
- GUMPERZ, J. *Language and social identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- GUY, G. R. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. Philadelphia, University of Pennsylvania. 391p. Ph.D. Dissertation, mimeo, 1981a

GUY, G. R. Language and social class. *Linguistics: The Cambridge survey*, vol. 4, ed. by Frederick J. Newmeyer, 37-63. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

GUY, G. R. Linguistic Variation "Linguistic Variation in Brazilian Portuguese: Aspects of the phonology, syntax, and Language History", 1991.

GUY, G. R. The Quantitative Analysis of Linguistic Variation. In: Dennis R. Preston (ed.), *American Dialect Research*. Amsterdam: John Benjamins, 1993.

GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolinguística Quantitativa.: instrumental de análise*. Parábola, São Paulo, 2007.

HALLIDAY, M. A. K. & R. HASAN *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. 2nd edition. Deakin University Press/ Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K. *Explorations in the Functions of Language*. London: Edward Arnold, 1973. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1994.

HATCH, E. & Fehrdy, H. "Research Design And Statistics for Applied Linguistics". Rowley, Mass.: Newbury House, 1982.

HARMERS, J. e BLANC, M. *Bilinguality and Bilingualism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HAUGEN, E. 'Language and immigration', in A. S. Dil (ed.) (1972), *The ecology of language: Essays by Einar Haugen*, Stanford: Stanford University Press, 1938/reprinted 1972, p. 1-36.

HAUGEN, E.: "The analysis of linguistic borrowing". *Language* 26, 1950, p. 210-231.

HAUGEN, E. *Bilingualism in the Americas: A Bibliography and Research Guide*. University of Alabama: The American Dialect Society, 1956.

HAUGEN, E. *The Ecology of Language*. Stanford, California: Stanford University Press. . 1972, 368 p.

HAUGEN, E. Norm and deviation in bilingual communities. In P. A. Hornby (Ed.), *Bilingualism: Psychological, social, and educational implications* (pp. 91-102). New York: Academic Press, 1977.

HUDSON, R. A. *Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996 (2nd edition.).

HYMES, D. "Models of the interaction of language and social life." (Revised from 1967 paper.) In Gumperz & Hymes, eds. 1972 *Directions in sociolinguistics: The ethnography of communication*. Blackwell, 1972, p. 35-71.

HYMES, D. [1st edition 1974]: *Foundation in Sociolinguistics: An Ethnographic Approach*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.

JOANN (Jodi) C., University of Maryland Baltimore County – acesso em 14/09/05

KRESS, G. History and Language. *Journal of Pragmatics*. North-Holland. V. 13, 1989, p. 445-466

KRESS, G. Critical Discourse Analysis. *Annual Review of Applied Linguistics*, 11, 1990, p. 84-99

KRESS, G. *Explanation in Visual Communication*. London: University of London, 1993

KROCH, A, and SMALL, C. Grammatical ideology and its effect on speech. In David Sankoff, ed., *Linguistic variation. Models and methods*, 45-55. New York: Academic Press. 1978.

LABOV, W. PAUL, C. & CLARENCE, R. *A preliminary study of the structure of English used by Negro and Puerto Rican speakers in New York City*. Final report, Cooperative Research Project 3091. [ERIC ED 03 019]. 1965.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972

LABOV, W. *Language in the Inner City*. University of Pennsylvania Press, Philadelphia, PA, 1972b

LABOV, W. "The quantitative study of linguistic structure." In KH Dahlstedt (ed) *The Nordic languages and modern linguistics*. Stockholm: Almqvist & Wiksell, 1975.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change* Vol 1: Internal Factors. Vol. 2: Social Factors. Blackwell, Oxford, 1994.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: Social factors* (Vol. 2). *Language in society* (no. 29). Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, W. – *Driving Forces* – artigo apresentado na International Conference on Korean Linguistics, 2002.

LABOV, W., COHEN, P. ROBINS, C.& LEWIS, J. *A study of the nonstandard English of Negro and Puerto Rican Speakers in New York City*. Cooperative Research Report 3288. Vols I and II. Philadelphia: U.S. Regional Survey (Linguistics Laboratory, U. of Pa.), 1968.

LABOV, W., ASH, S., & BOBERG, C. *The Atlas of North American English*. Berlin: Mouton-de Gruyter, 2006.

LABOV, W. Padrões sociolingüísticos. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LAPIDUS, N. & OTHEGUY, R. Contact Induced Change? The case of nonspecific *ellos* in Spanish in New York. Selected Proceedings of the Second Workshop on Spanish Sociolinguistics, ed. by Lotfi Sayahi and Maurice Westmoreland. New York: Cascadilla Proceedings Project. 2005.

LARSEN-FREEMAN, D. & M.H. LONG. *An Introduction to Second Language Acquisition Research*. London: Longman, 1991.

LEPAGE, R. B. Hugo Schuchardt's Creole Studies and the problem of linguistic continua. In K. Lichem and H.J. Simon, eds., *Hugo Schuchardt: Schuchardt Symposium 1977 in Graz*: 1980.

LEPAGE, R. & TABOURET-KELLER, A. *Acts of Identity. Creole-based Approaches to Language and Ethnicity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

LEWIS, M. P. (ed.), *Ethnologue: Languages of the World*, Sixteenth edition. Dallas, Tex.: SIL International. Online version: <http://www.ethnologue.com/>. 2009. Acesso em 02/07/10

LIGHTFOOT, D.W., *The development of Language Acquisition*, Oxford: Blackwell, 1999.

LIGHTFOOT, D. *How new languages emerge*. Cambridge: CUP, 2006.

LIMA-LOPES, R.E. Padrões Temáticos em Cartas de Negócios. Trabalho apresentado no 6º CBLA (Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada) – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Mimeo, 2001.

<http://www.linguasphere.org/> Acesso em 02/07/10

LIPSKI, J. "Is 'Spanglish' the third language of the South?: truth and fantasy about U.S. Spanish". p. 15. <http://www.personal.psu.edu/jml34/spanglish.pdf>. Retrieved 2009-10-28. 2004. Acesso em 05/03/2010

LI WEI "Dimensions of Bilingualism" In *The Bilingualism Reader*. Li Wei (ed.). London and New York: Routledge, 2000

LONG, M. & Larsen-Freeman, D. "An Introduction to Second Language Acquisition Research" London and New York: Longman, 1991.

LUCCHESI, D. *Sistema, mudança e linguagem*. Lisboa: Colibri, 1998.

LUCCHESI, D. *A Variação na Concordância de Gênero em uma Comunidade de Fala Afro-brasileira: Novos Elementos sobre a Formação do Português Popular do Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese de Doutorado. ms. 2000. [[Links](#)]

MACKEY, W.F. "The description of Bilingualism" (2000) In *The Bilingualism Reader*. Li Wei (ed.). London and New York: Routledge, 2000

MARCUSCHI, L.A. (UFPE -) *O papel da linguística no ensino de línguas*. 2000.

MCLAUGHLIN, B. *Theories of second language learning*. London: Edward Arnold. 1987.

- MENDOZA-DENTON, N. Language and Identity. In: CHAMBERS, J.K.; TRUGDILL, P., 2004
- MILROY, L. Language and Social Networks , 1980
- MILROY, L. (2nd ed) *Language and social networks*. Oxford: Blackwell, 1987.
- MILROY, L. *Observing and analysing natural language*. Oxford: Blackwell, 1987.
- MILROY, L. / Muyksen, Pieter (eds) : *One speaker, two languages: Cross-disciplinary perspectives on code-switching* Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- MILROY, J.; MILROY, L. Varieties and Variation. In: COULMAS, F. (org), 1997. p. 47-64.
- MOLLICA, M.C.; RONCARATI, C.N., Theoretical and descriptive issues in sociolinguistics and in applied sociolinguistics and a project for an agenda. DELTA, São Paulo, v. 17, n. spe, 2001 .
- MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- MOURA, D. O tratamento das variantes padrão e não-padrão na sala de aula. In: Denilda Moura (org) *Leitura e escrita: a competência comunicativa*. Maceió: EDUFAL, 2007.
- NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria C. e BRAGA, Maria L. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003,
- NEMSER, W. 'Approximate systems of foreign language learners'. IRAL 9/2 , 1971.p. 115-123
- OLIVEIRA E SILVA, G. M. de O. Coleta de dados. In MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- OLIVEIRA, M.A. "The neogrammarian controversy revisited" In: Int'l J. Soc. Lang. 89, 1991
- OLIVEIRA, M.A. (org.) *Revista de Estudos da Linguagem*, 1(1). Faculdade de Letras da UFMG. 1992.
- OTHEGUY, R. e GARCIA, O. Diffusion of lexical innovations in the Spanish of Cuban Americans. 1988.
- OTHEGUY, R. & ZENTELLA, A.C. (RISLUS), NSF: The Interaction of Language and Dialect Contact: Variable Expression of Spanish Subject Pronouns in Six Spanish Dialects in New York City.
- PATRICK, P.L. "Creole, community, identity" Paper delivered to the Colloquium on Acts of Identity, 21-23 February, Freiburg im Breisgau, Germany, 2002.
- PATRICK, P.L. "The speech community." In JK Chambers, P Trudgill & N Schilling-Estes (eds.), *Handbook of language variation and change*. Oxford: Blackwell, 2002, p.573-597.

PATRICK, P. L. British Creole: phonology. *A Handbook of Varieties of English: A Multimedia Reference Tool*. E. W. Schneider & B. Kortmann. Berlin, New York, Mouton de Gruyter, 2004.

PAUL, H. *Prinzipien der Sprachgeschichte*. Tradução M. L. Schemann: *Princípios Fundamentais da História da Língua*. Lisboa: Fundação C. Gulbenkian. 1886.

PIMENTA, S.L. *Tv Globo em Pompano Beach, Flórida e seus efeitos na População Imigrante*, 2005. Dissertação de Mestrado

PINKER, S. *The Stuff of Thought: Language as a Window into Human Nature*, Viking Adult, 1st edition, 2007, [ISBN 978-0670063277](https://www.isbn-international.org/view/title/978-0670063277)

PERINI, M.A. *Estudos de Gramática Descritiva – as valências verbais* (manuscrito), 2007.

POPLACK, S. Sometimes I'll start a sentence in English Y TERMINO EN ESPAÑOL. In: *Linguistics* 18, 1980, p. 581-618

POPLACK, S. "Sometimes I'll start a sentence in Spanish y termino en español": toward a typology of code-switching. *Linguistics* 18: 7/8: 581-618. Reprinted in: Li W. (ed.), *The Bilingualism Reader*. London/New York: Routledge. 1980, p.221-256. reprinted in 2000.

POPLACK, S. Contrasting patterns of code-switching in two communities. In M. Heller (ed.), *Code-switching: Anthropological and sociolinguistic perspectives*, The Hague: Mouton. 1985/1988.

POPLACK, S., SANKOFF, D. & MILLER, C. The social correlates and linguistic processes of lexical borrowing and assimilation. 1988, *Linguistics* 26, 1.47-104.

POTTIER, B. La situation linguistique em France. In: MARTINET, A. *LeLanguage*. Paris, Editions Gallimard, 1968 In: PRETI, Dino, 1982.

POSSENTI, S. "Vou estar-ndo", página pessoal de Marcos Bagno, www.marcosbagno.com.br/conteúdo/forum/ir+estar.htm – Acesso em 05/05/2009.

POSSENTI, S., .Revista Língua Portuguesa - 03/2010 - Edição 53

PRETI, D. *Sociolinguística: os níveis de fala: um estudo sociolingüístico do diálogo na literatura brasileira*. 4ª edição. São Paulo: Editora Nacional, 1982.

RAJAGOPALAN, K. "O conceito de identidade em Linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? Signorini, I. (org.) *Lingua(gem) e identidade elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado das Letras, 1988.

RAMOS, S. P. *Hospitalidade e migrações internacionais: o bem receber e o ser bem recebido*. São Paulo, aleph, 2003.

RASO, T. PROJETO DE PESQUISA: *A erosão linguística nos italianos cultos em contato prolongado com o português do Brasil*. 2004.

RICKFORD, J. R. *Dimensions of a creole continuum: History, texts, and linguistic analysis of Guyanese Creole*. Stanford, CA: Stanford University Press. 1987.

RICHARDS, PLATT & WEBER . *Longman Dictionary of Applied Linguistics*, Essex: Longman, 1985.

RICHARDS, J.C. Teaching And Learning In The Language Teacher Education Course Room:A Critical Sociocultural Perspective, -published in *RELC Journal*, Vol 37, 2, August 2006, p.149-175.

ROMAINE, S. *Bilingualism*. Oxford: Basil Blackwell, 1989.

ROMAINE, S. *Language in society : an introduction to sociolinguistics*. London: Blackwell, 1994.

SANDMANN, A. *Morfologia lexical*. São Paulo, Contexto, 1992.

SANKOFF, G. Multilingualism in Papua New Guinea. In G. Sankoff, *The Social Life of Language*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, . 1980. p. 95-132.

SANKOFF, G. *Linguistic Outcomes of Language Contact*. In Peter Trudgill, J. Chambers & N. Schilling_Estes, eds., *Handbook of Sociolinguistics*. Oxford, Basil Blackwell, 2001

SANTOS, R.B. *Migração no Brasil*. São Paulo. Scipione, 1997.

SAPIR, E. *Language: An Introduction to the Study of Speech*. New York: Harcourt, Brace, 1921; Bartleby.com, 2000. www.bartleby.com/186/. [Date of Printout].

SAUSSURE, F. de. *Écrits de linguistique générale*. Texto editado por Simon Bouquet e Rudolf Engler. Paris: Gallimard, 2002.

SCHUCHARDT, H. On sound laws: against the neogrammarians. In: Vennemann, T.; Wilbur, T. *Schuchardt, the neogrammarians, and the transformational theory of phonological change*. Frankfurt: Athenaeum, 1972 [1885]. p. 39-72.

SCHUMANN, J.H. “*The acculturation Model for second language acquisition*” In: Chambers,J.K *Sociolinguistic Theory – Linguistic Variation and its Social Significance*. Toronto, Blackwell, 1978.

SELINKER, L. *Interlanguage*. *International Review of Applied Linguistics*, 10, (1972, p.209-241.

SELINKER, L. & Douglas, D. *Wrestling with 'context' in interlanguage theory*. *Applied Linguistics*, 6, 1985, p.190-204.

SEVERO, C. G. *Por uma Perspectiva Social da Dialógica da Linguagem:repensando a noção do indivíduo*. Tese de Doutorado, UFSC. 2007.

SHUY, R., WOLFRAM, W. & RILEY, W. A Study of Social Dialects in Detroit. Final report, Project 6-1347. Washington, D.C.: Office of Education, 1966.

SORENSEN, A. Multilingualism in the North West Amazon. *American Anthropologist* 69:670-84. 1967.

STERN, H.H.: *Fundamental Concepts of Language Teaching*. Oxford University Press, 1991.

STEWART, E.C. and Bennett, M. *American cultural patterns. In: A cross-cultural perspective (revised edition)*. Yarmouth, Maine: Intercultural Press, 1991. *They DO Speak English: World Englishes in U.S. Schools* – acesso em 14/09/05

TABOURET-KELLER, A. Language and identity. In Coulmas, F (ed.) *The handbook of sociolinguistics* Blackwell: London, 1998.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 2.ed. São Paulo : Ática, 1986.

TARALLO, F. *A Pesquisa sociolinguística*: São Paulo: Ática, 1997.

TARDE, G. *As leis da imitação*. Porto: Ed. Rés, 1976.

TARDE, G. *A opinião e as massas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. _ acesso em 02/07/2007

TARONE, E. *Interlanguage as chameleon*. *Language Learning* 29(1), 1979, p.181-191.

THOMASON, S. G. & KAUFFMAN, T. *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*. Berkeley: University of California Press, 1988.

THOMPSON, G. *Introducing functional grammar*. 2nd edition. Edward Arnold, 1996.

TONINI, A. *Como é viver nos Estados Unidos?* Relatos de viagens e aventura. Ed. Gazeta, 2007.

TRUDGILL, P. *The Social Differentiation of English in Norwich*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

TYSON, R. E. Evidence for semantic influence of English loanwords on Korean color naming. 1997. VII. 519-527.

ULLMANN, S. *Semântica. Uma introdução à ciência do significado [Semantics, na introduction to the science of meaning]*. 4. ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.

VERMA, M.K.- *Multilingualism In: Papers for the Subject Centre for Languages, Linguistics and Area Studies*, 2002.

WEINREICH, U.: *Languages in Contact*. New York: Linguistic Circle of New York Publication, 1953.

WEINREICH, U. *Languages in Contact: Findings and Problems*. 1968. The Hague:Mouton. [Originally published as Publications of the Linguistic Circle of New York, no.1, 1953.]

WEINREICH, U. *Languages in contact*. The Hague: Mouton, 1974.

WOLFRAM, W. *Dialects and American English*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall (to be reissued by Basil Blackwell in 1998 as *American English: Dialects and variation*). 1991.

WOLFRAM, W, & SCHILLING-ESTES,N. *American English*, Chap. 8: "Dialects and style". Oxford: Blackwell. 1998.

WOLFRAM, W. *Language Variation in the school and community*.1999.

ZENTELLA , A. C. *Building on Strength: Language and Literacy in Latino Families and Communities*, Ed. New York: Teachers College Columbia University Press, 2005.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sintaxe> acesso em 17/09/05

http://pt.wikipedia.org/wiki/Formas_nominais_do_verbo acesso em 21/02/2007

The Columbia Guide to Standard American English, by Kenneth G. Wilson. New York: Columbia University Press, 1993. www.bartleby.com/68/. [Date of Printout]. Acesso em 30/06/2007

12. Você acredita que o português deveria ser ensinado nas escolas nos EUA? Sim ____ Não ____

13. Por quê? _____

14. Alguma vez você combina os dois idiomas? Sim ____ Não ____

15. Alguma razão? _____

16. Conhece outro(s) que fazem isso também? Sim ____ Não ____

17. Quem? _____

18. Acredita que a alternância/mescla ocorre porque aqueles que a fazem:

	Sim	Não
a. sabem os dois idiomas bem	____	____
b. não sabem os dois idiomas bem	____	____
c. existem as duas possibilidades	____	____

19. Mesclar idiomas

a. Qual a sua opinião sobre mesclar? _____

b. Aceita a mescla em situações:

informais (ex. com amigos) Sim ____ Não ____

formais (ex. com seu chefe) Sim ____ Não ____ ____ ambas ____ nenhuma ____

20. Você acha que "mesclar" causa problemas ao português? Sim ____ Não ____

21. Você acha que "mesclar" causa problemas ao inglês? Sim ____ Não ____

22. Você acha que os brasileiros nos EUA devem manter o português? Sim ____ Não ____

23. É muito importante ____ é importante ____ não importa ____

24. Você gostaria que seus filhos e netos aprendessem

Português ____ inglês ____ ambos ____

25. Por quê? _____

26. O que você faz/ fará para assegurar que aprendam português?

*****A educação bilíngüe*****

27. A sua opinião sobre a educação bilíngüe é: positiva ____ negativa ____ (não a conheço) ____

27. Por quê? _____

28. Você acha que os pais brasileiros devem ensinar português aos filhos em casa? Sim ____ Não ____

29. Os patrões / chefes têm direito, na sua opinião, de exigir que seus empregados falem somente em inglês?

30. Idade ____

31. Gênero ____

32. Profissão:

a. Profissão nos EUA _____

b. Profissão no Brasil _____

33. Cidade / Estado de origem _____

34. Educação:

Onde estudou: _____

Nível de escolaridade (até onde chegou)

primário ____ secundário ____ universidade ____ pós-graduação ____

Anos completados ____

35. Classe social a que pertence: Alta ____ Média ____ Trabalhadora ____

36. Tempo passado nos EUA ____

37. a. Anos nos EUA ____

b. Idade em que chegou aos EUA ____

38. Por que veio para os EUA?

39. Identificação nacional

a. Como você se identifica (nacionalidade)? _____

b. E seus filhos? _____

c. Você é casado com pessoa de outra nacionalidade? Sim ____ Não ____ Qual ____

d. Como prefere que o/a identifiquem: como hispano ____ latino ____ brasileiro ____

40. Pai:

Local de nascimento _____ profissão _____ grau de escolaridade _____

41. Mãe:

Local de nascimento _____ profissão _____ grau de escolaridade _____

42. Qual é a nacionalidade da maioria de seus vizinhos? _____

de suas amizades? _____

43. Você tem intenção de retornar ao Brasil? _____ ou gostaria de ficar aqui _____

Por quê? _____

44. Inglês como língua oficial

- a. Você é a favor _____ ou contra _____ o projeto de lei para tornar o inglês o idioma oficial do estado de New York e dos Estados Unidos?

